OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

ST. IGNATIUS' CHURCH,
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON

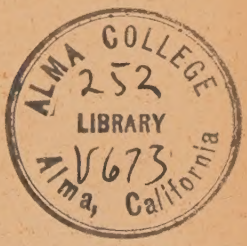
Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME II

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
RUA DAS CARMELITAS, 144
1907

9104

Composto em machina LINOTYPE

PORTO — IMPRENSA MODERNA

Sermão da Epiphania *

Prégado na Capella Real no Anno de 1662

Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.

MATH. II.

I

Para que Portugal na nossa edade possa ouvir um prégador evangelico, será, hoje, o Evangelho o prégador. Esta é a novidade que trago do Mundo Novo. O estylo era que o prégador explicasse o Evangelho: hoje o Evangelho ha-de ser a explicação do prégador. Não sou eu o que hei-de commentar o Texto; o Texto é o que me ha-de commentar a mim. Nenhuma palavra direi que não seja sua, porque nenhuma clausula tem que não seja minha. Eu repetirei as suas vozes, elle bradará os meus silencios. Prasa a Deus que os oiçam os homens na terra, para que não cheguem a ser ouvidos no céo.

---

* Este sermão foi pregado na Capella Real, no anno de 1662, á rainha D. Luiza, regente do Reino na minoridade d'elrei D. Affonso VI, em presença d'ambas as magestades, na occasião em que o auctor e outros Religiosos da Companhia de Jesus chegaram a Lisboa expulsados das Missões do Maranhão pela furia do povo, por defenderem os injustos captiveiros e liberdade dos Indios que tinham a seu cargo.

Este sermão encerra os periodos mais eloquentes que jamais se pregaram em pulpito christão. Sobre a eloquencia d'algumas das suas paginas escreveu Camillo Castello Branco: "Vieira commoveu até ás lagrimas e fez que a santa liberdade volvesse á America a estalar as gargalheiras do Indio e a cicatrizar-lhe as vergadas do tagante." C. C. Branco, *Continuação e complemento do Curso de litt. port. de Andrade Ferreira*, pag. 102.

Havendo, porém, de prégar o Evangelho, e com tão novas circumstancias como as que promette o exordio; nem por isso cuide alguem que o prégador e o sermão ha-de faltar ao mysterio. Antes póde bem ser, que rara vez ou nunca se prégasse n'este logar a materia propria d'este dia e d'esta solemnidade senão hoje. O mysterio proprio d'este dia é a vocação e conversão da gentilidade á fé. Até agora celebrou a Egreja o nascimento de Christo, hoje celebra o nascimento da Christandade. *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda.* [1] Este foi o nascimento de Christo, que já passou. *Ecce Magi ab Oriente venerunt:* este é o nascimento da Christandade, que hoje se celebra. Nasceu hoje a Christandade, porque os tres Reis que n'este dia vieram adorar a Christo, foram os primeiros que o reconheceram por Senhor, e por isso lhe tributaram oiro: os primeiros que o reconheceram por Deus, e por isso lhe consagraram incenso: os primeiros que o reconheceram por homem em carne mortal, e por isso lhe offereceram myrrha. Vieram gentios, e tornaram fieis; vieram idolatras, e tornaram christãos; e esta é a nova gloria da Egreja, que ella hoje celebra, e o Evangelho, nosso prégador, refere. Demos-lhe attenção.

II

Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce Magi ab Oriente venerunt. Estas são as primeiras palavras do Evangelho, e logo n'ellas parece que repugna o mesmo Evangelho a ser meu interprete, porque a sua historia e o seu mysterio é da India Oriental: *Ab Oriente venerunt*, e o meu caso é das Occidentaes. Se appello para os Reis e para o sentido mystico, tambem está contra mim porque totalmente exclue a America, que é a parte do mundo, d'onde eu venho. Santo Agostinho, S. Leão papa, S. Bernardo, Santo Anselmo, e quasi todos os Padres reparam por diversos modos, em que os Reis que vieram adorar a Christo, fossem tres; e a limita-

[1] *Math.*, II, 1.

ção d este mesmo numero é para mim, ou contra mim, o maior reparo. Os Prophetas tinham dito que todos os reis e todas as gentes haviam de vir adorar, e reconhecer a Christo: *Adorabunt eum omnes reges terræ, omnes gentes scrvient ei:* [1] *Omnes gentes quascumque fecisti, venient. et adorabunt coram te Domine.* [2] Pois se todas as gentes e todos os reis do mundo haviam de vir adorar a Christo, porque vieram sómente tres? Por isso mesmo, respondem o veneravel Béda, e Ruperto Abbade. Foram tres, e nem mais nem menos que tres, os Reis que vieram adorar a Christo, porque n'elles se representavam todas as partes do mundo que tambem são tres: Asia, Africa e Europa: *Tres reges, tres partes mundi significant: Asiam, Africam, et Europam*, diz Béda. E Ruperto com a mesma distincção: *Magi tribus partibus orbis, Asiæ, Europæ, atque adorationis exemplar existere meruerunt.* Isto é o que dizem estes grandes auctores como interpretes do Evangelho; mas o mesmo Evangelho para ser meu interprete, ainda ha-de dizer mais. Dizem que os tres reis significavam a Asia, a Africa e a Europa; e onde lhes ficou a America? A America não é, tambem, parte do mundo, e a maior parte? Se me disserem que não appareceu no Presepio, porque tardou e veiu muitos seculos depois, tambem as outras tardaram: antes ella tardou menos, porque se converteu e adorou a Christo mais depressa e mais sem repugnancia que todas. Pois se cada uma das partes do mundo teve o seu rei que as apresentasse a Christo, porque lhe ha-de faltar á pobre America? Ha-de ter rei que receba e se enriqueça com os seus tributos, e não ha-de ter rei que com elles ou sem elles a leve aos pés de Christo? Sei eu (e não o póde negar a minha dôr) que se a primeira, e a segunda, e a terceira parte do mundo tiveram reis, tambem o teve a quarta, em quanto lhe não faltou o quarto. [3] Mas vamos ao Evangelho e conciliemos com elle esta exposição dos Padres.

Ecce Magi ab Oriente venerunt. Diz o Evangelista, que os reis do Oriente vieram a adorar a Christo, e

---

[1] *Psal.*, LXXI, 11.
[2] *Ibid.*, LXXXV, 9.
[3] El rei D. João IV, que já era morto.

n'esta mesma limitação, com que diz que vieram nomeadamente os do Oriente, e não outros, se reforça mais a duvida; porque assim no Testamento Velho como no Novo está expresso, que não só haviam de vir a Christo os gentios do Oriente, senão tambem os do Occidente. No Testamento Velho, Isaias fallando com a Egreja: *Ab Oriente adducam semen tuum, et ab Occidente congregabo te:* [1] e no Testamento Novo a prophecia e oraculo de Christo: *Dico vobis, quòd multi ab Oriente et Occidente venient.* [2] Pois se não só haviam de vir a Christo os reis, e gentes do Oriente, senão tambem as do Occidente; como diz nomeadamente o Evangelista que os que vieram eram todos do Oriente, ou como vieram só os do Oriente e os do Occidente não? A tudo satisfez o mesmo Evangelista: e na simples narração da historia concordou admiravelmente o seu Texto com o dos Prophetas. Que diz o Evangelista? *Cum natus esset Jesus in diebus Herodis regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.* Diz que nos dias de Herodes, sendo nascido Christo, o vieram adorar os Reis do Oriente; e n'estas mesmas circumstancias do tempo, do logar e das pessoas, com que limitou a primeira vocação da gentilidade, mostrou que não havia de ser só uma, senão duas, como estava prophetisado. A primeira vocação da gentilidade foi nos dias de Herodes: *In diebus Herodis regis:* a segunda quasi em nossos dias. A primeira foi quando Christo nasceu: *Cum natus esset Jesus:* a segunda quando já se contavam mil e quinhentos annos do nascimento de Christo. A primeira foi por meio dos reis do Oriente: *Ecce Magi ab Oriente venerunt:* a segunda por meio dos reis do Occidente, e dos mais occidentaes de todos, que são os de Portugal.

Para melhor intelligencia d'estas duas vocações, ou d'estas duas Epiphanias, havemos de suppôr que n'este mesmo mundo em differentes tempos houve dois mundos: o Mundo Velho, que conheceram os antigos, e o Mundo Novo, que elles e o mesmo mundo não conheceu, até que os Portuguezes o descobriram. O Mundo Velho compunha-se de tres partes: Asia, Africa e Europa; mas de tal maneira que entrando

---

[1] *Isai.*, XLIII, 5.
[2] *Matth.*, VIII, 11.

n'este primeiro composto toda a Europa, a Asia e a Africa não entravam inteiras, senão partidas, e por um só lado: a Africa com a parte que abraça o mar Mediterraneo, e a Asia com a parte a que se estende o mar Erytreo. O Mundo Novo, muito maior que o Velho, tambem se compõe de tres partes: Asia, Africa e America; mas de tal maneira tambem, que entrando n'este segundo composto toda a America, a Asia e a Africa, só entram n'elle partidas, e com os outros dois lados tanto mais vastos e tanto mais dilatados, quanto o mar Oceano que os rodeia excede ao Mediterraneo e Erytreo. E como os Auctores antigos só conheceram o Mundo Velho e não tiveram, nem podiam ter conhecimento do Novo; por isso Béda e Ruperto disseram com muita propriedade que os tres Reis do Oriente representavam as tres partes do mundo: Asia, Africa e Europa. Comtudo, S. Bernardo, [1] que foi contemporaneo de Ruperto, combinando o nosso Evangelho com as outras Escripturas, conheceu com seu grande espirito, ou quando menos arguiu com seu grande engenho, que assim como houve tres reis do Oriente que levaram as gentilidades a Christo, assim havia de haver outros tres reis do Occidente que as trouxessem á mesma fé: *Vide autem, ne forte ipsi sint et tres Magi venientes jam non ab Oriente sed etiam ab Occidente.* Quem fossem ou quem houvessem de ser estes tres reis do Occidente, que S. Bernardo anteviu, não o disse, nem o pôde dizer o mesmo santo, posto que tão devoto de Portugal e tão familiar amigo do nosso primeiro rei. Mas o tempo, que é o mais claro interprete dos futuros, nos ensinou d'alli a quatrocentos annos, que estes felicissimos reis foram el-rei D. João o II, el-rei D. Manuel, e el-rei D. João o III: porque o primeiro começou, o segundo proseguiu, e o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das nossas conquistas, e todos tres trouxeram ao conhecimento de Christo aquellas novas gentilidades, como os tres Magos as antigas. Os Magos levando a luz da fé do Oriente para o Occidente; elles do Occidente para o Oriente; os Magos apresentando a Christo a Asia, Africa e Europa; e elles a Asia, Africa e America; os Magos estendendo os

[1] Bern. sermão 3.º *De Nativitate.*

raios da sua estrella por todo o Mundo Velho até ás gargantas do Mediterraneo; e elles allumiando com o novo sol a todo o Mundo Novo até ás balizas do Oceano.

Uma das coisas mais notaveis que Deus revelou e prometteu antigamente, foi, que ainda havia de crear um novo céo, e uma nova terra. Assim o disse por bocca do propheta Isaias: *Ecce ego creo cælos novos, et terram novam.* [1] E' certo que o céo e a terra foram creados no principio do mundo: *In principio creavit Deus cælum, et terram:* [2] e tambem é certo entre todos os Theologos e Philosophos, que depois d'aquella primeira creação, Deus não creou, nem cria substancia alguma material e corporea; porque sómente cria de novo as almas, que são espirituaes: logo que terra nova, e que céos novos são estes, que Deus tanto tempo antes prometteu que havia de crear? Outros o entendem d'outra maneira, não sei se muito conforme á lettra. Eu, seguindo o que ella simplesmente sôa e significa, digo que esta nova terra e estes novos céos, são a terra e os céos do Mundo Novo descoberto pelos Portuguezes. Não é verdade, que quando os nossos argonautas começaram e proseguiram as suas primeiras navegações, iam juntamente descobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos céos, novas estrellas? Pois essa é a terra nova e esses são os céos novos que Deus tinha promettido, que havia de crear, não porque não estivessem já creados desde o principio do mundo, mas porque era este o Mundo Novo tão occulto e ignorado dentro no mesmo mundo, que quando de repente se descobriu e appareceu, foi como se então começara a ser, e Deus o creára de novo. E porque o fim d'este descobrimento ou d'esta nova creação era a Egreja tambem nova, que Deus pretendia fundar no mesmo Mundo Novo, acrescentou logo (pelo mesmo Propheta e pelos mesmos termos) que tambem havia de crear uma nova Jérusalem, isto é, uma nova Egreja, na qual muito se agradasse: *Quia ecce creo Jérusalem exultationem et populum ejus gaudium.* [3]

---

[1] *Isai.*, LXV, 17.
[2] *Genes.*, I, 1.
[3] *Isai.*, LXV, 18.

Não tenho menos auctor d'este pensamento que o Evangelista dos segredos de Deus, S. João, no seu Apocalypse: *Et vidi cælum novum, et terram novam: primum enim cælum, et prima terra abiit, et mare jam non est. Et vidi civitatem Jérusalem novam descendentem de cælo.* [1] Primeiramente, diz S. João, que viu um céo novo e uma terra nova: *Vidi cælum novum et terram novam:* esta é a terra nova e o céo novo, que Deus tinha promettido por Isaias. Logo, acrescenta o mesmo Evangelista, como commentador do Propheta, que á vista d'este céo novo, e d'esta terra nova, o céo e a terra antiga desappareceram, e que o mar já não era: *Primum enim cælum, et prima terra abiit, et mare jam non est:* e assim aconteceu no descobrimento do Mundo Novo. Desappareceu a terra antiga, porque a terra d'alli por diante já não era a que tinha sido, senão outra muito maior, muito mais estendida e dilatada em novas costas, em novos cabos, em novas ilhas, em novas regiões, em novas gentes, em novos animaes, em novas plantas. Da mesma maneira o céo tambem começou a ser outro. Outros astros, outras figuras celestes, outras alturas, outras declinações, outros aspectos, outras influencias, outras luzes, outras sombras, e tantas outras coisas todas outras. Sobre tudo o mar que fôra, já não é: *Et mare jam non est;* porque até então o que se conhecia com nome de mar, e nas mesmas Escripturas se chamava *Mare magnum*, era o Mediterraneo; mas depois que se descobriu o Mundo Novo, logo se conheceu tambem que não era aquelle o mar, senão um braço d'elle, e o mesmo nome que injustamente tinha usurpado, se passou sem controversia ao Oceano, que é só o que por sua immensa grandeza absolutamente, e sem outro sobrenome se chama mar. E porque toda esta novidade do novo céo, da nova terra, e do novo mar, se ordenava á fundação de outra nova Egreja, esta foi a que logo viu o mesmo Evangelista com nome tambem de nova: *Et vidi civitatem Jérusalem novam descendentem de cælo.* Finalmente, para que ninguem duvidasse de toda esta explicação, conclue, que a mesma Egreja nova que vira, se havia de compôr de nações e reis gentios, que n'ella receberiam a luz da

[1] *Apoc.*, XXI, 1 e 2.

fé, e sujeitariam suas corôas ao imperio de Christo: *Et ambulabunt gentes in lumine ejus, et reges terræ offerent gloriam suam, et honorem in illam.* [1] Que é tudo o que temos visto no descobrimento do Mundo Novo, ou n'esta nova creação d'elle: *Ecce creo cælos novos, et terram novam.*

Houve, porém, n'esta segunda e nova creação do mundo uma grande differença da primeira, e de nova e singular gloria para a nossa nação. Porque havendo Deus creado o mundo na primeira creação por si só, e sem ajuda ou concurso de causas segundas, n'esta segunda creação tomou por instrumento d'ella os portuguezes, quasi pela mesma ordem, e com as mesmas circumstancias, com que no principio tinha creado o mundo. Quando Deus creou o mundo, diz o sagrado Texto, que a terra não se via, porque estava escondida debaixo do elemento da agua, e toda escura e coberta de trevas: *Terra autem erat invisibilis* (como lêem os Setenta) *et tenebræ erant super faciem abyssi.* [2] Então dividiu Deus as aguas, e appareceu a terra: creou a luz e cessaram as trevas: *Divisit aquas: facta est lux: apparuit arida.* [3] Este foi o modo da primeira creação do mundo. E quem não vê que o mesmo observou Deus na segunda por meio dos portuguezes? Estava todo o Novo Mundo em trevas e ás escuras porque não era conhecido. Tudo o que alli havia sendo tanto, era como se não fosse nada, porque assim se cuidava e tinha por fabula. *Terra autem erat vanitas et nihil*, como diz o Texto hebreu. O que encobria a terra, era o elemento da agua; porque a immensidade do Oceano, que estava em meio, se julgava por insuperavel, como a julgaram todos os antigos, e entre elles Santo Agostinho. Atreveu-se, finalmente, a ousadia e zelo dos Portuguezes a desfazer este encanto, e vencer este impossivel. Começaram a dividir as aguas nunca d'antes cortadas, com as venturosas proas dos seus primeiros lenhos: foram apparecendo e surgindo de uma e outra parte, e como nascendo de novo as terras, as gentes, o mundo que as mesmas aguas encobriam; e não só acabaram en-

[1] *Apocalyp.*, XXI, v. 24.
[2] *Genes.*, I, 2.
[3] *Ibid.*

tão no mundo antigo as trevas d'esta ignorancia, mas muito mais no Novo e descoberto, as trevas da infidelidade, porque amanheceu n'ellas a luz do Evangelho e o conhecimento de Christo, o qual era o que guiava os Portuguezes, e n'elles e com elles navegava. Tudo estava vendo o mesmo propheta Isaias d'este descobrimento, quando, fallando com aquella nova Egreja pelos mesmos termos da primeira creação do mundo, lhe disse: *Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos, super te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur; et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui.* [1]

III

Isto é o que fizeram os primeiros argonautas de Portugal nas suas tão bem afortunadas conquistas do Novo Mundo, e por isso bem afortunados. Este é o fim para que Deus entre todas as nações escolheu a nossa com o illustre nome de pura na fé, e amada pela piedade: estas são as gentes estranhas e remotas, aonde nos prometteu que haviamos de levar seu Santissimo Nome: este é o imperio seu, que por nós quiz amplificar e em nós estabelecer; e esta é, foi, e será sempre a maior e melhor gloria do valor, do zelo, da religião e christandade portugueza. Mas quem dissera ou imaginára que os tempos e os costumes se haviam de trocar, e fazer tal mudança que esta mesma gloria nossa se visse entre nós eclipsada, e por nós escurecida? Não quizera passar a materia tão triste e tão indigna (que por isso a fui dilatando tanto, como quem rodeia e retarda os passos por não chegar aonde muito repugna). Mas nem a força da presente occasião m'o permitte, nem a verdade de um discurso, que prometteu ser evangelico, o consente. Quem imaginára, torno a dizer, que aquella gloria tão heroicamente adquirida nas tres partes do mundo, e tão celebrada e esclarecida em todas as quatro, se havia de escurecer e profanar em um rincão ou arrabalde da America?!

---

[1] *Isai.*, LX, 2 e 3.

Levantou o demonio este fumo, ou assoprou este incendio entre as palhas de quatro choupanas, que com nome da cidade de Belém, puderam ser patria do Anti-Christo. E verdadeiramente que, se as Escripturas nos não ensinaram que este monstro ha-de sahir de outra terra e de outra nação, já puderamos cuidar que era nascido. Treme, e tem horror a lingua de pronunciar o que viram os olhos: mas sendo o caso tão feio, tão horrendo, tão atroz, e tão sacrilego que se não póde dizer, é tão publico e tão notorio que se não deve calar. Oiçam, pois, os excessos de tão nova e tão estranha maldade, os que só lhe pódem pôr o remedio: e se elles (o que se não crê) faltarem á sua obrigação, não é justo, nem Deus o permittirá, que eu falte á minha. O officio que tive n'aquelle logar, e o que tenho n'este (posto que indigno de ambos) são os que com dobrado vinculo da consciencia me obrigam a romper o silencio, até agora observado ou supprimido, esperando que a mesma causa, por ser de Christo, fallasse e perorasse por si, e não eu por ella. Assim o fizeram em similhantes, e ainda menores casos, os Athanasios, os Basilios, os Nazianzenos, os Chysostomos, os Hilarios, e todos aquelles grandes Padres e Mestres da Egreja, cujas acções, como inspiradas e approvadas por Deus, não só devemos venerar e imitar como exemplos, mas obedecer e seguir como preceitos. Fallarei, pois, com a clareza e publicidade com que elles fallaram: e provarei e farei certo o que disser como elles o fizeram, porque sendo perseguidos e desterrados, elles mesmos eram o corpo do delicto que accusavam, e elles mesmos a prova. Assim permittiu a Divina Providencia que eu em tal fórma, e as pessoas reverendas de meus companheiros, viessemos remettidos aos olhos d'esta côrte, para que ella visse e não duvidasse de crêr, o que d'outro modo pareceria incrivel.

Quem havia de crêr, que em uma colonia chamada de Portuguezes se visse a Egreja sem obediencia, as censuras sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas e logares sagrados sem immunidade? Quem havia de crêr que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos Religiosos, e leval-os presos entre beleguins e espadas nuas pelas ruas publicas, e tel-os aferrolhados, e com guardas, até os desterrarem? Quem havia de crêr que com a mesma

violencia e affronta lançassem de suas christandades aos prégadores do Evangelho, com escandalo nunca imaginado dos antigos christãos, sem pejo dos novamente convertidos, e á vista dos gentios attonitos e pasmados? Quem havia de crêr que até aos mesmos parochos não perdoassem, e que chegassem a os despojar de suas egrejas, com interdicto total do culto divino e uso de seus ministerios: as egrejas ermas, os baptisterios fechados, os sacrarios sem Sacramento; emfim, o mesmo Christo privado de seus altares, e Deus de seus sacrificios? Isto é o que lá se viu então: e que será hoje o que se vê, e o que se não vê? Não fallo dos auctores e executores d'estes sacrilegios, tantas vezes, e por tantos titulos excommungados; porque lá lhes ficam Papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e miseraveis Indios, que são a preza e os despojos de toda esta guerra? Que será dos christãos? Que será dos cathecumenos? Que será dos gentios? Que será dos paes, das mulheres, dos filhos e de todo o sexo e edade? Os vivos e sãos, sem doutrina, os enfermos sem sacramentos, os mortos sem suffragios nem sepultura, e tanto genero de almas em extrema necessidade sem nenhum remedio?! Os pastores, parte presos e desterrados, parte mettidos pelas brenhas; os rebanhos despedaçados; as ovelhas ou roubadas ou perdidas; os lobos famintos, fartos agora de sangue, sem resistencia; a liberdade por mil modos trocada em servidão e captiveiro; e só a cubiça, a tyrannia, a sensualidade, e o infermo contentes. E que a tudo isto se atrevessem e atrevam homens com nome de portuguezes, e em tempo de rei portuguez?!

Grandes desconcertos se lêem no mesmo Capitulo do nosso Evangelho; mas de todos acho eu a escusa nas primeiras palavras d'elle: *In diebus Herodis regis*. Se succederam semilhantes escandalos nos dias d'el-rei Herodes, o tempo os desculpava ou culpava menos; mas nos dias d'aquelle monarcha, que com o nome e com a corôa herdou o zelo, a fé, a religião, a piedade do grande Affonso I?! Oh que parallelo tão indigno do nome portuguez se pudera formar na comparação de tempo a tempo! N'aquelle tempo andavam os portuguezes sempre com as armas ás costas contra os inimigos da fé, hoje tomam as armas contra os prégadores da fé: então conquistavam e escalavam cidades para Deus, hoje conquistam e esca-

lam as casas de Deus: então lançavam os caciques fóra das mesquitas, hoje lançam os sacerdotes fóra das egrejas: então consagravam os logares profanos em casas de oração, hoje fazem das casas de oração logares profanos: então, finalmente, eram defensores e prégadores do nome christão, hoje são perseguidores e destruidores, e opprobrio e infamia do mesmo nome.

E para que até a côrte e assento dos reis que lhe succederam, não ficasse fóra d'este parallelo; então sahiam pela barra de Lisboa as nossas náus carregadas de prégadores, que voluntariamente se desterravam da patria para prégar nas conquistas a Lei de Christo; hoje entram pela mesma barra, trazendo desterrados violentamente os mesmos prégadores, só porque defendem nas conquistas a Lei de Christo. Não se envergonhe já a barra de Argel, de que entrem por ella os sacerdotes de Christo, captivos e presos, pois o mesmo se viu em nossos dias na barra de Lisboa. Oh que bem empregado prodigio fôra n'este caso, se fugindo d'aquella barra o mar, e voltando atraz o Téjo, lhe pudessemos dizer como ao rio e ao mar da terra, que então começava a ser santa: *Quid est tibi mare, quod fugisti, et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* [1] Gloriava-se o Téjo quando nas suas ribeiras se fabricavam, e pelas suas correntes sahiam as armadas conquistadoras do imperio de Christo: gloriava-se, digo, de ser elle aquelle famoso rio de quem cantavam os versos de David: *Dominabitur à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos orbis terrarum:* [2] mas hoje envergonhado de tão affrontosa mudança, devèra tornar atraz, e ir-se esconder nas grutas do seu nascimento, se não é que de corrido corre ao mar para se afogar e sepultar no mais profundo d'elle. Desengane-se, porém, Lisboa que o mesmo mar lhe está lançando em rosto o soffrimento de tamanho escandalo, e que as ondas com que escumando de ira bate as suas praias, são brados com que lhe está dizendo as mesmas injurias que antigamente a Sidonia: *Erubesce, Sidon, ait mare.*

E não cuide alguem que estas vozes de tão justo

[1] *Psal.*, CXIII, 5.
[2] *Ibid.*, LXXI, 8.

sentimento nascem de estranhar eu, ou me admirar de que os prégadores de Christo e o mesmo Christo seja perseguido; porque esta é a estrella em que o mesmo Senhor nasceu: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis.* Ainda Christo não tinha quinze dias de nascido, quando já Herodes tinha poucos menos de perseguidor seu; para que a perseguição e o perseguido nascessem juntos. E não só nasceu Christo com estrella de perseguido em Belem, senão em todas as partes do mundo, porque em todas teve logo seu Herodes que o perseguisse. Vou suppondo, como verdadeiramente é, que Christo não só nasceu em Belem, mas que nasceu e nasce em outras muitas partes, como ha-de nascer em todas. Por isso o propheta Malachias muito discretamente comparou o nascimento de Christo ao nascimento do sol: *Orietur vobis sol justitiæ.* [1] O sol vae nascendo successivamente a todo o mundo, e ainda que a umas terras nasce mais cedo, a outras mais tarde, para cada terra tem seu nascimento. Assim tambem Christo verdadeiro sol. A primeira vez nasceu em Belem, depois foi nascendo successivamente por todo o mundo, conforme o foram prégando os Apostolos e seus successores: a umas terras nasceu mais depressa, a outras mais devagar; a umas muito antes, a outras muito depois; mas para todas teve seu nascimento. E' a energia com que fallou o Anjo aos Pastores: *Natus est vobis hodie Salvator:* [2] nasceu hoje para vós o Salvador: como se dissera: hoje nasceu para vós, os outros, tambem, terão seu dia em que ha-de nascer para elles. Assim havia de ser, e assim foi, e assim tem nascido Christo em differentes tempos em tão diversas partes do mundo; mas em nenhum tempo, e em nenhuma parte nasceu onde logo não tivesse um Herodes que o perseguisse.

Viu S. João, no Apocalypse, aquella mulher celestial vestida de sol, a qual estava em vesperas do parto, e diz que logo appareceu diante d'ella um dragão feroz e armado, o qual estava aguardando que sahisse á luz o filho para o tragar e comer: *Et draco stetit ante mulierem quæ erat paritura, ut cum peperisset,*

[1] *Malach.*, IV, 2.
[2] *Luc.*, II, 11.

filium ejus devoraret. [1] Que mulher, que filho, e que dragão é este? A mulher foi a Virgem Maria, e é a Egreja. O Filho foi e é Christo: que assim como a primeira vez nasceu da Virgem Santissima, assim nasceu e nasce muitas vezes da Egreja, por meio da fé e prégação de seus ministros em diversas partes do mundo. E o dragão que appareceu com a bocca aberta para o tragar tanto que nascesse, é cada um dos tyrannos que logo o mesmo Christo tem armados contra si, tanto que nasce, e onde quer que nasce. De maneira que não ha nascimento de Christo sem o seu perseguidor ou o seu Herodes. Nasceu Christo em Roma pela prégação de S. Pedro, e logo se levantou um Herodes, que foi o imperador Nero, o qual crucificou ao mesmo S. Pedro. Nasceu Christo em Hespanha pela prégação de S. Thiago, e logo se levantou outro Herodes, que foi el-rei Agrippa, o qual degollou ao mesmo S. Thiago. Nasceu Christo em Ethiopia pela prégação de S. Matheus, e logo se levantou outro Herodes, que foi el-rei Hirtaco, o qual tirou, tambem, a vida ao mesmo S. Matheus, e estando sacrificando o Corpo de Christo o fez victima de Christo. E para que dos exemplos do Mundo Velho passemos aos do Novo: nasceu Christo no Japão pela prégação e milagre de S. Francisco Xavier, e logo se levantaram, não um, senão muitos Herodes, que foram os Nabunangas e Taicozamas, os quaes tanto sangue derramaram, e ainda derramam, dos filhos e successores do mesmo Xavier. Finalmente, nasceu Christo na conquista do Maranhão, que foi a ultima de todas as nossas: e para que lhe não faltassem n'aquelle Belem e fóra d'elle os seus Herodes, se levantaram agora e declararam contra Christo em si mesmo, e em seus prégadores, os que tão impia e barbaramente não sendo barbaros o perseguem. Assim que não é coisa nova nem materia digna de admiração, que Christo e os prégadores de sua fé sejam perseguidos.

O que, porém, excede todo o espanto, e se não póde ouvir sem horror e assombro, é que os perseguidores de Christo e seus prégadores n'este caso não sejam os infieis e gentios, senão os christãos. Se os gentios indomitos, se os tapuyas barbaros e feros d'a-

[1] *Apoc.*, XII, 4.

quellas brenhas se armaram medonhamente contra os que lhes vão prégar a fé; se os cobriram de settas, se os fizeram em pedaços, se lhes arrancaram as entranhas palpitantes e as lançaram no fogo, e as comeram; isso é o que elles já teem feito outras vezes, e o que lá vão buscar os que pelos salvar deixam tudo: mas que a estes homens com o caracter de ministros de Christo os persigam gentilicamente os Christãos, quando essas mesmas féras se lhes humanam, quando esses mesmos barbaros se lhes rendem, quando esses mesmos gentios os reverenceam e adoram; este é o maior extremo de perseguição, e a perseguição mais feia e affrontosa, que nunca padeceu a Egreja. Nas perseguições dos Neros e Dioclecianos os gentios perseguiam os martyres, e os christãos os adoravam; mas n'esta perseguição nova e inaudita, os christãos são os que perseguem os prégadores, e os gentios os que os adoram. Só na perseguição de Herodes e na paciencia de Christo se acham juntos estes extremos. No Evangelho temos a Christo hoje perseguido, e hoje adorado: mas de quem adorado, e de quem perseguido? Adorado dos gentios, e perseguido dos christãos; adorado dos Magos, que eram gentios, e perseguido de Herodes e de toda a Jérusalem, que eram os christãos d'aquelle tempo.

Ninguem repare em eu lhes chamar christãos, porque ha christãos de fé, e christãos de esperança. Os filhos da Egreja somos christãos de fé, porque crêmos que Christo já veiu: os filhos da synagoga eram christãos de esperança, porque criam e esperavam que Christo havia de vir. E que homens que criam em Christo, e esperavam por Christo, e eram da mesma nação e do mesmo sangue de Christo, persigam tão barbaramente a Christo; e que no mesmo tempo, para maior escandalo da fé e da natureza, os Magos o busquem, os gentios o crêam, os idolatras o adorem?! Bemdito sejaes, Senhor, que tal contradicção quizestes padecer, e bemdito mil vezes pela parte que vos dignastes communicar d'ella aos que tão indignamente vos servem: não debalde nos honrastes com o nome de Companhia de Jesus, obrigando-nos a vos fazer companhia no que padecestes nascido debaixo do mesmo nome: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda.* Vós em Belem de Juda, para que os vossos perseguidores fossem da vossa mesma nação; nós em Belem, não

de Juda, para que os nossos fossem, tambem, da nossa: vós na mesma terra, e no mesmo tempo perseguido de Herodes e adorado dos Magos; e nós tambem por mercê Vossa, no mesmo tempo e na mesma terra perseguidos dos christãos, e pouco menos que adorados dos gentios! Assim o experimentam hoje os que por escapar á perseguição andam fugitivos por aquellas brenhas, se bem fugitivos não por medo dos homens, senão por amor de Christo, e por seguir seu exemplo. D'aqui a poucos dias veremos fugir a Christo; mas de quem e para quem? De onde e para onde? Não se pudera crêr, se o não mandara Deus e o dissera um Anjo: *Fuge in Ægyptum:* [1] fugi para o Egypto. Pois de Israël para o Egypto, da terra dos fieis para a terra dos gentios, e para a terra d'aquelles mesmos gentios, d'onde antigamente fugiram os filhos de Israël? Sim. Que tão mudados estão os tempos e os homens, e a tanto chega a força da perseguição. *Futurum est enim ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.* [2] Foge Christo, e fogem os prégadores de Christo, dos fieis para os infieis, e dos christãos para os gentios, porque os christãos os desterram, e os gentios os amparam, porque os christãos os maltratam, e os gentios os defendem, porque os christãos os perseguem e os gentios os adoram.

Não foi grande maravilha que José preso e vendido de seus proprios irmãos, os Egypcios o venerassem e estimassem tanto e abaixo do seu rei o adorassem? Pois muito maior é a differença que hoje experimentam entre aquelles gentios os venturosos homiziados da fé, que escapando das prisões dos christãos se retiraram para elles. Os Egypcios ainda que gentios eram homens: aquelles gentios, que hoje começaram a ser homens, hontem eram feras. Eram aquelles mesmos barbaros, ou brutos, que sem uso de razão, nem sentido de humanidade, se fartavam de carne humana; que das caveiras faziam taças para lhe beber o sangue, e das canas dos ossos frautas para festejar os convites. E estas são hoje as féras que em vez de nos tirarem a vida, nos acolhem entre si, e nos veneram como os leões a Daniel: estas as aves de rapi-

[1] *Math.*, II, 13.
[2] *Ibid.*

na que em vez de nos comerem nos sustentam como os corvos a Elias, estes os monstros (pela maior parte marinhos) que em vez de nos tragarem e digerirem, nos mettem dentro nas entranhas, e n'ellas nos conservam vivos, como a baleia a Jonas. E se assim nos tratam os gentios e taes gentios, quando assim nos tratam os christãos e christãos da nossa nação e do nosso sangue; quem se não assombra de uma tão grande differença?

IV

Vejo que estão dizendo dentro de si todos os que me ouvem, e tanto mais, quanto mais admirados d'esta mesma differença; que tão grandes effeitos não pódem nascer senão de grandes causas. Se os christãos perseguem os prégadores da fé, alguma grande causa teem para os perseguir. E se os gentios tanto os amam e veneram, alguma causa teem, tambem grande, para os venerar e amar. Que causas serão estas? Isto é o que, agora, se segue dizer. E se alguma vez me déstes attenção seja para estes dois pontos.

Começando pelo amor e veneração dos gentios, aquella estrella que trouxe os Magos a Christo, era uma figura celestial e muito illustre dos prégadores da fé. Assim o diz S. Gregorio e os outros Padres communmente; mas a mesma estrella o disse ainda melhor. Que officio foi o d'aquella estrella? Allumiar, guiar e trazer homens a adorar a Christo, e não outros homens, senão homens infieis e idolatras, nascidos e creados nas trevas da gentilidade. Pois esse mesmo é o officio e exercicio não de quaesquer prégadores, senão d'aquelles prégadores de que fallamos, e por isso propriamente estrellas de Christo. Repara muito S. Maximo em que esta estrella que guiou os Magos, se chame particularmente estrella de Christo: *Stella ejus:* e argue assim: Todas as outras estrellas não são, tambem, estrellas de Christo, que, como Deus as creou? Sim, são. Pois por que razão esta estrella mais que as outras se chama especialmente estrella sua: *Stella ejus?* Porque as outras estrellas foram geralmente creadas para tochas do céo e do mundo; esta foi creada especialmente para prégadora de

Christo. *Quia quamvis omnes ab eo creatæ stellæ ipsius sint, hæc tamen propria Christi erat, quia specialiter Christi nuntiabat adventum.* Muitas outras estrellas ha n'aquelle hemispherio, muito claras nos resplandores, e muito uteis nas influencias, como as do firmamento: mas estas de que fallamos, são propria e especialmente de Christo, não só pelo nome de Jesus, com que se professam por suas; mas porque o fim, o instituto, e o officio para que foram creadas, é o mesmo que o da estrella dos Magos, para trazer infieis e gentios á fé de Christo. Ora se estas estrellas fossem tão diligentes, tão sollicitas e tão pontuaes em acompanhar e guiar, e servir aos gentios, como a que acompanhou, guiou e serviu aos Magos: não teriam os mesmos gentios muita razão de as quererem e estimarem, de sentirem muito sua falta, e de se alegrarem e consolarem muito com sua presença? Assim o fizeram os Magos, e assim o diz o Evangelista, não acabando de encarecer este contentamento: *Videntes autem stellam, gavisi sunt gaudio magno valdè.* [1] Pois vamos agora seguindo os passos d'aquella estrella desde o Oriente até ao Presepio, e veremos como as que hoje vemos tão mal vistas e tão perseguidas, não só imitam e egualam em tudo a estrella dos Magos, mas em tudo a excedem com grandes vantagens.

Primeiramente dizem os Magos que onde viram a estrella foi no Oriente: *Vidimus stellam ejus in Oriente.* [2] De maneira que podendo a estrella ser vista de muito longe, como se veem as outras estrellas, ella os foi buscar á sua terra. N'esta diligencia e n'este caminho se avantajou muito a estrella dos Magos aos Anjos que appareceram aos Pastores. Os Anjos tambem allumiaram aos Pastores: *Claritas circumfulsit illos:* [3] e tambem lhes annunciaram o nascimento de Christo: *Evangelizo vobis gaudium magnum quia natus est vobis Salvator:* [4] mas essa luz e esse Evangelho aonde o levaram os Anjos? Não ás terras do Oriente ou a outras remotas, como a estrellas: mas a quatro passos da cidade de Belem, e nos mesmos arra-

[1] *Matth.*, II, 10.
[2] *Ibid.*, 2.
[3] *Luc.*, II, 9.
[4] *Ibid.*, 10 e 11.

baldes d'ella, um transito muito breve: *Transeamus usque Bethlehem.* [1] E quanto vae de Belem ao Oriente, tanto vae de um evangelizar a outro. Isto é comparando a estrella com os anjos, e muito mais se a compararmos com os mesmos Pastores. Estes Pastores de Belem são os mais celebrados da Egreja, e os que ella allega por exemplo e propõe por exemplar aos pastores das almas. Mas que fizeram ou que faziam estes bons Pastores? *Pastores erant in regione eadem custodientes vigilias noctis super gregem suum.* [2] Eram tão vigilantes e cuidadosos do seu gado, que com ser á meia noite não dormiam, senão que o estavam guardando, e velando sobre elle. Muito bem. Mas não sei se advertis o que nota o Evangelista ácerca do logar, e ácerca do gado. Acerca do logar diz que estavam na mesma região: *Et pastores erant in regione eadem:* e ácerca do gado, diz que as ovelhas eram suas: *Super gregem suum.* E em ambas estas coisas consiste a vantagem que lhes fez a estrella. Os Pastores estavam na sua região, e a estrella foi a regiões estranhas: elles guardavam as ovelhas suas, e ella foi buscar ovelhas para Christo. E guardar as suas ovelhas na sua região, ou ir buscar ovelhas para Christo a regiões estranhas, bem se vê quanto vae a dizer.

Mas ainda que tudo isto fez a estrella dos Magos, faltou-lhe muito para se egualar com as nossas estrellas. Ella foi buscar gentios a uma região remota, mas distante sómente treze dias de caminho: as nossas vão buscar em distancia de mais de mil legoas de mar e por rios, que só o das Amazonas, sem se lhe saber nascimento, tem quatro mil de corrente. A estrella dos Magos nunca sahiu do seu elemento; as nossas já no da terra, já no da agua, já no do ar, e dos ventos, supportam os perigos e rigores de todos. A dos Magos caminhou da Arabia á Mesopotamia sempre dentro dos mesmos horizontes; as nossas vão do ultimo cabo da Europa ao mais inferior da America, dando volta a meio mundo e passando d'este hemispherio aos antipodas. Finalmente (para que ajuntemos á distancia a differença das terras) a estrella

[1] *Ibid.*, 15.
[2] *Ibid.*, 8.

dos Magos ia com elles para a Terra da Promissão, a mais amena e deliciosa que creou a natureza; as nossas desterram-se para toda á vida em companhia de degradados, não como elles, para as colonias maritimas, onde os ares são mais benignos; mas para os sertões habitados de féras, e minados de bichos venenosos, nos climas mais nocivos da Zona Torrida. Não é porém este o maior trabalho.

Vidimus stellam ejus. Perguntam aqui os interpretes, porque mandou Christo aos Magos uma estrella e não um Anjo ou um Propheta? Os prophetas são os embaixadores ordinarios de Deus, os anjos os extraordinarios, e tal era esta embaixada. Porque não mandou logo Christo aos Magos um anjo ou um propheta, senão uma estrella? A razão foi (dizem todos) porque era conveniente, que aos Magos se enviasse um embaixador que lhes faliasse na sua propria lingua. Os Magos eram astrologos; a lingua por onde os astrologos entendem o que diz o céo, são as estrellas; e tal era esta mesma estrella, á qual chama Santo Agostinho: *lingua cœli:* lingua do céo: pois vá uma estrella aos Magos, para que ella lhes falle na lingua que elles entendem. Se eu não entendo a lingua do gentio, nem o gentio entende a minha, como o hei-de converter e trazer a Christo? Por isso temos por regra e instituto aprender todos a lingua ou linguas da terra, onde imos prégar; e esta é a maior difficuldade e o maior trabalho d'aquella espiritual conquista, e em que as nossas estrellas excedem muito a dos Magos. Notae. Os Magos entendiam a lingua da estrella, e o que ella lhes dizia; mas porque a entenderam? Porque como astrologos que eram, pelos livros dos Caldeus sabiam que aquella estrella era nova e nunca vista; e como discipulos que tambem eram de Balaão, sabiam pelos livros da Escriptura, que uma estrella nova que havia de apparecer, era signal da vinda e nascimento do Messias, descendente de Jacob: *Orietur stella ex Jacob:* [1] e por esta sciencia adquirida com dobrado estudo puderam alcançar e entender o que a estrella significava, e lhes dizia. Cá não é assim, senão ás avessas. Lá, para entender a estrella estudavam os Magos; cá, para entender o gen-

[1] *Num.*, XXIV, 17.

tio, hão-de estudar as estrellas. Nós que os imos buscar, somos os que lhes havemos de estudar e saber a lingua. E quanta difficuldade e trabalho seja haver de aprender um europeu, não com mestres e com livros como os Magos, mas sem livro, sem mestre, sem principio, e sem documento algum, não uma, senão muitas linguas barbaras, incultas e horridas: só quem o padece, e Deus por quem se padece o sabe.

Quando Deus confundiu as linguas na torre de Babel, ponderou Philo hebreu, que todos ficaram mudos e surdos, porque ainda que todos fallavam e todos ouviam, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel houve setenta e duas linguas: na Babel do rio das Amazonas já se conhecem mais de cento e cincoenta, tão diversas entre si como a nossa e a Grega; e assim quando lá chegamos, todos nós somos mudos, e todos elles surdos. Vêde, agora, quanto estudo e quanto trabalho será necessario para que estes mudos fallem, e estes surdos oiçam. Nas terras dos Tyrios e Sydonios, que tambem eram gentios, trouxeram a Christo um mudo e surdo para que o curasse: e diz S. Marcos, que o Senhor se retirou com elle a um logar apartado, que lhe metteu os dedos nos ouvidos, que lhe tocou a lingua com saliva tirada da sua, que levantou os olhos ao céo, e deu grandes gemidos, e então fallou o mudo, e ouviu o surdo: *Apprehendens eum de turba seorsum, misit digitos suos in auriculas ejus, et expuens, tetigit linguam ejus; et suspiciens in cœlum ingemuit, et ait illi: Ephpheta, quod est adaperire.* [1] Pois se Christo fazia os outros milagres tão facilmente, este de dar falla ao mudo, e ouvidos ao surdo, como lhe custa tanto trabalho e tantas diligencias? Porque todas estas são necessarias a quem ha-de dar lingua a estes mudos, e ouvidos a estes surdos. E' necessario tomar o barbaro á parte, e estar e instar com elle muito só por só, e muitas horas, e muitos dias: é necessario trabalhar com os dedos, escrevendo, apontando e interpretando por acenos o que se não póde alcançar das palavras: é necessario trabalhar com a lingua, dobrando-a, e torcendo-a, e dando-lhe mil voltas para que chegue

[1] *Marc.*, VII, 33 e 34.

a pronunciar os accentos tão duros e tão estranhos: é necessario levantar os olhos ao céo, uma e muitas vezes com a oração, e outras quasi com desesperação, é necessario, finalmente, gemer, e gemer com toda a alma; gemer com o entendimento, porque em tanta escuridade não vê sahida: gemer com a memoria, porque em tanta variedade não acha firmeza; e gemer até com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tantas difficuldades desfallece e quasi desmaia. Emfim, com a pertinacia da industria, ajudado da graça divina fallam os mudos, e ouvem os surdos; mas nem por isso cessam as razões de gemer: porque com o trabalho d'este milagre ser tão similhante ao de Christo, tem mui differente ventura, e mui outro galardão do que Elle teve. Vendo os circumstantes aquelle milagre começaram a applaudir e dizer: *Bene omnia fecit, et surdos fecit audire, et mutos loqui*, [1] não ha duvida, que este propheta tudo faz bem, porque faz ouvir os surdos e fallar os mudos. De maneira que a Christo bastoulhe fazer fallar um mudo e ouvir um surdo, para dizerem que tudo fazia bem feito; e a nós não nos basta fazer o mesmo milagre em tantos mudos, e tantos surdos, para que nos não tenham por malfeitores. Mas vamos seguindo a estrella.

Quando os Magos chegaram á vista de Jérusalem, esconde-se a estrella: e esta foi a mais bizarra acção, e a mais luzida que eu d'ella considero. Basta, luzeiro celestial, que sois estrella de reis e escondeis-vos, e fugis da côrte? Ainda não entrastes n'ella, e já a conheceis? Mas bem mostraes quanto tendes de Deus, e quanto o quereis servir, e louvar todas as estrellas, como diz David louvam a Deus: *Laudate eum omnes stellæ, et lumen:* [2] mas o mesmo Deus disse a Job, que os louvores das estrellas da manhã eram os que mais lhe agradavam: *Cum me laudarent astra matutina.* [3] E porque agradam mais a Deus os louvores das estrellas da manhã, que os das estrellas da noite? Porque as estrellas da noite louvam a Deus luzindo, as estrellas da manhã louvam a

[1] *Marc.*, VII, 37.
[2] *Psal.*, CXLVIII, 3.
[3] *Job.*, XXXVIII, 7.

Deus escondendo-se: as estrellas da noite communicam as influencias, mas conservam a luz: as estrellas da manhã perdem a luz para melhor lograr as influencias: emfim, as estrellas da noite luzem, porque estão mais longe do sol: as estrellas da manhã escondem-se, porque estão mais perto. Isto é o que fez a estrella dos Magos, mas por poucas horas: as nossas por toda a vida. A estrella dos Magos quando se escondeu, não luziu, mas não alumiou: as nossas escondem-se onde allumiam, e não luzem: a dos Magos allumiava, onde a viam os reis: *Vidimus stellam ejus:* as nossas allumiam onde não são vistas, nem o pódem ser — no logar mais desluzido, e no canto mais escuro de todo o mundo. E isto é verdadeiramente esconder-se, porque não só é desterrar-se para sempre, mas enterrar-se.

Assim esteve escondida a estrella, em quanto os Magos se detiveram em Jérusalem; mas tanto que sahiram para continuar seu caminho, logo tornou a se descobrir e apparecer: *Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos.* [1] Reparae no *antecedebat.* Ia a estrella diante, mas de tal maneira diante, que sempre se acommodava e em tudo ao passo dos que guiava. *Ambulante Mago stella ambulat, sedente stat, dormiente excubat,* diz S. Pedro Chrysologo. Quando os Magos andavam, andava a estrella: quando se assentavam, parava: mas não dava um passo mais que elles. Pudera a estrella fazer todo aquelle caminho do Oriente ao Occidente em dois momentos: *Sicut fulgur exit ab Oriente, et paret usque ad Occidentem.* [2] E que ella contra a sua velocidade natural, já movendo-se vagarosa e tardamente: já parando e ficando immovel, se fosse acommodando, e medindo em tudo com a condição e fraqueza d'aquelles a quem guiava, quanto, quando, e como elles podiam, grande violencia! E mais se levantasse os olhos ao firmamento, e visse que as outras do seu nome davam volta ao mundo em vinte e quatro horas, e ella quasi parada. Mas assim faz, e deve fazer quem tem por officio levar almas a Christo. Aquelles quatro animaes do carro de Ezechiel, que olhavam para

[1] *Math.*, II, 9.
[2] *Math.*, XXIV, 27.

as quatro partes do mundo, e significavam os quatro Evangelistas, todos tinham azas de aguia; mas nota o Texto, que os pés com que andavam eram de boi: *Et planta pedis eorum, quasi planta pedis vituli.* [1] E que se haja de mover a passo de boi quem tem azas, e azas de aguia? Sim: que isso é ser Evangelista, isso é ter officio de levar o Evangelho a gentes estranhas, e isso é o que fez a estrella: *Antecedebat eos.*

Mas estes *eos* quem eram? Aqui está a differença d'aquella estrella ás nossas. A estrella dos Magos accommodava-se aos gentios que guiava; mas esses gentios eram os Magos do Oriente, os homens mais sabios da Caldéa, e os mais doutos do mundo: porém as nossas estrellas, depois de deixarem as cadeiras das mais illustres Universidades da Europa (como muitos d'elles deixaram) accommodam-se á gente mais sem entendimento e sem discurso de quantas creou, ou abortou a natureza, e a homens de quem se duvidou se eram homens, e foi necessario que os Pontifices definissem que eram racionaes e não brutos. A estrella dos Magos parava, sim, mas nunca tornou atraz; as nossas estrellas tornam uma e mil vezes a desandar o já andado, e a ensinar o já ensinado, e a repetir o já aprendido, porque o barbaro boçal e rude, o tapuya cerrado e bruto, como não faz inteiro entendimento, não imprime nem retem na memoria. Finalmente, para o dizer em uma palavra, a estrella dos Magos guiava a homens que caminhavam nos dromedarios de Madian, como anteviu Isaias: *Dromedarii Madian, et Epha: omnes de Saba venient, aurum, et thus deferentes:* [2] e accommodar-se ao passo dos dromedarios de Madian, ou ao somno das preguiças do Brazil, bem se vê a differença.

Ainda a palavra *eos* nos insinua outra, que se não deve passar em silencio. A estrella, guia e prégadora dos Magos, converteu e trouxe a Christo almas de gentios; mas de que gentios e que almas? Almas illustres, almas coroadas, almas de gentios reis: as nossas estrellas tambem trazem a Christo, e convertem almas; mas almas de gente onde nunca se viu

[1] *Ezech.*, I, 7.
[2] *Isai.*, LX, 6.

sceptro, nem corôa, nem se ouviu o nome de rei. A lingua geral de toda aquella costa carece de tres lettras: F, L, R: De F, porque não tem fé, de L, porque não tem lei, de R, porque não tem rei: e esta é a policia da gente com que tratamos. A estrella dos Magos fez a sua missão entre purpuras e brocados, entre perolas e diamantes, entre ambares e calambucos; emfim, entre os thesouros e delicias do Oriente: as nossas estrellas fazem as suas missões entre as pobrezas e desamparos, entre os ascos e as miserias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantos nasceram no mundo. Uma gente com quem metteu tão pouco cabedal a natureza, com quem se empenhou tão pouco a arte e a fortuna, que uma arvore lhe dá o vestido e o sustento, e as armas, e a casa, e a embarcação. Com as folhas se cobrem, com o fructo se sustentam, com os ramos se armam, com o tronco se abrigam, e sobre a casca navegam. Estas são todas as alfaias d'aquella pobrissima gente; e quem busca as almas d'estes corpos, busca só almas. Mas porque o mundo não sabe avaliar esta acção, como ella merece, oiça o mesmo mundo o preço em que a estimou quem só a póde pagar.

Quando o Baptista mandou seus discipulos que fossem perguntar a Christo, se era elle o Messias, a resposta do Senhor foi esta: *Euntes renuntiate Joanni quæ audistis, et vidistis:* [1] ide, dizei a João o que vistes e ouvistes. E que é o que tinham visto e ouvido? O que tinham visto, era que os cegos viam, os mancos andavam, os leprosos saravam, os mortos resuscitavam: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, mortui resurgunt.* [2] E não bastavam todos estes milagres vistos, para prova de ser Christo o Messias? Sim, bastavam; mas quiz o Senhor acrescentar ao que tinham visto, o que tinham ouvido, porque ainda era maior prova, e mais certa. O que tinham ouvido os discipulos do Baptista, era que o Evangelho de Christo se prégava aos pobres: *Pauperes evangelizantur,* [3] e esta foi a ultima prova com que o Re-

[1] *Math.,* XI, 4.
[2] *Ibid.,* 5.
[3] *Ibid.*

demptor do mundo qualificou a verdade de ser elle o Messias; porque prégar o Evangelho aos pobres, aos miseraveis, aos que não teem nada do mundo, é acção tão propria do espirito de Christo, que depois do testemunho de seus milagres a pôz o Filho de Deus por sello de todos elles. O fazer milagres, póde-o attribuir a malicia a outro espirito; e o evangelisar aos pobres nenhúma malicia póde negar que é espirito de Christo.

Finalmente, acabou a estrella o seu curso: parou; mas onde foi parar: *Usque dum veniens staret supra, ubi erat puer.* [1] Foi parar em um Presepio, onde estava Christo sobre palhas, e entre brutos, e alli o deu a conhecer. Oh que estrella tão santa e tão discreta! Estrella que não quer apparecer em Jérusalem, e se vae parar no Presepio: estrella que antes quer estar em uma choupana com Christo, que em uma côrte sem Elle? Discreta e santa estrella, outra vez! Mas mais discretas e mais santas as nossas. A razão é clara. Christo n'aquelle tempo estava no Presepio, mas não estava na côrte de Jérusalem; de sorte que se a estrella quizesse ficar na côrte, havia de ficar sem Christo. Nas côrtes da christandade não é assim. Em todas as côrtes está Christo, e em todas se póde estar com Christo. Agora vae á differença e a vantagem. Trocar Jérusalem pelo Presepio, e querer antes estar em uma choupana com Christo, que em uma côrte sem elle, não é fineza, é obrigação; e isso fez a estrella dos Magos. Mas querer antes estar no Presepio com Christo, que em Jérusalem com Christo: querer antes estar na choupana com Christo entre brutos, que na côrte com Christo entre principes: isto é não só deixar a côrte pelo Presepio, senão deixar a Christo por Christo, e o seu maior serviço pelo menor; deixar a Christo onde está acompanhado para o acompanhar onde está só; deixar a Christo onde está servido, para o servir onde está desamparado; deixar a Christo onde está conhecido, para o dar a conhecer onde o não conhecem.

A estrella dos Magos tambem deu a conhecer a Christo; mas a quantos homens, e em quanto tempo? A tres homens, e em dois annos. Essa foi a razão por

---

[1] *Math.*, II, 9.

que Herodes mandou matar todos os innocentes de dois annos para baixo, conforme o tempo em que a estrella tinha apparecido aos Magos: *Secundum tempus, quod exquisierat à Magis.* [1] Vède, agora, quanto vae d'aquella estrella ás nossas estrellas, e da sua missão ás nossas. Deixadas as mais antigas, fizeram-se ultimamente duas, uma pelo rio dos Tocantins, outra pelo das Amazonas: e com que effeito? A primeira reduziu e trouxe a Christo a nação dos Topinambás, e a dos Pochiguáras; a segunda pacificou e trouxe á mesma fé a nação dos Nheengaibas e a dos Mamayanazes; e tudo isto em espaço de seis mezes. De maneira que a estrella dos Magos em dois annos trouxe a Christo tres homens, e as nossas em meio anno quatro nações. E como estes prégadores da fé por officio, por instituto, por obrigação, e por caridade, e pelo conhecimento e fama geral que têm entre aquelles barbaros, os vão buscar tão longe com tanto zelo, e lhes fallam em suas proprias linguas com tanto trabalho, e se accommodam á sua capacidade com tanto amor, e fazem por elles tantas outras finezas, que até nos brutos animaes costumam achar agradecimento; não é muito que elles os amem, que elles os estimem, que elles os defendam, e que antes ou depois de conhecerem e adorarem a Christo, quasi os adorem.

V

Agora se segue em contraposição admiravel ou estupenda (e por isso mais digna de attenção) vêr as causas por que os christãos perseguem, aborrecem, e lançam de si estes mesmos homens. Perseguirem os christãos a quem defendem os gentios, aborrecerem os do proprio sangue a quem amam os estranhos, lançarem de si os que teem uso de razão a quem recolhem, abraçam, e querem comsigo os barbaros: coisa era incrivel, se não estivera tão experimentada, e tão vista. E supposto que é assim, qual póde ser a causa? Com serem tão notaveis os effeitos, ainda a causa é mais notavel. Toda a causa de nos

[1] *Math.*, II, 16.

perseguirem aquelles chamados christãos, é porque fazemos pelos gentios o que Christo fez pelos Magos: *Procidentes adoraverunt eum: et responso accepto ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* [1] Toda a Providencia Divina para com os Magos consistiu em duas acções: primeira em os trazer aos pés de Christo por um caminho: segunda em os livrar das mãos de Herodes por outro. Não fôra grande semrazão, não fôra grande injustiça, não fôra grande impiedade, trazer os Magos a Christo, e depois entregal-os a Herodes? Pois estas são as culpas d'aquelles prégadores de Christo, e esta a unica causa por que se vêem, e os vêdes tão perseguidos. Querem que tragamos os gentios á fé, e que os entreguemos á cobiça: querem que tragamos as ovelhas ao rebanho, e que as entreguemos ao cutello: querem que tragamos os Magos a Christo, e que os entreguemos a Herodes. E porque encontramos esta semrazão, nós sômos os desarrasoados: porque resistimos a esta injustiça, nós sômos os injustos: porque contradizemos esta impiedade, nós sômos os impios.

Acabe de entender Portugal que não póde haver Christandade nem christandades nas conquistas, sem os ministros do Evangelho terem abertos e livres estes dois caminhos, que hoje lhes mostrou Christo. Um caminho para trazerem os Magos á adoração, e outro para os livrarem da perseguição: um caminho para trazerem os gentios á fé, outro para os livrarem da tyrannia: um caminho para lhes salvarem as almas, outro para lhes libertarem os corpos. N'este segundo caminho está toda a duvida, porque n'elle consiste toda a tentação. Querem que aos ministros do Evangelho pertença só a cura das almas, e que a servidão e captiveiro dos corpos seja dos ministros do Estado. Isto é o que Herodes queria. Se o caminho por onde se salvaram os Magos estivera á conta de Herodes, muito boa conta daria d'elles: a que deu dos Innocentes. Não é esse o governo de Christo. A mesma Providencia que teve cuidado de trazer os Magos a Christo por um caminho, essa mesma teve o cuidado de os livrar e pôr em salvo por outro; e querer dividir estes caminhos e estes cuidados, é querer que não

---

[1] *Math.*, II, 11 e 12.

haja cuidado, nem haja caminho. Ainda que um d'estes caminhos pareça só espiritual, e o outro temporal, ambos pertencem á Egreja e ás chaves de S. Pedro, porque por um abrem-se as portas do céo, e por outro fecham-se as do inferno. As egrejas novas hão-de-se fundar e estabelecer, como Christo fundou e estabeleceu a Egreja universal, quando, tambem, era nova. Que disse Christo a S. Pedro? *Super hanc Petram ædificabo ecclesiam meam: Tibi dabo claves regni cælorum: et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* [1] Que importa que Pedro tenha chaves das portas do céo, se prevalecerem contra elle e contra a Egreja as portas do inferno? Isto não é fundar nova egreja, é destruil-a em seus proprios fundamentos.

Não sei se reparaes em que deu Christo a S. Pedro não só chave, senão chaves: *Tibi dabo claves.* Para abrir as portas do céo, bastava uma só chave: pois porque lhe dá Christo duas? Porque assim como ha caminhos contra caminhos, assim ha portas contra portas: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* Ha caminhos contra caminhos, porque um caminho leva a Christo, e outro póde levar a Herodes: e ha portas contra portas, porque umas são as portas do céo, e outras as portas do inferno que o encontram. Por isso é necessario que as chaves sejam duas, e que ambas estejam na mesma mão. Uma com que Pedro possa abrir as portas do céo, e outra com que possa aferrolhar as portas do inferno: uma com que possa levar os gentios a Christo, e outra com que os possa defender do demonio, e seus ministros. E toda a teima do mesmo demonio, e do mesmo inferno, é que estas chaves e estes poderes se dividam, e que estejam em differentes mãos.

Não o entenderam assim os senhores reis que fundaram aquellas Christandades, e todas as das nossas conquistas, os quaes sempre uniram um e outro poder, e o fiaram sómente dos ministros do Evangelho: e a razão christã e politica que para isso tiveram, foi por terem conhecido e experimentado, que só quem converte os gentios, os zela e os defende; e que assim como dividir as almas dos corpos é matar, assim dividir estes dois cuidados é destruir. Por isso estão des-

[1] *Math.*, XVI, 18 e 19.

truidas e deshabitadas todas aquellas terras em tão poucos annos; e de tantas e tão numerosas povoações, de que só ficaram os nomes, não se vêem hoje mais que ruinas e cemiterios. Necessario é logo, não só para o espiritual, senão, tambem, para o temporal das conquistas, que os mesmos que edificam aquellas novas egrejas, assim como teem o zelo e a arte para as edificar, tenham juntamente o poder para as defender. Quando os Israelitas reedificavam o Templo e a cidade de Jérusalem, diz a Escriptura Sagrada, que cada um dos officiaes com uma mão fazia a obra, e na outra tinha a espada: *Una manu faciebat opus, et altera tenebat gladium.* [1] Pois não era melhor trabalhar com ambas as mãos, e fariam muito mais? Melhor era; mas não podia ser: Porque n'aquella mesma terra moravam os Samaritanos, os quaes, ainda que diziam que criam em Deus, resistiam e faziam cruel guerra á edificação do Templo; e como aos Israelitas lhes impediam a obra, era força fazel-a com uma mão, e defendel-a com a outra, sob pena de não ir a fabrica por diante. O mesmo lhes acontece aos edificadores d'aquellas novas Egrejas. Muito mais se obraria n'ellas, senão fosse entre inimigos, e entre homens de meia fé, quaes eram os Samaritanos. Mas como estes com todas as forças do seu poder (ou do poder que não é nem póde ser seu) impedem o edificio, é necessario trabalhar e juntamente defender. E se os mesmos trabalhadores não tiverem espada com que defendam o que trabalham, não só parará, como está parada a obra; mas perder-se-ha, como se vae perdendo, quanto com tanto trabalho se tem obrado.

Sim. Mas a espada é instrumento profano e leigo, e não diz bem em mãos sagradas. Primeiramente quem pôz a espada na mão dos que edificavam o Templo, foi Nehemias, o mais sabio, o mais santo principe e o mais zelador da honra de Deus que então havia no mundo. E se alguem tem os olhos tão delicados, que os offenda esta apparencia (que não é razão, senão pretexto) aparte-os um pouco de nós, e ponha-os em S. Paulo. Não vêdes a S. Paulo com a espada em uma mão, e o livro na outra? Estes são

1.º *Livro de Esdr.*, IV, 17.

os instrumentos, e as insignias, com que nos pinta e representa a Egreja aquelle grande homem, por antonomasia chamado o Apostolo. E porque? Porque traz Paulo em uma mão o livro, n'outra a espada? Porque Paulo entre todos os outros Apostolos foi o vaso de eleição escolhido particularmente por Christo para prégador dos gentios: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus:* [1] e quem tem por officio a prégação e conversão dos gentios, ha-de ter o livro em uma mão, e a espada na outra: o livro para os doutrinar, a espada para os defender. E se esta espada se tirar da mão de Paulo, e se metter na mão de Herodes, que succederá? Nadará toda a Belem em sangue innocente; e isso é o que vemos.

Mas porque não faça duvida o nome de espada, troquemos a espada em cajado, que é instrumento proprio dos pastores (como alli somos) e respondei-me: Quem tem obrigação de apascentar as ovelhas? O pastor. E quem tem obrigação de defender as mesmas ovelhas dos lobos? O pastor tambem. Logo o mesmo pastor que tem o cuidado de as apascentar, ha-de ter, tambem, o poder de as defender. Esse é o officio do pastor, e esse o exercicio do cajado. Lançar o cajado á ovelha para a encaminhar, e terçal-o contra o lobo para a defender. E vós quereis que este poder esteja em uns, e aquelle cuidado em outros? Não seja isso conselho dos lobos! Quando David andava no campo apascentando as suas ovelhas, e vinha o urso, ou o leão para lh'as comer, que fazia? Ia a Jérusalem buscar um ministro d'el-rei Saül, para que lh'as viesse defender? Não seria David, nem pastor, se assim o fizesse. Elle era o que as apascentava, e elle quem as defendia. E defendia-as de tal sorte, que das gargantas e das entranhas das mesmas féras as arrancava: porque se o lobo ou o leão lhe tinham engulido o cordeiro pela cabeça, tirava-lh'o pelos pés; e se lh'o enguliam pelos pés, tirava-lh'o pelas orelhas. Assim diz o propheta Amós (como quem tinha exercitado o mesmo officio) que faz e deve fazer quem é pastor: *Quomodo si eruat pastor de ore leonis duo crura, aut extremum auriculæ.* [2]

---

[1] *Act.*, IX, 15.
[2] *Amos*, III, 12.

E porque algum politico, máu grammatico e peior christão, não cuide que a obrigação do pastor é sómente apascentar, como parece o que significa a derivação do nome; saiba, que só quem apascenta e defende é pastor, e quem não defende, ainda que apascente, não. Faz Christo comparação entre o pastor e o mercenario, e diz assim: *Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis:* [1] o bom pastor defende as suas ovelhas, e dá por ellas a vida, se é necessario. *Mercenarius autem, et qui non est pastor;* porém o mercenario, e o que não é pastor, que faz? *Videt lupum venientem, et fugit, et lupus rapit, et dispergit oves:* [2] Quando vê vir o lobo para o rebanho, foge e deixa-o roubar e comer as ovelhas. O meu reparo agora, e grande reparo, é dizer Christo que o mercenario não é pastor: *Mercenarius autem, et qui non est pastor.* O mercenario, como diz o mesmo nome, é aquelle que por seu jornal apascenta as ovelhas. Pois se o mercenario tambem apascenta as ovelhas, porque diz Christo que não é pastor? Porque ainda que as apascenta não as defende: vê vir o lobo e foge. E é tão essencial do pastor o defender as ovelhas, que se as defende é pastor; se as não defende não é pastor: *Non est pastor.* Como Christo tinha fallado em bom pastor, cuidava eu que havia de fazer a comparação entre bom pastor, e máu pastor; e dizer que o bom pastor é aquelle que defende as ovelhas, e o máu pastor aquelle que as não defende. Mas o Senhor não fez a comparação entre ser bom, ou ser máu, senão entre ser, ou não ser. Diz que o que defende as ovelhas é bom pastor, e não diz que o que as não defende é máu pastor: porque? Porque o que não defende as ovelhas não é pastor bom, nem máu. Um lobo não se póde dizer que é bom homem, nem que é máu homem, porque não é homem. Da mesma maneira o que não defende as ovelhas, não se póde dizer que é bom pastor, nem máu pastor, porque não é pastor: *Non est pastor.* E sendo assim que a essencia do pastor consiste em defender as ovelhas dos lobos, não seria coisa muito para rir, ou muito para chorar, que os lobos puzessem pleito aos pastores, porque lhes defendem as ove-

[1] *Joan.*, x, 11 e 12.
[2] *Ibid.*

lhas? Lá dizem as fabulas que os lobos se quizeram concertar com os rafeiros; mas que citassem aos pastores, se lhes quizessem armar demanda, porque lhes defendiam o rebanho. Isso não o disseram as fabulas, dil-o-hão as nossas historias.

Mas quando disserem isto dos lobos, tambem dirão dos pastores, que muitos deram a vida pelas ovelhas: uns afogados das ondas, outros comidos dos barbaros, outros mortos nos sertões de puro trabalho e desamparo. Dirão que todos expozeram e sacrificaram as vidas pelos bosques, e pelos desertos entre as serpentes; pelos lagos e pelos rios entre os crocodilos; pelo mar e por toda aquella costa, entre parceis e baixios os mais arriscados e cegos de todo o Oceano. Finalmente, dirão que foram perseguidos, que foram prezos, que foram desterrados; mas não dirão, nem poderão dizer, que faltassem á obrigação de pastores, e que fugissem dos lobos como mercenarios: *Mercenarius autem fugit.* E esta é razão e obrigação, por que eu fallo aqui, e fallo tão claramente. S. Gregorio Magno, commentando estas mesmas palavras: *Mercenarius autem fugit*, diz assim: *Fugit, quia injustitiam vidit, et tacuit: fugit, quia se sub silentio abscondit.* Sabeis, diz o supremo Pastor da Egreja, quando foge o que não é verdadeiro pastor? Foge quando vê as injustiças, e em vez de bradar contra ellas, as cala: foge, quando devendo sahir a publico em defeza da verdade, se esconde, e esconde a mesma verdade debaixo do silencio. Bem creio que alguns dos que me ouvem, teriam por mais modestia e mais decencia, que estas verdades e estas injustiças se calassem; e eu o faria facilmente como Religioso, sem pedir grandes soccorros á paciencia: mas que seria, se eu assim o fizesse? Seria ser mercenario e não pastor: *Fugit, quia mercenarius est:* seria ser consentidor das mesmas injustiças que vi, e estando tão longe, não pude atalhar: *Fugit, quia injustiam vidit, et tacuit:* seria ser prodilor das mesmas ovelhas que Christo me entregou, e de que lhe hei-de dar conta, não as defendendo, e escondendo-me onde só as posso defender: *Fugit, quia se sub silentio abscondit.*

VI

E porque na appellação d'este pleito, em que a injustiça e violencia dos lobos ficou vencedora, é justo que, tambem, elles sejam ouvidos: assim como ouvistes balar as ovelhas no que eu tenho dito, ouvi tambem uivar os mesmos lobos, no que elles dizem.

Dizem que o chamado zelo com que defendemos os indios, é interesseiro e injusto: interesseiro, porque o defendemos para que nos sirvam a nós: e injusto, porque defendemos que sirvam ao povo. Provam o primeiro e cuidam que com evidencia, porque vêem que nas aldeias edificamos as egrejas com os Indios: vêem que pelos rios navegamos em canôas equipadas de Indios: vêem que nas missões por agua e por terra nos acompanham e conduzem os Indios: logo, defendemos e queremos os Indios para que nos sirvam a nós! Esta é a sua primeira consequencia muito como sua, da qual, porém, nos defende muito facilmente o Evangelho. Os Magos, que tambem eram Indios, de tal maneira seguiam, e acompanhavam a estrella, que ella não se movia, nem dava passo sem elles. Mas em todos estes passos, e em todos estes caminhos, quem servia, e a quem? Servia a estrella aos Magos, ou os Magos á estrella? Claro está que a estrella os servia a elles, e não elles a ella. Ella os foi buscar tão longe, ella os trouxe ao Presepio, ella os allumiava, ella os guiava; mas não para que elles a servissem a ella, senão para que servissem a Christo, por quem ella os servia. Este é o modo com que nós servimos aos Indios, e com que dizem que elles nos servem.

Se edificamos com elles as suas egrejas, cujas paredes são de barro, as columnas de páo tosco, e as abobadas de folhas de palma, sendo nós os mestres e os obreiros d'aquella architectura, com o cordel, com o prumo, com a enxada, e com a serra, e os outros instrumentos (que tambem nós lhes damos) na mão, elles servem a Deus e a si, nós servimos a Deus e a elles; mas não elles a nós. Se nos vêem buscar em uma canôa, como teem por ordem, nos logares onde não residimos, sendo isso, como é, para os ir doutrinar por seu turno, ou para ir sacramentar os enfermos a qualquer hora do dia ou da noite, em dis-

tancia de trinta, de quarenta, e de sessenta legoas, não nos veem elles servir a nós, nós sômos os que os imos servir a elles. Se imos em missões mais largas a reduzir e descer os gentios, ou a pé, e muitas vezes descalços, ou embarcados em grandes tropas á ida, e muito maiores á vinda, elles e nós, imos em serviço da Fé e da Republica, para que tenha mais subditos a Egreja e mais vassallos a Corôa: e nem os que levamos, nem os que trazemos, nos servem a nós, senão nós a uns e a outros, e ao rei e a Christo. E porque d'este modo, ou nas aldeias, ou fóra d'ellas nos vêem sempre com os Indios, e os Indios comnosco, interpretam esta mesma assistencia tanto ás avessas, que em vez de dizerem que nós os servimos, dizem que elles nos servem.

Veiu o Filho de Deus do céo á terra a salvar o mundo; e sempre andava acompanhado, e seguido dos mesmos homens a quem veiu salvar. Seguiam-no os Apostolos, que eram doze: seguiam-no os Discipulos, que eram setenta e dois: seguiam-no as turbas, que eram muitos milhares: e quem era aqui o que servia, ou era servido? O mesmo Senhor o disse: *Non venit ministrari sed ministrare:* [1] Eu não vim a ser servido, senão a servir. E todos estes que me seguem e me assistem, todos estes que eu vim buscar, e me buscam, eu sou o que os sirvo a elles, e não elles a mim. Era Christo mestre, era medico, era pastor, como elle disse muitas vezes. E estes mesmos são os officios em que servem aos gentios e christãos aquelles ministros do Evangelho. São mestres, porque cathequizam e ensinam a grandes e pequenos, e não uma, senão duas vezes no dia: e quando o mestre está na aula ou na eschola, não são os discipulos os que servem ao mestre, senão o mestre aos discipulos. São medicos, porque não só lhes curam as almas, senão tambem os corpos, fazendo-lhes o comer e os medicamentos, e applicando-lh'os por suas proprias mãos ás chagas, ou ás doenças, por asquerosas que sejam; e quando o medico cura os enfermos, ou cura d'elles, não são os enfermos os que servem o medico, senão o medico aos enfermos. São pastores, porque teem cuidado de dar o pasto ás ovelhas e a creação aos cor-

[1] *Math.*, xx, 28

deiros, vigiando sobre todo o rebanho de dia e de noite: e quando o pastor assim o faz, e n'isso se desvela, não são as ovelhas as que servem ao pastor, senão o pastor ás ovelhas. Mas porque isto não serve aos lobos, por isso dizem que os pastores se servem.

Quanto aos interesses não tenho eu que dizer; porque todos os nossos haveres elles os teem em seu poder. Assim como nos prenderam e desterraram, assim se apoderaram tambem das nossas choupanas, e de quanto n'ellas havia. Digam, agora, o que acharam. Acharam oiro e prata; mas só á dos calices e custodias. Nos altares acharam sacrarios, imagens e reliquias: nas sacristias ornamentos, não ricos, mas decentes e limpos: nas cellas de taipas pardas e telha vã, alguns livros, cathecismos, disciplinas, cilicios, e uma tabua ou rede em logar de camas, porque as que levámos de cá se dedicaram a um hospital, que não havia; e se nos nossos guarda-roupas se acharam alguns mantéos, e sotainas remendadas, eram de algodão grosseiro, tinto na lama, como o calçado de pelles de veado e porco montez, que são as mesmas galas com que aqui apparecemos. Finalmente, é certo que os Magos achariam no Presepio mais pobreza; mas mais provado desinteresse não. Diz o Evangelista, que os Magos abrindo os seus thesouros, offereceram a Christo oiro, incenso e mirrha: *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham.* [1] Mas não sei se reparaes, que dizendo-se que os thesouros foram offerecidos, não se diz se foram aceitados ou não. A opinião commum dos Doutores é que sim: comtudo, outros duvidam e com fundamento: porque d'ahi a poucos dias indo a Virgem Mãe apresentar o seu primogenito no Templo, conforme a Lei, e dispondo a mesma Lei que os pobres offerecessem duas rolas ou dois pombinhos, e os que tivessem mais posses um cordeiro, a Senhora não offereceu cordeiro, senão, como diz o Texto: *Par turturum, aut duos pullos columbarum.* [2] D'onde parece se colhe que a Santa Familia do Presepio não aceitou os thesouros dos Magos; porque se tivera oiro, offerecera cordeiro. De maneira, que é certo e de fé que os thesouros se offere-

[1] *Math.*, II, 11.
[2] *Luc.*, II, 24.

ceram, mas ficou em opinião e em duvida se se aceitaram ou não. Por isso eu digo que sendo tão grande a pobreza do Presepio, a nossa n'aquellas terras está mais provada. Na pobreza do Presepio é certo que houve thesouros, e é duvidoso se foram aceitados: na nossa nem ha esta certeza, nem póde haver esta duvida; porque os Magos que trazemos a Christo, e a gente a quem servimos é tão pobre e tão miseravel que nem elles teem que offerecer, nem nós temos que aceitar.

Resta a segunda parte da queixa, em que dizem que defendemos os Indios, porque não queremos que sirvam ao povo. A tanto se atreve a calumnia, e tanto cuida que póde desmentir a verdade! Consta authenticamente n'esta mesma côrte que no anno de 1665 vim eu a ella, só a buscar o remedio d'esta queixa, e a estabelecer como levei estabelecido por Provisões reaes) que todos os Indios sem excepção servissem ao mesmo povo, e o servissem sempre: e o modo, a repartição e a egualdade com que haviam de servir, para que fosse bem servido. Vêde se podia desejar mais a cubiça, se com ella pudesse andar junta a consciencia. Não posso, porém, negar que todos n'esta parte, e eu em primeiro logar sômos muito culpados. E porque? Porque devendo defender os gentios que trazemos a Christo, como Christo defendeu os Magos, nós, accommodando-nos á fraqueza do nosso poder, e á força do alheio, cedemos da sua justiça, e faltamos á sua defeza. Como defendeu Christo os Magos? Defendeu-os de tal maneira que não consentiu que perdessem a patria, nem a soberania, nem a liberdade: e nós não só consentimos que os pobres gentios que convertemos, percam tudo isto, senão que os persuadimos a que o percam, e o capitulamos com elles, só para vêr se se póde contentar a tyrannia dos christãos; mas nada basta. Christo não consentiu que os Magos perdessem a patria, porque *reversi sunt in regionem suam:* [1] e nós não só consentimos que percam a sua patria aquelles gentios, mas sômos os que á força de persuasões e promessas (que se lhes não guardam) os arrancamos das suas terras, trazendo as povoações inteiras a viver ou a morrer junto das nossas. Christo não consentiu que os Magos perdessem a soberania,

[1] *Math.*, II, 12.

porque reis vieram, e reis tornaram: e nós não só consentimos que aquelles gentios percam a soberania natural com que nasceram e vivem isentos de toda a sujeição; mas sômos os que sujeitando-os ao jugo espiritual da Egreja, os obrigamos, tambem, ao temporal da corôa, fazendo-os jurar vassallagem. Finalmente, Christo não consentiu que os Magos perdessem a liberdade, porque os livrou do poder e tyrannia de Herodes, e nós não só não lhes defendemos a liberdade, mas pacteamos com elles e por elles, como seus curadores, que sejam meios captivos, obrigando-se a servir alternadamente ametade do anno. Mas nada d'isto basta para moderar a cubiça e tyrannia dos nossos calumniadores, porque dizem que são negros, e hão-de ser escravos.

Já considerei algumas vezes porque permittiu a Divina Providencia ou ordenou a Divina Justiça, que aquellas terras e outras visinhas fossem dominadas dos hereges do Norte. E a razão me parece que é porque nós sômos tão pretos em respeito d'elles, como os Indios em respeito de nós; e era justo que pois fizemos taes leis, por ellas se executasse em nós o castigo. Como se dissera Deus, já vós fazeis captivos a estes porque sois mais brancos que elles, eu vos farei captivos de outros que sejam, tambem, mais brancos que vós. A grande semrazão d'esta injustiça declarou Salomão em nome alheio com uma demonstração muito natural. Introduz a Ethiopiza, mulher de Moysés, que era preta, fallando com as senhoras de Jérusalem, que eram brancas, e por isso a despresavam, e diz assim: *Filiæ Jérusalem, nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me sol:* [1] se me desestimaes porque sois brancas, e eu preta, não considereis a côr, considerae a causa: considerae que a causa d'esta côr é o sol, e logo vereis quão inconsideradamente julgaes. As nações, umas são mais brancas, outras mais pretas, porque umas estão mais visinhas, outras mais remotas do sol. E póde haver maior inconsideração do entendimento, nem maior erro do juiso entre homens, que cuidar eu que hei-de ser vosso senhor, porque nasci mais

[1] *Cant.*, I, 5.

longe do sol, e que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes mais perto?!

Dos Magos, que hoje vieram ao Presepio, dois eram brancos e um preto, como diz a tradição: e seria justo que mandasse Christo, que Gaspar e Balthasar, porque eram brancos, tornassem livres para o Oriente, e Belchior, porque era pretinho, ficasse em Belem por escravo, ainda que fosse de S. José? Bem o pudera fazer Christo, que é Senhor dos senhores; mas quiz-nos ensinar que os homens de qualquer côr, todos são eguaes por natureza, e mais eguaes ainda por fé, se crêem e adoram a Christo, como os Magos. Notavel coisa é, que sendo os Magos reis, e de differentes côres, nem uma nem outra coisa dissesse o Evangelista! Se todos eram reis, porque não diz que o terceiro era preto? Porque todos vieram adorar a Christo, e todos se fizeram christãos. E entre christão e christão não ha differença de nobreza, nem differença de côr. Não ha differença de nobreza, porque todos são filhos de Deus; nem ha differença de côr, porque todos são brancos. Essa é a virtude da agua do Baptismo. Um Ethiope se se lava nas aguas do Zaire fica limpo, mas não fica branco: porém na agua do Baptismo sim, uma coisa e outra: *Asperges me hyssopo, et mundabor:* eil-o ahi limpo: *Lavabis me, et super nivem dealbabor:* [1] eil-o ahi branco. Mas é tão pouca a razão, e tão pouca a fé d'aquelles inimigos dos Indios, que depois de nós os fazermos brancos pelo Baptismo, elles os querem fazer escravos por negros.

Não é minha tenção que não haja escravos; antes procurei n'esta côrte, como é notorio e se póde vêr da minha proposta, que se fizesse, como se fez, uma junta dos maiores lettrados sobre este ponto, e se declarassem como se declararam por lei (que lá está registrada) as causas do captiveiro licito. Mas porque nós queremos só os licitos, e defendemos os illicitos, por isso nos não querem n'aquella terra, e nos lançam d'ella. O mesmo succedeu a S. Paulo, se bem a terra não era de christãos. Em Philippos, cidade de Macedonia, havia uma escrava possuida do demonio, o qual fallava n'ella e dava oraculos, e adivinhava muitas coi-

[1] *Psal.*, L, 9.

sas, e por esta habilidade ganhava muito a escrava a seus senhores. Compadeceu-se d'ella S. Paulo, que alli se achava em missão com seu companheiro Sila: lançou fóra o demonio d'aquelle corpo duas vezes captivo. E que premio ou agradecimento teve elle e seu companheiro d'este beneficio? Amotinou-se contra elles todo o povo; prenderam-nos, maltrataram-nos, e lançaram-nos da cidade. Pois porque os Apostolos lançam o demonio fóra da escrava, por isso os lançam a elles fóra da terra? Por ventura Paulo e Sila tiraram a escrava a seus senhores, ou disseram que não era escrava, e que os não servisse? Nem por pensamento. Pois porque os maltratam, porque os prendem, porque os desterram? Porque os senhores da escrava não só queriam a escrava, senão a escrava e mais o demonio. Aqui bate o ponto de toda a controversia, e por isso não concordamos. Nós queremos que tenham escravos, mas sem demonio; elles não querem escravos senão com o demonio: e porque? O mesmo Texto dá a razão, que em uns e outros é a mesma: *Quia exivit spes quæstus eorum:* [1] porque tendo a escrava sem o demonio, perdiam toda a esperança dos seus interesses. Os escravos licitos e sem demonio são muito poucos; os illicitos e com o demonio são quantos elles querem captivar, e quantos captivam: e como o seu interesse (posto que interesse infernal) consiste em terem escravos com o demonio, por isso querem antes o demonio que os Apostolos, e por isso os lançam de si: *Quia exivit spes quæstus eorum, perduxerunt Paulum et Silam.*

Convencidos e confundidos d'esta evidencia, ainda fallam, ainda replicam; e que dizem? O que se não atreveu a dizer Herodes, posto que o fez. Dizem que se não pódem sustentar, nem o Estado se póde conservar d'outro modo. Vêde que razão esta para se ouvir com ouvidos catholicos, e para se articular e apresentar diante de um tribunal ou rei christão! Não nos podemos sustentar d'outra sorte, senão com a carne e sangue dos miseraveis Indios! Então elles são os que comem gente? Nós, nós sômos os que os imos comer a elles. Esta era a fome insaciavel dos máus criados de Job: *Quis det de carnibus ejus ut satura-*

[1] *Act.*, XVI, 19.

mur: [1] e esta era a injustiça e crueldade de que Deus mais se sentia em seus máus ministros: *Qui devorant plebem meam sicut escam panis.* [2] E porque os prégadores do Evangelho, que são os que vão buscar estas innocentes victimas, e as não querem entregar ao açougue e matadoiro; fóra, fóra das nossas terras. Quando Christo chamou aos Apostolos, disse-lhes que os havia de fazer pescadores de homens: *Faciem vos fieri piscatores hominum.* [3] Assim nos fez, e assim o fazemos nós, e n'isso se occupam as nossas rêdes, e se cançam os nossos braços. Mas para que entendam e se desenganem todos, lá e cá, que esses homens não os havemos nós de pescar para que elles os comam; advirtam, e notem bem, que se Christo chamou aos Apostolos pescadores, tambem lhes chamou sal: *Vos estis sal terræ.* [4] Pois os pescadores hão-de ser sal, e os Apostolos sal, e juntamente pescadores? Sim. O pescador pesca, o sal conserva. E esta é a differença que ha entre os pescadores de homens, e os pescadores de peixes: os pescadores de peixes pescam os peixes para que se comam; os pescadores de homens hão-de pescar os homens para que se conservem. Veja-se em todo o resto d'aquella America se houve alguns Indios que se conservassem senão os da nossa doutrina. Por isso nos não querem a nós, por isso querem os que lh'os ajudam a comer: e estas são as nossas culpas.

O justo castigo que os homens nos dão por ellas bem se vê: o que Deus lhes ha-de dar a elles, e o premio com que nos ha-de pagar a nós, o mesmo castigo, tambem o tem promettido. Antevia Christo, como sabedoria infinita, que os seus apostolos a quem mandava prégar pelo mundo, haviam de encontrar-se com homens tão inimigos da verdade e da justiça, que os não consentiriam comsigo, e os lançariam das suas terras, (bem assim como os Gerasenos lançaram das suas ao mesmo Christo) e, para que estivessem e fossem prevenidos, primeiramente deu-lhes a instrucção do modo com que se haviam de haver em similhantes

[1] *Job.*, XXXI, 31.
[2] *Psal.*, XIII, 4.
[3] *Math.*, IV, 19.
[4] *Ibid.*, V, 13.

casos: *Quicumque non receperint vos, neque audierint sermones vestros, exeuntes foras de domo, vel civitate, excutite pulverem de pedibus vestris, in testimonium illis:* [1] quando os homens, quaesquer que sejam, não receberem vossa doutrina, e vos lançarem de sua casas e cidades, o que haveis de fazer authenticamente diante de todos, é sacudir o pó dos sapatos, para que esse pó seja testemunha de que puzestes os pés n'aquella terra, e ella vos lançou de si. Assim o fizeram S. Paulo e S. Barnabé quando foram lançados de Pisidia: e assim o fiz eu tambem. E que mais diz Christo para que os mesmos Apostolos se não desconsolassem, antes se gloriassem muito d'estes desterros e da causa d'elles? — Sabeis, lhes diz o mesmo Senhor, que quando os homens assim vos aborrecerem, e vos apartarem e lançarem de si, então sereis bemaventurados, porque então sereis meus verdadeiros discipulos: e depois o sereis tambem, porque no céo tereis o galardão que vos não sabe nem póde dar a terra: *Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejecerint nomen vestrum tanquam malum propter Filium Hominis: gaudete, et exultate: ecce enim merces vestra multa est in cœlo.* [2]

Este é o premio com que Christo (bemdito Elle seja) nos ha-de pagar, e paga já de contado, a paciencia d'estas injurias, remunerando de antemão no seguro de sua palavra, estes trabalhos com aquelle descanso, estes desterros com aquella patria, e estas affrontas com aquella gloria, para que ninguem nos tenha lastima, quando o céo nos tem inveja. Mas porque os auctores de tamanhos escandalos não cuidem que elles e suas terras hão-de ficar sem o devido castigo, conclue, finalmente, o justo Juiz com esta temerosa sentença: *Amen dico vobis: Tolerabilius erit terræ Sodomorum, et Gomorrhæorum, quam illi civitati:* [3] de verdade vos digo, que o castigo das cidades de Sodoma e Gomorrha, sobre as quaes choveram raios, ainda foi mais moderado e mais toleravel do que será o que está apparelhado não só para as pessoas, senão para

[1] *Math.*, x, 14; *Luc.*, ix, 5; *Marc.*, vi, 11.
[2] *Luc.*, vi, 22.
[3] *Math.*, x, 15.

as mesmas terras, d'onde os meus prégadores forem lançados. Tal é a sentença que tem decretada a Divina Justiça contra aquella mal aconselhada gente, por cujo bem e remedio eu tenho passado tantos mares e tantos perigos. Praza á Divina Misericordia perdoar-lhes, pois não sabem o que fazem. E para que lhes não falte o perdão da parte; assim como meus companheiros e eu lh'o temos já dado de coração, assim, agora, lh'o torno a ratificar aqui publicamente *coram Deo, et hominibus*, em nome de todos.

VII

Supposto, pois, que não peço nem pretendo castigo, e o que só desejo é o remedio; quero acabar este largo mas forçoso discurso, apontando brevemente os que ensina o Evangelho. O primeiro e fundamental de todos era que aquellas terras fossem povoadas com gente de melhores costumes, e verdadeiramente christã. Por isso no regimento dos Governadores a primeira coisa que muito se lhes encarrega é que a vida e procedimento dos Portuguezes seja tal que com o seu exemplo e imitação se convertam os gentios. Assim está disposto santissimamente, porque, como diz S. João Chrysostomo, se os christãos viveram conforme a lei de Christo, toda a gentilidade estivera já convertida: *Nemo profectò gentilis esset, si ipsi, ut oportet, Christiani esse curaremus.* Mas é coisa muito digna, não sei se de admiração se de riso, que no mesmo tempo em que se dá este regimento aos Governadores, e nos mesmos navios em que elles vão embarcados, os povoadores que se mandam para as mesmas terras são os criminosos e malfeitores tirados do fundo das enxovias, e levados a embarcar em grilhões, a quem já não póde fazer bons o temor de tantas justiças! E estes degradados por suas virtudes, e talvez marcados por ellas, são os santinhos que lá se mandam, para que com o seu exemplo se convertam os gentios, e se acrescente a christandade. Aquelles Samaritanos, que acima dissemos impediam a edificação do Templo, eram degradados por el-rei Salmanazar de Assyria e Babylonia, para povoadores da Samaria que elle tinha conquistado; e diz a His-

toria Sagrada que o que lá fizeram foi ajuntar os costumes que levavam da sua terra com os que acharam em Samaria; e assim eram meios fieis, e meios gentios: *Et cum Dominum colerent, diis quoque suis serviebant juxta consuetudinem gentium de quibus translati fuerant Samariam.* [1] Isto mesmo se experimenta, e é força que succeda nas nossas conquistas, com similhantes povoadores. Mas como este erro fundamental já não póde ter remedio, vamos aos que de presente e para o futuro nos ensina o Evangelho.

O primeiro é a boa eleição dos sugeitos a quem se commette o governo. E para que a eleição seja boa, que parte hão-de ter os eleitos? Eu me contento com uma só. E qual? Que sejam ao longe o que promettem ao perto. Herodes encommendou muito aos Magos que fizessem diligencia pelo Rei nascido que buscavam, e que tanto que o achassem, lhe fizessem logo aviso para que, tambem, elle o fosse adorar: *Ut et ego veniens adorem eum.* [2] Ah hypocrita! Ah traidor! E para tu adorares a Christo é necessario que vás onde elle estiver: *Ut et ego veniens?* Tanto podia Herodes adorar a Christo desde Jérusalem, onde elle estava, como em Belém, ou em qualquer outra parte, onde o Senhor estivesse: mas estes são e estes costumam ser os Herodes. Em Belem e ao perto adoram; desde Jérusalem e ao longe, não adoram. Antes de ir e quando veem, adoram: *Ut et ego veniens;* mas em quanto estão lá tão longe, nem adoram, nem têm pensamento de adorar, como Herodes; e se não machinam contra o rei em sua pessoa, machinam contra elle e suas leis, á custa da vida e sangue dos innocentes. Bom Daniel e fiel ministro de seu Senhor. Estava Daniel em Babylonia, e diz o Texto sagrado, que todos os dias tres vezes abria as janellas que ficavam para a parte de Jérusalem, e prostrado de joelhos adorava: *Apertis fenestris in cœnaculo suo contra Jérusalem, tribus temporibus in die flectebat genua sua, et adorabat.* [3] De Babylonia não se podia vêr Jérusalem, distante tantos centos de leguas, quantas ha desde o Monte Sion ao rio Euphrates: pois

[1] *4.º Livro dos Reis*, XVII, 33.
[2] *Math.*, II, 8.
[3] *Dan.*, VI, 10.

porque adorava Daniel para a parte de Jerusalem? Porque Jérusalem n'aquelle tempo era a côrte de Deus, o Templo o seu palacio, e o Propiciatorio sobre azas de cherubins o seu throno: e essa era a obrigação de fiel ministro: adorar a seu Senhor, e adoral-o sempre, e adoral-o de toda a parte, ainda que fosse tão distante como Babylonia. Em Jérusalem adorava Daniel de perto, em Babylonia adorava de longe; isto é o que nota e encarece a Escriptura, não que adorasse de perto, que isso fazem todos; mas que adorasse de longe e de tão longe. E porque ao longe ha poucos Danieis, e muitos Herodes, por isso convém que os que hão-de governar em terras tão remotas, sejam aquelles que façam ao longe o que promettem ao perto.

Mas costuma isto ser tanto pelo contrario, que só o verem-se tão longe lhes tira todo o temor do rei, e toda a reverencia do seu nome. Entraram os Magos por Jérusalem perguntando: *Ubi est qui natus est rex Judæorum?* [1] E que effeitos causou em Herodes esta voz do nome real? *Audiens autem Herodes rex, turbatus est:* [2] tanto que ouviu nomear rei, turbou-se, perdeu as côres, e ficou fóra de si de medo. Assim havia de ser o nome de rei, ou pronunciado ou escripto, em qualquer parte da sua monarchia, por distante que seja. Havia de ser um trovão prenhe de raios, que fizesse tremer as cidades, as fortalezas, os portos, os mares, os montes, quanto mais os homens. Mas os que se vêem além da Linha, ou debaixo d'ella, fazem tão pouco caso d'estas trovoadas, que em vez de tomarem do coração de Herodes o *Turbatus est*, tomam da bocca dos Magos o *Ubi est*. Onde está el-rei? Em Portugal? Pois se elle lá está, nós estamos cá. *Ille se jactet in aula.* Mande elle de lá o que mandar, nós faremos cá o que nos bem estiver. São como aquelles hereges, que construindo a seu sabor o verso de David, diziam: *Cælum cæli Domino, terram autem dedit filiis hominum:* [3] esteja-se Deus no seu céo, que nós estamos cá na nossa terra. E que ha-de fazer a pobre terra

[1] *Math.*, II, 2.
[2] *Ibid.*, 3.
[3] *Psal.*, CXIII, 16.

com taes governadores? O que elles quizerem, ainda que seja muito contra si, e muito a seu pezar. Não temos o Texto longe.

Turbatus est Herodes, et omnis Jerosolyma cum illo: [1] perturbou-se Herodes e toda a Jérusalem com elle. Perturbar-se Herodes, rei intruso e tyranno, temendo que o legitimo Senhor o privasse da corôa, que não era sua, razão tinha; mas que se perturbe juntamente Jérusalem, quando era a melhor e mais alegre nova que podia ouvir?! Não suspirava Jérusalem e toda a Judéa pela vinda do Messias? Não gemia debaixo da violencia de Herodes? Não desejava sacudir o jugo, e libertar-se de sua tyrannia? Pois porque se perturba, ou mostra perturbada, quando Herodes se perturba? Porque tão despotica, como isto, é a sujeição dos tristes povos debaixo do dominio de quem os governa e mais quando são tyrannos. Hão-de fazer o que elles querem, e hão-de querer o que elles fazem, ainda que lhes peze. Dizem que os que governam são espelho da republica: não é assim, senão ao contrario. A republica é o espelho dos que a governam. Porque assim como o espelho não tem acção propria, e não é mais que uma indifferença de vidro, que está sempre exposta a retratar em si os movimentos de quem tem diante, assim o povo, ou republica sujeita, se se move, ou não se move, é pelo movimento ou socego de quem a governa. Se Herodes se não perturbara, não se havia de perturbar Jérusalem: perturbou-se porque elle se perturbou: *Turbatus est Herodes, et omnis Jerosolyma cum illo.* O perturbado foi um, e as perturbações foram duas: uma em Herodes, e outra em Jérusalem: em Herodes foi acção, em Jérusalem reflexo, como em espelho. Por isso o Evangelista exprimiu só a primeira: *Turbatus est;* e debaixo d'ella entendeu ambas. Assim que todas as vezes que Jérusalem se inquieta, Herodes tem a culpa; e se acaso a não tem toda, tem a primeira. *Et omnis Jerosolyma cum illo:* ou com elle, porque elle faz a inquietação; ou com elle, porque a manda; ou com elle, porque a consente; ou com elle, porque a dissimula; ou com elle, quando menos, porque, devendo e podendo, a não impede; mas sempre e

[1] *Math.*, II, 3.

de qualquer modo com elle: *Cum illo.* De maneira, em fim, que na eleição d'estes *elles* consiste a paz, o socego e o bom governo das conquistas. E este é o primeiro remedio do Evangelho, ou primeiro Evangelho do remedio.

O segundo remedio é que as Congregações ecclesiasticas d'aquelle estado sejam compostas de taes sujeitos, que saibam dizer a verdade e que a queiram dizer. Para Herodes responder á proposta e pergunta dos Magos que fez? *Congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur.* [1] A proposta e pergunta era, em que logar havia de nascer o Messias, e para isso fez uma congregação, ou junta, em que entraram as pessoas ecclesiasticas de maior auctoridade e lettras que havia em Jérusalem. Era Herodes tyranno, e comtudo mostrou estas duas grandes partes de principe; que perguntava, e perguntava a quem havia de perguntar: as materias ecclesiasticas aos ecclesiasticos, e as das lettras aos lettrados, e d'estes aos maiores. Por isso compoz a congregação de sacerdotes e professores de lettras; mas não de quaesquer sacerdotes, nem de quaesquer lettrados, senão dos que no sacerdocio e na sciencia, na synagoga e no povo, tinham os primeiros logares: *Congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi.* E que se seguiu d'esta eleição de pessoas tão acertada? Tudo o que se pertendia.

O primeiro effeito, e muito notavel, foi que sendo tantos, todos concordaram. Raramente se vê uma junta em que não haja diversidade de pareceres, ainda contra a razão e verdade manifesta, principalmente quando se conhece a inclinação do rei, como aqui estava conhecida a de Herodes na sua perturbação; e comtudo todos os d'esta grande junta concordaram na mesma resposta, todos allegaram o mesmo Texto, e todos o entenderam no mesmo sentido: *At illi dixerunt ei in Bethlehem Juda: sic enim scriptum est per prophetam. Et tu Bethlehem terra Juda, etc.* [2] E porque todos concordaram sem discrepancia, d'este primeiro effeito se seguiu o segundo, e principalmente pertendido, que era encaminhar os Magos com certeza ao

---

[1] *Math.*, II, 4.
[2] *Ibid.*, 5 e 6.

logar do nascimento de Christo, para que infallivelmente o achassem e adorassem, como acharam e adoraram. Tanto importa que similhantes congregações sejam compostas de homens que tenham lettras. Cuida-se cá, que para aquellas partes bastam ecclesiasticos que saibam a fórma do baptismo e a doutrina christã; e não se repara que elles são os que nos pulpitos pregam de publico, elles os que absolvem de secreto nos confessionarios, (onde é maior o perigo) e que elles por disposição das leis reaes são os interpretes das mesmas leis, de que dependem as liberdades de uns, as consciencias de outros, e a salvação de todos. E se estes (como succede ou póde succeder) não tiverem mais lettras que as do A B C, que conselhos, que resoluções, que sentenças hão-de ser as suas? Pergunto: Se os sacerdotes e lettrados de Jérusalem se dividissem em opiniões: se uns dissessem que o Messias havia de nascer em Belem, outros em Nazareth, outros em Jericó: se uns voltassem para Galiléa, outros para Judéa, outros para Samaria, que haviam de fazer os Magos? E 'certo que n'este caso ou desesperados se haviam de tornar para as suas terras, como muitos se tornam, ou que, perseverando em buscar a Christo, no meio de tanta confusão o não achariam. Uma das principaes causas por que está Christo tão pouco achado, ou porque está tão perdido n'aquellas conquistas, é pela insufficiencia dos sujeitos ecclesiasticos que lá se mandam. Christo, uma vez que se perdeu, achou-se entre os Doutores: e onde estes faltam, que lhe ha-de succeder? Entre Doutores achou-se depois de perdido: onde elles faltam, perder-se-ha depois de achado. E isto é o que vêmos. Por isso Herodes depois que fez aquella congregação de homens tão doutos, logo suppoz que os Magos sem duvida haviam de achar a Christo: *Et cum inveneritis renuntiate mihi.*

Este é, como dizia, o segundo remedio que nos descobre o Evangelho. E se acaso nos descontenta, por ser praticado de tão ruim auctor como Herodes, (sem advertir que muitas vezes os máus governam tão bem como os bons, e melhor que os muito bons) imitemos ao menos o exemplo do nosso grande conquistador el-rei D. Manuel de felicissima memoria, tão amplificador do seu imperio, como do de Christo, de quem lêmos, que o primeiro sacerdote que enviou

ás conquistas foi seu proprio confessor. Não fiou a salvação d'aquellas almas senão de quem fiava a propria consciencia; porque sabia que estava egualmente obrigado em consciencia a tratar d'ellas, e dos meios proporcionados á sua salvação. Mas para que é recorrer a exemplos meramente humanos, onde temos presente o do mesmo Rei e Salvador do universo? No tempo do nascimento de Christo dividiu-se o mundo em duas nações, em que se comprehendiam todas: a judaica e a gentilica; e para o Senhor fundar em ambas a nova Egreja christã que vinha edificar e propagar, bem sabemos quaes foram os sujeitos que escolheu. Aos Pastores, que eram judeus, mandou um anjo: aos Magos, que eram gentios, mandou uma estrella. E porque estrellas e anjos entre todas as creaturas? Porque as estrellas são luz, e os anjos são espiritos. Quem não tem luz, não póde guiar: quem não tem espirito, não póde converter. E nós queremos converter o mundo sem anjos, e com trévas. Notou muito bem aqui a Glossa, que assim o anjo como a estrella foram missionarios trazidos do céo: e de lá era bem que viessem todos; mas já que os não podemos trazer do céo, como Christo, porque não mandaremos os melhores ou menos máus da terra?

O terceiro e ultimo remedio, e que sendo um abraça muitos, é que todos os que forem necessarios para a boa administração e cultura d'aquellas almas, se lhes devem não só conceder, mas applicar effectivamente, sem os mesmos gentios, ou novamente christãos (nem outrem por elles) o pedirem ou procurarem. Diz com advertencia e mysterio particular o nosso Texto, que estando os Magos dormindo, se lhes deu a resposta do que haviam de fazer para se livrarem das mãos de Herodes: *Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem.* [1] Na palavra *responso accepto* reparo muito. Os Magos em Belem perguntaram alguma coisa? Pediram alguma coisa? Fallaram alguma coisa? Ao menos no ponto particular de Herodes, sobre que foram respondidos, é certo que nem uma só palavra disseram. Pois se não fallaram, se não pediram, se não propuzeram, ou perguntaram; como se diz que foram respondidos: *Responso accepto?* Esse é o mysterio,

[1] *Math.*, II, 12.

e o documento admiravel de Christo a todos os reis que trazem gentios á fé. Os Magos eram gentios ou christãos novamente convertidos da gentilidade; e os gentios ou christãos novamente convertidos, onde ha fé, razão, e justiça, hão-de ser respondidos, sem elles fallarem; hão-de ser despachados, sem elles requererem; hão-de ser remediados, sem elles pedirem. Não ha-de haver petição, e ha-de haver despacho: não ha-de haver requerimento, e ha-de haver remedio: não ha-de haver proposta e ha-de haver resposta: *Responso accepto.*

Sim: mas se elles não requerem, quem ha-de requerer por elles? Muito bom procurador: quem requereu n'este caso. São Jeronymo diz que o auctor da resposta foi o mesmo Christo por sua propria Pessoa: Santo Agostinho diz que foi por mediação e ministerio de anjos: e tudo foi. Foi Christo como verdadeiro rei, e foram os anjos como verdadeiros ministros. Nos outros casos e com os outros vassallos, os reis e os ministros são os requeridos: n'este caso e com esta gente, os reis e os ministros hão-de ser os requerentes. Elles são os que lhes hão-de requerer a fé, elles os que lhes hão-de requerer a liberdade, elles os que lhes hão-de requerer a justiça, elles, finalmente, os que lhes hão-de requerer, negociar e fazer effectivo tudo quanto importar á sua conversão, quietação e segurança, sem que aos mesmos gentios, ou antes ou depois de convertidos, lhes custe o menor cuidado. Que cuidavam ou que faziam os Magos, quando foram respondidos? E' circumstancia muito digna de que a considerem os que teem a seu cargo este encargo: *Et responso accepto in somnis.* Os Magos estavam dormindo, bem ignorantes do seu perigo, e bem descuidados do seu remedio, e no mesmo tempo o bom rei, e os bons ministros estavam traçando e dispondo os meios, não só da salvação de suas almas, senão da conservação, descanço, e segurança de suas vidas.

E se alguem me perguntar a razão d'esta differença, e da maior obrigação d'este cuidado, ácerca dos gentios e novos christãos das conquistas, em respeito ainda dos mesmos vassallos portuguezes e naturaes, muito me espanto que haja quem a ignore. A razão é, porque o reino de Portugal, em quanto reino e em quanto monarchia, está obrigado, não só de caridade

mas de justiça, a procurar effectivamente a conversão e salvação dos gentios, á qual muitos d'elles por sua incapacidade e ignorancia invencivel não estão obrigados. Tem esta obrigação Portugal em quanto reino, porque este foi o fim particular para que Christo o fundou e instituiu, como consta da mesma instituição. E tem esta obrigação em quanto monarchia, porque este foi o intento e contracto com que os Summos Pontifices lhe concederam o direito das conquistas, como consta de tantas Bullas Apostolicas. E como o fundamento e base do reino de Portugal, por ambos os titulos, é a propagação da fé, e conversão das almas dos gentios, não só perderão infallivelmente as suas todos aquelles sobre quem carrega esta obrigação, se se descuidarem ou não cuidarem muito d'ella; mas o mesmo reino e monarchia, tirada e perdida a base sobre que foi fundado, fará n'aquella conquista a ruina que em tantas outras partes tem experimentado; e nol-o tirará o mesmo Senhor, que nol-o deu, como a máus colonos: *Auferetur à vobis regnum Dei et dabitur genti facienti fructus ejus.* [1]

Mas para que é fallar nem trazer á memoria reino, quando se trata do remedio de tantos milhares de almas, cada uma das quaes peza mais que todo o reino? Tomemos o exemplo n'aquelle Rei que hoje chamou os reis, e n'aquelle Pastor que hontem chamou os pastores. Fallando Isaias de Christo como rei, diz que trazia o seu imperio ao hombro: *Cujus imperium super humerum ejus:* [2] e fallando S. Lucas do mesmo Christo como Pastor, diz que foi buscar a ovelha perdida sobre os hombros: *Imponit in humeros suos gaudens.* [3] Pois um imperio sobre um hombro, e uma ovelha sobre ambos os hombros? Sim. Porque ha mister mais hombros uma ovelha que um imperio. Não peza tanto um imperio como uma ovelha. Para o imperio basta meio rei; para uma ovelha é necessario todo. E que pezando tanto uma só ovelha, que pezando tanto uma só alma, haja consciencias ecclesiasticas e seculares que tomem sobre seus hombros o pezo da perdição de tantas mil? Venturoso He-

[1] *Math.*, XXI, 43.
[2] *Isai*, IX, 6.
[3] *Luc.*, XV, 5.

rodes, ou menos desventurado, que já de hoje em diante não serás tu o exemplo dos crueis! Que importa que tirasse a vida Herodes a tantos innocentes, se lhes salvou as almas? Os crueis e os tyrannos são aquelles por cuja culpa se estão indo ao inferno tantas outras: e se um momento se dilatar o remedio das demais, lá irão todas. No céo viu S. João que estavam as almas dos Innocentes pedindo a Deus vingança do seu sangue: *Usquequò, Domine, non vindicas sanguinem nostrum?* [1] E se almas que estão no céo vendo e gosando a Deus, pedem vingança: tantas almas que estão ardendo no inferno e arderão por toda a eternidade, que brados darão a Deus? As almas tambem teem sangue, que é o que Christo derramou por ellas; e que brados dará á Justiça Divina este divino sangue, quando tão ouvidos foram os do sangue de Abel?

VIII

Nos eccos d'estes mesmos brados queria eu ficasse suspensa a minha oração; mas não é bem que ella acabe em brados e clamores quando o Evangelho nos mostra o céo tão propicio, que se ouvem na terra os silencios. Assim lhes aconteceu aos Magos, e assim espero eu me succeda a mim, pois sou tão venturoso como elles foram, que no fim da sua viagem acharam muito mais do que esperavam. Buscavam o rei nascido: *Ubi est qui natus est rex:* [2] e acharam o Rei nascido, e a rainha Mãe: *Invenerunt puerum cum Maria Matre ejus.* [3] E como a Soberana Mãe era a voz do rei na sua minoridade, e a volta que os Magos fizeram para as suas terras, correu por conta da mesma Senhora, foi esta missão que tomou por sua, tão bem instruida, tão bem fundada, e tão gloriosa em tudo que, d'ella e das que d'ella se foram propagando, disse Salomão nos seus Canticos:

---

[1] *Apoc.*, VI, 10.
[2] *Math.*, II, 2.
[3] *Ibid.*, 11.

Emissiones tuæ paradisus. [1] Até agora, Senhora, porque as missões se não fizeram em nome, e debaixo da real protecção de Vossa Magestade, os tormentos de pena e damno que aquellas almas padeceram, se podiam chamar missões do inferno: agora as mesmas missões por serem de Vossa Magestade, serão paraiso: *Emissiones tuæ paradisus.* Assim o ficam esperando da real piedade, justiça e grandeza de Vossa Magestade, aquellas tão perseguidas e desamparadas almas, e assim o confiam e teem por certo os que tendo-se desterrado da patria por amor d'ellas, padecem hoje na patria tão indigno desterro. E para acabar como comecei com a ultima clausula do Evangelho, o que elle finalmente diz é, que os Magos tornaram para a sua terra por outro caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* [2] A terra foi a mesma, mas o caminho diverso; e isto é o que só desejam os que não têm por suas outras terras mais que as d'aquella gentilidade a cuja conversão e doutrina por meio de tantos trabalhos teem sacrificado a vida. Voltar para as mesmas terras, sim, que o contrario seria inconstancia; mas em fórma que o caminho seja tão diverso, que triumphe e seja servido Christo e não Herodes. Se os Magos voltassem pelo mesmo caminho, triumpharia o tyranno, perigaria Christo; e os Magos quando escapassem não fariam o fructo que fizeram nas mesmas terras, convertendo-as como as converteram todas, á fé e obediencia do Rei que vieram adorar, e de cujos pés não levaram nem quizeram outro despacho. Tudo isto se conseguiu então felizmente, e se conseguirá tambem agora com a mesma felicidade, se o oraculo fôr o mesmo. Mande o soberano oraculo que tornem para a mesma região; e mande efficazmente que seja outro o caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.*

[1] *Cant.*, IV, 13.
[2] *Math.*, II, 12.

Sermão de dia de Reis*

Procidentes adoraverunt Eum, et apertis thesauris suis, obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham.

MATTH., II.

Tres dons se offerecem hoje (excellentissimo Senhor). Tres dons se offerecem hoje, e tres tributos se pagam n'esta egreja. O primeiro tributo pagam os Reis orientaes a Christo nascido, prostradas as corôas e os thesouros á Magestade humilde de seu Presepio. Offerecem oiro, incenso, e myrrha, tres dons, como diz S. Gregorio, com tres mysterios. [1] O oiro a Christo, como a Rei; o incenso, como a Deus; a myrrha, como a mortal. O' que offertas tão de reis, e tão para rei! Para um rei se conservar seguro entre os principios gloriosos da magestade, quando considerar que é Deus nos poderes, lembre-se que é mortal na condição. Se entre os fumos do incenso se gloriar desvanecido o oiro da corôa, ó como se comporá humilhado entre as amarguras da myrrha! Assim dispensou Deus que andassem unidos no mesmo sceptro, para humilhar as grandezas humanas, dois extremos tão contrarios: attributos de deidade, e accidentes de mortal. Mui funesto vae este exordio para dia tão de festa; mas nem a materia que se segue ajuda muito a melhorar de alegria.

---

* Foi prégado este sermão no Collegio da Bahia, na festa que fez o Marquez de Montalvão em acção de graças pelas victorias e felizes successos dos primeiros seis mezes do seu governo, no anno de 1641. O engenho argutissimo de Vieira manifesta-se assombrosamente n'este magnifico sermão.

[1] *Greg.*, homil. 10 in Evang.

O segundo tributo offerece este collegio á gloriosa e sempre saudosa memoria d'el-rei de Portugal D. Sebastião, seu fundador, que com catholica piedade e real magnificencia nos dotou, assim este da Bahia, como outros sete collegios no Brazil, e n'outras provincias. Em reconhecida lembrança d'esta mercê, além dos sacrificios, e outros suffragios espirituaes, segundo o louvavel costume de nossa Companhia, offerece, hoje, este real collegio um cirio com as armas de Portugal ao senhor marquez vice-rei em nome de sua magestade Filippe IV, que, com o sangue e com a corôa, herdou juntamente d'aquelle piedosissimo rei o affecto e particular devoção á nossa Companhia. Herdou, disse, e confórme theologia de S. Paulo, [1] quem diz herança suppõe verdadeira morte, que como fim de uma vida tão suspirada, não é muito que não seja bem crida. Mas por mais que o natural amor queira alentar as esperanças, ou as desesperações, o mesmo genero da offerta parece que nos desengana e reprehende os desejos; porque um cirio apagado que offerecemos, mais é cerimonia de defuncto, que reconhecimento de vivo. Viva pois o santo e piedoso rei (que já é passado o anno de 40), viva e reine eternamente com Deus, e sustente-nos desde o céo com suas orações, o reino que com seu demasiado valor nos perdeu na terra.

O terceiro dom ou tributo que hoje se offerece n'esta egreja, nos ha-de gastar todo o discurso do sermão: para vermos qual é, e quão devido, peçamos a graça: *Ave Maria*. .

I

Seguramente posso affirmar, que nenhum dia de Reis teve Christo Redemptor nosso mais agradavel, que o de hoje: *Glorioso magis placent præconia, quam tributa:* disse avisadamente Cassiodoro: [2] Que aos amigos da honra e gloria mais lhes agradam os louvores, que os tributos. E como Deus Senhor nosso é tão divinamente ambicioso de glorias, que chegando a se

[1] *Ad Hebr.*, I, 9.
[2] *Cassiodor.*, l. 9. Variar. 25.

dar a si mesmo, só de sua gloria se mostrou sempre avaro: *Gloriam meam alteri non dabo.* [1] Não ha duvida que muito mais agradaveis serão a Christo as offertas que lhe trazemos a seus altares, que as que levaram os Reis a seu Presepio: os Reis offereceram tributos, nós offerecemos louvores. Dedicou a solemnidade d'este dia o piedoso zelo do senhor marquez vice-rei, que Deus guarde, aos louvores e graças tão devidas, que pelos felizes successos d'estes primeiros seis mezes de seu governo nos está merecendo o céo já mais brando, já mais benigno a nossos trabalhos. E assim como os thesouros orientaes que os Reis offereceram á divina e humana Magestade de Christo foi uma agradecida restituição (diz Santo Agostinho) [2] dos bens que de sua liberal mão tinham recebido; assim vem, hoje, sua excellencia restituir aos altares do mesmo Senhor as obrigações com que se vê penhorado de sua divina misericordia, e offerece em tributo de agradecimento o que recebeu e recebemos todos na mercê de tantas victorias.

Já hoje não tem que invejar a nossa America ás outras tres partes do mundo, que tão conhecidas vantagens lhes fizeram nas soberanas glorias d'este dia. Diz a Glossa n'este logar: *Tres viri, qui offerunt, significant gentes ex tribus partibus mundi venientes:* [3] Que os tres Reis que hoje offereceram tributos em Belem ao Menino Deus, significam as nações gentilicas, que das tres partes do mundo haviam de vir adorar e reconhecer a Christo. Um rei significa a Africa, outro a Asia, outro a Europa. Pois a America porque não foi tambem offerecer? Faltavam-lhe balsamos em suas arvores, ambares em suas praias, oiro finissimo em suas minas, e sobretudo liberalidadde em seus moradores? Pois porque não mandou tambem tributos ao Presepio de Christo? Alguem diria, que por sua natural ingratidão; mas eu digo, que por honra, e por auctoridade. Como cada uma das outras partes do mundo mandou um rei por embaixador, e a America não tinha rei que mandar que nem fé, nem lei, nem rei havia n'estas partes não quiz ir com

---

[1] *Isai.*, XLII, 8.
[2] *Aug.*, in serm. hujus diei.
[3] *Glos.*, apud Cath. D. Th. hic.

as companheiras a Belem, por não apparecer lá com menos auctoridade. Porém, hoje, que a nossa America se vê tão subida de ponto, e de posto, vem adorar o Rei nascido com as demais, tão agradecida, como confiada; porque entre as purpuras reaes que as outras partes do mundo arrastam ao Presepio de Christo, deita ella, tambem, um bastão em vez de sceptro e de corôa. O' que grande auctoridade de nossa fé! O' que grande gloria de Deus e de sua Egreja! Assim como as bandeiras catholicas nunca estão mais levantadas, que quando se abatem humildes á presença de Christo Sacramentado, e se deixam pizar gloriosamente dos pés do sacerdote que O leva nas mãos; assim os bastões e insignias militares nunca se vêem com mais honra e auctoridade, que, quando lançadas aos pés de Christo, Supremo Senhor dos exercitos, protestam os generaes e capitães victoriosos, que a Deus, e não a elles, se devem as victorias: a Deus, e não a elles, as graças: a Deus, e não a elles, as glorias.

E na verdade, senhores, ainda que todos os successos prosperos da guerra se devem attribuir a Deus, como a primeira causa; na occasião e occasiões presentes, particularmente são devidas á divina bondade as graças que lhe vimos dar; porque de tal maneira vencemos sempre, que assim como só Deus parece que meneou as armas, assim só a Deus se devem as glorias. Este assumpto, e a primeira prova d'elle, me deu o senhor marquez, quando se serviu de me encommendar este sermão; porque dizendo, como era bem que déssemos graças a Deus por estas victorias que nos déra, acrescentou sua excellencia estas palavras: *Quando chegou o nosso soccorro ao Espirito Santo, já o inimigo era retirado, para mostrar Deus que não tem necessidade de nós, e que a victoria foi toda sua.* Assim é, senhor excellentissimo, assim é; mas nem por isso se perdeu a diligencia do soccorro, nem o merecimento e gloria de o haver mandado. Poucas horas antes da Paixão encommendou Christo aos Apostolos, que estivessem apercebidos de armas, e que quem não tivesse espada, vendesse a tunica para a comprar: *Qui non habet, vendat tunicam suam, et emat gladium.* [1] Chegou a occasião do Horto, in-

[1] *Luc.*, XXII, 36.

vestiram a Christo os quinhentos soldados do esquadrão de Judas: disse o Senhor: *Ego sum:* Eu sou: e com estas duas palavras cahiram todos. Aproveitou-se S. Pedro da occasião, mette mão á espada, avança-se ao inimigo, começa a cortar orelhas; diz-lhe o Senhor: Tá, Pedro: *Mitte glaudium tuum in vaginam:* [1] Embainhae a espada. Pois como assim, replica Santo Ambrosio: *Qui ferire prohibet, cur emere gladium jubet?* [2] Se Christo havia de mandar embainhar as espadas, para que mandou aos Apostolos que fizessem tão extraordinaria diligencia por ellas? E se com duas palavras podia e havia de lançar por terra aos inimigos, para que tanta prevenção de armas? A razão foi, diz S. Chrysostomo, para que entendamos, que fazer Deus o que póde, não tira o merecimento aos homens de fazer o que devem. [3] E' verdade que Christo levou a gloria de vencer e derribar aos inimigos; mas os Apostolos ficaram com a honra de prevenir as armas para a defeza. Antes essa mesma diligencia dos Apostolos subiu muito de ponto a gloria de Christo; porque nunca são mais gloriosas as victorias divinas, que quando sobejam os soccorros humanos. Notae.

II

Quando Christo disse aos Apostolos que buscassem armas, responderam elles: *Domine, ecce duo gladii hic:* [4] Senhor, aqui temos duas espadas. Duas espadas! Diz Christo: Pois essas bastam: *Satis est.* Que dissera n'este passo um grande soldado ou capitão, d'estes da valentia em discurso? Que era evidente temeridade, querer-se defender com duas espadas contra um esquadrão de quinhentos homens armados; e que, ainda que estavam á sombra de Christo, que Deus sempre se põe da parte dos mais mosqueteiros. Algum dia mostrarei, como esta proposição é herética. Entretanto basta-nos saber que, sendo as espa-

[1] *Joan.*, XVIII, 11.
[2] *Ambr.*, l. 10. Comm. in Lucam.
[3] *Chrysost.*, hic. apud. Cathen.
[4] *Luc.*, XXII, 38.

das duas, uma só se desembainhou, a outra ficou na bainha, e os inimigos por terra: *Abierunt retrorsum.* [1] Pois, Senhor, se o poder dos Apostolos era tão pouco, porque o não deixastes empenhar todo? Se eram só duas espadas, porque as não deixastes desembainhar ambas? Porque toma Deus em ponto de honra, ou em ponto de gloria, que sobeje ametade do poder humano, quando os homens cuidam que nem todo basta? E vós cuidaes que não bastam duas espadas onde eu estou? Pois nem essas duas quero que pelejem ambas: uma ha-de ficar na bainha, e os inimigos prostrados: *Gladius, qui nequaquam vagina exemptus est, ostendit eos nec totum, quod potuere pro ejus facere defensione permissos*, disse o veneravel Beda, [2] e é o que succedeu no nosso caso. Pediram os do Espirito Santo que os soccorressemos com armas e munições: partiu um grande soccorro no mesmo dia, e comtudo duvidavam os prudentes que se poderia defender aquella praça a tão desegual poder, e, na opinião de muitos, já estava tomada. Ah, sim, diz Deus, pois dê-se a batalha no Espirito-Santo, antes de chegar o soccorro da Bahia; e de duas espadas que podiam assistir á defeza, peleje só a de dentro, e fique a de fóra embainhada, para que os mesmos desmaios da prudencia humana confessem que se deve a gloria ao braço divino.

E' verdade que não chegar o nosso soccorro teve razão natural: mas debaixo d'essa havia outra superior e divina, que foi mostrar Deus que era a victoria sua. Vêde-o em David. Quando el-rei Saül deu as suas armas a David, para que fosse pelejar com o gigante; bem sabeis que não as quiz levar ao desafio o alentado pastor: *Deposuit ea.* [3] Pois porque razão, saibamos agora, porque não quiz sahir á guerra David com as armas d'el-rei? Era melhor entrar n'aquella singular batalha vestido de uma samarra pastoril contra um gigante armado e coberto de ferro? A razão natural d'esta resolução foi a que deu o mesmo David: *Non habeo usum:* Que não tinha uso d'aquellas armas, e assim que se não achava bem com ellas.

[1] *Joan.*, XVIII, 6.
[2] *Beda*, in hunc locum.
[3] *1.º Livro dos Reis*, XVII, 39.

Porém debaixo d'esta razão natural havia outra divina e mysteriosa, diz S. Chrysostomo: *Ut virtus Dei apertè monstraretur, et non armis, quæ fiebant mira, adscriberentur.* [1] Para que a portentosa victoria se referisse conhecidamente á virtude de Deus, e não ás armas de Saül. Se David levára ao desafio as armas de Saül, pudéra-se attribuir a victoria ás armas, e não á virtude e mercê de Deus; pois para que a victoria se attribua a Deus, cuja é, e não ás armas do rei, fiquem as armas de fóra, não se achem na batalha: *Deposuit ea.* O mesmo digo n'este caso. Verdade é, que não chegar o soccorro das nossas armas e munições, foi por vir o avizo tarde; mas debaixo d'essa razão natural e humana havia outra superior e divina, para que a victoria se não attribuisse ao soccorro das armas d'el-rei, senão á virtude e mercê de Deus: *Ut virtus Dei apertè monstraretur, et non armis, quæ fiebant mira, adscriberentur.*

E não foi só esta razão a que canonisou esta victoria por victoria e mercê de Deus, senão outras muitas, e mui conhecidas. Primeiramente terem os nossos tão antecedente aviso de que vinha o inimigo, e por via dos mesmos hollandezes; que foi, senão mercê de Deus particularissima? Não ha coisa mais ordinaria no Testamento Novo, que comparar-se a morte ao ladrão. Em S. Lucas: *Si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret.* [2] No Apocalypse: *Veniam ad te, tamquam fur;* [3] e em outros muitos logares. A razão da similhança dá-a o mesmo Christo no Evangelho: porque assim como a primeira treta do ladrão é dar de subito, e assaltar de repente, quando os homens estão mais descuidados; assim a morte nos assalteia, e nos rouba a vida, sem sabermos o dia, nem a hora: *Quia nescitis diem, neque horam.* [4] O mesmo pensamento temos no nosso Texto. Repara S. Pedro Chrysologo em chamar Herodes aos Magos, e se informar d'elles em segredo: *Tunc Herodes, clam vocatis Magis.* [5] Porque não perguntou o que queria ás claras?

[1] *Chrysost.*, homil. 36. in Genes.
[2] *Luc.*, XII, 39.
[3] *Apoc.*, III, 3.
[4] *Math.*, XXV, 13.
[5] *Ibid.*, II, 7.

Porque se não informou dos Magos ao descoberto? Advertidamente o Chrysologo: *Occultè vocat Magos, quia fur amat noctem: latro in occulto tendit insidias.* [1] Sabeis porque trata o negocio em segredo, e não quer que se lhe saibam os designios? Porque era ladrão Herodes, e como tal queria dar em Belem de subito, e roubar-lhe a Christo a vida de repente. Pois se isto fazem os ladrões, se esta é a primeira lei da rapina, rebeldes hollandezes, como desdissestes tanto de quem sois n'esta acção tão vossa? Quereis roubar, quereis saquear, quereis tomar aquella praça, e mandaes o avizo adiante? Patachos á barra, lanchas á terra, que nos avize que ides? Porque não déstes de subito? Porque nos não tomastes de repente? Não ha que responder aqui, senão com as mãos levantadas, dando graças a Deus, e dizer com Chrysostomo: *Alia est conditio belli, alia est virtus Dei:* [2] Não se regulam as mercês de Deus pelas leis ou condições da guerra. Erraram os hollandezes as ordens da milicia: mas acertaram a ordem de Deus: não souberam dispôr a guerra, porque Deus dispunha a victoria: fizeram uma bizonharia tão grande, porque Deus nos queria dar um soccorro tão glorioso.

III

Foi grande mercê de Deus esta? Pois ainda não está ponderado o fino d'ella. Não esteve o favor de Deus em nos mandar o avizo. Sabeis em que esteve? Em nós nos darmos por avizados. Ouvi-me, que é doutrina mui importante esta. Os fados do Brazil, não sei se por clima da terra, se por castigo do céo, são como os fados de Troya e de Sodoma: ainda mal; porque tanto lavra o fogo em toda a parte. Antes da destruição de Troya tinha el-rei Priamo uma filha chamada Cassandra, a qual com espirito gentilicamente prophetico, não fazia senão avizar ao rei e ao reino que se prevenissem, porque havia de ser abra-

[1] *Chrysol.*, serm. 158.
[2] *Chrysost.*, serm. de Elisæo.

zada Troya. Zombavam d'estes avizos os Troyanos por permissão de Deus, como notou um gentio: *Ora Dei jussu non unquam credita Teucris:* [1] até que vieram os Gregos, tomaram por engano a cidade, e n'uma noite se abrazou e consumiu aquella famosa cabeça de toda a Asia. Da mesma maneira Sodoma. Depois que os anjos notificaram a Loth a sentença que Deus tinha fulminado contra aquella infame cidade, avizou o santo varão aos visinhos d'ella, que fugissem, ou se armassem de penitencia, porque havia de ser destruida e abrazada: *Et visus est eis quasi ludens loqui.* [2] Lançaram a coisa á zombaria aquelles alindados: continuaram a curar e pentear as gadelhas: em fim, choveu fogo do céo, e ficaram todos sepultados em suas cinzas. Eis aqui nem mais nem menos o fado ou desenfado do nosso Brazil: sempre avizados, mas nunca prevenidos. Lançae os olhos por todas as praças que temos perdido desde o anno de 1624 até ao presente, e nenhuma achareis a que não precedessem avizos, e muitos avizos. Antes de se tomar a Bahia, duas barcas de pescar com cartas d'el-rei, que pela novidade da embarcação fizeram o caso mais mysterioso, e o avizo mais notorio: um mez antes a mesma capitania da armada hollandeza sobre o Morro, que nos mandou avizar pelos prisioneiros de Angola: e nós com a praça aberta, sem fortificação, sem trincheira, como se nos prepararamos para entregarmos a cidade, e não para a defender: e assim foi. Pernambuco da mesma maneira. Tantas cartas d'el-rei antecedentes; tantas noticias de Hollanda, que haviam de vir, e nomeadamente que haviam de entrar por tal parte. Depois de partida a armada, avizos de Portugal, avizos de Cabo Verde, que já vinham, que já chegavam; e nós a cortar canas, a moer engenhos, e como se fôra nova de alguma grande frota que vinha a carregar de assucares: e assim o mesmo foi desembarcar, que serem senhores da terra.

D'esta maneira se perdeu Pernambuco, d'esta maneira se perdeu a Bahia, e todas as outras praças menores, por este caminho as perdemos: nunca accommettidos de subito, nunca tomados de repente. Per-

[1] *Virg.*, Æneid. 2.
[2] *Genes.*, XIX, 14.

deu-se o Brazil, como se ha-de perder e acabar o mundo. Falla S. Pedro do dia do Juiso, e diz assim na segunda Epistola: *Adveniet dies Domini ut fur:* [1] E virá o dia do Senhor subita e repentinamente. Subita e repentinamente? Como póde isto ser? Reparae no que dizeis, Principe dos Apostolos. Não diz Christo no seu Evangelho: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis:* [2] Que precederão ao dia do Juiso tantos signaes temerosos, tantos avizos manifestos? Pois como é possivel que sobre tantos avizos haja de vir de repente? Sabeis como? Diz Santo Agostinho; porque ainda que ha-de haver muitos avizos, haverá muito poucos que lhes dêem credito. Verão os homens ensanguentados o sol e a lua; verão turbar-se os elementos, tremer a terra, bramir o mar, cahirem as estrellas, e todas as creaturas desordenadas ameaçarem a derradeira ruina: e no meio d'estes temores haverá corações tão desenfadados, que affirmarão que não são aquelles signaes os do dia do Juiso: e computando edades com edades, e prophecias com prophecias, persuadirão credulamente ao mundo, que ainda se não acaba. D'esta maneira viverão muitos n'aquelles ultimos dias mui contentes e descuidados, senão quando soará a trombeta do Juiso, e serão levados os miseraveis de repente ao tribunal de Christo, de repente sobre tantos avizos. Tal aconteceu sempre no Brazil. Nenhuma nova houve nunca tão certa, que não tivessemos uma esperança para que appellar: nenhum avizo houve nunca tão qualificado que não tivessemos um discurso com que o desfazer. Que está acabada a Companhia de Hollanda: que França não os póde hoje assistir: que Dinamarca tem guerras apregoadas: que baixa com grande exercito o imperador: que os tem mui apertados o Cardeal Infante: que se desbaratou a armada, que mandaram ás Indias; que não ha um hollandez em Asmsterdam, que queira vir ao Brazil: finalmente, que estão perdidos, que estão acabados, que estão consummidos. E quando nos não precatamos, ouvimos soar as trombetas hollandezas por esses oiteiros; acham-nos descuidados e desapercebidos, tomam-nos as nossas terras, e deixam-

[1] *2.º Epist. de Petr.*, III, 10.
[2] *Luc.*, XXI, 25.

nos os nossos discursos. E' isto assim, senhores? Ainda mal. Sendo pois este o natural descuido nosso, sendo este o clima, ou os peccados do Brazil, que se emendassem tanto suas influencias n'esta occasião, e se persuadissem aquelles moradores a crêr os avizos, e prevenir a defeza! Este é sem duvida o fino da mercê de Deus; este é o milagre porque devemos dar graças, como coisa rara, como coisa superior á mesma natureza.

Mas com a defeza se prevenir, e com trabalharem os homens o que puderam, na prevenção, era tão fraco o numero dos nossos, e tão escasso e limitado o poder, que ainda ficou a Deus muito que supprir, e muito em que fundar e segurar suas glorias. Sabida é a historia de Gedeão que, de tantos mil homens que podia pôr em campo contra o poderoso exercito dos Madianitas, só com trezentos quiz Deus que entrasse na batalha: *In trecentis viris liberabo vos.* [1] A qualquer mediana experiencia fará muita duvida isto dos trezentos homens. Não é a primeira maxima do governo militar não dividir as forças, nem repartir o exercito? Pois se Gedeão podia pelejar com tanto maior poder, para que quiz e ordenou Deus que pelejasse com forças tão deseguaes ás do inimigo? O mesmo Texto dá a razão. Porque o ordenou Deus assim: e diz que foram ciumes de sua gloria, e resguardos de nossa ingratidão: *Ne glorietur contra me Israël. et dicat, meis viribus liberatus sum.* Se os Israelitas pelejaram com o numero de soldados que levavam, attribuiriam a victoria ao numero de seu exercito, dariam as graças ás suas mãos, e as glorias ao seu valor. Pois que faz Deus? Manda que não vão á batalha mais que trezentos homens (que foi pontualmente o numero de portuguezes que n'esta occasião se acharam: *In trecentis viris)* para que sendo o numero dos vencedores tão inferior ao do inimigo, não se podesse levantar a vaidade e ingratidão humana, com a gloria só devida á omnipotencia divina: *Ne glorietur Israël, et dicat, meis viribus liberatus sum.* E na verdade, senhores, se bem se considera o fraco numero, e desigual poder de gente,

[1] *Juizes*, XII, 7.
[2] *Ibid.*, 2.

com que alcançámos esta insigne victoria, que dos trezentos portuguezes que havia, repartidos por tantas partes, só os trinta eram soldados pagos, e esses com pouco exercicio; que ingratidão haverá tão rebelde, que se atreva a dizer: *Meis viribus liberatus sum?* Que ingratidão haverá tão ingrata, que dê a victoria ás forças humanas, e as roube ao braço divino?

IV

E se Deus segurou bem sua gloria contra nossa ingratidão no numero dos soldados, não a tem menos segura por certo na fraqueza e desigualdade das armas. Porque entrando os nossos na batalha com tão poucas armas de fogo, como sabemos; e muitos com as espadas e capas com que passeavam na praça, que entendimento ou que experiencia humana havia de presumir, que poderiam sahir vencedores de tanto numero de hollandezes, soldados velhos, costumados a vencer, e tão bem providos de armas? Mas como o invisivel braço de Deus governava a guerra, e nos impossiveis da nossa fraqueza queria justificar os meritos de sua gloria, antes de se cerrarem as quatro horas continuas d'aquella desigual batalha, estavam tão trocadas as mãos, que já os alfanges hollandezes pelejavam da nossa parte; e as clavinas que elles carregaram contra nós, nós as descarregavamos n'elles venturosamente. Ora pelejae, pelejae, poucos mas valorosos portuguezes, pelejae, e vencei animosamente, que ainda Deus é por nós. Não peçaes soccorro de armas á Bahia, não peçaes ao Rio de Janeiro, que um e outro ha-de chegar tarde: pedi o soccorro ao céo, pedi as armas a Deus, que é sua Divina Providencia tão cuidadosamente prevenida para comvosco, que nos mesmos armazens do Recife vos está fazendo provisão de armas; e nos mesmos navios hollandezes vol-as manda juntamente com elles, para que cheguem a tempo á milagrosa defeza. Quem dissera aos hollandezes quando estavam alimpando os alfanges, e preparando as clavinas para esta facção, quem lhes dissera que preveniam os instrumentos de sua ruina, e que, com aquellas clavinas haviam

de ser mortos, com aquelles alfanges degolados?! Mas essas são as glorias de Deus, essas as traças de sua sabedoria, essas as valentias de sua omnipotencia, que dos mesmos inimigos se serve, e de suas mesmas armas se ajuda, para dar as victorias contra elles, a quem é servido.

Parece-me que vejo aqui retratado o successo dos filhos de Israël, quando venceram aquelle grande exercito dos Syros, que capitaneava Gorgias, general d'el-rei Antiocho. Diz a Escriptura que eram os Israelitas poucos, e esses desarmados: *Qui tegumenta, et gladios non habebant.* [1] Mas accommettendo com grande resolução aos esquadrões inimigos, de tal maneira os ajudou Deus, que lhes fizeram voltar as costas descompostamente, e a todos os da rectaguarda passaram á espada: *Novissimi autem omnes ceciderunt in gladio. Ceciderunt gladio!* [2] Como assim? Não diz a Escriptura immediatamente antes, que estavam os Israelitas desarmados, e que não tinham espadas: *Gladios non habebant?* Pois como poderam matar, e passar á espada toda a rectaguarda dos inimigos: *Novissimi omnes ceciderunt gladio?* A razão litteral é muito facil. Porque como Deus ajudava tanto aos hebreus, ainda que começaram a guerra desarmados, acabaram-na muito bem providos de armas, tomando-as aos primeiros que cahiam, e convertendo-as contra os ultimos que se retiravam: e d'esta maneira puderam passar á espada as derradeiras tropas dos desordenados esquadrões dos Syros, matando e degolando com suas proprias armas os que tão confusamente fugiam; que para guardar e conservar as vidas, davam os mesmos instrumentos com que lh'as tirassem.

E porque não faltasse ao caso nem esta circumstancia, os que governavam aquella guerra eram dois filhos do grande Matathias: um chamado Simão, outro chamado Judas, aos quaes de entre todos seus irmãos escolhêra o santo velho para o governo do povo, e lh'o deixára em testamento: *Ecce Simon frater vester scio, quòd vir consilii est, ipsum audite: et Judas Machabeus fortis viribus à juventute sua sit*

---

[1] *1.º Livro dos Machab.*, IV, 6.
[2] *Ibid.*, 15.

vobis princeps militiæ. [1] Pois assim como os filhos de Israël debaixo do valor e prudencia de um Simão, e de um Judas, com as proprias armas de seus inimigos os mataram e venceram animosamente; assim os nossos portuguezes n'esta occasião, debaixo do patrocinio dos gloriosos Apostolos S. Simão, e Judas, em cujo dia succedera a batalha, a pelejaram tão alentada, e a venceram tão gloriosamente, que entrando n'ella mal armados, sahiram ricos de mui luzidas armas, provadas e ensanguentadas primeiro no heretico sangue de seus donos. Esta sim, que é façanha divina; esta sim, que é victoria de Deus.

Perguntam os doutores no nosso Evangelho, porque razão mandou Deus aos Reis Magos uma estrella: *Vidimus stellam ejus.* Assim como mandou um anjo aos Pastores, não pudéra tambem mandar um anjo aos Reis? Pois porque não mandou senão uma estrella? Judiciosamente S. Pedro Chrysologo: *Ut per Christum ipsa materia erroris sic fieret salutis occasio. Hostem proprio mucrone turbare singulare est insigne virtutis.* [2] Trouxe Christo os Magos a seus pés por meio de uma estrella, para que a mesma que fôra materia de seus erros, se trocasse em instrumento de sua conversão; que é victoria mui digna da virtude de Deus vencer ao inimigo com suas proprias armas: *Hostem proprio mucrone turbare singulare est insigne virtutis.* As armas com que os Magos pelejavam contra Deus, eram as estrellas, adorando-as e fazendo-as adorar á cega gentilidade; pois para que a victoria fosse mui propria da Omnipotencia Divina, venham os Magos aos pés de Christo por meio de uma estrella; e as mesmas armas luzentes com que impugnavam e offendiam a Deus, sirvam de sujeitar e render, e de os prostar por terra a seu imperio: *Et procidentes adoraverunt eum.*

V

Esta foi a victoria do Espirito Santo (que sempre fôra do Espirito Santo em qualquer outro logar que succedera) uma das mais notaveis que hão tido

---

[1] *1.º Livro dos Macchab.*, II, 65 e 66.
[2] *Chrysol.*, serm. 157.

no Brazil ar armas catholicas, e de grande importancia por suas consequencias. Mas tempo é já que nos façamos n'outra volta, que do sul passemos ao norte, e ponderemos o successo do Rio Real, que realmente foi felicissimo, e não menos de Deus que o passado. O que aqui se ponderou muito, foi retirar-se o inimigo, quando já o nosso exercito não insistia na empreza: o mesmo pondero eu. Quando Christo Redemptor nosso entrou na batalha de sua Paixão, a mais importante, que nunca houve, nem haverá no mundo, ao tempo que seus inimigos o accommetteram no Horto, virou-se o Senhor para elles, e para os Discipulos, dizendo: *Si ergo me quæritis, sinite hos abire.* [1] Retiram-se os Apostolos com este mandado, ou permissão de Christo, e deram fundamento aos Doutores a duvidarem, porque não quiz o Senhor que seus Discipulos o acompanhassem n'esta jornada. Não parece que era muito credito da doutrina de Christo, que fossem juntamente com o Mestre divino os Discipulos que o seguiam; e já que havia um Judas, que o negara vilmente, houvesse um João ou um Pedro, que o confessasse com o sangue? Pois porque não quiz Christo que o acompanhasse nenhum; porque mandou que se fossem todos? A razão dizem os Expositores que foi, porque como queria só para si a victoria, não quiz ter companheiros na batalha. Assim o dizem Toledo, Salmeirão, e todos commummente: mas muito tempo antes o tinha dito pelo propheta Isaias, com grande gloria sua, o mesmo Christo: *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum.* [2] O intento d'esta empreza da Paixão, fallando em phrase do mesmo Redemptor, era desalojar o inimigo do genero humano, que se tinha apoderado do mundo: *Princeps hujus mundi ejicietur foras;* [3] e como a victoria era de tanta importancia, e Christo queria só para si a gloria d'ella, por isso mandou que os discipulos se apartassem: *Sinite hos abire;* porque não era bem que admittisse companheiros á peleja, quem queria ser só na victoria. Tal imagino a Deus n'esta occasião, que em todas é mui parecido a

[1] *Joan.*, XVIII, 8.
[2] *Isai.*, LXIII, 3.
[3] *Joan*, XII, 31.

si mesmo. Como queria só para si a gloria d'este felicissimo successo, não quiz ter companheiro na batalha. Vir-se antes o nosso exercito, foi servir a prudencia humana aos intentos da Providencia Divina, para que largando o inimigo o posto, quando já a violencia das nossas armas o não obrigava, só a Deus se devesse a victoria, só a elle se dessem as graças, e pudesse outra vez sua misericordia sahir n'esta occasião com o mesmo timbre: *Torcular calcavi solus et de gentibus non est vir mecum.*

Mas se bem considerarmos os motivos porque o inimigo desalojou, mais alguma coisa deve a gloria Divina aos primores da nossa resolução. Tendo sitiada Joab uma cidade dos Ammonitas, mui parecida no sitio á Força do Rio Real, por estar por uma e por outra parte cercada e defendida de um rio, que por isso, conforme Lyrano e outros, se chamava *Urbs aquarum;* quando já a violencia do cerco a tinha reduzido a se entregar, mandou Joab este recado a el-rei David: *Capienda est urbs aquarum; nunc igitur obside civitatem, et cape eam, ne cùm à me vastata fuerit urbs, nomini meo adscribatur victoria:* [1] Está quasi rendida a cidade do Rio; pelo que venha vossa magestade e acabe-a de render, para que a vossa magestade, e não a mim, se attribua a victoria. Grandemente encarecem os santos esta acção de Joab; e na verdade, se foi limpa de lisonja e de interesse, muito tem de fineza: e tal considero eu a resolução do nosso exercito. E senão pergunto: Porque se retirou o inimigo do Rio Real? Porque largou o posto? Não foi pela valente e bem afortunada victoria que tivemos nos campos, onde lhe degolamos trezentos soldados velhos, os melhores campanhistas que tinham? Não foi por verem totalmente frustrados os intentos com que vieram, de senhorear os gados e de os comboiar a Pernambuco? Não foi por entenderem o grande poder e maior resolução com que os iamos buscar, rompendo por tantas difficuldades? Não foi pelos continuos assaltos com que os tinhamos fechados dentro na sua Força, mais como em sepultura de mortos, que como em carcere de vivos? E sobre tudo isto não havia bastantes noticias, ou, quando menos, eviden-

[1] *2.º Livr. dos Reis,* XII, 27 e 28.

tes discursos, que o inimigo não podia sustentar o posto, e que o havia de desamparar forçosamente? Pois porque deixamos a assistencia da guerra? Porque não esperamos pelo fim da victoria? Deixadas as razões que houve humanas, foram primores, foram cortezias, como as de Joab. Fizemos cumprimento a Deus d'aquella victoria, que tinhamos quasi ganhada, para que á sua Divina Magestade, e não a nós, se désse a gloria: *Ne cùm à me vastata urbs, nomini meo adscribatur victoria.* E foi Deus tão benigno Senhor, que não se dedignou de a aceitar: nós apertamos o inimigo, nós dispuzemos a victoria, como Joab; Deus veiu a colher as glorias, e tomar para si a honra, como David.

Mas como as coisas que se dão a Deus, sempre nos ficam em casa muito melhoradas, assim ficamos n'esta occasião com o mais feliz e venturoso successo que pudéra presumir a esperança, nem ainda inventar o desejo. Pergunto, senhores: Que é o que pertendiamos n'esta jornada? Desalojar o inimigo d'aquella Força, franquear a nossa campanha, impedir o retiro dos gados, matar muitos hollandezes e destruil-os? Pois tudo isso se conseguiu, e tudo sem perdermos dois homens, que é a maior e mais illustre victoria que se podia alcançar. Por tal a canonisou o grande Doutor da Egreja Santo Ambrosio n'estas sentenciosas palavras: *Hæc est vera, et incruenta victoria, ubi sic adversarius vincitur, ut de vincentibus nemo lædatur.* [1] Sabeis qual é a verdadeira e inteira victoria? Diz Santo Ambrosio: E' aquella em que de tal maneira se vence o inimigo, que ficam todos salvos os vencedores. Com muita razão chama o Santo Padre verdadeira e inteira victoria aquella em que os vencedores ficam todos salvos; porque o exercito que perdeu alguns soldados na batalha, ainda que vencesse o inimigo, não se póde chamar verdadeira e inteiramente vencedor; porque em tantas partes ficou vencido, quantos foram os soldados mortos que deixou no campo. Taes costumam ser ordinariamente as guerras humanas; porque não ha pelejar sem morrer, nem vencer sem derramar sangue: mas a Providencia Divina, que governava nossas armas, n'esta occasião

[1] *Ambros.*, serm. 1.º de Elisæo.

soube concordar a felicidade do successo com a conservação das vidas; e a honra da victoria com a desistencia da batalha, que, como bem disse o outro a el-rei Filippe III: *No es hazaña menos senalada, vencer batallas, si sacar la espada.* E' verdade que nossas armas em muitos assaltos e occasiões antecedentes luziram mui bem seu valor: mas a ultima e total retirada do inimigo, que foi a corôa d'aquelle feliz sucesso, de graça nol-a deu Deus, sem se disparar um arcabuz, sem se desembainhar uma espada, por pura mercê e singular gloria sua. Para singular gloria de Deus, digo; porque a victoria de que Deus mais se gloria em similhantes casos arriscados, é saber conseguir o intento, com evitar o perigo. No nosso Evangelho o temos.

Depois que os Magos adoraram a Christo, tornaram para suas terras avizados por um anjo: mas diz o Texto, que tornaram por outro caminho, do que vieram: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* Repara S. João Chrysostomo no modo d'esta jornada, e argue que não parecia conveniente á reputação e auctoridade de Christo. Se os Magos, quando ainda eram gentios, vieram rompendo as terras de Judéa, e entraram em Jérusalem intrepidamente, como agora, que são sôldados do verdadeiro Deus, divertem a jornada por outro caminho? Isto de não ir a Herodes, isto de não vêr o rosto ao inimigo, parece que encontrava a opinião do novo Rei, que adoraram; porque os ignorantes de sua Divindade podiam entrar em escrupulos de sua potencia: *Si magnum quidam esset hic puer, et potentiæ aliquid obneret, adoratoribus suis quid opus esset fuga, occultusque discessus?* Comtudo mandou Deus dizer aos Magos, que voltassem por outro caminho, e não tornassem a Herodes: *Ne redirent ad Herodem;* porque se preza muito Deus de ganhar sem risco, de vencer sem batalha, de triumphar sem sangue. Irem os Magos a Jérusalem era empreza humanamente mui arriscada; porque ou haviam de descobrir que acharam a Christo, ou não: se o descobriam, morria Christo á mão de Herodes: se o não descobriam, morriam os mesmos Magos. Pois que remedio? O remedio foi mandal-os Deus avizar por um anjo, que voltassem para sua terra, mas que tomassem por outro caminho: e d'esta maneira se conseguiu o intento, e se evitou

o perigo. Sabia victoria, façanha digna da Divindade, diz Chrysostomo: *Divinitatis virtute dignum:* Que não consiste só a gentileza das victorias de Deus em vir ás mãos com o inimigo, senão em conseguir o intento que se pretende, tanto com mais gloria, quanto com menos risco: *Est autem divinitatis virtute dignum, non modo apertè conterere inimicos, verum etiam cum omni illos facilitate decipere.*

VI

Este foi o venturoso successo do Rio Real, que, quando o conseguiramos com perda de muitos soldados, razão tinhamos de dar muitas graças. Mas a Divina Bondade quiz que fosse, ainda, da sua parte mais merecida e da nossa mais alegre esta acção de graças; pois lançado fóra o inimigo, e desimpedida a campanha, nos vemos com os nossos valorosos capitães e soldados todos vivos, todos salvos, todos guardados para maiores emprezas. Quando os soldados de Moysés voltaram vencedores dos Madianitas, vieram offerecer os despojos a Deus, e a principal razão que deram do seu agradecimento, foi esta: *Recensuimus numerum pugnatorum, quos habuimus sub manu nostra, et ne unus quidem defuit: ob hanc causam offerimus, etc.* [1] Fizemos resenha da infanteria com que entramos na batalha, e todos achamos salvos depois da victoria; pelo que vimos offerecer a Deus estes agradecidos despojos. Isto fizeram os victoriosos capitães e soldados de Moysés; e o mesmo devem fazer os capitães e soldados do nosso felicissimo general, e toda esta nobre cidade, em occasião tão similhante, offerecendo a Deus entre o oiro e incenso dos Reis orientaes, o agradavel e religioso tributo d'esta acção de graças.

Sejamos agradecidos, christãos, sejamos agradecidos a Deus, não sejamos ingratos. Consideremos o estado em que estamos, e o em que haviamos de estar, se Deus nos não fizera estas mercês. Se o inimigo se conservara no Rio Real, se occupara a capi-

[1] *Num.*, XXXI, 49 e 50.

tania do Espirito Santo, se proseguira os intentos do Camamú, quaes haviamos de estar? Que havia de ser de nós? Cercados pelo norte e pelo sul; os gados e os mantimentos impedidos; a campanha infestada com assaltos, e despovoada com receios? Não havia senão cruzar as mãos, e entregar ao inimigo. Pois que comparação tem este miseravel estado com o felicissimo que gosamos? Comparemos bem os fins do anno de 40 tão pouco parecidos com seus lastimosos principios, que esta parece uma das monstruosidades das fataes esperanças d'este anno. Em Janeiro a armada derrotada, tantos mil homens, tantos gastos, tantos apparatos de guerra perdidos. Em Abril a armada hollandeza na Bahia com grandes intentos, mas com maiores temores nossos; não nos esqueçamos que bem nos vimos os rostos. Em Maio saqueado e destruido o Reconcavo: tantas casas, tantas fazendas, tantos engenhos abrazados. Em Junho o Rio Real occupado pelo inimigo: os campos e os gados quasi senhoreados, e as esperanças de os recuperar não quasi, senão de todo perdidas. Porém de vinte de Junho por diante, assim como o sol n'aquelle dia deu volta sobre o tropico de Cancer, assim virou tambem a folha nossa fortuna, e começaram dentro do circulo do mesmo anno a responder felicidades a infortunios. Em Agosto vencido o inimigo nos campos com aquella tão bem afortunada victoria, onde com morte de um só soldado nosso, de mais de trezentos hollandezes apenas escaparam sete. Em Setembro recuperado o Rio Real, e desalojado o inimigo á força de nossas armas, e do desengano de seus designios. Em Outubro (que cada mez parece que tomou á sua conta um bom successo e este muitos) os intentos do hollandez no Camamú reprimidos; os temores do gentio nos ilheus socegados, e sobre tudo a gloriosa victoria do Espirito Santo, mais alcançada com o poder de sua graça, que com as forças da natureza. Em Novembro o incendio das canas e assolação dos engenhos de Pernambuco; terrivel guerra, e a que mais desespera ao inimigo. Em Dezembro embaixadores do mesmo n'este porto a pedir treguas, a offerecer partidos, a reconhecer a superioridade de nossas armas, de que pouco antes tanto zombavam. Pois d'onde imaginaes, que nos veiu esta felicidade? Quem trocou as mães á fortuna? Quem

fez esta tão grande mudança? Nós hontem tremendo dos hollandezes, elles hoje a tremer de nós: nós hontem a receiar que nos fizessem guerra, elles hoje a pedir-nos pazes: os nossos engenhos hontem queimados e os seus em pé: os seus hoje em pó e em cinza, e os nossos reedificados e moendo todos! D'onde tanta felicidade? D'onde tão notavel mudança?

VII

Bem vejo que me podeis dizer, que responde o fructo ao trabalho; e que tem grande parte n'estes bons successos os cuidados e industrias, as diligencias e execuções humanas. Tantos soccorros ao Rio Real, de gente, de munições, de bastimentos por mar e por terra: soccorros ao Morro, e suas villas; soccorros á capitania do Espirito Santo. Para divertir o inimigo, tropas e mais tropas á campanha: portuguezes por mar; negros e indios por terra. Para intentos do Reconcavo, e para outros grandes usos do serviço d'el-rei e allivio dos moradores, tantas embarcações de remo, maiores e menores, barcos, fragatas, galéras. Para maiores designios os navios de alto bórdo apparelhados. Para sitio as fortificações renovadas e emendadas, novos fossos, novos baluartes. Prevenções para artilheria, prevenções para bastimentos, prevenções para uma futura armada. E como em todo o tempo e logar obram as mãos no mar, e na terra, nas nossas terras e nas do inimigo, no presente e para o futuro, não é muito que colhamos ás mãos cheias os fructos de tão diligentes cuidados, e que se logre felizmente em nossas execuções, o acerto com que se ordenam, e a industria com que se obram. Bem o vejo, assim como o vêem todos; e confesso que o que se tem trabalhado em seis mezes, parece obra de muitos annos; mas justo é que eu me conforme, e todos nos conformemos com o desinteressado animo e zelo verdadeiramente christão de sua excellencia; e que apartando os olhos de todo o concurso e cooperação humana, só a Deus reconheçamos por unico e total auctor d'estas felicidades: e entre os ricos thesouros dos Reis orientaes lhe offereçamos a pobreza de nossos affectos em humilde acção de graças, em reconhecida confissão de suas Divinas misericordias.

Bem puderamos, seguindo a justiça de Christo, dar o de Deus a Deus, e o de Cesar a Cesar; mas o de Deus e o de Cesar, tudo quer o mesmo Cesar que se dê a Deus, que sem Deus não ha Cesares, nem Alexandres. Quando David venceu ao gigante Golias, a espada com que lhe cortou a cabeça, dedicou-a ao Templo; e a funda com que disparou a pedra, pendurou-a em sua casa. A razão d'esta repartição foi, porque como o braço de Deus e o braço de David concorreram para vencer e derribar o gigante, justo era que entre Deus e David se repartissem os despojos e tropheus da victoria; e que a David ficasse a funda, e a Deus se dedicasse a espada. Esta justa repartição pudéra tambem fazer o nosso victorioso David na occasião presente: offerecer a espada a Deus n'esta egreja; e a funda pendural-a gloriosamente em seu palacio: dedicar a Deus na espada as execuções de perto; e attribuir-se a si na funda as assistencias de longe: mas funda e espada, assistencias e execuções, tudo dá, tudo offerece a Deus em perfeito holocausto de agradecimento, penhorando com tão liberal e piedoso desinteresse os favores da Divina Bondade; para que a estes felizes principios respondam fins felicissimos, e por estas primeiras victorias cheguemos á ultima tão desejada.

A razão porque venceu David tantas vezes, e com tão portentosa felicidade os exercitos dos Philisteus, diz um grave Auctor, que foi porque agradeceu a Deus a primeira victoria que d'elles alcançou, quando, degolado o gigante, dedicou ao Templo a espada: *Dignus, ut victricibus palmis frequenter ornaretur, qui primam suæ victoriæ laudem in Deum authorem referebat:* [1] Digno verdadeiramente David, que Deus lhe enchesse as mãos de victoriosas palmas, pois foi tão agradecido e pontual, que offereceu a Deus a primeira victoria, e lhe dedicou as primicias de suas façanhas. Pois se um agradecimento tão de meias, como o de David, mereceu o premio de tantas e tão milagrosas victorias contra os mesmos inimigos, razão temos para seguramente confiar, que, na liberalidade d'este tão inteiro agradecimento, negoceie sua excel-

[1] Mendoç., in Reg., cap. 7, n.º 14, annot 28, c. liter. sect. 4 tom. 2.

lencia com a Divina Magestade as seguintes e maiores victorias contra os hollandezes, e a desejada restauração de Pernambuco e do Brazil, por que tanto suspiramos.

VIII

E na verdade, senhores, (dae-me attenção por caridade, que vol-a espero merecer) e na verdade, que se dos successos presentes quizermos fazer conjectura para os futuros, nunca eu vi mais fundadas as esperanças da desejada restauração do Brazil. Em dia de Santos, mathematicos e astrologos, parece que não satisfazemos á obrigação, se não levantarmos alguma figura. Seja assim: e já que não explicámos o Evangelho no principio, explical-o-hemos agora todo a este intento. O Evangelho nos servirá de céo, as acções d'elle de estrellas, e em tão verdadeiras observações, e tão segura Judiciaria, sem duvida podemos esperar o que nos prometterem, por mais que pareça duvidosa a contingencia dos tempos.

Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda, in diebus Hærodis Regis, etc. [1] Advertiu um grande juizo mathematico o dia vinte de Junho, em que o senhor marquez vice-rei entrou no Brazil com tantas circumstancias de felicidade na jornada, e ainda na tardança; e achou que estava o sol no tropico de Cancer no ponto em que torna a voltar para nós, e começam nesta região a crescer os dias. Fez pois juizo que, da mesma maneira com a entrada de sua excellencia se acabavam as minguantes da nossa fortuna, e começavam os augmentos d'ella. E como juntamente grande theologo, achou prova na Historia Sagrada a este pensamento. Porque observou Santo Agostinho, que nasceu Christo em Dezembro, quando começam a crescer os dias: e S. João Baptista em Junho, quando começam a mingoar: e uma e outra coisa diz o Santo Padre que foi prognostico do que havia de acontecer; porque a fama e gloria do Baptista havia de diminuir-se, e a de Christo augmentar-se, em cumprimen-

[1] *Math.*, II, 1.

to do que o mesmo S. João tinha prophetisado: *Illum oportet crescere, me autem minui.* [1] As palavras de Santo Agostinho são estas: *Humilietur homo, ut exaltetur Deus, secundum illud, quod de Domino Joannes dixit: Illum oportet crescere, me autem minui. Ut humiliaretur homo, hoc die natus est Joannes, quo incipiunt decrescere dies; ut exaltetur Deus, eo die natus est Christus, quo incipiunt crescere.* [2]

Assim se observou o dia mathematicamente, mas eu como menos pontual, se bem mais cingido com o Evangelho, observo os dias: *In diebus Herodis Regis.* [3] Nos dias em que o Brazil estava mais acabado, e desesperado de remedio, a armada perdida, a Bahia abrazada, o inimigo pujante e victorioso, que significa isto? Sem duvida significa o que gravemente disse S. Pedro de Ravena. Pondera, porque veiu Christo ao mundo: *In diebus Herodis Regis,* [4] nos dias em que debaixo do imperio de Herodes estava o reino Hebreu mais tyrannisado que nunca: e assim o espiritual como o temporal d'elle mais perdido: e dá o Santo Padre esta razão, que servirá de resposta a uma e outra pergunta. As palavras são maravilhosas: *Expulsurus tyrannum, vindicaturus patriam, instauraturus orbem, libertatem redditurus adventat.* Sabeis porque vem n'estes dias e n'estes tempos tão calamitosos um e outro restaurador? Por isso mesmo, porque o ha-de ser. Porque ha-de lançar fóra o inimigo: *Expulsurus tyrannum;* porque ha-de vingar as injurias da patria: *Vindicaturus patriam;* porque ha-de restaurar este novo mundo: *Instauraturus orbem;* porque ha-de restituir a liberdade aos que ha tanto tempo a teem perdido: *Libertatem redditurus adventat.*

Neste tempo veiu Christo ao mundo, e neste o vieram buscar os Magos, perguntando em Judéa, ou acclamando, como dizem os Santos, o nome do Rei nascido: *Turbatus est Herodes, et omnis Jerosolima cum illo:* [5] Turbou-se Herodes, e toda Jérusalem com

---

[1] *Joan.*, III, 30.
[2] D. Aug. Hom. 2. de Nat. Joan.
[3] *Math.*, II, 1.
[4] *Chrysol.* Serm. 1.º de Epiph.
[5] *Math.*, II, 3.

elle; que como o povo é espelho do rei, não é muito que mudando o rei as côres, as perdessem tambem os vassallos, e que a perturbações reaes respondessem desmaios populares. Mas porque se perturba Herodes? Saibamos. Turba-se e perturba-se, diz S. João Chrysostomo, porque como era rei estrangeiro, de geração Idumeu, injusto e tyrannico possuidor do sceptro de Judéa, tanto que ouviu fallar na vinda do novo Rei, persuadiu-se que o reino havia de tornar a seu legitimo senhor, e elle havia de ser despossuido e lançado fóra: *Turbatur, cum esset genere Idumæus, ne regno iterum revoluto ad Judæos, ipse expelleretur.* [1] Ah Herodes hollandez! Ah Jerosolyma pernambucana! Como te vejo turbada e perturbada! Que côres são essas tão inconstantes, que se te vão, e se te vêm ao rosto? Já colerica ameaçando guerra, já medrosa offerecendo pazes: já resistindo na campanha, já desesperando da defeza: já accommettendo as nossas praças, já promettendo-as, antes de serem tuas; já no norte, já no sul; já pelo mar, já por terra; intentando tudo, e não acabando nada; começando, e não proseguindo! Que perturbações são estas? Sem duvida: *Turbatur Herodes, ne regno iterum ad Judæos revoluto, ipse expelleretur.* Turba-se Herodes: porque vê que é chegado o Messias, que ha-de restituir a Israël: turba-se a garça livre: porque reconhece com instincto natural o falcão que a ha-de levar nas unhas. Turbam-se as aguas da piscina: porque é chegado o anjo que ha-de sarar ao paralytico.

E senão, pergunto eu: Qual foi o motivo desta perturbação de Herodes? O motivo principal, como bem nota o mesmo S. João Chrysostomo, foi o vêr Herodes que eram tão poucos homens, e nem todos elles eram brancos (que um dos Magos era negro, e negros os que o acompanhavam, conforme a prophecia de David: *Coram illo procident Æthyopes. Æthyopia præveniet manus ejus Deo).* [2] Vêr pois, que tão poucos homens, brancos e negros, vinham tantas leguas de caminho, marchando confiadamente por suas terras, e acclamando o nome de um novo Rei sem temor de

[1] Chrysost. sup. Math. apud. Cat. D. Thom.
[2] *Psalm.*, LXXI, 9. *Ibid.*, LXVII, 32.

seus exercitos, isto fazia turbar e perturbar a Herodes: *Turbatus est Herodes:* isto fazia temer e tremer a toda Jérusalem: *Et omnis Jerosolyma cum illo.* Pois se esta resolução dos Magos perturba a Herodes, quanto maiores motivos, ou não menos que eguaes, tem o hollandez rebelde de se perturbar, vendo as nossas tropas de quatro portuguezes, e quatro negros, marcharem tantas leguas de difficultosissimos caminhos, sem camellos, nem elephantes que lhes levem as bagagens, e andarem livre e intrepidamente em suas campanhas, talando e abrazando tudo, apesar de seus presidios, e acclamando o invicto nome do monarcha das Hespanhas, e de seu novo general? O' como temerão os rebeldes de medir a espada, e de vir ás mãos de perto com o valoroso Samsão, que por meio de tão fraco, mas industrioso poder, lhe abraza suas ricas searas! [1] Bem diz aqui aquella delicada empreza, com que sahiu o outro: *Mais branda é que Marte; mas de filho a pae bem se pódem prestar os pensamentos.* Pintou um sol em sua esphera, o qual estendendo e unindo os raios pela interposição de um vidro artificial, feria fogo n'um coração opposto, e o abrazava em chammas. Animava-se esta figura com uma lettra breve, que dizia: *Quid propinquior?* Quem tanto queima de longe, quanto abrazará de perto? A mesma consideração pódem fazer os hollandezes ás experiencias da nossa, com que o nosso maior planeta, sem sahir da sua esphera, por meio de tão fracas interposições, lhe abraza toda a campanha: *Quid propinquior?* Se tanto queima, se tanto abraza, se tanto vence, quando só influe de longe, que será quando com competente poder se chegar a investir de mais perto? Se Christo no Presepio, e entre palhas faz tremer a Herodes, e a Jérusalem, diz Chrysologo: [2] *Quid faceret, si fultus divitiis, et multitudine:* que seria se viesse com poder, e acompanhado de numeroso exercito? Se com palhas se faz tanta guerra ao inimigo, que quatro palhas são as que queimam as ricas searas, e doces minas do Brazil n'aquella campanha, que será quando as palhas se troquem em lanças, e a guerra se faça, não a lume de palhas, senão a fogo de canhões?

---

[1] *Juizes,* XV.
[2] Chrys. Serm. 158.

IX

Estes venturosos prognosticos são os que perturbam ao hollandez, similhantes ás perturbações e receios de Herodes, o qual para saber o que rezavam as Escripturas em caso de tanta importancia, mandou chamar os Escribas e Principes dos Sacerdotes: que cada um sabe o que estudou. Tempo e logar sei eu, em que talvez para duvidas ecclesiasticas se mandaram consultar capitães, e para negocios militares se pediu conselho aos bispos; por isso o mundo vae como vae. Resolveu o cabido dos Sacerdotes e Escribas, que, segundo prophecia expressa de Michéas, havia Christo de nascer em Belem. E Herodes que já lhe traçava a morte, antes de lhe averiguar o nascimento, fechou-se em secreto com os Magos, para colher as noticias necessarias a seu designio. O que n'este caso me admira por agora, é que não houvesse um d'aquelles Escribas ou Sacerdotes republico, que notasse ao rei de ter trato secreto com homens estrangeiros. O rei com estrangeiros em secreto: *Clam vocatis Magis!* [1] Perigoso trato, arriscada confiança parece! Comtudo nada estranharam, nem murmuraram aquelles lettrados, sem duvida, porque o eram. Eram homens que entendiam as Escripturas, como bem mostraram no entendimento que deram ao Texto de Michéas; e quem lê os livros, e os entende, sabe quão licitos e quão usados são na guerra, e quão proveitosos á republica similhantes tratos. No mesmo caso nosso o temos. Por este trato alcançou o rei muitas noticias necessarias ao intento da conservação de seu reino: *Diligenter didicit ab eis tempus stellæ*, etc. E por este trato, como aqui nota um auctor, chegou a intentar que os Magos fossem espias contra o mesmo Principe que acclamavam: *Ite, interrogate diligenter de puero, et cum inveneritis, renuntiate mihi:* [2] Ide, perguntae, sabei, informae-vos, e como tiverdes noticias, tornae, e avisar-me-heis. E' verdade que os Magos não o fizeram assim; mas nem

[1] *Math.*, II, 7.
[2] *Ibid.*, 8.

todos teem tanta fé, nem tanta fidelidade: e, finalmente, entenda cada um no que lhe toca.

Com este despacho do rei sahiram da cidade de Jérusalem os Magos; e tanto que estiveram fóra, appareceu-lhes logo a estrella que se lhes tinha escondido: *Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos.* [1] Notae commigo por caridade: que em quanto os Reis andaram pela campanha, tiveram estrella: tanto que se metteram na cidade, logo desappareceu: e em quanto estiveram na côrte, nunca mais a viram. Cuidarem os Reis que hão-de ter estrella, que hão-de conservar em felicidade seus reinos, estando nas côrtes, e não sahindo nunca d'ellas! Não o entenderam assim os felicissimos reis de Portugal: não o entendeu assim o famosissimo imperador Carlos v: nem o entende assim o invictissimo monarcha Filippe IV, o Grande. Em muita suspensão tem posto a Hespanha o levantamento de Catalunha: mas como sua magestade (Deus o guarde) sáia á campanha, a estrella escondida apparecerá, e grandes esperanças podemos ter de mui feliz successo. Do Brazil sei eu dizer ao menos, que a causa de se esconder a estrella aos portuguezes: *Stellam, quam viderant in Oriente:* aquella estrella que com tanta gloria de Deus e de Portugal viram no Oriente nossos antepassados, a causa de se nos esconder muitas vezes esta estrella no Brazil, é porque nos mettemos nas cidades, como fizeram os Magos em Jérusalem. Era dictame mui antigo, e mui ordinario, que el-rei mandava defender esta ou aquella praça, e interpretavam-se essas ordens tão estreitamente, como se a Bahia não fôra mais que das portas de S. Bento até ás do Carmo, e aqui dentro nos estavamos. A verdadeira guerra defensiva, é a que offende ao competidor dentro em suas terras; e nunca as cidades estão mais seguras ao perto, que quando o inimigo se divide, e se entretem ao longe. Sabeis, senhores, porque temos já occasiões de graças, tendo tantas até agora de lagrimas? Sabeis d'onde nos veem estas principiadas felicidades? E' porque não esperamos a estrella dentro de Jérusalem, senão porque a imos buscar á campanha. Porque marcharam terços e exercito ao Rio Real; porque se man-

[1] *Math.*, II, v. 9.

dou infanteria ao Morro, e ás outras villas; porque partiram repetidamente tropas e mais tropas á campanha de Pernambuco; por isso tornou a apparecer, e se nos mostra já a estrella, que ha tantos dias tinha desapparecido: *Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos.*

Vendo outra vez a estrella, diz o Texto sagrado, que a festejaram com grande encarecimento os Magos: *Gavisi sunt gaudio magno valdè:* [1] Alegraram-se com gosto grande. Não vos gabo a collocação das palavras; mas esse mesmo desconcerto foi ordenado com divina rhetorica: que quem se soube alegrar concertadamente, não lhe saltava o coração devéras. Festejaram os Magos a estrella extraordinariamente, e com estas alegres demonstrações nos canonisaram as festas publicas, e touros reaes, com que hoje em universal applauso se solemnisam estes felizes successos: que ainda que não chegámos á desejada Belem, ainda que não restaurámos Pernambuco, bastante occasião é de alegria e festa, vêr recuperada a estrella, em cujo seguimento havemos de chegar.

Seguindo a sua chegaram, finalmente, os Reis ao Presepio, e adoraram ao Menino Deus em muito mais levantado throno, que o que deixou no céu: porque estava nos braços da Virgem: offereceram a seus pés os presentes que traziam: *Et obtulerunt ei munera.* Pois que novidade é esta? (Repara Santo Agostinho): *Nunquid non reges antè in Judæa erant nati? Quare iste adorandus, et ab alienigenis adorandus,non terrent exercitu?* [2] Por ventura não nasceram e viveram em Judéa outros reis nos tempos passados? Pois porque os não vieram adorar e reconhecer com presentes os estrangeiros, senão a este novo Rei, não tendo elle poderoso exercito, como os demais, a cujo terror e assombro se humilhassem: *Ab alienigenis, non terrente exercitu?* A razão verdadeira é tão clara, que não tem necessidade de expositor, e foi, diz Santo Agostinho, porque nenhum dos outros reis, senão este, era o Messias, e só Elle havia de encher as esperanças de Israël, e n'ellas as de todo o mundo. Em prophecia d'estas futuras glorias vieram adorar a Christo

[1] *Math.*, v, 10.
[2] *August.*, Serm. 67.

com tributos e presentes os embaixadores da gentilidade (que assim chama David aos Magos): *Venient legati ex Ægypto. Æthyopia præveniet manus ejus Deo.* [1] E que outras consequencias posso eu fazer, senão estas mesmas, quando vejo no meio d'aquella Bahia o que em nenhum outro tempo vimos, náu hollandeza com embaixadores, com presentes: *Et obtulerunt ei munera?* [2] Sem duvida, que estes presentes significam os futuros que elles temem, e nós esperamos. Conjecturam os fins pelos principios; e porque experimentam o que é, temem o que ha-de ser: *Vidimus stellam ejus, et venimus adorare eum:* Vimos a sua estrella, e por isso o vimos a adorar. Viram e experimentaram os rebeldes em todas as occasiões proximas, que sempre levaram a peior de nossas armas, ou no norte, ou no sul, ou no mar, ou na terra, ou nos seus paizes, ou nos nossos; e o reconhecimento d'esta estrella os traz humildes a tributar adorações, e offerecer concertos; parecendo-lhes, a que a nós estrella feliz, a elles cometa temeroso, e sanguinolento, que sobre tanto sangue derramado, lhes ameaça a derradeira ruina.

X

E na verdade, se minha observação me não engana, ainda os aspectos do nosso Evangelho trinam e quadram em favor d'esta conjectura. Não sei se advertis, que diz o Texto: *Et apertis thesauris suis, obtulerunt ei munera aurum, thus, et myrrham;* [3] e não diz mais. Diz que lhe offereceram thesouros, mas não diz que os aceitou o Senhor. [4] Este para mim é o mais verdadeiro prognostico, e o mais firme fundamento deste juizo. Senhor, de quem se diz que lhe offereceram, e não se diz que aceitou, elle restaurará o mundo. E senão, pergunto: Porque se perde o mundo todo, e porque se perdeu o Brazil? Ouvi-o ao pro-

---

[1] *Psalm.* 67, juxta interpr. Eccles.
[2] Ita philosoph. Euth. in hunc locum.
[3] *Math.*, II, 11.
[4] Sic notat Abul. hic.

pheta Isaias, que em cabeça de Jérusalem parece que está fallando comnosco no cap. primeiro: *Terra vestra deserta, civitatis vestræ succensæ igni, regionem vestram coram vobis alieni devorant.* [1] Menos ha de oito mezes, que tudo isto vimos com nossos olhos. Olhae, portuguezes do Brazil, diz Deus, para vossas terras desertas e despovoadas: *Terra vestra deserta:* Olhae para vossas cidades abrazadas e consumidas a fogo: *Civitates vestræ succensæ igni.* Olhae para vossos campos e ricas lavouras, que as andam desfructando os estrangeiros, e logrando, a vosso pesar, os grossos interesses d'ellas: *Regionem vestram coram vobis alieni devorant;* e o peior é que ainda a espada de minha vingança não está satisfeita, ainda o castigo ha-de ir por diante: *Et desolabitur sicut in vastitate hostili.* Pois, Senhor, o Brazil não é uma parte, e não a menor de Portugal, reino tão catholico, tão pio, tão religioso? Não se vos offerecem a este fim tantas orações, tantos jejuns, tantas penitencias, tantos sacrificios? Pois estas obras de culto divino, e de piedade christã, como vos não abrandam? Vêde o que responde o Senhor: *Incensum abominatio est mihi, neomeniam, et sabbatum, et festivitates alias non feram, kalendas vestras, et solemnitates vestras odivit anima mea, facta sunt mihi molesta, laboravi sustinens:* [2] Abomino vossas orações, não quero vossos sacrificios, aborrecem-me vossas festas e solemnidades; o culto divino com que me adoraes, não o posso vêr, enfastia-me: *Et cum multiplicaveritis orationem, non exaudiam:* [3] E por mais que bradeis ao céo, não vos heide ouvir. (Vae a causa de todos estes males) *Manus enim vestræ sanguine plenæ sunt:* Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Cheias do sangue do pobre, e miseravel, que está cada dia mendigando com o suor de seu rosto. Eis aqui porque se perdeu o Brazil, eis aqui porque se perde o mundo, e porque os castigos do céu vão por diante. Pois tem este mal algum remedio? Sim; muito facil: *Lavamini, mundi estote, et venite, et arguite me, dicit Dominus:* [4] Lavae

[1] *Isai.*, I, 7.
[2] *Ibid.*, 13 e 14.
[3] *Ibid.*, 15.
[4] *Ibid.*, 16 e 18.

as mãos, haja limpeza de mãos, diz Deus; e se eu não levantar mão do castigo, se eu vos não ajudar e favorecer em tudo, se eu vos não dér victorias contra vossos inimigos: *Venite, et arguite me, dicit Dominus:* Vinde, argui-me, dizei que sou injusto, que eu vos dou licença. E bem o vêmos. Sabeis porque nos dá Deus as victorias ás mãos lavadas? Assim o foram todas as que n'estes dias tivemos; porque matando sempre tantos centos de hollandezes, da nossa parte entre todos, apenas, se contam quatro ou cinco mortos. Sabeis porque é isto? Eu vol-o direi em uma palavra. Dá-nos Deus as victorias ás mãos lavadas; porque se lavaram as mãos; porque ha limpeza de mãos, porque se não tingem as mãos no sangue do povo, por isso as vêmos ensanguentadas gloriosamente no sangue dos inimigos; por isso tudo luz: por isso tudo cresce; por isso tudo vae por diante: e como por falta disto se perdeu o Brazil, assim por isto se ha-de recuperar, que é o que só resta no Evangelho: *Reversi sunt in regionem suam.*

Tornaram os Magos para as suas terras, e da mesma maneira tornaremos nós, finalmente, para as nossas; porque, se foi oraculo da tornada, voltar por outro caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam;* [1] bem differente caminho leva a restauração do Brazil do caminho ou descaminho por onde se perdeu. Não ha muitos mezes que mostrei, se me não engano, que por falta de justiça nos falta, hoje, a primeira e maior parte deste estado: *Regnum de gente in gentem transfertur propter injustitias:* [2] e como pela misericordia do céo temos tanta justiça na terra, castigando-se os criminosos, premiando-se os benemeritos, reprimindo-se as violencias dos grandes, acudindo-se aos gemidos dos pequenos; não ha duvida que se pelas portas da injustiça sahimos e fômos lançados da nossa região, pelas portas da justiça tornaremos e seremos restituidos a ella: *Per aliam viam reservi sunt in regionem suam.*

Mas como nas causas publicas e communs, não bastam as influencias da cabeça, se discorda a cooperação dos membros, lembremo'-nos todos, Christãos,

---

[1] *Math.*, II, 12.
[2] *Eccl.*, X, 8.

do que a todos diz neste passo Santo Eusebio Emisseno: *Revertamur et nos per aliam viam in regionem nostram; quia per illam, qua exivimus, redire non possumus.* [1] Tornemos por outro caminho á nossa região, ao nosso desejado Pernambuco; porque não podemos tornar por aquelle por onde sahimos. Se sahimos pelo caminho das soberbas, dos homicidios, dos odios, dos adulterios, e dos outros peccados, tornemos, para que Deus nos deixe tornar, pelo caminho da virtude, pelo caminho da penitencia, pelo caminho do arrependimento, pelo caminho da graça, penhor da gloria: *Quam mihi, et vobis*, etc.

[1] In Exposit. hujus Evang.

SERMÃO

DA

TERCEIRA DOMINGA

POST EPIPHANIAM

(Prégado na Sé de Lisboa) *

Si vis, potes. [1]

I

O querer e o poder, se divididos são nada, juntos e unidos são tudo. O querer sem o poder é fraco, o poder sem o querer é ocioso, e deste modo divididos são nada. Pelo contrario o querer com o poder é efficaz, o poder com o querer é activo, e d'este modo juntos e unidos são tudo. Assim considerava o querer e poder de Christo, certo do seu poder, e duvidoso do seu querer, um homem pobre e enfermo, o qual na historia do presente Evangelho prostrado a seus divinos pés, lhe pediu que o remediasse, dizendo que se quizesse podia: *Si vis, potes.*

Grande miseria é, não digo já da incredulidade, mas da estreiteza do coração humano, que confessando os homens a Deus o poder, lhe duvidem da vontade: mas ainda é maior miseria e cegueira, que nao falte quem

---

* O padre Honorati que do sermão antecedente dissera "ser um dos melhores do grande orador, escripto em linguagem nobre, harmoniosa, facil e elegante„ commenta a proposito d'este outro da terceira Dominga da Epiphania "que elle é mais politico-economico que religioso não deixando, todavia, de ser, tambem, um dos mais chistosos e eloquentes do genio vieirense„. *(Crysosth. Port.*, vol. 4, pag. 481.)

[1] *Math.*, VIII, 2.

até o poder lhe duvide. Outro necessitado que tambem pediu a Christo a saude, não para si, mas para um filho, o que disse ao mesmo Senhor foi: *Si quid potes, adjuva nos.* [1] Se podeis alguma coisa, ajudae-nos. Ambos estes homens procuraram o remedio, ambos o pediram, ambos o duvidaram: e se bem considerarmos o que disseram, ambos offenderam a Christo. O primeiro fallou com pouca, o segundo com menos, e nenhum com inteira fé. E que faria o benignissimo Senhor, assim rogado e offendido? Um lhe duvidou o querer: *Si vis;* outro lhe duvidou o poder: *Si quid potes;* e a ambos mostrou que podia e queria. Ao que lhe duvidou da vontade, disse: Quero e posso; ao que lhe duvidou do poder, disse: Posso e quero; e a ambos despediu satisfeitos satisfeitos com o remedio que desejavam.

O' que grande ventura é requerer diante de um Principe que quer e póde! Assim seria tambem a maior de todas as desgraças esperar o remedio de algum tão pouco poderoso que não possa, e de tão má vontade que não queira. A Augusto Cesar disse Marco Tullio prudente e elegantemente, que a natureza e a fortuna lhe tinham dado, uma a maior, e outra a melhor coisa que podiam, para fazer bem a muitos: *Nec fortuna tua majus quam ut possis, nec natura tua melius quam ut velis conservare quamplurimos.* A maior coisa que póde dar a fortuna a um principe, é o poder, e a melhor que lhe póde dar a natureza, é o querer, para poder e querer fazer bem a todos. Ambas estas excellencias de supremo Senhor, concorreram em Christo, no gráu mais heroico. E se nellas teve alguma parte a fortuna, não foi a sua, senão a nossa. O poder e o querer, tudo em Christo é natureza, como composto ineffavelmente de duas: como Deus todo poderoso, como homem todo benevolo: e uma e outra coisa logrou hoje com inteira experiencia aquelle homem de meia fé, que disse: *Si vis, potes.* A estas duas palavras respondeu o Senhor com outras duas. Ao *Si vis*, disse: *Volo;* ao *Potes*, disse: *Mundare:* [2] e em ambas lhe ensinou, que não só podia, como a sua fé confessava: *Potes*, senão que tambem queria, como a sua esperança duvidava: *Si vis.*

---

[1] *Marc.*, IX, 21.
[2] *Math.*, VIII, 3.

Desta maneira declarou em uma mesma acção Christo Senhor nosso, quão alta e promptamente estão unidos para nosso remedio, na sua omnipotencia o poder, e na sua vontade o querer. E porque eu quizera que esta união tão maravilhosa, não só nos servira de documento para a fé, senão tambem de exemplo para a imitação; de todo o largo Evangelho escolhi só aquellas duas palavras: *Si vis, potes.* Se quereis, podeis. Mas como o poder e querer, só naquelle supremo Senhor, que póde quanto quer, são eguaes; e pelo contrario no homem o poder é pouco e limitado, e o querer, sempre insaciavel e sem limite; como se poderá na contrariedade d'esta discordia achar algum meio de união? Reconheço a difficuldade: mas por isso será ella todo o emprego do meu discurso. *Si vis, potes:* sobre estas duas palavras, consideradas variamente por todos os modos com que se pódem combinar, veremos como se ha-de ajustar o querer com o poder, e o poder com o querer. E' uma das mais importantes materias que se deve ensinar ao mundo, e de que depende toda a felicidade humana. Deus me assista com sua graça: *Ave Maria.*

II

Se buscarmos com verdadeira consideração a causa de todas as ruinas e males do mundo, acharemos que não só a principal, senão a total e a unica, é não acabarem os homens de concordar o seu querer com o seu poder: *Si vis, potes.* A raiz d'este veneno mortal, nascida não só na terra, senão tambem no céo, é a inclinação natural com que toda a creatura dotada de vontade livre, não só appetece sempre ser mais do que é, senão tambem querer mais do que póde. Que quiz o anjo no céo, e que quiz o homem no paraiso? Ambos quizeram ser como Deus. Menos me admiro das suas vontades, que dos seus entendimentos. Vem cá, Lucifer, vem cá Adão; tu anjo, e o mais sabio de todos os anjos; tu homem, e o mais sabio de todos os homens: não entendeis e conheceis com evidencia, que não podeis ser como Deus? Pois como appeteceis o que não podeis? Porque tal é a cegueira de um entendimento ambicioso, e a ambi-

ção de uma vontade livre. Ha-de querer mais do que póde, ainda que conheça que é impossivel. O poder ou poderes do homem eram sobre todos os peixes do mar, sobre todas as aves do ar, e sobre todos os animaes da terra: o poder e poderes do anjo eram sobre a terra, sobre o mar, sobre o ar, sobre o fogo, e não só sobre todos os elementos, mas tambem sobre todos os corpos celestes, e sobre todos os astros, e seus movimentos. E porque ainda havia no mundo outro poder maior, posto que este fosse o de Deus, nem o anjo, nem o homem se contentaram com poder o que podiam. E que se seguiu d'aqui? A ruina universal do mundo: a ruina da terceira parte dos anjos, e a ruina de todos os homens.

Mas deixados os anjos, que não são capazes de emenda, fallemos com os homens, que se pódem emendar, se quizerem. Começando pelos maiores corpos politicos, que são os reinos, qual é a causa de tantos se terem perdido, de que, apenas, se conserva a memoria, e outros se verem tão arruinados e enfraquecidos, senão o appetite desordenado e cego, de quererem os reis mais do que pódem? D'aqui se seguem as guerras, e a ambição de novas e temerarias emprezas, como as de Membroth: d'aqui as fabricas de edificios magnificos e insanos, como a Torre de Babel: d'aqui a prodigalidade de excessivas mercês, amontoando em um o que se tira a todos, como as de Assuero em Aman: d'aqui as festas e jogos publicos, com apparatos mais monstruosos que extraordinarios, sem outro fim que a falsa ostentação e vaidade do que não ha, nem é. E quando as despezas de tudo isto deveram sahir do que sobejasse nos erarios e thesouros reaes; que será onde se vêem tiradas e espremidas todas do sangue, do suor, e das lagrimas dos vassallos, carregados e consumidos com tributos sobre tributos, chorando os naturaes, para que se alegrem os estranhos, e antecipando-se as exequias á patria, por onde se lhe devêra procurar a saude? Salomão foi o rei que em todo o seu reinado gosou da mais alta e segura paz de quantos houve dentro e fóra de Israël; mas foi tal a guerra que elle fez á sua mesma côrte e reino, com os prodigiosos espectaculos de grandeza e magestade, cuja fama trazia a Jérusalem todas as nações do mundo, que o mesmo Salomão foi o que destruiu o que tanto ennobreceu

e exaltou: e não por outra razão ou defeito, senão porque, sendo mais poderoso que todos, senão contentou com o que podia. A prata no seu tempo, diz a Sagrada Escriptura, que era tanta em Jérusalem, como as pedras da rua, e neste mesmo tempo eram tantos, tão multiplicados, e tão excessivos os tributos com que o glorioso e miseravel povo sustentava a fama de ser chamado seu um tal rei, que não podendo supportar um peso tão intoleravel, com que em toda a vida os opprimiu, e nem na morte os alliviou, a primeira coisa que pediram a seu successor Roboão, foi a suspensão e remedio destas oppressões. Mas como o filho, que se não contentava com menos que poder ainda mais que seu pae, não désse ouvidos a uma tão justificada queixa, rebellados os mesmos vassallos, lhe negaram a obediencia, e de doze tribus de que constava o reino, perdeu em um dia dez, as quaes nem nos dias de Roboão, nem nos de todos seus descendentes, se uniram ou sujeitaram jámais á mesma corôa.

E se este natural appetite de quererem os homens sempre mais do que pódem, nem na soberania dos que pódem tudo se farta; que será d'ahi abaixo desde os maiores entre os grandes, até os minimos entre os pequenos? O official póde viver como official, e quer viver como escudeiro: o escudeiro póde viver como escudeiro, e quer viver como fidalgo: o fidalgo póde viver como fidalgo, e quer viver como Titulo: o Titulo póde viver como Titulo, e quer viver como principe. E que se segue d'este tão desordenado querer? O menos é que por quererem o que não pódem, venham a não poder o que podiam. Quanto sóbe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Ouvi o que agora direi como proverbio: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem. Simão Mago convocou um dia todo o povo romano, para o vêrem subir ao céo: e verdadeiramente á vista de todos começou a voar. Orou, porém, S. Pedro, sem se levantar da terra, e a sua oração derribou das nuvens ao Mago com tal queda, que, desconjuntados e quebrados todos os ossos desde os joelhos até os pés, totalmente ficou inhabil para poder dar um passo. Justo castigo, mas parece que desegual a tamanha maldade. Este Mago, para que o seguissem os Judeus, fingia-se Messias; e

para que o adorassem os Gentios, fingia-se Jupiter: e um delicto composto de tantos delictos, tão enormes, tão impios, tão sacrilegos e blasphemos, porque o não castigou Deus com lhe tirar logo a vida, senão com o privar sómente do uso dos pés? Excellentemente S. Maximo: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset, et qui pennas assumpserat, plantas amitteret.* Não se contentou Simão com os pés que Deus e a natureza lhe tinham dado para andar, e quiz azas para voar; pois fique privado não só das azas, para que não vôe, senão tambem dos pés, para que não ande. E para que mais? Para que este exemplo e desengano seja um publico pregão a Roma, e a todo o mundo, que quem quer poder mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem.

No Testamento Velho el-rei Balthazar, porque quiz mais do que podia: *Inventus est minus habens.* [1] E d'onde veiu este *menos*, senão d'aquelle *mais? Respexistis ad amplius, et ecce factum est minus,* [2] diz o propheta Aggeu. No Testamento Novo o Filho Prodigo, porque no gastar e alardear quiz o que não podia, nem pedia o estado de filho, veiu a pedir por misericordia a fortuna de criado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis.* [3] Quantos vieram a servir, porque quizeram ser mais servidos, ou servidos de mais do que podiam manter? Se apenas podeis sustentar um cavallo com um muchila, porque haveis de ter uma carroça com oito lacaios? Um é affeiçoado á caça, e quando os cães andam luzidios e anafados, vêr-lheheis os criados pallidos e mortos á fome. O outro é prezado ou picado de pinturas, e quando elle, com falso testemunho ridiculo, chama aos seus quadros originaes de Ticiano, os pagens e os lacaios são verdadeiramente copias de Lazaro. Que direi do que para sahir um dia aos toiros, e ostentar cincoenta lacaios vestidos de téla, empenhou o morgado e as commendas por muitos annos? As sortes seriam quaes quiz a ventura; mas a peior e mais certa, foi a da pobre casa. Elle poderia ter um dia de paschoa, mas ella

---

[1] *Dan.*, v, 27.
[2] *Aggæ.*, I, 9.
[3] *Luc.*, xv, 19.

ha-de jejuar dez annos de Quaresma. Eis aqui o que vem a não poder os que querem mais do que pódem. Com essa mal considerada vaidade, que é o que adquiristes, ou o que perdestes? Perdestes a felicidade de não pedir, perdestes a liberdade de não dever, perdestes o descanço de não pagar; e o que adquiristes com o que tinheis, e com o que não tinheis, foram as invejas dos amigos, as murmurações dos sizudos, as perseguições dos acredores, e a desgraça e máu conceito dos mesmos principes a quem quizestes lisongear e servir; porque como vos ha-de fiar a sua fazenda, quem assim vê que esperdiçaes a vossa?

III

Mas isto passe embora, porque é damno particular. O máu é que para restaurar estes desmanchos, que sempre se devem, e nunca se pagam, quem os está continuamente pagando por varios modos, é o commum. O official de penna, a cujos rasgos mede o regimento as regras, e conta as lettras, se elle quer gastar sem conta e sem medida, que ha-de fazer? Troca as suas pennas com as dos gaviões e minhotos, e não ha ave de rapina que tanto leve nas unhas. O lettrado ou julgador, cuja auctoridade constava antigamente de uma mula mal pensada com sua gualdrapa preta, se hoje fóra de casa ha-de sustentar a liteira, e dentro as alfaias que lhe correspondem, não bastando os ordenados para a terceira parte do anno, quem ha-de supprir a despeza das outras duas partes, senão as partes e a justiça? O que entre fumos de nobreza e fidalguia vive á mercê da sua herdade, a qual quando as novidades não mentiam, só dava para sarja no verão, e baeta no inverno, agora que já ás lãs se não sabe o nome, de que se ha-de vestir, sendo o gallo da sua aldêa, senão das pennas dos que pódem menos? O mercante que tomou os assentos ou contractos reaes de publico, e se contratou de secreto com os zeladores da fazenda do mesmo rei, de que modo sa ha-de saldar quando se vê quebrado, senão com o soldo e fardas dos miseraveis soldados, tornando a comprar os já comprados ministros, para que lhe subam os preços, e ajuste as quebras? Infinita coisa

seria se houvessemos de discorrer por todos os estados assim da paz como da guerra, com que a fazem cruel á republica os mesmos que tinham obrigação de a defender. Com razão disse Seneca, que a riqueza se faz de muitas pobrezas: *Divitiæ ex paupertatibus fiunt:* porque para enriquecer um homem, se empobrecem outros, e para se levantar ou resuscitar uma casa, se arruinam e sepultam muitas. Os empenhos do morgado tiral-os-ha o governo, o captiveiro das commendas remil-o-hão as pensões, e se a limitação dos ordenados não abrange a tanto, estendel-a-hão sem limite os desordenados. O que não póde pagar a gineta, pagal-o-ha a companhia; o que não póde pagar o bastão, pagal-o-ha o exercito; o que não póde pagar Portugal, pagal-o-ha o Brazil, pagal-o-ha a Africa, pagal-o-ha a India. E para que poucos que querem mais do que pódem sejam flagellos, assolação e raios das quatro partes do mundo, se lhes dará licença por escripto, para que possam quanto quizerem.

Lembra-me a este proposito um apophthegma d'aquelle famoso legislador dos gregos, Solon: *Luxus erit in tyrannidem, dum fænum migrat in cornua.* Quer dizer a primeira parte, que do luxo nascerá a tyrannia, pessima filha de máu pae. E segundo os gemidos dos tyrannisados, cujas serão estas tyrannias, senão dos que eu vou fallando? Todos querem mais do que pódem, nenhum se contenta com o necessario, todos aspiram ao superfluo, e isto é o que se chama luxo. Luxo na pessoa, luxo no vestido, luxo na meza, luxo na casa, luxo no estrado, luxo nos filhos, luxo nos criados e criadas, e onde não basta o proprio, claro está que ou por arte, ou por violencia se ha-de roubar o alheio, que estas são mais, ou menos descobertas as tyrannias: *Luxus erit in tyrannidem.* E porque não pareça difficultoso, ou improprio, que de uma causa tão branda, e tão deleitavel como o luxo, nasça um effeito tão duro e tão cruel como a tyrannia; declara a primeira parte da sua sentença Solon com a comparação da segunda, que verdadeiramente é subtilissima: *Dum fænum migrat in cornua.* O pasto com que se regala e se engrossa o toiro, não é o feno brando e para elle tão saboroso, que o come de dia, e o torna a recomer de noite? Pois esse feno na testa do mesmo bruto é o que se con-

verte n'aquellas duas pontas duras, fortes e agudas, que são o instrumento e as armas de toda a sua fereza. Lançae-o no curro, e vereis como a todos remette, a todos atropella; a uns bota para o ar, a outros pisa, a outros fere ou mata; e o que melhor livrou da sua furia, foi deixando-lhe a capa nas mesmas pontas. Se o luxo é o feno, quanto mais se come d'elle, e se gosta e se rumina, tanto maiores serão as tyrannias, e mais feros os estragos: *Dum fænum migrat in cornua.* Boa materia se me offerecia agora para fallar das durezas tão crueis, e das agudezas tão subtis, e das armações tão bem armadas destas armas da tyrannia. Mas o dito bastará para que se entenda a verdade do fundamento que puz, ou suppuz, como primeira pedra d'este tão importante discurso; e que a causa e raiz de todos os damnos particulares e publicos, que padecem as familias, as communidades e os reinos, e com que se está indo a pique o mundo, é não acabar o appetite, a ambição e a cegueira humana de tomar as medidas ao que póde, e ajustar o seu querer ao seu poder: *Si vis, potes.*

IV

Para reduzirmos á pratica este tão necessario ajustamento, a primeira diligencia que ha-de fazer todo o homem prudente de si para comsigo, e sem paixão, nem amor proprio, é medir o seu poder. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum?* [1] Que homem ha de vós (diz Christo) o qual, se quer edificar uma torre, não lance suas contas primeiro, e considere muito devagar, se tem cabedal bastante para levar a obra ao cabo? Porque do contrario se seguiria (acrescenta o Senhor) que depois de ter lançado os alicerces, se não pudesse continuar a fabrica, e pôl-a em perfeição, se ririam todos d'elle, dizendo: este homem pôde começar, mas não pôde acabar: *Ne posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, in-*

[1] *Luc.*, XIV, 28.

cipiant illudere ei, dicentes, quia hic homo cæpit ædificare, et non potuit consummare. [1] Se Christo n'estas palavras prophetisara da nossa côrte, não a pudéra descrever melhor. Raro é o edificio grande em Lisboa que esteja acabado, nem pelos filhos e netos de seus primeiros fundadores. Assim o notam os estrangeiros, aos quaes eu ouvi inferir, não sei se em louvor se em descredito da nossa nação, que sempre são maiores os nossos pensamentos, que o nosso poder. O certo é, que de lhe não tomar as medidas antes de começar, incorremos na desapprovação e riso de todo o bom juizo humano: *Quia hic homo cæpit ædificare, et non potuit consummare.*

A palavra, *hoc homo*, mostra bem que neste primeiro exemplo fallou o Senhor dos particulares; e porque não cuidem os reis, que pela estimação de todo poderosos, ficam isentos desta regra, ajuntou logo o mesmo Mestre divino: *Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se?* [2] Ou que rei ha que havendo de pelejar em campanha com outro rei, não meça primeiro as forças de ambos os exercitos, e considere se sendo o seu meio por meio menor, se poderá defender com elle do inimigo? Mui alheia coisa é de toda a razão e prudencia, que estejam os reis tão mal inteirados do que pódem e do que teem, que o mandem perguntar na occasião aos tribunaes da sua fazenda. Mas nesta parte pódem os antigos reis de Portugal ser exemplar a todos os do mundo. Tomára poder referir aqui todo o testamento d'el-rei D. Sancho I, do qual se vê com admiração, não só o seu grande poder e riquezas naquelle tempo, mas a noticia presencial e exactissima de quanto possuia, e em que generos, e em que logares, e em que mãos. Não deixarei comtudo de apontar algumas verbas do mesmo testamento, pelo que toca á distribuição do dinheiro sómente, não fallando nas doações de villas, logares e outras rendas.

Primeiramente (diz) mando que meu filho D. Af-

---

[1] *Luc.*, XIV, 29 e 30.

[2] *Ibid.*, 31.

fonso succeda no meu reino, e duzentos mil maravedis, que estão nas torres de Coimbra, e seis mil nas de Evora, etc. Ao infante D. Pedro, meu filho, quarenta mil maravedis, dos quaes o Mestre do Templo tem em Tomar vinte mil, e os outros vinte o Mestre do Hospital em Belver. Ao infante D. Fernando outros quarenta mil, dos que estão nas torres de Coimbra: outros tantos a meu neto D. Fernando. A minha filha a rainha D. Thereza quarenta mil maravedis, e duzentos e cincoenta marcos de prata, que estão em Leiria. E á infanta D. Dulce, minha neta, quarenta mil maravedis, e cento e cincoenta marcos de prata, que estão em Alcobaça. Estes maravedis tinham tanto valor n'aquelle tempo que no mesmo testamento deixa el-rei dez mil maravedis para se edificar um convento da ordem de Cister, e outros dez mil para fundação de um hospital de leprosos. Varios vasos de oiro da casa e uso real manda que se desfaçam em cruzes e calices, applicados a differentes igrejas. A todas as cathedraes, e outras de sua devoção, e a todos os mosteiros de Religiosos, e a todas as Ordens Militares deixa grossos legados, apontando na mesma fórma d'onde se hão-de tirar. E, finalmente, no do Summo Pontifice diz assim: De cento e noventa e cinco onças e meia de oiro, que tenho nas torres de Coimbra, se deem ao senhor Papa cem marcos. Tão exacta e tão miuda noticia tinha aquelle bom rei dos seus thesouros que nem meia onça de oiro lhe escapava da conta: sendo que aquellas onças tinham muito maior pezo das que hoje entre nós teem o mesmo nome, pois em menos de duzentas onças, como consta da mesma verba, cabiam cem marcos. De sorte que no mesmo tempo estava o erario real junto e dividido: dividido por occasião das guerras interiores com os moiros, em differentes torres do reino, e junto na memoria e mente do rei, para saber por si mesmo quanto tinha e o que podia, e por isso não emprehendeu guerra ou acção militar, em que não fossem tantas as victorias como as emprezas. Oh quanto póde, e sem oppressões dos vassallos, o principe que se mede com o que póde! Não me posso abster, nem é justo neste passo, de referir a ultima clausula do dito testamento, cujas palavras são estas: Dez mil e duzentos maravedis ficam nas minhas torres de Coimbra e na minha arca, e estes são para restituições do

que indevidamente houver tomado, e o que sobejar, para captivos e pobres. De maneira que um reino novamente levantado, e em tempo de tantas guerras, em que tanto se costuma tomar violentamente a todos, todas as restituições a que a consciencia d'este rei duvidava escrupulosamente de poder estar obrigado, se podiam satisfazer com dez mil e duzentos maravedis, e sobejar ainda para captivos e pobres. Tanto póde, outra vez, só com o seu e sem o alheio, quem se sabe, e quer medir com o que póde.

Mas que dirão á vista d'este exemplo, os que por não tomar as medidas ao que pódem, ou não pódem, cuidam que pódem tudo? Parece-me que os estou vendo retratados na precipitada arrogancia dos filhos do Zebedeu. Perguntou-lhe Christo se podiam beber o calix que elle havia de beber: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* [1] E sem mais consideração ou exame do que eram perguntados, responderam: *Possumus.* Podemos. Ora já que dizeis que podeis beber o calix, não me direis tambem qual é esse calix, e qual essa bebida? E' tal que o mesmo Christo, receioso de o poder beber, e tendo por mais possivel o contrario, appellou para os possiveis da Omnipotencia: *Pater, si possibile est.* [2] Pois se isto mesmo é o que vos perguntam se podeis, e nem sabeis o que podeis, nem sabeis o que é; porque dizeis: *Possumus?* Porque assim cuidam que pódem tudo os que não consideram, nem conhecem primeiro o que pódem ou não pódem.

Ainda depois de conhecidas as proprias forças, póde um homem não poder o que póde, porque o poder e o modo do poder, são duas coisas muito diversas. Quando David se offereceu a sahir ao desafio com o Philistheu, disse-lhe el-rei Saül que não podia; porque o Philistheu era gigante, e elle menino; o Philistheu soldado exercitado nas armas, e elle não: *Non vales resistere Philisthæo isti, nec pugnare adversus eum, quia puer es, hic autem vir bellator est ab adolescentia sua.* [3] Comtudo respondeu David, que

[1] *Math.*, XX, 22.

[2] *Ibid.*, XXVI, 39.

[3] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 33.

sim podia, porque elle tinha experimentado as suas forças com os ursos e os leões, aos quaes despedaçava e matava, e o mesmo faria ao Gigante: *Nam et leonem, et ursum interfeci ego servus tuus.* [1] Ouvida a resposta, e provado o poder de David com tão abonadas experiencias, o mesmo Saül, o qual lhe dissera que não podia sahir ao Gigante, o vestiu de suas proprias armas, para que sahisse. Armado porém elle, e fazendo experiencia das mesmas armas, disse que não podia assim andar: *Non possum sic incedere.* [2] Pois, David, se tão pouco ha dissestes que podieis, como agora dizeis que não podeis? Não diz David que não póde, mas diz que não póde d'aquelle modo: *Non possum sic:* medindo as forças do Gigante com as dos ursos e dos leões, diz posso: mas medindo o exercicio das mesmas forças comsigo carregado de armas, diz não posso; porque não basta o poder para poder, se o impede o modo. O poder, e mais o modo do poder, é o que ha de examinar e reconhecer primeiro quem quer saber se póde ou não póde.

V

Feito assim o exame do poder, e feito, como dizia, sem paixão, nem amor proprio, para ser bem feito, segue-se a eleição do querer, em que consiste todo o acerto, e póde haver muitos erros. Ou eu posso querer sómente o que posso, ou querer mais do que posso, ou querer menos do que posso. E como nestes tres modos de ajustar o querer com o poder, ou egualando, ou excedendo, ou diminuindo, se póde alterar muito a devida proporção, vejamos pela mesma ordem, qual será a mais acertada, e por isso mesmo a mais conveniente.

Quanto á primeira de querer sómente o que posso, é tão excellente e adequada esta proporção, que por um modo admiravel parece se egualа o querer e poder humano com a vontade e omnipotencia divina.

---

[1] *Livr. 1.º dos Reis*, XVII, 36.
[2] *Ibid.*, 39.

Qual é a excellencia e soberania da vontade e omnipotencia divina? E' que Deus póde quanto quer. Pois se Deus póde quanto quer, e eu quero só quanto posso, este é o caso, como diz Seneca em outro, no qual póde o homem competir na felicidade com Deus. Porque se Deus póde quanto quer, eu tambem posso quanto quero, porque só quero quanto posso. Assim o notou com subtil e bem fundada advertencia o douto e engenhoso auctor da arte da vontade. E' verdade que Deus póde fazer mais do que quer; mas tambem o homem póde querer mais do que póde; e a proporção do querer com o poder, tanto consiste em Deus, em se medir o poder divino com a vontade divina, como no homem, em se medir a vontade humana com o poder humano. D'aqui se segue, que os muito poderosos, e os que pouco pódem, todos são eguaes nesta felicidade, em que se fazem tão similhantes a Deus. Porque se uns e outros se conformam e contentam com o que pódem, nem o muito de uns é mais, nem o pouco de outros é menos; porque todos dentro da medida do seu poder, teem tudo quanto querem. Oh que ditoso e bem ordenado viveria universalmente o mundo, se todos penetrassem o interior d'este segredo, e não trespassassem o seu querer além das raias do seu poder!

Advirtam, porém, aqui principalmente os poderosos, que o que dizemos do poder, só se entende do que licita e justamente se póde. O illicito e injusto nunca se póde fazer, ainda que se faça. Mas é tal a jactancia dos poderosos, e mais d'aquelles que cuidam que pódem tudo, que teem por affronta do seu poder cuidar-se que tem limite o que pódem. Assim como o juiz não póde exceder as leis do rei, assim o rei não póde exceder as da razão e justiça. A el-rei Creonte disse Medea: *Si judicas, cognosce; si regnas, jube:* Se obras como juiz, toma conhecimento da causa; mas se obras como rei, manda o que quizeres. A segunda parte d'este aphorismo é tirada dos archivos, não só da tyrannia, mas do atheismo; e não só a seguem os reis, senão tambem os juizes. Pilatos era juiz com vezes de rei, porque era na Judéa logar-tenente do Cesar; e vêde o soberbissimo conceito que tinha dos seus poderes. Como Christo Senhor nosso accusado pelos Judeus não respondesse a uma pergunta que lhe fazia Pilatos, disse-lhe assim: *Mihi non*

loqueris? [1] A mim me não respondes? *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te, et potestatem habeo dimittere te?* Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te livrar? Não, Pilatos: não sabe isso Christo. Esse homem que tens em pé diante de ti, é o mais sabio de todos os homens, e juntamente Deus: e nem como homem, nem como Deus sabe o que dizes, porque dizes o que não é, nem póde ser. Se esse homem é réo, não tens poder para o livrar; e se é innocente, não tens poder para o crucificar. E porque? Porque se é réo não o pódes absolver da culpa; e se não tem culpa, não lhe pódes condemnar a innocencia. Mas quantos innocentes vêmos condemnados, e quantos culpados absoltos, tudo pela falsa e arrogante ostentação dos que cuidam que pódem tudo!

Ora eu vos quero conceder o que não tendes, e suppondo comvosco, que verdadeiramente podeis tudo; ouvi, agora, o que ignoraes, e por ventura nunca ouvistes. Cuidaes que o poder tudo, consiste em não haver coisa alguma a que se não estenda o vosso poder; e é engano manifesto. O poder tudo, consiste em poder algumas coisas, e não poder outras: consiste em poder o licito e justo, e em não poder o illicito e injusto; e só quem póde, e não póde d'esta maneira, é todo poderoso. Não é paradoxo meu, senão verdade de fé divinamente explicada por Santo Agostinho: *Quàm multa non potest Deus, et omnipotens est?* Quantas coisas não póde Deus, e comtudo é omnipotente? E senão dizei-me: Deus póde deixar de ser? Não: Deus póde mentir? Não: Deus póde enganar, ou ser enganado? Não: Deus póde fazer alguma coisa mal feita? Não. Pois se Deus não póde tantas coisas, como é todo poderoso? Por isso mesmo, diz Agostinho: *Imo omnipotens est, quia ista non potest.* E a razão é, porque o ser todo poderoso, consiste em poder umas coisas, e não poder outras: em poder todas as que são licitas, e não poder nem uma só das que são illicitas e injustas. Tanto assim, diz animosamente a Aguia dos Doutores, que se Deus pudesse essas coisas que temos dito que não póde, seria indigno de ser omnipotente: *Nam si mori pos-*

[1] *Joan.*, XIX, 10.

set, si mentiri, si fallere, si falli, si inique agere, non fuisset dignus qui esset omnipotens.

Mas porque esta palavra *dignus* parece que refere ou attribue a omnipotencia a merecimento, sendo assim que Deus gosa a soberania de todos seus attributos, não por merecimento, senão por natureza; o que Santo Agostinho disse por estes termos, porque escrevia para os doutos, declararei eu mais, porque fallo para todos. A harmonia dos attributos divinos é tão concorde, sem poder encontrar um ao outro, que esta reciproca conformidade não só passa a ser união, senão identidade entre si, e com o mesmo Deus. E d'aqui vem que o attributo da omnipotencia não póde todas aquellas coisas que seriam contrarias aos outros attributos. Deus é summamente bom, e se pudesse o máu, não seria summa bondade: Deus é summamente justo, e se pudesse o injusto, não seria summa justiça; Deus é summamente sabio, e se pudesse o errado, não seria summa sabedoria: Deus é summamente verdadeiro, e se pudesse o falso, não seria summa verdade. Logo para Deus ser digno de ser omnipotente, e a mesma omnipotencia digna de ser sua, não só era decente, mas necessario, que podendo tudo o mais, não pudesse coisa alguma que fosse indigna de Deus. E d'aqui se convence como argumenta em outro logar o mesmo Santo Agostinho, que se Deus pudesse taes coisas, seria menos poderoso, e que por isso as não póde fazer, porque é omnipotente: *Sic hoc non potest Deus, ut potius si posset, minoris esset potestatis: et propterea quædam non potest, quia omnipotens est.*

Que dirão agora a isto os todo poderosos do mundo? Se quereis ser omnipotentes, podei sómente o justo e licito, e não queiraes poder o illicito e injusto. Se assim o fizerdes, sereis omnipotentes como Deus, e senão, serão os vossos poderes como os do diabo, que póde e faz muitas coisas que Deus não póde. Supposto pois que só se póde o que licita e justamente se póde, quem nesta fórma ajustar o seu querer com o seu poder, poderá quanto quizer, porque só quererá quanto póde. E para que acabeis de vêr quanto tem de divina esta proporção do querer, ajustado com o poder, notae por fim que Deus só póde fazer o que póde querer: de sorte que só póde obrar a sua omnipotencia o que póde querer a sua

vontade. E se estas são as medidas do poder e querer immenso - poder só o que quer — porque se não contentará a limitação humana com querer só o que póde? Querei só o que podeis, e sereis omnipotentes. *Prorsus omnipotens est qui facit quidquid vult:* Verdadeiramente é omnipotente (conclue Agostinho) quem póde quanto quer: com tal condição porém, que só queira o bem feito, e não queira o mal feito; porque neste querer e não querer, consiste a verdadeira omnipotencia: *Ipsa est omnipotentia facere quidquid benè vult, quidquid autem malè fit, non vult.*

VI

Até aqui temos visto a grande conveniencia e excellencia mais que humana da primeira proporção do querer com o poder, que é querer cada um sómente o que póde. A segunda é dos que excedem esta medida, e querem mais do que pódem, com os quaes agora fallaremos. E que lhes direi eu? Digo geralmente, senhores, (porque os senhores são os que mais ordinariamente se não querem medir, ainda que seja comsigo mesmos) que para desengano d'este desejo, e emenda d'esta vaidade, bastava só a consideração do erro que lhe hão-de achar no fim, e fôra melhor atalhar no principio. Considerae que querendo mais do que podeis, não só destruis o vosso poder, senão tambem o vosso querer. Porque se eu quero mais do que posso, claro está que hei-de perder o que posso, e não hei-de conseguir o que quero. Pois se no fim não haveis de poder conseguir o que quereis, para que é trabalhar e cançar debalde? Mas tal é a cegueira da ambição humana! Mais de duzentos annos depois do diluvio, caminhando todos os homens que então havia, e ainda se conservavam juntos, diz a Escriptura Sagrada, que vieram dar em uma grande campina, a qual os convidou: para que? Não para a dividirem entre si, e a lavrarem e cultivarem; mas para edificarem n'ella uma torre que chegasse até o céo. Philo Hebreu diz que o intento d'esta fabrica foi para se livrarem nella de outro diluvio, se acaso succedesse: o certo porém é, como refere o mesmo Texto, que quizeram levantar um tão soberbo e prodigioso

edificio, para celebrar e fazer famoso seu nome: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur.* [1] Todas as familias de que se compunha este ajuntamento, eram setenta e duas; mas as razões que difficultavam a obra, não tinham numero. Vivia ainda entre elles Noë, já experimentado em grandes fabricas, o qual como velho sisudo, e pai de todos, não ha duvida que lhes proporia quantos impossiveis se envolviam na temeridade d'aquelle pensamento. Se dizeis que os materiaes d'esta torre hão-de ser tijolos cozidos, não vêdes, que nem toda a terra vos póde dar barro para os amassar, nem lenha para os cozer? Depois de crescer a obra como póde haver machinas tão fortes e tão altas, com que guindar os mesmos materiaes até ás nuvens? E dado que houvesse industria e braços para tudo isto, não sabeis que em chegando á terceira região do ar frigidissima, havieis de morrer todos? Pois se para vós levantaes a vossa sepultura, e para a mesma torre fabricaes as suas ruinas, porque quereis o que não podeis, e porque trabalhaes inutilmente no que não haveis de levar ao cabo? A mesma Escriptura Sagrada nos diz altissimamente em uma palavra o porquê. Porque eram filhos de Adão: *Descendit Dominus, ut videret turrim, quam ædificabant filii Adam.* [1]

Ora eu noto, que mais perto parece estava chamarem-lhes filhos de Noë, que foi o segundo pai do genero humano, e o era mais propriamente de todos os que alli se achavam. Pois porque lhes chama o oraculo divino filhos de Adão, e não de Noë? Porque o nome de Adão tinha muito maior pezo e energia no caso presente. Como filhos de Noë não se seguia bem o intento de edificar a torre. Porque se nosso pai fabricou de madeira um edificio que se levantou sobre as aguas, não era boa consequencia: tambem nós poderemos de barro fabricar outro que se levante sobre as nuvens. Porém como filhos de Adão, sim. Porque se Adão foi um homem que cuidou que podia ser como Deus, não é muito que seus filhos cuidem que pódem edificar uma torre que chegue até o céo. Em fim, Deus em pessoa desceu a vêr

---

[1] *Genes.*, XI, 5.
[2] *Ibid.*, 5.

a torre, e logo confundiu as linguas de todos, para que se não entendessem a si mesmos os que tinham sido auctores de uma fabrica tão mal entendida, e assim cessou a obra: *Pendent opera interrupta, minæque murorum ingentes.* E que bem se leria naquellas vastissimas ruinas, relevada em lettras de bronze, a sentença de David: *Cogitaverunt consilia, quæ non potuerunt stabilire.* [1] Onde intentaram celebrar seu nome, fizeram celebre a sua loucura; e na mesma torre com que quizeram adquirir fama, fabricaram sua propria confusão: isto quer dizer Babel.

Com este exemplo desenganou Deus, e ensinou a todos os homens juntos que puzessem freio á vaidade de seus pensamentos, e não quizessem mais do que podiam. Elles porém entenderam tão mal aquella linguagem, se esqueceram tão brevemente daquella lição, que, divididos pelo mundo, assim como deixavam nos campos de Senaar aquelle fatal monumento da sua loucura, assim não houve monte ou valle na terra em que não levantassem outros. Ponde-vos entre Sodoma e Segor, e se perguntardes que estatua é aquella que alli se vê em pé, e dura ainda hoje, ninguem vos dirá o nome proprio, porque se não sabe; mas a Escriptura Sagrada nos diz que é a mulher de Loth, a qual porque quiz vêr o que não podia, confórme o preceito do anjo, no mesmo passo em que voltou os olhos para vêr o incendio das cidades infames, alli ficou convertida em estatua de sal. Ponde-vos na cidade de Galgala, e vereis como um propheta está despojando do sceptro e da corôa, e despindo a purpura a um rei de agigantada estatura, e o mesmo propheta (o qual era Samuel) vos dirá que aquelle rei é Saül, privado para sempre do reino, por se querer aproveitar dos despojos de Amalec, o que não podia, porque Deus lhe tinha mandado que os queimasse todos. Ponde-vos junto ao bosque chamado de Ephraïm, e alli vereis pendurado de um carvalho pelos cabellos, e trespassado pelo peito com tres lanças, o mais galhardo mancebo, que para inveja da formosura creou a natureza. Tal foi o tragico fim de Absalão, o qual, traidor a Deus, ao pai, á patria, e a si mesmo, sendo terceiro filho de David, lhe quiz tirar a corôa da ca-

[1] *Psalm.*, XX, 12.

beça, e pôl-a na sua, como não devêra, nem podia. Ponde-vos nos campos de Babylonia, e vereis com horror andar sobre quatro pés, pascendo feno, e bebendo do rio com os brutos, um homem convertido na mesma figura, o qual pouco antes adorado no throno real se chamava Nabuchodonosor. Era o mais poderoso monarcha do mundo; mas porque quiz ser, e poder mais do que podia, o fez Deus cursar naquella escóla sete annos, para elle aprender, e nos ensinar o que pódem vir a ser os que querem mais do que pódem.

Infinita materia seria se houvessemos de discorrer por todos os exemplos que lêmos nas Escripturas Sagradas, do muito que Deus se offende, e do rigor com que castiga a insolencia de quererem os homens poder mais do que elle quiz que pudessem. Mas para ultimo desengano nosso, e testemunho estupendo d'esta mal entendida verdade, não me é licito passar em silencio o que agora referirei, sentenciado e declarado por bocca do mesmo Deus. Todo o capitulo quarenta e oito gasta o propheta Jeremias em prégar e annunciar a destruição de Moab, entendendo debaixo deste nome toda a nação dos Moabitas. E não ha genero de trabalho, de miseria, de affronta, até á ultima e total aniquillação, que repetidamente, e por varios modos lhes não ameace. Finalmente chega a dar as causas de tamanho castigo: e quaes vos parece que serão? Uma só; mas admiravel, e pronunciada, não menos que pelo mesmo Deus: *Ego scio, ait Dominus, jactantiam ejus: et quod non sit juxta eam virtus ejus, nec juxta quod poterat conata sit facere.* [1] Será destruido e assolado Moab, sem ficar pedra sobre pedra em todas suas cidades (diz Deus), porque sei que a sua arrogancia e presumpção é maior que as suas forças, e quiz fazer mais do que podia. Pois porque a presumpção de Moab é maior que as suas forças, e porque intentou fazer o que não podia, tamanho delicto é este, e tão abominavel diante de Deus, que em castigo delle, ha-de destruir, assolar, e aniquilar uma nação inteira? Se o mesmo Deus o não dissera, quem pudéra crêr tal excesso da divina justiça? Mas assim é sem duvida, pois

[1] *Jerem.*, XLVIII, 30.

Deus dá esta só causa por sua propria bocca. E por isso quero tornar a repetir as mesmas palavras: *Scio jactantiam ejus, et quod non sit juxta eam virtus ejus.* Porque conheço sua arrogancia, e porque sei que as suas forças e o seu poder não é egual a ella: *Nec juxta quod poterat conata sit facere.* E porque sei que o que intentou fazer era mais do que podia. Tão atrozmente sente Deus, tanto aborrece, detesta, e abomina o excesso dos que se atrevem a querer mais do que elle quiz que pudessem!

E se me perguntardes em que consiste a atrocidade de um delicto que não parecia tão grande, respondo que a razão é, porque quererem os homens poder mais do que Deus quiz que pudessem, toca no vivo de sua propria divindade, destruindo e desacreditando a recta disposição dos seus divinos attributos. Profundamente David: *Decidant à cogitationibus suis, secundum multitudinem impietatum eorum expelle eos, quoniam irritaverunt te Domine.* [1] Aos que se atrevem a poder mais do que vós quizestes, vós, Senhor, os derribareis dos seus pensamentos, em pena das muitas impiedades com que provocaram a vossa ira. O que neste Texto é digno de grande reparo, são aquellas palavras: *Secundum multitudinem impietatum eorum.* O peccado da impiedade consiste em negar a Deus a sua divindade: *Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus.* [2] O peccado de quererem os homens mais do que pódem, parece que não passa de presumpção, soberba, e arrogancia, como chamou o mesmo Deus ao dos Moabitas: *Scio jactantiam ejus.* Pois porque chama David a estes taes, não só soberbos e arrogantes, senão impios, e muitas vezes impios: *Secundum multitudinem impietatum eorum?* Porque Deus reparte, e mede a cada um dos homens a maior ou menor porção do poder que é servido dar-lhe, segundo o conselho secreto, e recta disposição da sua sabedoria, da sua justiça, da sua providencia, da sua liberalidade: e contra todos estes attributos divinos, são impios os que querem poder mais do que Deus quiz que pudessem. Dei-te pouco, contenta-te com o pouco, que é o que eu sei que te convèm, e não queiras muito:

---

[1] *Psalm.*, v, 11.
[2] *Ibid.*, XIII, 1.

dei-te muito, contenta-te com esse muito, e não queiras mais, porque nesse mais que desejas está escondida a tua perdição. Não queiras ensinar a minha sabedoria, não queiras condemnar a minha providencia, não queiras acanhar a minha liberalidade; e porque tudo isto fazes quando queres poder mais do que eu quiz, não só uma vez és impio, senão muitas vezes: *Secundum multitudinem impietatum eorum.*

Olhem os homens para as outras creaturas sem uso da razão, e não queiram ser ingratos e soberbos contra Deus, quando todas ellas, grandes e pequenas, o louvam, e lhe dão graças pelo que d'elle receberam. Se o rato não quer ser leão, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elephante, nem a rã quer ser balêa; porque se não contentará o homem com a medida do que Deus lhe quiz dar? E que seria, se nem os leões, nem as aguias, nem os elephantes, nem as balêas, se contentassem com a sua grandeza, e uns se quizessem comer aos outros, para poder mais, e ser maiores? Isto é o que querem e fazem continuamente os homens, e por isso os altos cáem, os grandes rebentam, e todos se perdem. Os instrumentos que creou a natureza, ou fabricou a arte para serviço do homem, todos teem certos termos de proporção, dentro dos quaes se pódem conservar, e fóra dos quaes não pódem. Com a carga demasiada cáe o jumento, rebenta o canhão, e vae-se o navio a pique. Por isso se vêem tantas quedas, tantos desastres, e tantos naufragios no mundo. Se a carga fôr proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio, e á força ou fraqueza do animal, no mar far-se-ha viagem, na terra far-se-ha caminho, e na terra e no mar tudo andará concertado. Mas tudo se desconcerta e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esphera e proporção do poder.

Vejo que me estão dizendo os presados de grande coração, que este discurso quebra os espiritos e acobarda os animos para que não emprehendam, nem façam coisas grandes. Antes ás avessas. Emprehendei e fazei coisas grandes, e as maiores e mais admiraveis; mas dentro da esphera e proporção do vosso poder, porque fóra d'ella não fareis nada. Quem emprehendeu e obrou maiores coisas na Lei Velha que David, e na Nova que S. Paulo? Mas vêde como ambos confessam, que em todas se mediram com o seu

poder, e nunca o excederam. David diz: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me.* [1] Todos sabemos quão grandes e admiraveis foram as obras e victorias de David; como diz logo, que não se exercitou em coisas grandes, nem admiraveis? Na ultima palavra *super me*, o declara. Foram grandes e admiraveis as minhas obras, mas não superiores a mim, porque nunca excederam a medida do meu poder e das minhas forças: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me*, diz Carthusiano, *faciendo opera meam mensuram transcendentia.* Do mesmo modo S. Paulo. As suas tentações, as suas perseguições, e as suas victorias: as suas peregrinações, as suas conversões e os seus trabalhos padecidos pela dilatação da Fé, elle mesmo não póde negar que foram maiores que os de todos os Apostolos: *Plus omnibus laboravi:* [2] e comtudo affirma que nunca excedeu a regra e poder das forças que Deus lhe tinha dado, medindo-se sempre e em tudo comsigo mesmo: *Metientes et comparantes nosmetipsos nobis. Secundum mensuram regulæ, qua mensus est nobis Deus.* [3] Meça-se pois cada um comsigo, e ajuste as suas acções com as suas forças e com o seu poder; porque se para fazer maiores obras quizer poder mais, nem serão maiores, nem obras.

VII

Depois de considerado nestes dois modos de concordar o querer com o poder, no primeiro quão conveniente é querer cada um só o que póde, e no segundo quão errado e arriscado querer mais do que póde; segue-se o terceiro, que consiste em querer menos do que póde: e este modo digo por fim, que não só está livre dos perigos e damnos do segundo, mas excede com grandes vantagens e maior segurança as mesmas conveniencias do primeiro.

Só quem quer menos do que póde, é sempre po-

---

[1] *Psal.*, cxxx, 1.
[2] *1.ª ad Corinth.*, xv, 10.
[3] *2.ª ad Corinth.*, x, 12 e 13.

deroso; porque quem quiz quanto podia, encheu a medida do seu poder, e não póde passar dahi: porém quem quer menos do que póde, sempre póde mais do que quer. E se esta razão é altamente bem entendida, ainda é mais alta a prova. A omnipotencia divina obra *ad intra* e *ad extra*, como fallam os theologos, isto é, dentro em si, e fóra de si: dentro em si no ser increado, e fóra de si no ser que dá a todas as creaturas. E que succede ao poder de Deus nestes dois modos de obrar dentro e fóra de si? Dentro de si o Padre pelo entendimento produz o Filho, e o Padre e o Filho pela vontade produzem o Espirito Santo: e fóra de si, o Padre, o Filho e o Espirito Santo crearam este mundo e todas as creaturas espirituaes e corporaes, que enchem o céo e a terra. Agora pergunto: E póde Deus com a sua omnipotencia obrar mais do que tem obrado? *Ad intra* não, *ad extra* sim. *Ad intra* não; porque nem o Padre só, nem o Filho só, nem o Espirito Santo só, nem todas as tres Pessoas divinas juntas pódem produzir outra que seja Deus. Porém *ad extra* sim; porque assim como crearam este mundo, assim pódem crear infinitos outros com outras creaturas tão perfeitas, e ainda mais do que todas as que teem creado. Qual é logo a razão, porque sendo o poder de Deus dentro em si, e fóra de si infinito, dentro em si não póde obrar mais do que obrou, e fóra de si póde sempre mais, e mais sem limite, nem fim? A razão é clara e manifesta. Porque dentro em si obrou Deus quanto podia; fóra de si nem obrou, nem obrará jámais quanto póde. E se isto é em Deus, quanto mais d'ahi abaixo? Quem quer quanto póde, não póde mais: quem quer menos do que póde, sempre lhe sobeja poder.

Daqui se segue, que o rico que quer mais do que póde, é pobre; e o pobre que quer menos do que póde, é rico. O rico que quer mais do que póde, é pobre, porque lhe falta o mais que quer; e o pobre que quer menos do que póde, é rico, porque lhe sobeja o mais que póde. Assim nol-o ensinou a mesma natureza, mestra de nossas acções, quando nos proveu dos instrumentos, medindo-os com ellas. Porque dispoz a natureza que a mão fosse maior que o coração; e o coração um, e as mãos duas? Porque o coração é o instrumento do querer, e as mãos do poder: no coração está a deliberação da vontade, e nas mãos a

execução das obras; e ordenou que a mão fosse maior que o coração, e o coração um, e as mãos duas, para que sempre pudessemos mais do que quizessemos, e nunca queiramos tanto quanto podemos. Oh! Se nós os homens entendessemos esta politica natural e domestica, e nos persuadissemos a ella, quão descançada seria esta vida, que nós pelo desgoverno da nossa vontade, e pelos excessos das nossas vontades fazemos tão cançada e trabalhosa!

Faz grande differença o propheta Isaias entre os fracos, e de baixos espiritos, que rasteiramente seguem os passos da natureza, e os de alto e generoso coração, que confiados em Deus se levantam sobre ella. Aquelles, diz, por robustos que sejam na edade e nas forças, cançam, e em fim cáem: *Deficient pueri, et laborabunt, et juvenes in infirmitate cadent.* [1] Os outros, porém, tomarão azas de aguia, e andarão e correrão sem jámais cançar, nem desfallecer: *Assument pennas sicut aquilæ, current, et non laborabunt, ambulabunt, et non dificient.* Taes são como estes segundos os que querem menos do que pódem, e tal é o descanço e fortuna da sua vida, se fortuna se póde chamar o que depende da propria vontade, e de seguir o dictame da boa razão. Ponderemos as palavras, que são admiraveis. Diz que tomarão azas como de aguia: *Assument pennas sicut aquilæ;* mas não diz que voarão. O que só diz, é, que andarão, e correrão sem cançar, nem desfallecer: *Current, et non laborabunt: ambulabunt, et non deficient.* Pois se teem azas, e azas de aguia, porque não voam? E se pódem voar, e voar tão alto como a rainha das aves, porque se contentam só com andar e correr? Porque querem e sabem viver descançadamente. Quem tem azas para voar, e se contenta com andar, e quando muito com correr, póde mais do que quer, e quer menos do que póde; e só quem quer, e se contenta com menos do que póde, passa a carreira desta vida sem cançar, nem desfallecer. O mesmo Texto o diz expressamente: *Current, et non laborabunt: ambulabunt, et non deficient.* Se quizessem voar como podiam, pois tinham azas, e taes azas, é força que voando cançassem, ainda que as azas lhes fossem naturaes. Assim

[1] *Isai.*, XL, 30 e 31.

cançou a pomba de Noë, e por isso se tornou para a Arca: *Cum non invenisset ubi requiesceret pes ejus;* [1] mas porque foram tão sisudos, que tendo azas não quizeram voar, e se contentaram sómente com andar, e quando muito com correr, por isso passaram a carreira desta vida, tão cançada e trabalhosa, sem nenhum trabalho, e com seguro descanço: sem nenhum trabalho: *non laborabunt;* e com seguro descanço: *et non deficient.*

E ninguem me argumente em contrario com o exemplo dos Seraphins que ao lado do throno de Deus viu Isaias, os quaes perpetuamente cantavam: *Sanctus, Sanctus, Sanctus,* [2] e perpetuamente voavam. Assim era, mas vêde o que diz o Propheta: *Sex alæ uni, et sex alæ alteri, et duabus volabant:* [3] diz que cada um tinha seis azas, e que voavam com duas: e isto mesmo é o que eu digo: quem tem seis azas, e vôa só com duas, sempre voará, e sempre cantará. Mas quem tendo sómente duas, quer voar com seis, eu vos prometto que brevemente cance de voar, e que sempre chore. Bem o vêmos na miseravel e triste vida de tantos loucos, que, despojados de quanto tinham e podiam ter, só lhes deixou a fortuna os olhos para tarde e sem remedio chorarem a sua cegueira. Que cego ha tão cego, que não apalpe com as mãos, que só dispendendo um homem menos do que póde, póde conservar o que póde? Ponhamos o exemplo no militar, no politico, no economico, e ainda no rustico; e em todos nos sahirá certa a experiencia desta verdade. Empenhar todo o exercito, sem deixar reserva, fal-o-ha o soldado arriscado, mas não o capitão prudente. O lavrador que comer toda a novidade do anno, não terá que semear no seguinte. Se o official gastar quanto ganha na saude, com que se ha-de curar na enfermidade? O mesmo rei que prodigo dér tudo de quanto é senhor, não terá quem o sirva, porque não terá com que pague. Saber poupar o poder, é certo genero de omnipotencia, com que nunca póde faltar á necessidade humana o que houver mister: sendo egualmente certo, que nenhuma

[1] *Genes.*, VIII, 9.
[2] *Isai.*, VI. 2.
[3] *Ibid.*, 3.

esperança de recuperar o dispendido poderá egualar a providencia de o poupar e não dispender.

Em nenhuma coisa se empregam os homens com maior diligencia e cuidado, que em conservar a vida, e comtudo todos morrem. Qual é a razão? A razão natural é, porque a vida consiste no humido e callido radical, os quaes sempre a vão gastando e consumindo, gastando-se elles tambem, e consumindo-se a si mesmos. E por mais que a natureza com o alimento, e com o medicamento, procure recuperar e restaurar o perdido, como ella gasta mais do que póde recuperar, é força que aquelles dois fundamentos da vida, e a mesma vida se consuma, e ninguem escape da morte. Se a natureza humana gostára menos do que póde recuperar, fôramos immortaes; mas porque ella gasta mais, todos morremos. Passemos, agora, da vida natural, á economica e politica. Não ha republica, nem familia tão desgovernada, nem ha homem tão prodigo, e tão perdido, que nos mesmos excessos com que se empenha, e endivida a mais do que póde, não faça conta de recuperar o que gasta, e pagar o que deve. Mas este pensamento é tão enganoso e errado em todos, que assim como vivem empenhados, arrastados, e perseguidos dos seus empenhos, assim acabam a triste, miseravel e aborrecida vida, deixando as dividas em testamento, como em morgado, para que as satisfaçam os filhos e netos, que não pagam as suas, quanto mais as alheias. Para reparo da vida natural creou Deus no Paraiso a arvore da vida, cuja virtude era recuperar ao mesmo humido e callido radical, tudo o que elles em si, e na mesma vida tivessem gastado e consumido; mas o beneficio d'esta restauração nenhum homem chegou a o conseguir. Comtudo, eu leio no Capitulo terceiro dos Proverbios, que aquelles que aprenderam a verdadeira sabedoria, e a observam, logram os fructos da arvore da vida: *Lignum vitæ est his, qui apprehenderint eam; et qui tenuerit eam, beatus.* [1] Que sabios são logo estes que acharam a arvore da vida, e logram na sua o que nenhum homem alcançou? São aquelles que gastando sempre menos do que pódem, conseguem sabiamente antes, o que a arvore da vida havia de fazer

[1] *Prov.*, III, 18.

depois. A arvore da vida havia-lhes de restaurar o gastado depois de o gastarem, e elles por preservação antecipada, conservam o que ella havia de restaurar, não o gastando. Se Adão comêra antes o que havia de comer depois, fôra immortal; por isso disse Deus: *Ne comedat te ligno vitæ, et vivat in æternum:* [1] e isto que Adão não fez na vida natural, fazem na vida economica e politica os que sabiamente conservam em si, não gastando o que a arvore da vida havia de recuperar, mas nunca recuperou depois de gastado.

Grandes escrupulos de consciencia pudéra eu apertar agora neste ponto, pelo grande numero de almas que por estes empenhos sem restituição se condemnam; mas ha muito que estou desenganado, que o que os homens não fizerem pelos escrupulos da conveniencia, muito menos o farão pelos da consciencia. Os da conveniencia pertencem a esta vida, os da consciencia á outra, de que ha tão poucos que tratem. Para conclusão pois de toda esta materia, tão importante para o presente, como para o futuro, acabo com uma sentença, que, sendo do Espirito Santo, até no mesmo Espirito Santo é admiravel. No Capitulo onze da Sabedoria Divina, fallando a mesma Sabedoria com Deus, diz assim: *Omnia in mensura, et numero, et pondere disposuisti: multum enim valere, tibi soli superest semper.* [1] Vós, Senhor, tudo fazeis com conta, pezo e medida; porque só a vós sobeja sempre o poder para quanto quizerdes. Notavel porque! Se dissera que Deus faz tudo com conta, pezo e medida, porque lhe não falta o poder, boa consequencia era; mas porque lhe sobeja o mesmo poder: *Multum enim valere, tibi soli superest?* Sim. Porque fazer tudo com conta, pezo e medida, é propriedade do poder, que sempre ha-de sobejar; e pelo contrario, fazer as coisas sem conta, pezo, nem medida, é propriedade assim mesmo do poder, que nem ha-de sobejar nem bastar. E se Deus com todos os cabedaes da omnipotencia tudo faz com a vara, com a balança, e com a penna na mão: com a vara para a medida, com a balança para o pezo, e com a penna para o numero; onde o poder é tão limitado como o das pobrezas humanas, que ca-

---

[1] *Genes.*, III, 22.
[2] *Sap.*, XI, 21 e 22.

bedal póde haver que se não consuma e acabe, e que baste á prodigalidade, ao desconcerto, á desattenção, e ao appetite dos que, querendo mais do que pódem, tudo quanto teem, e quanto não teem, desbaratam sem conta, sem pezo, e sem medida? Oh cegueira do lume da razão e da fé! Porque não medimos o tempo com a eternidade? Porque não pezamos o Céo com o Inferno? E porque não fazemos conta da que havemos de dar de nós a Deus, e tambem aos homens? Se com esta conta, com este pezo, e com esta medida, ajustarmos não só as nossas acções, senão tambem os nossos desejos, é certo que o nosso querer se concordará facilmente com o nosso poder; e contentando-nos não só com todo elle, mas com menos do que podemos, por meio do maior descanço que póde haver nesta vida, conseguiremos o verdadeiro e eterno da outra.

SERMÃO

DAS

QUARENTA HORAS *

Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meæ, ut inveniam te foris, et deosculer te, et jam me nemo despiciat? [1]

CANT. XIII.

I

Que occultos são os mysterios da Escriptura Divina; e que grande doutor é o tempo! Não ha melhor interprete das Prophecias, que o successo das coisas prophetisadas; nem ha discurso mais certo para alcançar o que se não entende, que o discurso dos annos. As palavras que propuz, são dos famosos Canticos de Salomão, em que nenhuma ha que não esteja prenhe de grandes mysterios. Todos os Santos Padres e Doutores sagrados as entendem confórmemente de Christo Redemptor nosso, e de sua esposa a Igreja; mas em differentes sentidos. Santo Ambrosio, Santo Athanasio e S. Gregorio Papa reconhecem nellas o mysterio altissimo da Encarnação do

---

* Este magnifico sermão, prégado em Lisboa, na igreja de S. Roque, no anno de 1642, distingue-se pela sua contextura oratoria, cheia de bellas imagens, grandiosas e sublimes. O genial orador explica n'este valiosissimo sermão, por um modo verdadeiramente eloquente, a Instituição da solemnidade das Quarenta Horas, para o tempo do Carnaval, que se deve ao zelo apostolico da benemerita Companhia de Jesus. Vieira mantem integros n'este eloquentissimo sermão os seus inauferiveis creditos d'orador vernaculo, disertissimo, incomparavel.

Verbo, na qual o Filho de Deus, vestindo-se da natureza humana, aparentou comnosco, e se fez irmão nosso: *Quis mihi det te fratrem meum?* S. João Chrysostomo depois de encarnado o mesmo Senhor, o reconhece já nascido e aos peitos virginaes de sua Santissima Mãe: (sua e nossa) *Sugentem ubera matris meæ.* Theodoreto, Aponio, e Ruperto, não com menos propriedade das mesmas palavras, depois de encarnado e nascido, o adoraram no altar Sacramentado, para alimento suavissimo das almas, pelas mesmas portas do sentido do gosto: *Et deosculer te.*

Aqui pararam e não disseram mais os Expositores antigos; sendo sem duvida que se alcançaram a viver na nossa edade, descobririam com a experiencia e com a vista o que nós estamos vendo neste grande theatro. Não só desejava a Esposa quando ainda não tinha outro ser (que o prophetico e figurativo) não só desejava a Igreja então vêr a seu Esposo Christo Sacramentado; mas a respeito da sua Presença sacramental, como causa, considerava n'ella tres effeitos particulares, tão maravilhosos, como novos. O primeiro, vêr o mesmo Sacramento exposto e manifesto, e que sahisse fóra dos sacrarios, d'onde está encerrado: *Ut inveniam te foris.* O segundo, que o fim de se desencerrar e apparecer em publico, fosse um novo invento: *Inveniam:* por virtude do qual ninguem mais desprezasse a mesma Igreja: *Et jam me nemo despiciat.* O terceiro, suspirar e desejar ardentemente que acabasse já de vir ao mundo o Auctor d'essa grande obra, e duvidar quem seria: *Quis mihi det?*

Este é o fundamento, e este assim dividido, será o argumento do que pretendo dizer. Para prova e evidencia de tantas coisas juntas e tão maravilhosas, nem da parte do prégador eram necessarios discursos, nem da parte dos ouvintes entendimento: os olhos e a memoria bastavam. Lembre-se a memoria do que foi, e do que viu no tempo passado; abram-se os olhos ao que é e ao que vem no presente: e esta só lembrança, e esta só vista bastará para que conheçamos, e demos graças a Deus pela differença tão notavel de tempo a tempo. Agora me pudéra eu descer do

---

[1] *Cant.*, VIII, 1.

pulpito, e só com esta advertencia deixar á memoria e aos olhos a consonancia e dissonancia de tudo o que melhor se póde considerar, que dizer.

A philosophia da consonancia e dissonancia ainda em uma só palavra, ou syllaba, é tão admiravel, como pouco advertida. Sendo a consonancia, concordia do som, e a dissonancia, discordia; e sendo o som um movimento successivo, que perde uma parte, quando adquire outras; é certo que quando a parte que sôa e existe no ouvido, se ouve, a parte que passou já não se ouve, porque já não existe, nem sôa: como póde logo ser, que do que se ouve, e do que se não ouve, se fórme a consonancia ou dissonancia? O como, ou modo natural d'esta philosophia, é, que a parte do som que passou, ainda que já não sôa, nem existe no ouvido, existe, porém, e persevera na memoria: e da parte do som passado, que persevera na memoria, junta com a parte do som presente, que continúa no ouvido, resulta entre o ouvido e a memoria a consonancia ou dissonancia das vozes. Troquemos agora os sentidos, e do ouvir passemos ao vêr, e entre os olhos e a memoria veremos no nosso caso a mesma maravilha. Ponha-se n'este formoso theatro a memoria defronte da vista, e a vista defronte da memoria; e na contraposição d'estes dois espelhos se verá a consonancia maravilhosa do thema, isto é, da prophecia com o prophetisado, e a dissonancia ainda mais admiravel dos tempos, isto é, do passado com o presente. O passado tão descomposto, o presente tão modesto: o passado tão disforme, o presente tão reformado: o passado tão abominavel, o presente tão louvavel: o passado tão gentilico, o presente tão christão: o passado tão impio, e o presente tão santo.

Assim que, a memoria e a vista me desobrigavam de quanto posso dizer. Mas porque a sensibilidade fraca da nossa natureza não percebe os discursos e consequencias do silencio, nem os encarecimentos mudos da admiração, que é a mais eloquente rhetorica; sendo forçoso que eu haja de fallar: para que diga alguma coisa digna do que a memoria admira na vista, e do que a vista quasi não póde crêr á memoria, recorramos á Fonte, e á Mãe da graça, para que com ella nos assistam. *Ave Maria.*

II

Quis mihi det?

Assim como na entrada do Templo de Salomão estava edificado um portico do mesmo nome, logar tambem sagrado, ao qual primeiro se entrava, e d'elle e por elle ao Templo; ou (para que usemos de melhor e mais alto exemplo) assim como no sacrosanto sacrificio do Corpo de Christo, antes de o sacerdote subir ao altar, pára primeiro na entrada, e considera aonde ha-de entrar, com as palavras de David: *Introibo ad altare Dei;* [1] e com profunda inclinação, batendo nos peitos, confessa a propria indignidade para tão soberanos mysterios, e este rito e sagrada cerimonia se chama o *Introito da Missa;* assim antes de entrar no santo tempo da Quaresma, que é o tempo da penitencia, e o sacrificio, em que não só se representa o da nossa Redempção, mas nós tambem sacrificamos os nossos corpos ao jejum, e ás outras mortificações e penalidades dos sentidos; assim, digo, ordenou a Igreja antigamente, para que esta entrada não fosse subita, e sem a devida preparação, que nos dias antecedentes aos quarenta seguintes, os altares se vestissem de luto, no canto ecclesiastico cessassem os Alleluias, e tudo quanto se visse e ouvisse nos Officios Divinos, fossem os pregões e ensaios da mesma Quaresma, os quaes como tão religiosos e pios, se chamavam o *Introito*, ou Entrada santa: *Sanctus Introitus.*

Durou esta observancia e costume verdadeiramente christão, por muitos annos, em que florescia a Igreja; mas emfim prevaleceram contra elle e contra ella os abusos e profanidades gentilicas, com tal excesso, que as intemperanças dos jogos furiosos de Baccho, chamados por isso *Bacchanalia*, se passaram para estes mesmos dias: e porque Luso, filho do mesmo Baccho foi o que deu o nome á nossa Lusitania, nella, como peste hereditaria, não lançaram meno-

[1] *Psal.*, XLII, 4.

res raizes. Chegou a tanto o desprezo da mesma Christandade entre os christãos nestes dias, qual S. Pedro Chrysologo, Arcebispo de Ravenna, o descreve dos Gentios de sua diocese, no primeiro dia do anno. Diz que inventou o demonio aquelles que elle chama portentos de impiedade e doidice: e a que fim? Oiçamos as palavras do mesmo Santo, que parece fallavam de nós, e comnosco: *Ut ridiculum de religione componeret, ut in sacrilegium verteret sanctitatem, ut de honore Dei Deo pararet injuriam.* Tudo o que a Igreja tinha instituido nestes dias, era religião, era santidade, era honra de Deus. E estava tão trocado e profanado tudo, que o que era honra de Deus, se tinha convertido em injurias do mesmo Deus: *Ut de honore Dei Deo pararet injuriam:* o que era santidade, se tinha transformado em sacrilegios: *Ut in sacrilegium verteret sanctitatem:* e do que era religião se tinha composto o ridiculo: *Ut ridiculum de religione componeret.* E que ridiculo foi este, composto do que era religião? Foi o nome que todos sabemos; mas não sei se reparavamos na composição d'elle. Estes dias pelas obras religiosas e pias, com que nelles se preparavam os christãos para entrar no tempo santo da Quaresma, chamavam-se, como dissemos, *Sanctus Introitus;* e os mesmos christãos depravados, por desprezo e por materia de riso, tinham composto do mesmo nome outro tão ridiculo, que em logar de lhe chamarem, *Sanctus Introitus*, lhe chamavam, *Santo Entrudo.* Não me atrevera a nomear d'este logar tal indecencia, se não fôra tanto do nosso caso, e do que logo hei-de dizer sobre ella.

E que faria a Igreja Catholica, assim desprezada e affrontada no meio de tantos escandalos, tão continuos, tão publicos, e tão alheios da modestia, compostura, temperança, e sobriedade christã? Chorava, gemia, e suspirava pelo remedio: *Quis mihi det?* Mas não havia quem lh'o désse. Passavam uns Pontifices, e outros Pontifices, e desprezavam-se suas censuras: passavam uns reis, e outros reis, e desobedeciam-se seus decretos: nasciam e cresciam umas e outras Religiões, e seus santissimos Patriarchas, e posto que todos prégavam com celestial espirito e zelo contra estas impiedades, ellas não só não admittiam cura, mas como convertidas em natureza, se reputavam incuraveis. Porém como a Providencia Divina para

maior ostentação de sua omnipotencia se preza de obrar as coisas maiores por meio dos instrumentos mais pequenos; assim como para derribar o gigante Philisteu escolheu entre os filhos de Jessé o ultimo, e de menor edade, que foi David, o qual armado só do nome do Deus de Israël, como elle mesmo lhe disse, lhe cortou a cabeça, e a levou em triumpho; assim entre todas as sagradas Religiões escolheu Deus a de menor edade, e ainda menor que menor, a minima Companhia de Jesus, para, em virtude do mesmo Nome Santissimo, derribar, degollar, e triumphar d'este monstro composto de todos os vicios, tão abominavel em si, como na composição, ou descomposição de seu nome.

Começou a Christandade a dar-se o parabem deste novo e admiravel invento; mas soffrendo mal a emulação que fosse auctora e inventora delle uma Religião tão nova, houve quem calumniasse satyricamente esta mesma solemnidade das Quarenta Horas, dizendo com mordacidade discreta, se não fôra impia, que os Padres da Companhia, porque não tinham santos a quem festejar, festejavam o *Santo Entrudo*. Verdadeiramente, Senhor, que a constellação com que nascestes Sacramentado n'este mundo, foi de que nunca vos houvessem de faltar traidores! Sacramentou-se Christo na mesma noite em que o estavam entregando: *In qua nocte tradebatur:* [1] e sacramentou-se com prophecia de que o haviam de entregar: *Quod pro vobis tradetur.* [2] Quanto á primeira parte da calumnia, já a Companhia por mercê de Deus tem Santos, a que tambem festeja: já os seus altares estão bastantemente auctorisados de santos Confessores, e os seus Martyres são tantos, que não cabem nos altares. E quanto ao ridiculo da segunda parte: *Ut ridiculum de religione componeret;* saiba o juizo onde se forjou esta mal limada agudeza, que quando a Companhia não viera ao mundo mais que para lhe dar esta volta, seria bem empregado o seu Instituto: e quando o espirito e zelo de que Deus por sua bondade a dotou, não tivera obrado outra coisa grande, bastava este só milagre que estamos vendo, para a canonisar por

[1] *1.ª ad Corinth.*, XI, 23.
[2] *Ibid.*, 24.

santa. Mas antes que passemos a esta demonstração, que será a corôa do nosso discurso, sigamos por sua mesma ordem as palavras do thema.

III

Já vimos quem foi o inventor: *Quis mihi det?* Segue-se agora a traça, o artificio, e a efficacia do invento: *Ut inveniam.* O invento foi, diz a mesma Igreja, que o mesmo Christo Sacramentado, que nestes dias tinha razão para se ausentar de nós, apparecesse em publico, e desencerrado do interior dos sacrarios, onde estava occulto, sahisse fóra: *Ut inveniam te foris.* Diremos logo que porque o mundo nestes dias andava tão fóra de si, quiz, tambem, o Senhor do mesmo mundo sahir fóra? Sim; e não foi esta a vez primeira. Oiçamos ao grande doutor da Igreja Santo Ambrosio sobre o *foris* do nosso thema: *Fortis factus est, qui erat intus:* [1] O Filho de Deus que estava dentro, sahiu fóra. E onde estava dentro, e quando sahiu fóra? O mesmo santo: *Vide illum intus, quando legis, quòd in sinu est Patris: agnosce illum foris, quando nos quæsivit, ut redimat:* Estava o Verbo Divino dentro, quando estava occulto no sacrario do seio do Padre: *Unigenitus, qui est in sinu Patris.* E sahiu fóra, quando vestido de nossa carne para nos salvar, nos veiu buscar ao mundo: *Exivi à Patre, et veni in mundum.* [2] Vae por diante o mesmo Ambrosio: *Foris sibi factus est, ut mihi intus esset:* Sahiu fóra de si, para estar dentro em mim.

O fim das sahidas foram e são as entradas. Já fóra e já dentro o mesmo Christo; mas com effeitos sempre mais maravilhosos, ou encarnado, ou commungado, ou desencerrado e exposto. Encarnado sáe de si para entrar em nós: *Foris sibi factus est, ut mihi intus esset:* commungado sáe de si, para que nós entremos nelle: *In me manet, et ego in illo:* [3]

[1] Ambr. de Inst. Virg. cap. 1.
[2] *Joan.*, XVI, 28.
[3] *Joan.*, VI, 57.

e desencerrado e exposto, sáe a nós, para que nós entrassemos em nós: *Ut inveniam te foris, et jam me nemo despiciat.* Recorramos á memoria, e ella nos dirá quão fóra de Deus, e quão fóra de si andavam os homens n'estes dias. Andavam tão fóra de Deus, que não pareciam christãos; e andavam tão fóra de si, que não pareciam homens. Pois para que tornem em si os que esquecidos da humanidade andavam tão fóra de si; e para que se tornem a Deus, os que tão esquecidos da christandade andavam tão fóra de Deus, saia Deus tambem, e appareça fóra: *Ut inveniam te foris.*

Nasce Christo em Belem, e não dentro, senão fóra da mesma cidade: *Non erat ei locus in diversorio.* [1] Mas porque razão em Belem, e não dentro, senão fóra? Para intelligencia do que hei-de responder, é necessario suppôr duas coisas, uma que sabem todos os doutos, outra que poucos teem advertido. A primeira é que Christo Senhor nosso, tem dois corpos, um natural, outro mystico, e ambos verdadeiros. O natural é o que nasceu no presepio, e morreu na cruz: o mystico é a Congregação universal de todos os fieis, por outro nome, a Igreja, cuja cabeça é o mesmo Christo, e os fieis somos os membros. Esta supposição é de fé expressa em muitos logares de S. Paulo: *Vos autem estis corpus Christi, et membra de membro.* [2] E em outro logar: *Quia membra sumus corporis ejus*, etc. [3] A segunda coisa tambem certa, e de poucos advertida, é que o corpo natural de Christo foi figura de seu corpo mystico; de tal sorte, que as acções de sua vida eram prophecias dos successos futuros da sua Igreja.

As acções de Christo Senhor nosso, no tempo em que viveu neste mundo, demonstravam sómente o que eram, e o que obravam: mas para os tempos futuros da sua Igreja, em que entram os nossos, significavam o que então havia de ser, e o que o mesmo Senhor havia de obrar nella. Assim se colhe de outro Texto do mesmo S. Paulo, no qual diz que a edade do corpo mystico de Christo, que é a Igreja,

---

[1] *Luc.*, II, 7.
[2] *1.ª ad Corinth.*, XII, 27.
[3] *Ephes.*, V, 20.

se ha-de medir pela edade do corpo natural do mesmo Christo, e que nella ha-de ter o seu complemento Isso querem dizer aquellas palavras: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* [1] E neste sentido as declarou litteralmente o eminentissimo cardeal Guzano, auctor não só sapientissimo, mas extatico, em tratado particular d'esta materia, escripto ha perto de trezentos annos. Isto supposto, torne agora a nossa questão. Christo nasceu em Belem, e não dentro, senão fóra da cidade: e se elle, como Senhor de tudo, nasceu onde quiz, e como quiz, porque razão em Belem, e porque razão não dentro, senão fóra?

Quanto á primeira parte, Santo Agostinho, S. Gregorio Papa, S. Bernardo, e todos os Santos commummente, dizem que quiz o Senhor nascer em Belem, porque Belem quer dizer: *Domus panis*, casa de pão: em prophecia, que debaixo de especies de pão havia de tornar a nascer outra vez, como nasceu, no ultimo dia de sua vida, e nasce todos os dias por virtude das palavras da consagração no Santissimo Sacramento do altar. Este foi o mysterio de nascer em Belem. E o mysterio de nascer não dentro, senão fóra da mesma casa de pão, era prophecia tambem, que viria tempo em que debaixo das mesmas especies lhe seria necessario sahir fóra, como desejava a Esposa: *Et inveniam te foris* a fim, como ella tambem diz, porque sahindo assim em publico, conseguiria a presença de Sua Magestade o respeito que os homens tinham perdido á sua Igreja: *Et jam me nemo despiciat.*

Digam, agora, os olhos e a memoria, se é isto o que vimos, e o que vemos. Mas porque ainda visto parece fabula, vejamos em um espelho tambem fabuloso a causa de tão estranha mudança. Naquella grande tempestade, em que segunda vez se viu perdida Troya, e tambem perdida Roma, antes de o ser porque nas ruinas de uma naufragavam os fundamentos da outra, introduz o principe dos poetas latinos ao deus Neptuno, que sahira em pessoa a pôr em paz a tormenta; e para representar que o mesmo foi apparecer o Deus sobre as ondas, que parar subitamente a furia dos ventos discordes, traz esta comparação:

[1] *Ephes.*, IV, 13.

Ac veluti magno in populo cum sæpe coorta est
Seditio, sævitque animis ignobile vulgus;
Jamque faces, et saxa volant: furor arma ministrat:
Tum pietate gravem, ac meritis si forte virum quem
Conspexere, silent, arrectisque auribus adstant.[1]

Vistes o que cada dia acontece nos povos e cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos uma briga, ou arruido subito, que na campanha se pudéra chamar batalha? Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se offerece ás mãos: chovem os golpes, voam as pedras: uns ferem, outros cahem: todos correm e acodem sem saber a quem, ou contra quem, nem a causa: uns incitados do odio e da ira: outros sem ira, nem odio; tudo é grito, tudo desordem, tudo confusão. No meio, porém, d'este tumulto popular, se apparece uma personagem de grande auctoridade e respeito, no mesmo ponto abatem todos as armas, embainham as espadas, aparta-se sem outra violencia a briga, e não ha quem se mova. Tal aconteceu naquella tempestade do mar (diz o poeta) tanto que appareceu o deus Neptuno; e muito melhor direi eu: tal é o que se viu nas nossas tempestades da terra tão furiosas, tanto que appareceu no meio d'ellas o Deus verdadeiro. Que era Lisboa, que era o mundo nestes dias, senão um mar tempestuoso e uma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, desenfreava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o siso. E com estes quatro ventos tão soltos e furiosos, que ondas se não levantavam entre os homens de affrontas, e injurias mal soffridas?

Que naufragios não fazia a compostura e urbanidade politica, a modestia e a caridade christã, e a mesma vida, sem causa nas brigas, nos insultos, nas feridas, nas mortes, sendo os instrumentos d'este desfroço a agua, o fogo, o ferro, as pedras, e tudo o que podia inventar a loucura e occorrer ao furor: emfim propriamente e sem metaphora: *Faces, et saxa volant; furor arma ministrat?* E quem imaginára que toda esta tempestade a havia de serenar uma nuvem, da qual mais naturalmente se podiam esperar, ou temer

[1] *Æneid.*, I.

raios? Mas assim a serenou com o silencio, e attenção que vemos: *Silent, arrectisque auribus adstant.* Porque naquella nuvem branca appareceu sem apparecer o Senhor do mar e dos ventos: *Qualis est hic, quia venti, et mare obediunt ei:* [1]

IV

Já nestas ultimas palavras tenho feito christã a comparação fabulosa. Pela travessa do mar de Tiberiades navegava Christo com os Apostolos, quando se levantou uma tal tempestade, que elles, com serem creados no mar, se deram por perdidos. O Senhor no mesmo tempo dormia: *Ipse verò dormiebat.* [2] Espertaram-no a grandes vozes, dizendo: *Salva nos perimus.* E que faria e diria aquella vigilante Providencia, que ainda quando dorme não dorme? Aos Apostolos reprehendeu-os de pouca fé: *Modicæ fidei:* ao vento mandou-lhe que parasse: ao mar que se não bolisse: e no mesmo ponto o que era furiosa tempestade, ficou a mais socegada bonança: *Imperavit ventis, et mari: et facta est tranquillitas magna.* Em tudo foram similhantes aquelle caso, e o nosso; porém no nosso maior a tempestade, maior o milagre, e maior a fé. Maior a tempestade, porque a d'aquelle dia levantaram-na os mares e os ventos, que sempre obedecem a seu Creador: a destes dias levantava-a o appetite, a paixão e o livre alvedrio humano, cuja rebeldia só póde resistir a Deus, e dizer-lhe na cara: Não quero.

Maior o milagre; porque lá foi necessario espertar Christo do somno, levantar-se, apparecer visivel aos dois elementos, reprehendel-os, como diz S. Lucas: *Increpavit:* [3] e mandar-lhes com imperio, que se socegassem: *Imperavit ventis.* Porém cá sem apparecer, nem se mostrar visivel, sem fallar, sem reprehender, sem mandar, e sem accordar do somno, sendo tantos os elementos alterados, quantos são os homens, todos

---

[1] *Math.*, VIII, 27.
[2] *Ibid.*, 24.
[3] *Luc.*, VIII, 24

se socegaram em um momento, e se puzeram na paz, que vemos. E disse, sem espertar do somno, porque o somno não é outra coisa, que uma dôce prisão de todos os sentidos do corpo: e tal é o estado do Corpo de Christo no Sacramento, por força do modo sacramental (a que os theologos chamam, *ubi definitivo)*: e posto que o Senhor alli nos está vendo sempre com os olhos da Divindade, em quanto Deus; e com os olhos da alma, em quanto homem; os do corpo não só lh'os vendou o nosso amôr, mas lhe embargou juntamente de todos os outros sentidos o uso.

Finalmente, foi maior a fé; porque a fé dos Apostoloso naquelle tempo era muito fraca: *Modicæ fidei.* Muito fraca; porque cuidaram que Christo podia menos dormindo, que acordado: muito fraca; porque bastando a vontade do Senhor sómente para o milagre, foram necessarias todas aquellas acções exteriores e visiveis, para que elles cressem que a obediencia dos ventos era effeito do seu imperio, e por isso lhes tornou a dizer então: *Ubi est fides vestra?* [1] em summa, muito fraca; porque, como affirma expressamente entre os Padres antigos S. João Chrysostomo, e entre os Expositores mais graves Dionysio Carthusiano, os Apostolos naquelle tempo ainda não criam a Divindade de Christo. E quando os Apostolos da primeira Companhia de Jesus na tempestade de Tiberiades, que era um lago, tiveram tão pouca fé; a fé dos Apostolos da segunda Companhia do mesmo Jesus (nome que ella deve a Portugal) foi tão grande, tão animosa, tão firme, que sendo a tempestade maior que o mar, e tão immensa, como o mundo todo, crêram, entenderam, e suppuzeram com evidencia, que para o mesmo Senhor a socegar em um momento, não era necessario acordar, nem levantar-se, nem fallar, nem mandar, nem mostrar-se visivel, nem correr aquella cortina, que o leito da barca não tinha: mas debaixo, e coberto d'ella sahir sómente fóra: *Ut inveniam te foris.*

Este sim, que foi o maior triumpho do Sacramento do Corpo de Christo, e se póde dizer com razão, que permittiu Deus esta grande tempestade só para esta-

[1] *Luc.*, XIII, 25.

belecer a fé do mesmo Sacramento. Depois do famoso milagre da multiplicação dos pães no deserto, seguiu-se immediatamente o milagre de outra tempestade, que padeceu a barca de S. Pedro, a qual o mesmo Christo socegou com sua presença. E porque não se pudesse cuidar que a consequencia d'estes dois milagres succederia por acaso, notam os Evangelistas, que obrando o primeiro milagre em terra, logo o Senhor dispoz o segundo que havia de obrar no mar, obrigando os Discipulos por força a que se embarcassem: *Et statim coegit discipulos suos ascendere navim*, [1] diz um Evangelista. E outro: *Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam.* [2] Notem-se as duas palavras, *coegit et compulit*, que ambas significam a resistencia dos Discipulos, o empenho do Mestre, e ser a viagem forçada. Qual foi logo a razão, ou o mysterio, porque ordenou o Senhor, que ao milagre de multiplicar os pães, succedesse immediatamente, *statim*, o de applacar a tempestade? Admiravelmente o descobriu S. Marcos: *Cessavit ventus et plus magis intra se stupebant; non enim intellexerunt de panibus.* [3] Tanto que viram cessar a tempestade, pasmaram muito mais todos, e pasmaram, porque não tinham entendido o milagre dos pães. De sorte que ordenou o Senhor, que ao milagre da multiplicação dos pães succedesse immediatamente o da tempestade socegada com a sua presença, para que o testemunho do segundo milagre confirmasse a verdade do primeiro, e a evidencia da tempestade applacada, que viam, lhes ensinasse o mysterio dos pães multiplicados, que não entenderam: *Non enim intellexerunt de panibus.* Ora vêde.

O milagre dos pães multiplicados foi o primeiro ensaio, ou a primeira prova do Sacramento; porque assim como Christo multiplicou o pão, e com elle multiplicado sustentou tantos mil homens; assim debaixo das especies de pão havia de multiplicar o Sacramento de seu Corpo, que no mesmo Sacramento está multiplicado em todas as partes do mundo. Tanto assim, que sobre aquelle mesmo milagre, como consta

---

[1] *Marc*, VI. 45.
[2] *Math.*, XIV, 22.
[3] *Marc.*, VI, 51 e 52.

do capitulo sexto de S. João, assentou Christo toda a fé e doutrina do que elle ensinou, e nós crêmos do Santissimo Sacramento do altar. Sobre aquelle milagre disse: *Hic est panis, qui de cælo descendit;* [1] sobre aquelle milagre disse: *Caro mea verè est cibus;* sobre aquelle milagre disse: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* E como os Discipulos não entenderam os mysterios occultos do pão multiplicado; por isso o Senhor ajuntou logo ao milagre do pão multiplicado, o da tempestade socegada só com a sua presença, para que a experiencia manifesta do milagre que viam, os instruisse e confirmasse na fé do que não entenderam: *Cessavit ventus, et plus magis intra se stupebant; non enim intellexerunt de panibus.*

Mas com quem fallarei eu agora? Passo da terra ao mar, e fallo comvosco, ó navegantes d'essas náus septentrionaes, que de todos os portos do norte vos achaes agora no de Lisboa. Muitos de vós enganados por Calvino, por Beza, por Zwinglio, e pelos outros hereges, negaes a fé e verdade da presença de Christo no Sacramento: e que vos direi eu para vos convencer? Lembrae-vos do que vistes neste mesmo Emporio, e nestes mesmos dias, e abri os olhos ao que agora podeis vêr. Lembrae-vos da tempestade que nestes dias vistes em Lisboa, maior que todas as que experimentastes no mar, e por medo da qual vos não atrevieis a sahir em terra; e se algum sahia, ou tornava ferido, ou não tornava. E vendo agora a tempestade convertida em tão estupenda bonança, toda aquella guerra em paz, todo aquelle tumulto em silencio, todas aquellas doidices em siso, e toda aquella confusão e perturbação das ruas e praças em piedade, em devoção, e em culto divino nas igrejas: com a vista defronte da memoria, e os effeitos á vista da causa, d'este segundo e tão evidente milagre, não podereis negar a Fé e verdade do primeiro. Obrigados, pois, a conhecer e confessar, apesar da heresia e do inferno, que dentro d'aquelle circulo breve, e debaixo d'aquelles accidentes, que parecem de pão, está realmente presente o verdadeiro e todo poderoso Deus, pois só a sua omnipotencia podia obrar uma tão prodigiosa mudança, sem outro instrumento ou meio na-

[1] *Joan.*, VI, 51.

tural e humano, mais que abrirem-se as portas ao sacrario, onde o divinissimo Sacramento estava encerrado, e sahir fóra: *Ut inveniam te foris.*

V

O que a Igreja Catholica (deixados os hereges) se promettia d'este novo e milagroso invento, era que ninguem depois delle a desprezaria: *Et jam me nemo despiciat:* e tornando a fallar comnosco, mostremos aos olhos este milagre, e fechemos todo o discurso com uma chave, se eu me não engano, de oiro. Pregado Christo na cruz, era tão deshumano o odio de seus inimigos, que ainda alli lhe multiplicavam as dôres, as injurias as affrontas, e, com varias illusões e allusões ao que tinha dito em vida, as blasphemias. Blasphemavam-no os Escribas e Phariseus, blasphemavam-no os Principes dos Sacerdotes, blasphemavam-no os soldados que lhe jogaram as vestiduras, blasphemavam-no todos os que assistiam no Calvario, e até os que passavam de longe lhe não perdoavam as blasphemias: *Prætereuntes blasphemabant eum.* [1]

Expirou em fim o Senhor mais depressa do que se imaginava. Quiz-se assegurar um soldado de que estava morto, abrindo-lhe o peito com a lança: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* [2] Sahiu da ferida sangue e agua: *Exivit sanguis et aqua:* e desde o mesmo ponto se trocaram as coisas de sorte, que aos opprobrios succederam obsequios, ás affrontas honras, ás injurias e blasphemias venerações não imaginadas. Esta foi a mudança subita, e tão digna de reparo, que o mesmo Evangelista a notou, e quiz que todos a advertissem. Acabava de narrar o acto cruel da lançada, e logo acrescenta com ponderação emphatica: *Post hæc autem:* [3] Porém, depois disto... E depois disto que foi? Tudo o contrario do que dantes tinha sido.

Tres vezes repete S. João o *autem* ou o porém

---

[1] *Math.*, XXVII, 39.
[2] *Joan.*, XIX, 34.
[3] *Ibid.*, 38.

da differença: *Post hæc autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathæa: Venit autem et Nicodemus, qui venerat ad Jesum nocte: erat autem in loco, ubi crucifixus est, hortus, et in horto monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.* Antes dagora os Discipulos publicos e conhecidos fugiram: *Post hæc autem;* porém agora os Discipulos que eram occultos, se publicaram e declararam descobertamente pela sua parte, e em serviço de seu Mestre e Senhor. Até agora não havia quem se atrevesse a fallar por Elle uma palavra, nem a lhe dar uma sêde de agua: *Post hæc autem;* porém agora, *audacter*, animosamente e sem temor entraram pelo Pretorio de Pilatos a demandar o sagrado Corpo, para lhe dar honorifica sepultura. Até agora tinha mandado Pilatos que para morrer mais depressa lhe quebrassem os ossos, como aos outros dois crucificados: *Ut frangerentur eorum crura: Post hæc autem;* [1] porém, agora, o mesmo Pilatos não só concedeu liberalmente o que era vedado a todos os que morriam por justiça; mas fez doação do corpo defuncto, como diz S. Marcos: *Donavit corpus Joseph;* [2] para que se lhe fizessem as exequias e honras publicas, succedendo á desnudez as hollandas, ás feridas os balsamos e aromas, e á pobreza e desamparo o culto, a veneração, e a pompa funeral: *Sicut mos est judæis sepelire.* [3]

Dois discipulos ou criados fieis, José e Nicodemus, foram os ministros destas finezas, e nelles se representaram todos os estados, e nellas todas as virtudes christãs que vemos, e já não admiramos neste formoso concurso, tudo notado pelos quatro Evangelistas. Concorreram os principaes: *Principes judæorum:* [4] concorreram os conselhos: *Hic non consenserat consilio eorum:* [5] concorreram os doutores e lettrados: *Tu es magister in Israël* [6] concorreu a nobreza e a milicia: *Nobilis Decurio:* [7] concorreram os naturaes e os

---

1 *Joan.*, XIX, 31.
2 *Marc.*, XV, 45.
3 *Joan.*, XIX, 40.
4 *Joan.*, III, 1.
5 *Luc.*, XXIII, 51.
6 *Ibid.*, III, 10.
7 *Marc.*, XV, 43.

estranhos: *Ab Arimathæa civitate Judææ:* [1] concorreu a bondade e a justiça: *Vir bonus, et justus:* [2] concorreu a riqueza: *Quidam homo dives;* [3] concorreu a liberalidade, ou, mais propriamente, a prodigalidade: *Ferens mixturam myrrhæ, et aloes, quasi libras centum:* [4] concorreu, finalmente, em tudo, o asseio, o primor, o preço, a decencia, e a novidade, não havendo coisa que houvesse tido outro uso, ou servisse a outrem: a mortalha nova: *Mercatus sindonem:* [5] e a sepultura nova: *Monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.* [6]

Ao nosso ponto agora. Supposto que esta mudança tão notavel de affrontas e desprezos de Christo, em obsequios e venerações do mesmo Christo se seguiu immediatamente ao golpe da lança: *Post hæc autem;* que segredo, que mysterio, ou que effeito obrou aquella lançada, para que della resultasse uma tão prodigiosa mudança? Por ventura foi a chaga do lado que se abriu no peito do Senhor? Não foi a chaga que se abriu; mas foi o que por ella logo sahiu: *Continuò exivit sanguis, et aqua.* Ora vêde. Todos os Santos Padres, sem excepção alguma, dizem que assim como do lado de Adão dormindo tirou Deus a costella, de que formou a Eva; assim do lado de Christo morto sahiram os Sacramentos de que formou sua Esposa a Igreja. Mas entre esses mesmos Sacramentos houve uma grande differença, porque os outros Sacramentos sahiram do lado de Christo symbolicamente, e só em representação; porém o Santissimo Sacramento do altar sahiu em realidade. O que sahiu foi sangue e agua: e aquelle sangue é realmente o mesmo que adoramos no calix; e o calix usual, em que Christo o consagrou, e nós o consagramos, tambem levou e leva juntamente agua. E como aberto o lado de Christo, sahiu fóra o Santissimo Sacramento: *Exivit sanguis et aqua;* por isso no mesmo ponto as affrontas e desprezos de Christo cessaram, e se converteram em

---

[1] *Luc.*, XXIII, 51.
[2] *Ibid.*, 50.
[3] *Math.*, XXVII, 57.
[4] *Joan.*, XIX, 39.
[5] *Joan.*, XIX, 41.
[6] *Joan.*, XIX, 41.

obsequios e veneraçõs, que é o que a Esposa esperava e dizia: *Ut inveniam te foris, et jam me nemo despiciat.*

Notou neste caso Santo Agostinho, que não disse o Evangelista, que o soldado feriu o lado, senão que o abriu: *Non dixit, percussit, aut vulneravit, sed aperuit.* E disse *aperuit* com grande mysterio, accordo e advertencia, como acrescenta o mesmo santo: *Vigilanti verbo;* porque no sacrario do peito de Christo estava encerrado o divinissimo Sacramento, e tanto que as portas do mesmo sacrario se abriram com o ferro da lança, que foi a chave: *Lancea latus ejus aperuit;* assim como no mesmo ponto, *continuò*, sahiu fóra não em figura, senão em realidade e em sua propria substancia o Sacramento: *Exivit sanguis et aqua;* assim no mesmo ponto em que elle sahiu entraram os homens em si, e se seguiram as maravilhas de tão prodigiosa mudança: *Post hæc autem.* Deste modo o tinha eu imaginado, não sem grande dôr de não ter quem me confirmasse a novidade do pensamento, quando fui achar, que ha perto de seiscentos annos o tinha escripto Ruperto Abbade, o mais douto e agudo Expositor do seu tempo, por estas expressas palavras: *De patefacto Christi latere sanguinis, et aquæ sacramentum productum est, et exinde statim Ecclesia reformata.* [1] Todas as palavras dizem o que eu quero dizer, o que tenho dito, e o que diz o Texto.

Note-se muito o *statim*, que é o *continuò:* o *exinde*, que é o *post hæc:* o *productum*, que é o *exivit:* o *de patefacto latere*, que é o abrir-se o sacrario, *latus ejus aperuit:* o *exivit sanguis, et aqua*, que é o apparecer o Sacramento em suas proprias Especies: *sacramentum productum est:* e sobre tudo a differença do *post hæc autem;* porque a Igreja, que por este soberano invento se promettia não ser mais desprezada como dantes: *Et jam me nemo despiciat:* assim o experimentou immediatamente: *Et exinde statim Ecclesia reformata.* A Igreja até agora nestes dias não só estava disfórme, mas infórme: disfórme, porque tinha perdido a sua formosura; e infórme, porque tinha perdido a sua propria fórma, parecendo mais gen-

[1] Rupert. lib. 2. de Operibus Spirit. S. cap. 19.

tilica, que christã; mas tanto que viu fóra o divinissimo Sacramento, de que, perdido tudo o mais, não tinha perdido a fé, o vel-o fóra *Ut inveniam te foris* foi o mesmo que entrar ella dentro em si, e ficar tão outra, tão mudada, tão differente do que pouco antes era, e tão reformada e transformada no que dantes tinha sido, como a vemos: *Et exinde statim Ecclesia reformata.*

VI

Ainda não está esgotado o mysterio do sangue e agua. Assim como Ruperto e outros Doutores pela união da agua elementar, que se consagra no calix (qual foi a que sahiu do lado) suppõe nella e no sangue um só Sacramento, que é o da Eucharistia; assim outros, porque estes dois sagrados licores sahiram divididos e distinctos, um primeiro e outro depois, na agua reconhecem o sacramento do Baptismo, e no sangue o Santissimo do altar. *Non casu, et simpliciter hi fontes scaturiunt, sed quoniam ex ambobus Ecclesia constituta est: sciunt hoc initiati, per aquam enim regenerati, per carnem, et sanguinem nutriti.* [1] Não acaso, senão com altissimo conselho (diz S. João Chrysostomo) brotaram do peito aberto de Christo duas fontes, uma de agua, outra de sangue, como sabem todos os christãos: pela agua, que é materia do sacramento do Baptismo, somos todos regenerados; e pelo sangue, que é a do Sacramento do altar, sustentados. O mesmo diz S. Jeronymo, S. Cyrillo Alexandrino, e Tertulliano em mais breves palavras: *Ut quia aqua se lavassent, etiam sanguinem potassent.* [2] Mas desta mesma sentença tão recebida, resulta uma bem fundada duvida. Primeiro é o sacramento do Baptismo, que o do altar. Assim o acaba de dizer Tertulliano: asim o notou o mesmo S. Chrysostomo: *Nam priùs diluimur, postea mysterio dedicamur.* Assim o significou a figura do Velho Testamento, porque primeiro chovia o céo o orvalho, em significação do Ba-

[1] Chrysostom. homil. 84. in Joan.
[2] Tertull. de Bapt. cap. 16.

ptismo, e depois cahia do mesmo céo o maná em representação do Divino Sacramento. Logo do mesmo modo, e pela mesma ordem, primeiro havia de sahir da lado de Christo a agua, e depois o sangue: pois porque razão sahiu primeiro o sangue, e depois a agua: *Exivit sanguis, et aqua?*

Em outras occasiões tem esta duvida outras respostas; porém na occasião presente pedia a verdade do mysterio e a evidencia do effeito, que primeiro sahisse o sacramento da Eucharistia no sangue, e depois o do Baptismo na agua: porque? Porque o mundo n'estes dias tinha-se feito gentilico, seguindo as festas, ou as furias de Baccho, por isso chamadas *Bacchanalia;* e como não houve outro remedio para as emendar e destruir, senão o de sahir fóra o Sacramento, não só representado, mas presente no sangue: *Exivit sanguis;* por isso o Baptismo representado na agua não podia vir, nem apparecer antes do mesmo Sacramento, senão depois: *Exivit sanguis et aqua.* Esta foi a consequencia do effeito, e esta a energia do mesmo baptismo, mais vivamente declarada em seus proprios termos. Como o mundo nas profanidades destes dias se tinha desbaptisado e feito gentio, e por virtude do Santissimo Sacramento sahir fóra, se havia de tornar a rebaptisar e fazer outra vez christão, que é o que estamos vendo, claro está que o effeito milagroso do mundo convertido rebaptisado não havia de apparecer, nem sahir antes do Sacramento, senão immediatamente depois. E este *depois*, é o *depois* do Evangelista tão ponderado na differença dos seus effeitos: *Post hæc autem.*

Mais ainda; porque ainda falta a corôa de todo o mysterio. E sahiu do sacrario do lado o Divinissimo Sacramento, não na primeira especie e substancia, que é a do corpo e da hostia, senão na segunda, que é a do sangue e do calix: *Exivit sanguis;* porque na primeira transubstancia-se o corpo debaixo das especies de pão, e na segunda o sangue debaixo das especies de vinho. Assim o dizemos na Missa: *Per hujus aquæ, et vini mysterium.* E como o vinho era a materia dos sacrificios profanos e embriaguezes de Baccho, pertencia a victoria das *bacchanalias* mais propria e mais naturalmente áquella parte do Sacramento que se consagra debaixo da mesma materia. Por esta propriedade e proporção tão admiravel, se eu

tivera auctoridade para fazer a troca, não se havia de expôr nestes dias o Santissimo Sacramento na hostia, senão no calix. O calix cercado de raios, como raio, que antes do dia da cinza desfez em cinzas este monstro, servindo-lhe o mesmo monstro de peanha, é o que havia de apparecer triumphante naquelle throno. Funda-se a minha razão na similhança da enfermidade com o remedio, e na da materia vencida com a vencedora. Assim como é proprio da medicina natural curar contrarios com contrarios: *Contraria contrariis curantur;* assim é gloria, e a mais heroica da Omnipotencia divina, curar similhantes com similhantes. Curou Deus as mordeduras das serpentes no deserto: curou o veneno universal da arvore vedada no Calvario: curou a raiz de todos os males humanos, que é a carne e sangue no mesmo Sacramento. E com que? Similhantes com similhantes. As serpentes com serpente: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto:* [1] a arvore com arvore: *Ut qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur:* a carne e sangue com carne e sangue: *Caro mea verè est cibus, et sanguis meus verè est potus.* [2] Logo não seria só maior propriedade, senão energia e elegancia grande da mesma victoria vista pelos olhos, se de similhante a similhante triumphasse um calix do outro: o calix sagrado do profano; o calix christão do gentilico; o calix da sobriedade e continencia: *Vinum germinans virgines:* [3] que a fé adora nos altares do verdadeiro Deus, do calix da intemperança, descompostura e embriaguez, em que a gula bebia e desbaratava o siso nas mezas de Baccho.

E porque não pareça que pela vileza da palavra *embriaguezes*, se desprezará Christo da victoria, como menos decente a mysterio tão sagrado, o mesmo Senhor ao mesmo seu calix attribue a mesma embriaguez, e não por outra palavra, ou phrase, senão a mesma: *Calix meus inebrians quam præclarus est!* [4] O meu calix, diz aquelle Senhor Sacramentado, ó quão insigne, ó quão excellente, ó quão admiravel é!

---

[1] *Joan.*, III. 14.
[2] *Ibid.*, VI, 56.
[3] *Zachar.*, IX, 17.
[4] *Psal.*, XXII, 5.

Em que? Quem se atrevera a o pronunciar, se o mesmo Christo o não dissera? E' insigne, é excellente, é admiravel e particularmente milagroso em embriagar e fazer dar volta ao juizo dos homens: *Calix meus inebrians.*

Todos os Santos Padres celebraram os admiraveis effeitos d'este divino calix, não com outro nome, senão o de embriaguez. S. Cypriano: *Calix Dominicus bibentes inebriat, ut sobrios faciat, et mentes ad spiritualem sapientiam dirigat.* S. Cyrillo: *Inebriati sunt sobria ebrietate, quæ peccatum mortificat, et cor vivificat.* Santo Ambrosio: *Hæc ebrietas sobrios facit, hæc ebrietas gratiæ, non temulentiæ est.* S. Bernardo: *Illa ebrietas vero non mero ingurgitans, non madens vino, sed ardens Deo.* Querem dizer estes santos, que a embriaguez do calix divino, chamandolhe todos embriaguez, é similhante, mas contraria á do calix profano. A do calix profano, de sisudos faz loucos: a do calix divino, de loucos faz sisudos. A do profano, de sobrios faz intemperantes: a do divino, de intemperantes sobrios. A do profano, de modestos, furiosos: a do divino, de furiosos, modestos. A do profano, de pacificos, discordes e bellicosos: a do divino, de discordes e inquietos, pacificos. A do profano, de pios, impios: a do divino, de impios, espirituaes e devotos. A do profano, de racionaes, brutos: a do divino, de feras, homens. A do profano, de catholicos, atheus: a do divino, de gentios, christãos. A do profano, de livres, escravos do gosto, do appetite, da paixão: a do divino, de escravos, senhores de todas as paixões da sua alma, e de si mesmos. Em fim, o profano é causa de todas as profanidades e escandalos de que se lembra a memoria: a do divino, de toda a piedade, religião, e exemplo mais celestial, que da terra, mais angelico que humano, que estão vendo os olhos. Estas são as divinas embriaguezes do calix de Christo, que por isso se não affronta, mas preza muito de lhe chamar seu: *Calix meus inebrians.*

O que o mesmo Senhor acrescenta a estas palavras, é o que as faz não só admiraveis, mas estupendas: *Calix meus inebrians quàm præclarus est!* Este meu calix, cuja embriaguez causa tal mudança nos entendimentos e juizos humanos, ó quão claro é, e mais que claro: *Quàm præclarus est!* E' admiração do mesmo Christo Sacramentado, como se dissera: Sendo

tanta a escuridade não de um, nem de muitos homens, senão das cidades inteiras, e do mundo todo envolto e revolto nas trevas da ignorancia, da doidice, da confusão, da cegueira, do desatino, que apparecendo o meu Sacramento, como o sol na noite mais escura, mais tempestuosa, e mais horrenda, subitamente a esclarecesse, amanhecendo aos homens convertidos em brutos e feras, o lume da razão, é maravilha e milagre que a mim mesmo me causa admiração, e espanto; *Quàm præclarus est!* Perguntam os theologos, se em Christo cabe admiração? Respondo: Admiração ou é filha da ignorancia, ou do encarecimento. A da ignorancia não cabe em Christo, no qual estão encerrados todos os thesouros da sabedoria e sciencia de Deus, como diz S. Paulo: a do encarecimento sim, e tal é esta admiração: *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris.* [1] Se esta obra é de Deus (argue David), como é admiravel nos nossos olhos? De nenhuma coisa se devem admirar os homens, por grande, rara, e estupenda que seja, quando sabem que é obra de Deus. E que o mesmo Deus no seu Sacramento, e em si mesmo Sacramentado, quando sáe fóra, se admire da mudança que faz nos homens?! Sim.

A razão é de S. Paulo. Porque aquillo que entre os homens allumiados com a luz do céo, primeiro foi santo, e depois de santo se perverteu, e se fez vicioso e dissoluto, tornar outra vez a se converter, e ser santo, como dantes, por arrependimento e emenda, é caso tão difficultoso, tão arduo, e digno de admiração, que não duvidou o Apostolo de lhe dar nome de impossivel: *Impossibile est enim, eos qui semel sunt illuminati, gustaverunt etiam donum cæleste, et participes facti sunt Spiritus Sancti, et prolapsi sunt, rursus renovari ad pœnitentiam.* [2] E isto é o que experimentou a Igreja nestes dias primeiro fataes, e depois prodigiosos em duas mudanças notaveis. No principio da sua instituição eram tão pios, espirituaes e devotos os christãos, e tão sagrados estes dias, que por serem a entrada daquelles quarenta, a que a mesma Igreja chama: *Dies salutis*, se chamaram elles,

[1] *Psal*, CXVII, 23.
[2] *Hebr.*, VI, 4.

como vimos, o introito santo: *Sanctus Introitus:* mas foi tal a mudança e descahimento deste tão santo e perfeito estado, que imitando os mesmos christãos as festas e liberdades do mais livre e insano deus dos Gentios, se não distinguiam delles mais que no nome, conservando só o da fé morta nos costumes, e no abysmo de taes profanidades verdadeiramente sepultada.

A segunda mudança foi depois de muitas centenas de annos resuscitar do profundo daquella miseria á felicidade da piedade christã, e á consonancia deste santo nome, a que a vemos restituida. E se alguem me perguntar, qual destas duas mudanças foi mais admiravel, se a da morte, ou a da resurreição; se a da santidade ao extremo dos vicios, ou a dos vicios á antiga virtude e santidade, digo que na mesma morte, e na mesma resurreição, temos a resposta. Assim como a morte não é digna de admiração alguma, assim o degenerar a santidade em vicios, não tem que admirar; porque a propria inclinação e peso da natureza corrupta leva o homem ao peior, e o precipita sem parar aos abysmos mais profundos de toda a maldade. E tal foi aquella primeira e passada mudança. Porém a segunda e presente, assim como a resurreição á natureza é impossivel, e á omnipotencia um dos maiores milagres; assim a virtude e santidade depois de perdida, e por muitos tempos morta e sepultada, tornar outra vez a reviver, surgir, e restituir-se á formosura do seu primeiro e florescente estado, é uma coisa tão difficultosa, tão ardua, e digna de toda a admiração e espanto, que até os Gentios conheceram a differença de uma e outra, quando disseram: *Facilis descensus Averni: Sed revocare gradum, superasque evadere ad auras, hoc opus, hic labor est.*

Boa é esta razão, e a verdadeira, pela qual a mudança tão notavel, que estamos vendo, seja admiravel aos nossos olhos: *Et est mirabile in oculis nostris.* Mas que o mesmo Christo (torno a instar), que o mesmo Christo se admire de taes effeitos no seu Sacramento, onde está encerrada toda a sua Divindade e Omnipotencia?! Sim, outra vez. E para que os mesmos olhos, que se admiram, vejam a opposição de um calix a outro calix, entre no theatro com o profano na mão a mesma profanidade, brindando a todo o

mundo. Viu S. João no seu Apocalypse uma mulher tão ornada nos vestidos, como desordenada na vida, a qual tinha na mão um calix de oiro, cheio de todas as abominações e torpezas: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, et immunditia.* [1] Com este calix convidou e provocou a todos os habitadores da terra a que bebessem. Beberam, e pela efficacia da bebida perderam todos o juizo: *Et inebriati sunt, qui habitant terram, de vino prostitutionis ejus.* Chamava-se aquella mulher, *Babylon*, Ba*bylonia,* e foi tal a embriaguez dos que beberam o seu calix, como verte com discreta propriedade o Texto arabico, que todos ficaram babyloniados: *Biberunt omnes populi, et Babyloniati sunt:* As cidades babylonisadas: e ficou Jérusalem uma Babylonia, Roma outra Babylonia, Lisboa outra Babylonia, e em cada cidade tantas Babylonias, quantos eram os habitadores dellas, trocada toda a ordem em confusão, que isso quer dizer, Babylonia: trocado todo o juizo em insania, toda a paz em discordia, toda a quietação em tumulto, toda a urbanidade em descortezia e affrontas.

Em fim, tudo em toda aquella perturbação indigna do trato não só christão, mas humano, de que se lembra com horror hoje a nossa memoria. Esta era a deplorada miseria, e o estado mais que miseravel, a que tinha reduzido todo o mundo o calix profano da mão de Babylonia. Senão quando apparece Christo naquelle throno, como o viu David, com o calix divino cheio de toda a santidade e pureza: *Calix in manu Domini vini meri.* [2] E que succedeu no mesmo momento? Os anjos clamaram a vozes: *Cecidit, cecidit Babylon:* [3] Cahiu, cahiu Babylonia. Duas vezes disseram: cahiu; porque cahiu em dois sentidos. Cahiu Babylonia, porque cahiu vencida, prostrada, e convertida aos pés de Christo: e cahiu Babylonia, porque os homens cahiram em si, e entraram em si tão admirados do que tinham sido, como admirado Christo de vêr o que agora são, que é o meu ponto. Oiçamos ao mesmo Christo por bocca de Isaias: *Ba-*

---

[1] *Apoc.*, XVII, 4.
[2] *Psal.*, LXXIV, 9.
[3] *Apoc.*, XIV, 8.

bylon dilecta mea posita est mihi in miraculum: Tu, ó Babylonia, que dantes eras louca, e agora sisuda; dantes impia, agora pia; dantes profana, agora religiosa; dantes gentilica, agora verdadeiramente christã; tu que dantes eras tão aborrecida de mim, e agora és a minha amada: *Dilecta mea:* tanto me admiro de te vêr tão mudada, tão convertida, tão outra, que não havendo para minha sabedoria coisa maravilhosa, tu para mim és um milagre: *Posita es mihi in miraculum.*

VII

Vejamos este milagre, e acabo. Foi Jonas prégar a Ninive, e a sua prégação era: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur:* [1] Daqui a quarenta dias se ha-de subverter Ninive. Ninive, assim como era a maior de todas as cidades, assim era naquelle tempo, a maior de todas as Babylonias. Reinava nella Sardanapalo, tão estragado ou engolfado em todas as intemperanças da gula, que em todas as edades do mundo nenhum tão propriamente pudéra representar nelle a brutal e sordida figura do Entrudo profano: tal era o rei, e tal o povo. E posto que a Ninive material ficou em pé, é certo, diz Santo Agostinho, que a interior e moral verdadeiramente se subverteu; porque a brutal e profana desappareceu, e a que se viu de novo, toda era racional, toda temente a Deus, e toda tão santa, como penitente. Mas no tempo ou dias em que Ninive deu esta grande volta, ha uma das maiores difficuldades de todas as lettras sagradas; porque onde o Texto original diz: *Adhuc quadraginta dies:* D'aqui a quarenta dias: o Texto dos Setenta Interpretes, que tambem é de fé, e do qual usaram os Apostolos, diz: *Adhuc tres dies:* Daqui a tres dias. Pois se a subversão ou conversão de Ninive havia de ser d'alli a quarenta dias, e assim o prégou Jonas; como escrevem os Interpretes do mesmo Texto, tão dignos de fé como elle, que havia de ser dalli a tres dias?

[1] *Jon.*, III, 4.

A razão verdadeira desta grande difficuldade, é que os Setenta Interpretes foram setenta homens hebreus, os quaes por industria del-rei Ptolomeu, divididos em outros tantos logares, sem saberem uns dos outros, verteram o Texto hebreu em lingua grega, ou egypcia, com tanta consonancia, que todos escreveram o mesmo sem discreparem em uma só palavra: e como isto fizeram inspirados por Deus com lume prophetico, assim quiz o mesmo Deus, que em alguns logares rarissimos concordassem tambem todos em mudar alguma palavra, na qual revelassem algum novo e grande mysterio. E tal foi o de dizerem, tres dias, onde Jonas tinha dito quarenta. Mas agora resta saber esse mesmo mysterio quando havia de ser, quando se descobriu, e qual é. Não é outro, senão o que estamos vendo; porque o que se havia de fazer, e não fez nos quarenta dias de Jonas, se fez e se cumpriu nestes tres dias. Jejuaram os Ninivitas, e fizeram penitencia aquelles quarenta dias; mas não conseguiram o fructo della, porque depois tornaram a recahir nos mesmos peccados, e, como diz Tobias, foi subvertida Ninive. Jejuavam do mesmo modo os christãos, e faziam penitencia nos quarenta dias da Quaresma, no primeiro dia dos quaes com a cinza que se lhes lançava sobre a cabeça, parece que se lhes restituia o siso; mas tambem sem o desejado fructo, porque no anno seguinte continuavam os mesmos abusos, e cada anno mais acrescentados. E o que nem uns nem outros conseguiram em quarenta dias, logramos nós em tres dias. Contae as horas que correm no espaço de quarenta dias, e achareis que são quasi quatrocentas: e o que elles não conseguiram em quatrocentas horas de quarenta dias, logramos nós nos tres dias das Quarenta Horas. Este é o grande milagre, de que até o mesmo Deus se admira: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum.*

Que resta, pois, senão que dèmos o parabem á Igreja Catholica, e as graças ao Divinissimo Sacramento? Parabem vos seja, Igreja sempre santa, e hoje mais santa: parabem vos seja por vêrdes tão felizmente cumpridos os vossos anciosos desejos. Desejaveis que se acabassem os vossos desprezos: *Et jam me nemo despiciat:* e os mesmos, que não ouviam vossas exhortações, nem observavam os vossos preceitos como deviam, aqui os tendes todos neste nobilissi-

mo e innumeravel concurso, obedientes e rendidos com toda a veneração e culto que vos é devido. Desejaveis que houvesse alguem que inventasse algum novo e efficaz remedio com que curar aquellas tão inveteradas chagas, que tanto vos affligiam: *Quis mihi det?* E nesta minima Companhia, donde menos se podia esperar, e nesta casa, donde já se vae derivando a outras, o achastes efficacissimo.

Desejaveis, que depois do mysterio da Encarnação o mesmo Deus Sacramentado sahisse fóra do encerramento dos seus sacrarios: *Ut inveniam te foris:* para que entrassem em si, os que tão fóra de si andavam: e aqui os tendes prostrados diante da Magestade daquelle já triumphante throno, exposto o mesmo Sacramento aos obsequios dos que dantes se retirava, por não soffrer presente as suas injurias. Bemdita, e louvada seja, Senhor, a vossa sabedoria, que ella foi a inventora de tão soberano remedio: Bemdita, e louvada seja a vossa omnipotencia, que só ella o podia facilitar: bemdita e louvada seja a vossa providencia, que o guardou para nossos tempos: bemdita, e louvada seja a vossa justiça que assim levantou o castigo, de que nós eramos os réos e os executores: bemdita e louvada seja a vossa bondade: bemdita e louvada seja a vossa misericordia: bemdita e louvada seja a vossa divindade e humanidade; e para dizer em uma palavra, o que se resume em todas: Bemdito, e louvado seja o Santissimo Sacramento.

SERMÃO

DE

Quarta Feira de Cinza *

(Prégado em Roma na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, no anno de 1672)

—

Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

I

Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortaes: ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Mas uma de tal maneira certa e evidente, que não é necessario entendimento para a crêr; outra de tal maneira certa e difficultosa, que nenhum entendimento basta para a alcançar. Uma é presente, outra futura: mas a futura vêem-na os olhos: a presente não a alcança o entendimento. E que duas coisas enygmaticas são estas? *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* Sois pó, e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente; em pó vos haveis de converter, é a futura. O pó futuro, o pó em que nos havemos de converter, vêem-no os olhos: o pó presente, o pó que sômos, nem os olhos o vêem, nem o entendimento o

---

* Seguem-se, agora, tres Sermões pregados por Vieira sobre o mesmo assumpto — a cerimonia liturgica da Cinza. A apparente difficuldade de versar com novidade o mesmo assumpto por diversas vezes, é vencida extraordinariamente pelo genial orador n'estes tres Sermões, cada um dos quaes é tratado com originalidade singularissima e admiravel. Todos elles são extremamente eloquentes e praticos, versados com o superior engenho que tanto fazia sobresahir a eloquencia do illustre prégador. Este, que abre a serie dos Sermões da Cinza, resplende ornado de figuras oratorias, cheias de grandeza, revestidas dos mais elegantes atavios.

alcança. Que me diga a Igreja que hei-de ser pó: *In pulverem reverteris*, não é necessario fé nem entendimento para o crêr. Naquellas sepulturas, ou abertas, ou cerradas, o estão vendo os olhos. Que dizem aquellas lettras? Que cobrem aquellas pedras? As lettras dizem pó, as pedras cobrem pó, e tudo o que alli ha, é o nada que havemos de ser: tudo pó. Vamos, para maior exemplo, e maior horror, a esses sepulchros recentes do Vaticano. Se perguntardes de quem são pó aquellas cinzas, responder-vos-hão os epitaphios (que só as distinguem): Aquelle pó foi Urbano, aquelle pó foi Innocencio, aquelle pó foi Alexandre, este que ainda não está de todo desfeito, foi Clemente. De sorte que para eu crêr que hei-de ser pó, não é necessario fé, nem entendimento, basta a vista. Mas que me diga, e me prégue hoje a mesma Igreja, regra da fé e da verdade, que não só hei-de ser pó de futuro, senão que já sou pó de presente: *Pulvis es?* como o póde alcançar o entendimento, se os olhos estão vendo o contrario? E' possivel que estes olhos que vêem, estes ouvidos que ouvem, esta lingua que falla, estas mãos e estes braços que se movem, estes pés que andam e pizam, tudo isto já hoje é pó: *Pulvis es?* Argumento á Igreja com a mesma Igreja: *Memento homo.* A Igreja diz-nos que suppõe que sou homem; logo não sou pó. O homem é uma substancia vivente, sensitiva, racional! O pó vive? Não. Pois como é pó o vivente? O pó sente? Não. Pois como é pó o sensitivo? O pó entende e discorre? Não. Pois como é pó o racional? Em fim, se me concedem que sou homem: *Memento homo;* como me prégam que sou pó? *Quia pulvis es?* Nenhuma coisa nos podia estar melhor, que não ter resposta nem solução esta duvida. Mas a resposta e a solução della, será a materia no nosso discurso. Para que eu acerte a declarar esta difficultosa verdade, e todos nós nos saibamos aproveitar deste tão importante desengano, peçamos áquella Senhora, que só foi excepção deste pó, se digne de nos alcançar graça. *Ave Maria.*

II

Emfim, Senhores, que não só havemos de ser pó, mas já somos pó: *Pulvis es*. Todos os embargos que se podiam pôr contra esta sentença universal, são os que ouvistes. Porém como ella foi pronunciada definitiva e declaradamente por Deus ao primeiro homem e a todos seus descendentes, nem admitte interpretação, nem póde ter duvida. Mas como póde ser? Como póde ser, que eu que o digo, vós que o ouvis, e todos os que vivemos sejamos já pó: *Pulvis es?* A razão é esta. O homem em qualquer estado que esteja, é certo que foi pó e ha-de tornar a ser pó. Foi pó e ha-de tornar a ser pó? Logo é pó. Porque tudo o que vive nesta vida, não é o que é, é o que foi, é o que ha-de ser. Ora vêde.

No dia aprasado em que Moysés e os Magos do Egypto haviam de fazer prova e ostentação de seus poderes diante del-rei Pharaó, Moysés estava só com Arão de uma parte, e todos os Magos da outra. Deu signal o rei; mandou Moysés a Arão que lançasse a sua vara em terra, e converteu-se subitamente em uma serpente viva e tão temerosa, como aquella de que o mesmo Moysés no deserto se não dava por seguro. Fizeram todos os Magos o mesmo; começam a saltar e a ferver serpentes, porém a de Moysés investiu e avançou a todas ellas intrepida e senhorilmente, e assim vivas como estavam, sem matar, nem despedaçar, comeu e enguliu a todas. Refere o caso a Escriptura, e diz estas palavras: *Devoravit virga Aaron virgas eorum:* [1] a vara de Arão comeu e enguliu as dos Egypcios. Aqui reparo. Parece que não havia de dizer a vara, senão a serpente. A vara não tinha bocca para comer, nem dentes para mastigar, nem garganta para engulir, nem estomago para recolher tanta multidão de serpentes: a serpente em que a vara se converteu, sim, porque era um dragão vivo, voraz e terrivel, capaz de tamanha batalha e de tanta façanha. Pois porque diz o Texto que a vara foi a que fez tudo isto, e não a serpente? Porque cada

[1] *Exod.*, VII, 12.

um é o que foi, e o que ha-de ser. A vara de Moysés antes de ser serpente foi vara, e depois de ser serpente tornou a ser vara; e serpente que foi vara e ha-de tornar a ser vara, não é serpente é vara: *Virga Aaron.* E' verdade que a serpente naquelle tempo estava viva, e andava, e comia, e batalhava, e vencia, e triumphava; mas como tinha sido vara, e havia de tornar a ser vara, não era o que era, era o que fôra e o que havia de ser: *Virga.*

Ah serpentes astutas do mundo, vivas e tão vivas! Não vos fieis da vossa vida nem da vossa viveza; não sois o que cuidaes, nem o que sois; sois o que fostes e o que haveis de ser. Por mais que vos vejaes agora um dragão coroado e vestido de armas doiradas, com a cauda levantada e retorcida, açoutando os ventos; o peito inchado, as azas estendidas, o collo encrespado e soberbo, bocca aberta, dentes agudos, lingua trisulca, olhos scintillantes, garras e unhas rompentes: por mais que se veja esse dragão já tremular nas bandeiras dos Lacedemonios, já passear nos jardins das Hesperides, já guardar os thesouros de Midas: ou seja dragão volante entre os meteoros, ou dragão de estrellas entre as constellações, ou dragão de divindade affectada entre as Gerarchias: se foi vara e ha-de ser vara, é vara: se foi terra e ha-de ser terra, é terra: se foi nada e ha-de ser nada, é nada; porque tudo o que vive neste mundo, é o que foi e o que ha-de ser. Só Deus é o que é; mas por isso mesmo. Por isso mesmo: notae.

Appareceu Deus ao mesmo Moysés nos desertos de Madian: manda-o que leve a nova da liberdade ao povo captivo; e perguntando Moysés quem havia de dizer que o mandava, para que lhe déssem credito, respondeu Deus, e definiu-se: *Ego sum qui sum.* [1] Eu sou o que sou. Dirás que o que é te manda: *Qui est misit me ad vos? Qui est?* O que é? E que nome, ou que distinção é esta? Tambem Moysés é o que é, tambem Pharaó é o que é, tambem o povo com que ha-de fallar, é o que é. Pois se este nome e esta definição toca a todos e a tudo, como a toma Deus só por sua? E se todos são o que são, e cada um é o que é, porque diz Deus não só como attributo, senão como essencia propria da sua Divindade: *Ego sum qui*

[1] *Exod.*, III, 14.

sum: [1] Eu sou o que sou? Excellentemente S. Jeronymo, respondendo com as palavras do Apocalypse: *Qui est, et qui erat, et qui venturus est.* [2] Sabeis porque diz Deus: *Ego sum qui sum?* Sabeis porque só Deus é o que é? Porque só Deus é o que foi, e o que ha-de ser. Deus é Deus, e foi Deus e ha-de ser Deus: e só quem é o que foi, e o que ha-de ser, é o que é: *Qui est, et qui erat, et qui venturus est. Ego sum qui sum.* De maneira que quem é o que foi e o que ha-de ser, é o que é: e este é só Deus. Quem não é o que foi, e o que ha-de ser, não é o que é: é o que foi e o que ha-de ser: e estes somos nós. Olhemos para traz: que é o que fômos? Pó. Olhemos para diante: que é o que havemos de ser? Pó. Fomos pó e havemos de ser pó? Pois isso é o que somos: *Pulvis es.*

Eu bem sei que tambem ha deuses da terra, e que esta terra onde estamos foi a patria commum de todos os deuses, ou proprios, ou estranhos. Aquelles deuses eram de diversos metaes: estes são de barro (ou crú ou mal cozido) mas deuses. Deuses na grandeza, deuses na magestade, deuses no poder, deuses na adoração, e tambem deuses no nome: *Ego dixi, Dii estis.* Mas se houver (que póde haver) se houver algum destes deuses que cuide ou diga: *Ego sum qui sum:* olhe primeiro o que foi e o que ha-de ser. Se foi Deus e ha-de ser Deus, é Deus; eu o creio e o adoro: mas se não foi Deus, nem ha-de ser Deus: se foi pó e ha-de ser pó: faça mais caso da sua sepultura, que da sua divindade: assim lh'o disse e os desenganou o mesmo Deus, que lhes chamou deuses: *Ego dixi, Dii estis: vos autem sicut homines moriemini.* [3] Quem foi pó e ha-de ser pó, seja o que quizer, e quanto quizer; é pó: *Pulvis es.*

III

Parece-me que tenho provada a minha razão e a consequencia della. Se a quereis vêr praticada em proprios termos, sou contente. Praticaram este des-

[1] S. Hieronym.
[2] *Apoc.*, I, 4.
[3] *Psal.*, LXXXI, 6.
[4] *Psal.*, LXXXI, 7.

engano dois homens que sabiam mais de nós que nós: Abrahão e Job. Job com outro *Memento* como o nosso dizia a Deus: *Memento quæso, quod sicut lutum feceris me, et in pulverem deduces me.* [1] Lembrae-vos, Senhor, que me fizestes de pó, e que em pó me haveis de tornar. Abrahão pedindo licença, ou atrevimento para fallar a Deus: *Loquar ad Dominum cúm sim pulvis et cinis:* [2] Fallar-vos-hei, Senhor, ainda que sou pó, e cinza. Já vêdes a differença dos termos, que não póde ser maior, nem tambem mais natural ao nosso intento. Job diz que foi pó e ha-de ser pó: Abrahão não diz que foi nem que ha-de ser, senão que já é pó: *Cúm sim pulvis et cinis.* Se um destes homens fôra morto e outro vivo, fallavam muito propriamente, porque todo o vivo póde dizer: eu fui pó, e hei-de ser pó: e um morto se fallára, havia de dizer: eu já sou pó. Mas Abrahão que disse isto, não estava morto, senão vivo como Job: e Abrahão e Job não eram de differente metal, nem de differente natureza. Pois se ambos eram da mesma natureza, e ambos estavam vivos, como diz um que já é pó, e outro não diz que o é, senão que o foi, e que o ha-de ser? Por isso mesmo. Porque Job foi pó, e ha-de ser pó, por isso Abrahão é pó. Em Job fallou a morte, em Abrahão a vida, em ambos a natureza. Um descreveu-se pelo passado e pelo futuro, o outro definiu-se pelo presente: um reconheceu o effeito, o outro considerou a causa: um disse o que era, o outro declarou o porque. Porque Job, e Abrahão, e qualquer outro homem, foi pó e ha-de ser pó; por isso já é pó. Fostes pó e haveis de ser pó como Job? Pois já sois pó como Abrahão: *Cùm sim pulvis, et cinis.*

Tudo temos no nosso Texto, se bem se considera, porque as segundas palavras delle não só conteem a declaração, senão tambem a razão das primeiras: *Pulvis es:* sois pó: E porque? Porque *in pulverem reverteris;* porque fostes pó, e haveis de tornar a ser pó. Esta é a força da palavra *reverteris* a qual não só significa o pó que havemos de ser, senão tambem o pó que fomos. Por isso não diz: *converteris:* convertervos-heis em pó, senão: *reverteris;* tornareis a ser o pó que fostes. Quando dizemos que os mortos se con-

[1] *Job.*, x, 9.
[2] *Genes.*, XVIII, 27.

vertem em pó, fallamos impropriamente, porque aquillo não é conversão, é reversão: *reverteris;* é tornar a ser na morte o pó que fomos no nascimento: é tornar a ser na sepultura o pó que fomos no campo Damasceno? E porque fomos pó e havemos de tornar a ser pó: *in pulverem reverteris;* por isso já somos pó: *Pulvis es.* Não é exposição minha, senão formalidade do mesmo Texto, com que Deus pronunciou a sentença de morte contra Adão: *Donec reverteris in terram, de qua sumptus es; quia pulvis es:* [1] Até que tornes a ser a terra de que fostes formado, porque és pó. De maneira que a razão e o porque de sermos pó: *Quia pulvis es,* é porque fomos pó e havemos de tornar a ser pó: *Donec reverteris in terram, de qua sumptus es.*

Só parece que se póde oppôr ou dizer em contrario que aquelle *donec* — até que — significa tempo em meio entre o pó que somos, e o pó que havemos de ser, e que neste meio tempo não somos pó. Mas a mesma verdade divina que disse: *donec,* disse tambem *pulvis es.* E a razão desta consequencia está no *reverteris;* porque a reversão com que tornamos a ser o pó que fomos, começa circularmente não do ultimo, senão do primeiro ponto da vida. Notae. Esta nossa chamada vida, não é mais que um circulo que fazemos de pó a pó: do pó que fomos ao pó que havemos de ser. Uns fazem o circulo maior, outros menor, outros mais pequeno, outros minimo: *de utero translatus ad tumulum:* [2] mas ou o caminho seja largo, ou breve, ou brevissimo; como é circulo de pó a pó, sempre e em qualquer tempo da vida somos pó. Quem vae circularmente de um ponto para o mesmo ponto, quanto mais se aparta delle, tanto mais se chega para elle: e quem, quanto mais se aparta, mais se chega, não se aparta. O pó que foi nosso principio, esse mesmo e não outro é o nosso fim, e porque caminhamos circularmente deste pó para este pó, quanto mais parece que nos apartamos delle, tanto mais nos chegamos para elle: o passo que nos aparta, esse mesmo nos chega; o dia que faz a vida, esse mesmo a desfaz: e como esta roda que anda e desanda juntamente sempre nos vae moendo, sempre somos pó. Por isso

[1] *Gen.,* III, 19.
[2] *Job.,* X, 19.

quando Deus intimou a Adão a reversão ou resolução deste circulo: *donec reverteris:* das premissas: pó fostes e pó serás, tirou por consequencia, pó és: *Quia pulvis es.* Assim que desde o primeiro instante da vida até ao ultimo nos devemos persuadir e assentar comnosco, que não só fomos e havemos de ser pó, senão que já o somos, e por isso mesmo. Foste pó e has-de ser pó? És pó: *pulvis es.*

IV

Ora supposto que já somos pó, e não póde deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-heis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós tambem somos pó; em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó cahido; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: *Hic jacet.* Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem os vivos, e muitos vivos. Não aquieta o pó, nem póde estar quedo; anda, corre, vôa; entra por esta rua, sáe por aquella; já vae adiante, já torna a traz; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra; em tudo e por tudo se mette, sem aquietar nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento: cáe o pó, e onde o vento parou, alli fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: *Qui pulvis es:* o vento é a nossa vida: *Quia ventus est vita mea.* [1] Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, cahiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó cahido; estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos pó levantado, os mortos pó cahido; os vivos pó com vento, e

[1] *Job.*, VII, 7.

por isso vãos; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra.

Nem cuide alguem que é isto metaphora ou comparação, senão realidade experimentada e certa. Formou Deus de pó aquella primeira estatua, que depois se chamou corpo de Adão. Assim o diz o Texto original: *Formavit Deus hominem de pulvere terræ.* [1] A figura era humana, e muito primorosamente delineada; mas a substancia, ou a materia não era mais que pó. A cabeça pó, o peito pó, os braços pó, os olhos, a bocca, a lingua, o coração, tudo pó. Chega-se pois Deus á estatua, e que fez? *Inspiravit in faciem ejus:* [2] Assoprou-a. E tanto que o vento do assopro deu no pó: *Et factus est homo in animam viventem*, eis o pó levantado e vivo; já é homem, já se chama Adão. Ah pó, se aquietáras e paráras ahi? Mas pó assoprado, e com vento, como havia de aquietar? Eil-o abaixo, eil-o acima, e tanto acima, e tanto abaixo; dando uma tão grande volta, e tantas voltas. Já senhor do universo, já escravo de si mesmo, já só, já acompanhado, já nú, já vestido, já coberto de folhas, já de pelles, já tentado, já vencido, já homisiado, já desterrado, já peccador, já penitente; e para maior penitencia pai; chorando os filhos, lavrando a terra, recolhendo espinhos por fructos, suando, trabalhando, lidando, fatigando, com tantos vaivens do gosto e da fortuna, sempre em uma roda viva. Assim andou levantado o pó em quanto durou o vento. O vento durou muito, porque naquelle tempo eram mais largas as vidas; mas alfim parou. E que lhe succedeu no mesmo ponto a Adão? O que succede ao pó. Assim como o vento o levantou e o sustinha, tanto que o vento parou, cahiu. Pó levantado, Adão vivo; pó cahido, Adão morto: *Et mortuus est.*

Este foi o primeiro pó, e o primeiro vivo, e o primeiro condemnado á morte; e esta é a differença que ha de vivos a mortos, e de pó a pó. Por isso na Escriptura o morrer se chama cahir, e o viver levantar-se. O morrer cahir: *Vos autem sicut homines moriemini, et sicut unus de Principibus cadetis.* [3] O vi-

[1] *Genes.*, II, 7.
[2] *Genes.*, II, 7.
[3] *Psal.*, LXXXI, 7.

ver levantar-se: *Adolescens tibi dico surge.* [1] Se levantados, vivos; se cahidos, mortos; mas ou cahidos ou levantados, ou mortos ou vivos, pó; os levantados pó da vida, os mortos pó da morte. Assim o entendeu e notou David, e esta é a distinção que fez quando disse: *In pulverem mortis deduxisti me.* Levastes-me, Senhor, ao pó da morte. Não bastava dizer: *In pulverem deduxisti me:* assim como: *In pulverem reverteris?* Sim, bastava; mas disse com maior energia: *In pulverem mortis:* ao pó da morte; porque ha pó da morte, e pó da vida: os vivos que andamos em pé, somos o pó da vida: *Pulvis es;* os mortos que jazem na sepultura, são o pó da morte: *In pulverem reverteris.*

V

A' vista desta distinção tão verdadeira, e deste desengano tão certo, que posso eu dizer ao nosso pó, senão o que lhe diz a Igreja: *Memento homo.* Dois *Mementos* hei-de fazer hoje ao pó: um Memento ao pó levantado, outro Memento ao pó cahido: um Memento ao pó que somos, outro Memento ao pó que havemos de ser: um Memento ao pó que me ouve, outro Memento ao pó que me não póde ouvir. O primeiro será o Memento dos vivos, o segundo o dos mortos.

Aos vivos que direi eu? Digo que se lembre o pó levantado que ha-de ser pó cahido. Levante-se o pó com o vento da vida, e muito mais com o vento da fortuna; mas lembre-se o pó, que o vento da fortuna não póde durar mais que o vento da vida, e que póde durar muito menos, porque é mais inconstante. O vento da vida por mais que cresça, nunca póde chegar a ser bonança; o vento da fortuna se cresce, póde chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue nella o mesmo vento da vida. Pó levantado, lembra-te outra vez, que has-de ser pó cahido, e que tudo ha-de cahir, e ser pó comtigo. Estatua de Nabuco: oiro, prata, bronze, ferro, lustre, riqueza,

[1] *Luc.*, VII, 14.

fama, poder; lembra-te que tudo ha-de cahir de um golpe, e que então se verá o que agora não queremos vêr, que tudo é pó, e pó de terra. Eu não me admiro, senhores, que aquella estatua em um momento se convertesse toda em pó; era imagem de homem, isso bastava. O que me admira, e admirou sempre, é que se convertesse, como diz o Texto, em pó de terra: *In favillam æstivæ areæ.* [1] A cabeça da estatua não era de oiro? Pois porque se não converte o oiro em pó de oiro? O peito e os braços não eram de prata? Porque se não converte a prata em pó de prata? O ventre não era de bronze, e o demais de ferro? Porque se não converte o bronze em pó de bronze, e o ferro em pó de ferro? Mas o oiro, a prata, o bronze, o ferro, tudo em pó de terra? Sim. Tudo em pó de terra. Cuida o illustre desvanecido que é de oiro, e todo esse resplandor em cahindo, ha-de ser pó de terra. Cuida o rico inchado que é de prata, e toda essa riqueza em cahindo, ha-de ser pó, e pó de terra. Cuida o robusto que é de bronze, cuida o valente que é de ferro, um confiado, outro arrogante; e toda essa fortaleza, e toda essa valentia em cahindo, ha-de ser pó, e pó de terra: *in favillam æstivæ areæ.*

Senhor pó: *Nimium ne crede colori.* A pedra que desfez em pó a estatua, é a pedra daquella sepultura. Aquella pedra é como a pedra do pintor, que móe todas as côres, e todas as desfaz em pó. O negro da sotaina, o branco da cota, o pavonaço do mantellete, o vermelho da purpura, tudo alli se desfaz em pó. Adão quer dizer: *ruber*, [2] o vermelho: porque o pó do campo Damasceno, de que Adão foi formado, era vermelho: e parece que escolheu Deus o pó daquella côr tão prezada para nella e com ella desenganar a todas as côres. Desengane-se a escarlata mais fina, mais alta e mais corôada, e desenganem-se dahi abaixo todas as côres, que todas se hão de moer naquella pedra, e desfazer em pó, e o que é mais, todas em pó da mesma côr. Na estatua o oiro era amarello, a prata branca, o bronze verde, o ferro negro; mas tanto que a tocou a pedra, tudo ficou da mesma côr,

[1] *Daniel*, II, 35.

[2] Hieronymus hic in quæst. Hebraic. Lyran. Hugo Abul. etc.

tudo da côr da terra: *In favillam æstivæ areæ.* O pó levantado, como vão, quiz fazer distinções de pó a pó: e porque não póde distinguir a substancia, poz a differença nas côres. Porém a morte como vingadora de todos os aggravos da natureza a todas essas côres faz da mesma côr, para que não distinga a vaidade, e a fortuna os que fez eguaes a razão. Ouvi a Santo Agostinho: *Respice sepulchra, et vide, quis Dominus, quis servus, quis pauper, quis dives? Discerne, si potes, regem à victo, fortem á debili, pulchrum à deformi.* [1] Abri aquellas sepulturas, (diz Agostinho) e vêde qual é alli o senhor, e qual o servo: qual é alli o pobre, e qual o rico? *Discerne, si potes:* distingue-me alli, se podeis, o valente do fraco, o formoso do feio, o rei coròado de oiro, do escravo de Argel carregado de ferro? Distinguil-os? conheceil-os? Não por certo. O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o senhor e o escravo, o principe e o cavador, o allemão e o ethiope, todos alli são da mesma côr.

Passa Santo Agostinho da sua Africa á nossa, e pergunta assim: *Ubi sunt quos ambiebant civium potentatus? Ubi insuperabiles imperatores? Ubi exercituum duces? Ubi satrapæ et tyranni?* [2] Onde estão os consules romanos? Onde estão aquelles imperadores e capitães famosos que desde o Capitolio mandavam o mundo? Que se fez dos Cesares e dos Pompeus, dos Marios e dos Syllas? dos Scipiões e dos Emilios? Os Augustos, os Claudios, os Tiberios, os Vespasianos, os Titos, os Trajanos, que é delles? *Nunc omnia pulvis:* tudo pó: *Nunc omnia favillæ:* tudo cinza: *Nunc in paucis versibus eorum memoria est:* não resta de todos elles outra memoria, mais que os poucos versos das suas sepulturas. Meu Agostinho, tambem esses versos que se liam então, já os não ha: apagaram-se as lettras, comeu o tempo as pedras: tambem as pedras morrem: *Mors etiam saxis, nominibusque venit.* Oh que *Memento* este para Roma!

Já não digo como até agora: lembra-te, homem, que és pó levantado, e has-de ser pó cahido: o que

[1] Augustinus in sentent. ultima.
[2] Aug. Ibid.

digo é: lembra-te, Roma, que és pó levantado, e que és pó cahido juntamente. Olha, Roma, daqui para baixo, e vêr-te-has cahida e sepultada debaixo de ti: olha, Roma, de lá para cima e vêr-te-has levantada, e pendente em cima de ti. Roma sobre Roma, e Roma debaixo de Roma. Nas margens do Tibre a Roma que se vê para cima, vê-se tambem para baixo; mas aquillo são sombras: aqui a Roma que se vê em cima, vê-se tambem em baixo, e não é engano da vista, senão verdade: a cidade sobre as ruinas, o corpo sobre o cadaver, a Roma viva sobre a morta. Que coisa é Roma senão um sepulchro de si mesma? Em baixo os ossos, em cima o vulto. Este vulto, esta magestade, esta grandeza é a imagem, e só a imagem, do que está debaixo da terra. Ordenou a Providencia Divina, que Roma fosse tantas vezes destruida, e depois reedificada sobre suas ruinas, para que a cabeça do mundo tivesse uma caveira em que se vêr. Um homem póde-se vêr na caveira de outro homem: a cabeça do mundo não se podia vêr senão na sua propria caveira. Que é Roma levantada? A cabeça do mundo. Que é Roma cahida? A caveira do mundo. Que são esses pedaços de Thermas e Collosseos, senão os ossos rotos e troncados desta grande caveira? E que são essas columnas, essas agulhas desenterradas, senão os dentes mais duros desencaixados della? Oh que sizuda seria a cabeça do mundo se se visse bem na sua caveira!

Nabuco depois de vêr a estatua convertida em pó, edificou outra estatua. Louco, que é o que te disse o Propheta? *Tu Rex es caput:* [1] tu, rei, és a cabeça da estatua. Pois se tu és a cabeça e estás vivo; olhe a cabeça viva para a cabeça defunta: olhe a cabeça levantada para a cabeça cahida: olhe a cabeça para a caveira. Oh se a cabeça do mundo olhasse para a caveira do mundo! A caveira é maior que a cabeça: para que tenha menos logar a vaidade e maior materia o desengano. Isto fui e isto sou? Nisto parou a grandeza daquelle immenso todo, de que hoje sou tão pequena parte? Nisto parou. E o peior é, Roma minha, (se me dás licença para que t'o diga) que não ha-de parar só nisto. Este destroço e estas ruinas que vez tuas, não são as ultimas; ainda te espera outra

[1] *Daniel*, II, 38.

antes do fim do mundo prophetisado nas Escripturas. Aquella Babylonia de que falla S. João, quando diz no Apocalypse: *Cecidit, cecidit Babylon:* [1] é Roma; não pelo que hoje é, senão pelo que ha-de ser. Assim o entendem S. Jeronymo, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Tertulliano, Ecumenio, Cassiodoro, e outros Padres, a quem seguem concordemente Interpretes e Theologos. [2] Roma, a espiritual, é eterna; por *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* [3] Mas Roma, a temporal, sujeita está como as outras metropoles das monarchias, e não só sujeita mas condemnada á catastrophe das coisas mudaveis, e aos eclipses do tempo. Nas tuas ruinas vês o que foste, nos teus oraculos lês o que has-de ser; e se queres fazer verdadeiro juizo de ti mesma, pelo que foste e pelo que has-de ser estima o que és.

Nesta mesma roda natural das coisas humanas, descobriu a sabedoria de Salomão dois espelhos reciprocos, que podemos chamar do tempo, em que se vê facilmente o que foi e o que ha-de ser. *Quid est quod fuit? Ipsum quod futurum est. Quid est quod factum est? Ipsum quod faciendum est.* [4] Que é o que foi? Aquillo mesmo que ha-de ser. Que é o que ha-de ser? Aquillo mesmo que foi. Ponde estes dois espelhos um defronte do outro, e assim como os raios do occaso ferem o Oriente, e os do Oriente o occaso; assim, por reverberação natural é reciproca, achareis que no espelho do passado se vê o que ha-de ser, e no futuro o que foi. Se quereis vêr o futuro, lêde as historias, e olhae para o passado: se quereis vêr o passado, lêde as prophecias, e olhae para o futuro. E quem quizer vêr o presente para onde ha-de olhar? Não o disse Salomão, mas eu o direi. Digo que olhe juntamente para um e para outro espelho. Olhae para o passado e para o futuro, e vereis o presente. A razão ou consequencia é manifesta. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado e o mesmo presente é o pas-

[1] *Apoc.*, XIV, 8.
[2] Hier. Aug. Ambr. Tertullian. Ecumen. Cassiod. Bellar. Suar. et plures apud Cornelium ibi.
[3] *Math.*, XVI, 18.
[4] *Eccles.*, I, 9.

sado do futuro. *Quid est quod fuit? Ipsum quod futurum est. Quid est quod est? Ipsum quod fuit, et quod futurum est.* Roma, o que foste, isso has-de ser; e o que foste e o que has-de ser, isso és. Vê-te bem nestes dois espelhos do tempo, e conhecer-te-has. E se a verdade deste desengano tem logar nas pedras, quanto mais nos homens! No passado foste pó? No futuro has-de ser pó? Logo no presente és pó: *Pulvis es.*

VI

Este foi o *Memento* dos vivos: acabo com o *Memento* dos mortos. Aos vivos disse: Lembre-se o pó levantado que ha-de ser pó cahido. Aos mortos digo: lembre-se o pó cahido que ha-de ser pó levantado. Ninguem morre para estar sempre morto; por isso a morte nas Escripturas se chama somno. Os vivos cáem em terra com o somno da morte: os mortos jazem na sepultura dormindo sem movimento, nem sentido, aquelle profundo e dilatado lethargo: mas quando o pregão da trombeta final os chamar a Juizo, todos hão-de acordar, e levantar-se outra vez. Então dirá cada um com David: *Ego dormivi et soporatus sum, et exurrexi.* [1] Lembre-se pois o pó cahido que ha-de ser pó levantado.

Este segundo *Memento* é muito mais terrivel que o primeiro. Aos vivos disse: *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris:* aos mortos digo com as palavras trocadas, mas com sentido egualmente verdadeiro: *Memento pulvis quia homo es, et in hominem reverteris:* Lembra-te, pó, que és homem, e que em homem te has-de tornar. Os que me ouviram, já sabem que cada um é o que foi, e o que ha-de ser. Tu que jazes nessa sepultura, sabe-o agora. Eu vivo, tu estás morto: eu fallo, tu estás mudo; mas assim como eu sendo homem, porque fui pó e heide tornar a ser pó, sou pó, assim tu sendo pó, porque foste homem e has-de tornar a ser homem, és homem. Morre a aguia, morre a phenix; mas a aguia morta não é aguia, a phenix morta é phenix. E porque? A aguia morta não é aguia, porque

[1] *Psal.*, III, 6.

foi aguia, mas não ha-de tornar a ser aguia. A phenix morta é phenix, porque foi phenix e ha-de tornar a ser phenix. Assim és tu que jazes nessa sepultura. Morto sim, desfeito em cinzas sim; mas em cinzas como as da phenix. A phenix desfeita em cinzas é phenix, porque foi phenix e ha-de tornar a ser phenix: e tu desfeito, tambem, em cinzas és homem, porque foste homem e has-de tornar a ser homem. Não é a proposição, nem comparação minha, senão da Sabedoria e Verdade Eterna. Oiçam os mortos a um morto, que melhor que todos os vivos conheceu e prégou a fé da immortalidade: *In nidulo meo moriar, et sicut Phœnix multiplicabo dies meos:* [1] Morrerei no meu ninho (diz Job) e como phenix multiplicarei os meus dias. Os dias somma-os a vida, diminue-os a morte, e multiplica-os a resurreição. Por isso Job como vivo, como morto, e como immortal se compara á phenix. Bem podéra este grande heroe, pois chamou ninho á sua sepultura, comparar-se á rainha das aves, como rei que era. Mas fallando de si e comnosco naquella medida em que todos somos eguaes, não se comparou á aguia, senão á phenix; porque o nascer aguia, é fortuna de poucos, o renascer phenix, é natureza de todos. Todos nascemos para morrer, e todos morremos para resuscitar. Para nascer antes de ser, tivemos necessidade de pai e mãi que nos gerasse: para renascer depois de morrer, como a phenix, o mesmo pó em que se corrompeu e desfez o corpo, é o pai e a mãi de que havemos de tornar a ser gerados: *Putredini dixi: pater meus es, mater mea, et soror mea vermibus.* [2] Sendo pois egualmente certa esta segunda metamorphose como a primeira, préguemos tambem aos mortos, como prégou Ezechiel [3] para que nos oiçam mortos e vivos. Se dissemos aos vivos: lembra-te, homem, que és pó, porque foste pó, e has-de tornar a ser pó: bradamos com a mesma verdade aos mortos, que já são pó: Lembra-te, pó, que és homem, porque foste homem, e has-de tornar a ser homem: *Memento pulvis quia homo es, et in hominem reverteris.*

Senhores meus: não seja isto ceremonia: fallemos

---

[1] In Textu Græco. *Job.*, XXIX, 18.
[2] *Job.*, XVII, 14.
[3] *Ezech.*, XXXVII, 4.

muito seriamente, que o dia é disso. Ou cremos que somos immortaes, ou não? Se o homem acaba com o pó, não tenho que dizer: mas se o pó ha-de tornar a ser homem, não sei o que vos diga, nem o que diga? A mim não me faz medo o pó que hei-de ser, faz-me medo o que ha-de ser o pó. Eu não temo na morte a morte, temo a immortalidade: eu não temo hoje o dia de Cinza, temo hoje o dia de Paschoa, porque sei que hei-de resuscitar, porque sei que hei-de viver para sempre, porque sei que me espera uma eternidade ou no céo ou no inferno: *Scio enim quòd Redemptor meus vivit, et in novissimo die de terra surrecturus sum:* [1] *Scio*, diz. Notae. Não diz: creio, senão, *scio:* sei; porque a verdade e certeza da immortalidade do homem, não só é fé, senão tambem sciencia. Por sciencia e por razão natural a conheceram Platão, Aristoteles, e tantos outros philosophos gentios. [2] Mas que importava que o não alcançasse a razão onde está a Fé? Que importa a auctoridade dos homens onde está o testemunho de Deus? O pó daquella sepultura está chamando: *De terra surrecturus sum, et rursum circumdabor pelle mea, et in carne mea videbo Deum meum, quem visurus sum ego ipse, et oculi mei conspecturi sunt, et non alius.* [3] Este homem, este corpo, estes ossos, esta carne, esta pelle, estes olhos, este eu, e não outro, é o que ha-de morrer? Sim; mas reviver e resuscitar á immortalidade. Mortal até o pó, mas depois do pó immortal. *Credis hoc? Utique Domine.* [4] Pois que effeito faz em nós este conhecimento da morte, e esta fé da immortalidade?

Quando considero na vida que se usa, acho que nem vivemos como mortaes, nem vivemos com immortaes. Não vivemos como mortaes, porque tratamos das coisas desta vida como se esta vida fôra eterna. Não vivemos como immortaes, porque nos esquecemos tanto da vida eterna, como se não houvera tal vida. Se esta vida fôra immortal, e nós immortaes, que haviamos de fazer, senão o que fazemos?

---

[1] *Job.*, XIX, 25.

[2] Plat. in Timæo. Philabo Menon. Et lib. de Rep. Aristotel. l. de Anima cap. 4. et lib. 3., cap. 4.º et lib. 2. de Gen. anim.

[3] *Job.*, XIX, 26.

[4] *Joan.*, XI, 26.

Estae commigo. Se Deus, assim como fez um Adão, fizera dois, e o segundo fôra mais sisudo que o nosso, nós haviamos de ser mortaes, como somos, e os filhos do outro Adão haviam de ser immortaes. E estes homens immortaes que haviam de fazer neste mundo? Isto mesmo que nós fazemos. Depois que não coubessem no Paraiso, e se fossem multiplicando, haviam-se de estender pela terra; haviam de conduzir de todas as partes do mundo, todo o bom, precioso, e deleitoso, que Deus para elles tinha creado; haviam de ordenar cidades e palacios, quintas, jardins, fontes, delicias, banquetes, representações, musicas, festas, e tudo aquillo que pudesse formar uma vida alegre e deleitosa. Não é isto o que nós fazemos? E muito mais do que elles haviam de fazer; porque o haviam de fazer com justiça, com razão, com modestia, com temperança; sem luxo, sem soberba, sem ambição, sem inveja; e com concordia, com caridade, com humanidade. Mas como se ririam então, e como pasmariam de nós aquelles homens immortaes! Como se ririam das nossas loucuras, como pasmariam da nossa cegueira, vendo-nos tão occupados, tão sollicitos, tão disvelados pela nossa vidazinha de dois dias, e tão esquecidos e descuidados da morte, como se foramos tão immortaes como elles! Elles sem dôr, nem enfermidade; nós enfermos, e gemendo; elles vivendo sempre; nós morrendo; elles não sabendo o nome á sepultura; nós enterrando uns aos outros. Elles gosando o mundo em paz; e nós fazendo demandas e guerras pelo que não havemos de gosar. Homemzinhos miseraveis, (haviam de dizer) homemzinhos miseraveis, loucos, insensatos, não vêdes que sois mortaes? Não vêdes que haveis de acabar ámanhã? Não vêdes que vos hão-de metter debaixo de uma sepultura, e que de tudo quanto andaes afanando e adquirindo, não haveis de lograr mais que sete pés de terra! Que doidice, e que cegueira é logo a vossa? Não sendo como nós, quereis viver como nós? Assim é: *Morimur ut mortales: vivimus ut immortales;* [1] morremos como mortaes que somos, e vivemos como se fôramos immortaes. Assim o dizia Seneca gentio á Roma gentia. Vós a isto dizeis que Seneca era um

[1] Seneca. De consolat. ad Marciam Ep. 57 et Ep. 117.

estoico. E não é mais ser christão que ser estoico? Seneca não conhecia a immortalidade da alma; o mais ao que chegou foi a duvidal-a, e comtudo entendia isto.

VIII

Ora, senhores, já que somos christãos, já que sabemos que havemos de morrer, e que somos immortaes; saibamos usar da morte, e da immortalidade. Tratemos desta vida como mortaes, e da outra como immortaes. Póde haver loucura mais rematada, póde haver cegueira mais cega, que empregar-me todo na vida que ha-de acabar, e não tratar da vida que ha-de durar para sempre? Cançar-me, affligir-me, matar-me pelo que forçosamente hei-de deixar, e do que hei-de lograr, ou perder para sempre, não fazer nenhum caso! Tantas diligencias para esta vida; nenhuma diligencia para a outra vida! Tanto medo, tanto receio da morte temporal, e da eterna nenhum temor! Mortos, mortos, desenganae estes vivos! Dizei-nos que pensamentos, e que sentimentos foram os vossos, quando entrastes e sahistes pelas portas da morte? A morte tem duas portas: *Qui exaltas me de portis mortis.* [1] Uma porta de vidro, por onde se sáe da vida; outra porta de diamante, por onde se entra á eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da morte, sem poder tornar a traz, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar para onde não sabe, e para sempre. Oh que transe tão apertado! Oh que passo tão estreito! Oh que momento tão terrivel! Aristoteles disse que entre todas as coisas terriveis, a mais terrivel é a morte. Disse bem; mas não entendeu o que disse. Não é terrivel a morte pela vida que acaba, senão pela eternidade que começa. Não é terrivel a porta por onde se sáe; a terrivel é a porta por onde se entra. Se olhaes para cima, uma escada que chega até o céo; se olhaes para baixo, um precipicio que vae parar no inferno. E isto incerto.

---

[1] *Psal.*, IX, 15.

Dormindo Jacob sobre uma pedra, viu aquella escada que chegava da terra até ao céo; e acordou attonito gritando: *Terribilis est locus iste.* [1] Oh que terrivel logar é este! E porque é terrivel, Jacob? *Non est hic aliud nisi domus Dei, et porta cæli.* Porque isto não é outra coisa, senão a porta do céo. Pois a porta do céo, a porta da bemaventurança é terrivel? Sim. Porque é uma porta que se póde abrir, e que se póde fechar. E' aquella porta que se abriu para as cinco virgens prudentes, e que se fechou para as cinco nescias: *Et clausa est janua.* [2] E se esta porta é terrivel para quem olha só para cima; quão terrivel será para quem olhar para cima, e mais para baixo? Se é terrivel para quem olha só para o céo, quanto mais terrivel será para quem olhar para o céo e para o inferno juntamente? Este é o mysterio de toda a escada, em que Jacob não reparou inteiramente, como quem estava dormindo. Bem viu Jacob que pela escada subiam e desciam anjos; mas não reparou que aquella escada tinha mais degráus para descer, que para subir; para subir era escada da terra até o céo; para descer era escada do céo até o inferno; para subir era escada por onde subiram anjos a ser bemaventurados; para descer era escada por onde desceram anjos a ser demonios. Terrivel escada, para quem não sóbe, porque perde o céo e a vista de Deus; e mais terrivel para quem desce, porque não só perde o céo e a vista de Deus, mas vae arder no inferno eternamente. Esta é a visão mais que terrivel que todos havemos de vêr: este é o logar mais que terrivel por onde todos havemos de passar, e por onde já passaram todos os que alli jazem. Jacob jazia sobre a pedra; alli a pedra jaz sobre Jacob, ou Jacob debaixo da pedra. Já dormiram o seu somno: *Dormierunt somnum suum;* [3] já viram aquella visão, já subiram ou desceram pela escada; se estão no céo ou no inferno, Deus o sabe; mas tudo se averiguou naquelle momento.

Oh que momento, (torno a dizer) oh que passo, oh que transe tão terrivel? Oh que temores, oh que afflicção, oh que angustias? Alli, senhores, não se teme a

---

[1] *Genes.*, XVIII, 17.
[2] *Math.*, XXV, 10.
[3] *Psal.*, LXXV, 6.

morte, teme-se a vida. Tudo o que alli dá pena, é tudo o que nesta vida deu gosto, e tudo o que buscámos por nosso gosto, muitas vezes com tantas penas. Oh que differentes parecerão então todas as coisas desta vida! Que verdades, que desenganos, que luzes tão claras de tudo o que neste mundo nos cega! Nenhum homem ha naquelle ponto, que não desejára muito uma de duas: ou não ter nascido, ou tornar a nascer de novo para fazer uma vida muito differente. Mas já é tarde, já não ha tempo: *Quia tempus non erit amplius.* [1] Christãos e senhores meus: por misericordia de Deus ainda estamos em tempo. E' certo que todos caminhamos para aquelle passo, é infallivel que todos havemos de chegar, e todos nos havemos de vêr naquelle terrivel momento, e póde ser que muito cedo. Julgue cada um de nós, se será melhor arrepender-se agora, ou deixar o arrependimento para quando não tenha logar, nem seja arrependimento! Deus nos avisa, Deus nos dá estas vozes; não deixemos passar esta inspiração, que não sabemos se será a ultima! Se então havemos de desejar em vão começar outra vida, comecemol-a agora: *Dixi: nunc cœpi.* [1] Comecemos de hoje em diante a viver, como quereriamos ter vivido na hora da morte. Vive assim como quizeras ter vivido quando morras. Oh que consolação tão grande será então a nossa, se o fizermos assim! E pelo contrario, que desconsolação tão irremediavel, e tão desesperada, se nos deixarmos levar da corrente, quando nos acharmos onde ella nos leva! E' possivel que me condemnei por minha culpa, e por minha vontade, e conhecendo muito bem o que agora experimento sem nenhum remedio? E' possivel que por uma cegueira, de que me não quiz apartar; por um appetite que passou em um momento, hei-de arder no inferno em quanto Deus fôr Deus? Cuidemos nisto, Christãos, cuidemos nisto. Em que cuidamos, e em que não cuidamos? Homens mortaes, homens immortaes, se todos os dias podemos morrer, se cada dia nos imos chegando mais á morte, e ella a nós; não se acabe com este dia a memoria da morte. Resolução, resolução uma vez, que sem resolução nada

[1] *Apoc.*, x, 6.
[2] *Psal.*, LXXVI, 11.

se faz. E para que esta resolução dure, e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos bem naquella hora. De vinte e quatro horas que tem o dia, porque se não dará uma hora á triste alma? Esta é a melhor devoção e mais util penitencia, e mais agradavel a Deus, que podeis fazer nesta Quaresma. Tomar uma hora cada dia, em que só por só com Deus e comnosco, cuidemos na nossa morte e na nossa vida. E porque espero da vossa piedade e do vosso juizo, que aceitareis este bom conselho, quero acabar, deixando-vos quatro pontos de consideração para os quatro quartos desta hora: Primeiro, quanto tenho vivido? Segundo, como vivi? Terceiro, quanto posso viver? Quarto, como é bem que viva? Torno a dizer para que vos fique na memoria: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? *Memento homo?*

SERMÃO

DE

Quarta Feira de Cinza *

Pulvis es, et in pulverem reverteris. [1]

I

Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortaes; ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Assim comecei eu o anno passado quando todos estavamos mais longe da morte; mas hoje que tambem estamos todos mais perto della, importa mais tratar do remedio que encarecer o perigo. Adiantando pois o mesmo pensamento, e sobre as mesmas palavras digo, senhores, que duas coisas prega hoje a Igreja a todos os vivos; uma grande, outra maior; uma triste, outra alegre; uma temerosa, outra segura; uma certa e necessaria, outra contingente e livre. E que duas coisas são estas? Pó e pó. O pó que somos: *Pulvis es*, e o pó que havemos de ser: *In pulverem reverteris*. O pó que havemos de ser é triste, é temeroso, é certo e necessario; porque ninguem póde escapar da morte; o pó que somos é alegre, é seguro, é voluntario e livre, porque se nós o quizermos entender e applicar como convém, o pó que somos será o remedio, será a triaga, será o correctivo do pó que havemos de ser.

---

* Foi este Sermão prégado em Roma, na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, em 15 de Fevereiro, do Anno de 1673. N'este Sermão, dividido em duas partes, segundo o estylo dos sermões italianos, ambas entre si admiravelmonte ligadas, sobresahe a bella apologia dos louvores de Santo Antonio, inserida com a maior naturalidade no fim da primeira.

[1] *Genes.*, III, 1.

Notavel foi o caso succedido em tempo do imperador Valente, do qual disse, então, com elegante juizo o poeta Ausonio aquella tão celebrada sentença: *Et cum fata volunt, bina venena juvant.* [1] Quiz uma inimiga domestica tirar a vida com veneno ao senhor da casa, e depois de ter medicado a bebida com certos pós venenosos, duvidando, ainda, se teriam bastante efficacia para segurar melhor o effeito, mandou buscar outros. Vieram os segundos pós, lança-os na mesma taça a traidora, bebe o innocente marido; mas quando ella esperava que cahisse subitamente morto, elle ficou tão vivo e sem lesão, como dantes. Admiravel acontecimento! Se os primeiros pós bastavam para matar, e os segundos tambem, ambos juntos porque não mataram? Este homem não era Mithridates, que se alimentasse de veneno. Se bebia só os primeiros pós, morria: se bebia só os segundos, tambem morria; pois porque não morreu bebendo uns e mais os outros? Porque os segundos pós foram correctivos dos primeiros. A guerra que haviam de fazer ao coração, fizeram-na entre si, e em vez de matar, mataram-se. Taes são os dois pós com que hoje nos ameaça a sentença universal de Adão: *Pulvis es:* um pó; *in pulverem reverteris:* outro pó; ambos mortaes, ambos venenosos; mas se nós quizermos não está na mão dos fados, senão na nossa, que um seja a triaga e o correctivo do outro. Isto é o que determino prégar hoje. A Igreja põe-vos sobre a cabeça uma cinza feita de palmas; eu hei-vos de metter na mão uma palma feita de cinzas. Havemos de vencer um pó com outro pó, havemos de curar um veneno com outro veneno, havemos de matar uma morte com outra morte: a morte do pó que havemos de ser, com a morte do pó que somos: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* Para que eu saiba preparar estes pós de modo que venham a ter uma tão grande virtude; e para que vós e eu os saibamos applicar como convém, não por cerimonia (que não é o dia disso) senão muito de coração, peçamos a assistencia da Divina Graça. *Ave Maria.*

---

[1] *Ausonius.*

II

Pulvis es, et in pulverem reverteris. Homem christão com quem falla a Igreja, és pó, e has-de ser pó; que remedio? Fazer que um pó seja correctivo do outro. Sê desde logo o pó que és, e não temerás depois ser o pó que has-de ser. Sabeis, Senhores, porque tememos o pó que havemos de ser? E' porque não queremos ser o pó que somos. Sou pó, e hei-de ser pó; pois antes de ser o pó que hei-de ser, quero ser o pó que sou. Já que hei-de ser pó por força quero ser pó por vontade. Não é melhor que faça desde logo a razão o que depois ha-de fazer a natureza? Se a natureza me ha-de resolver em pó, eu quero-me resolver a ser pó; e faça a razão por remedio, o que ha-de fazer a natureza sem remedio. Não sei se entendestes todos a metaphora? Quer dizer mais claramente, que o remedio unico contra a morte é acabar a vida antes de morrer. Este é o meu pensamento; e envergonho-me, sendo pensamento tão christão, que o dissesse primeiro um gentio: *Considera quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem: deinde expectare securum reliquam temporis sui partem?* [1] Lucilio meu, (diz Seneca escrevendo de Roma a Sicilia). O pensamento sahiu de Roma, e fôra melhor que não sahisse. Lucio meu, considera com attenção o que agora te direi, e toma um conselho que te dou, como mestre e como amigo. Se queres morrer seguro, e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte. Oh grande e profundo conselho, merecedor verdadeiramente de melhor auctor, e digno de ser abraçado de todos os que tiverem fé e entendimento! *Consummare vitam ante mortem.* Acabar a vida antes de morrer, e ser pó por eleição, antes de ser pó por necessidade. Isto disse e ensinou um homem gentio, porque, para conhecer esta verdade, não é necessario ser christão, basta ser homem: *Memento homo.*

Suba agora a fé sobre a razão, venha a auctoridade divina sobre a humana, e oiçamos o que diz o céo á terra: *Audivi vocem de cælo dicentem mihi: Scribe,*

[1] *Seneca.* Ep. XXVII.

beati mortui, qui in Domino moriuntur. [1] Ouvi (diz S. João) uma voz do céo, que me dizia e me mandava escrever esta sentença: Bemaventurados os mortos que morrem no Senhor. Celestial oraculo, mas difficultoso! *Quis mortuus mori potest?* [2] Argue e pergunta Santo Ambrosio: Que morto ha que possa morrer? *Nullus procul dubio:* nenhum. Tudo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte até a mesma morte. Quem morreu já não póde morrer. Só os mortos teem este privilegio contra a jurisdicção e imperio universal da morte. São sujeitos á morte os principes, os reis, os monarchas, só os mortos depois que uma vez lhe pagaram tributo, ficaram isentos de sua jurisdição. Por isso Tertulliano chamou judiciosamente á sepultura: *Mortis asylum*, [3] asylo e sagrado da morte. Contra a alçada da morte, nem o Vaticano é sagrado; mas a sepultura sim, porque os mortos já não pódem morrer. Como diz logo a voz do céo a S. João: *Bemaventurados os mortos que morvem no Senhor?* Mortos que morrem? Que mortos são estes? São aquelles mortos que acabam a vida antes de morrer. Os que acabam a vida com a morte, são vivos que morrem, porque os tomou a morte vivos; os que acabam a vida antes de morrer, são mortos que morrem, porque os achou a morte já mortos. *Illi sunt beati, et illi in Domino moriuntur, qui prius moriuntur mundo, postea carne.* Responde o mesmo Santo Ambrosio. Sabeis quaes são os mortos que morrem? São aquelles que acabaram a vida antes de morrer; aquelles que morreram ao mundo antes que a morte os tire do mundo: *Qui prius moriuntur mundo, postea carne.* Estes são os mortos que morrem; estes são os que morrem em o Senhor; estes são os que a voz do céo canonisa por bemaventurados: *Beati mortui.*

E se os que morrem mortos são bemaventurados, os que morrem vivos que serão? Sem duvida malaventurados. Grande Texto de David: *Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes;* [4] venha

[1] *Apoc.*, XIV, 13.
[2] *S. Ambros.*
[3] *Tertul.*
[4] *Psal.*, LIV, 16.

a morte sobre elles, e desçam vivos ao inferno. A primeira parte desta sentença faz estranha e difficultosa a segunda. Que possam homens descer vivos ao inferno, exemplo temos em Dathan e Abiron; abriu-se a terra e enguliu-os o inferno vivos. Mas o caso do nosso Texto ainda encerra maior maravilha. Diz que virá a morte sobre elles: *Veniat mors super illos;* [1] e que assim descerão vivos ao inferno: *Et descendant in infernum viventes.* Se a morte veiu sobre elles, já os matou; e se já são mortos, como diz o Propheta que descerão ao inferno vivos? Porque esse é o estado em que o achará a morte. Não falla o Propheta do estado em que hão-de chegar ao inferno, senão do estado em que os achará e tomará a morte, quando lá dér com elles. A morte quando vem, mata a cada um no estado em que o acha. Aos que acabaram a vida antes de morrer, mata-os já mortos; aos que não quizeram acabar a vida antes da morte, mata-os vivos. Estes taes vem a morte sobre elles, os outros vão elles sobre a morte. E vae tanta differença de vir a morte sobre vós, ou irdes vós sobre ella; vae tanta differença de morrer assim vivo ou já morto, que os que morrem mortos são os que teem seguro o céo: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur;* e os que morrem vivos são os que vão ao inferno: *Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes.*

Senhores meus: o dia é de desenganos. Morrer em o Senhor ou não morrer em o Senhor, haver de ser bemaventurado ou não haver de ser bemaventurado, é o ponto unico a que se reduz toda esta vida e todo este mundo, todas as obras da natureza e todas as da graça, tudo o que somos, e tudo o que havemos de ser; porque é salvar ou não salvar. Este é o negocio de todos os negocios, este é o interesse de todos os interesses, esta é a importancia de todas as importancias; e esta é, e deve ser na Curia e fóra della, a pretenção de todas as pretenções, porque este é o meio de todos os meios, e o fim de todos os fins: morrer em graça e segurar a bemaventurança. E se me perguntardes: essa bemaventurança, e esse seguro, e essa graça, porque a não promette a voz do céo aos vivos

[1] *Num.*, XVI, 32.

que morrem, senão aos mortos que morrem: *Mortui qui moriuntur?* A razão verdadeira e natural, e provada com a experiencia de todos os que viveram e morreram, é, porque aquelles que morrem, quando morrerem hão-de contrastar com todos os perigos e com todas as difficuldades da morte, que é coisa muito arriscada naquella hora; porém os que morrem antes de morrer, já levam vencidos e superados todos esses perigos e todas essas difficuldades, porque na primeira morte desarmaram e venceram a segunda.

Tres coisas (dividimos o discurso, para que declaremos e apertemos bem este ponto). Tres coisas fazem duvidosa, perigosa e terrivel a morte. Ser uma, ser certa, ser momentanea. Estas são as tres cabeças horrendas deste Cerbéro, estas são as tres gargantas por onde o inferno engole o mundo. E de todas estas difficuldades e perigos se livra seguramente só: quem? Quem não guarda a morte para a morte, quem acaba a vida antes de morrer, quem se resolve a ser pó antes de ser pó: *Pulvis es.*

III

Primeiramente é terrivel e terribilissima condição da morte ser uma: *Statutum est hominibus semel mori.* [1] Hei-de morrer, e uma só vez. A lei geral de Adão diz: *Morte morieris.* [2] Morrerás. A glossa de S. Paulo acrescenta: *Semel.* Uma vez. E sendo a lei tão temerosa, muito mais terrivel é a glossa que a mesma lei. Os males desta vida quanto mais se multiplicam, tanto são maiores: *Multiplicabo ærumnas tuas,* [3] disse Deus a Eva. O maior mal da morte é não se poder multiplicar. Se a unidade da morte se multiplicára, e se podera morrer mais de uma vez, appelara-se de uma para a outra. Quando David sahiu a desafio com o gigante, [4] metteu cinco pedras no surrão, porque se errasse a primeira pedrada, podesse appellar para as outras pedras. Todos have-

[1] *Epist. ad Hebr.,* IX, 27.
[2] *Genes.,* VII, 17.
[3] *Genes.,* III, 16.
[4] *1.º Livr. dos Reis,* XVII; 40.

mos de sahir a desafio com este grão gigante, com este Golias da morte, mas o vencer ou não vencer, está em um só tiro. Quem disse: *Non licet in bello bis errare*, errou. O que se erra em uma batalha, póde-se emendar na outra, e o que se perdeu em uma rota, póde-se recuperar em uma victoria; só a morte é aquella em que não é licito errar duas vezes. *Ergo erravimus.* [1] Emfim, errámos, diziam depois de mortos aquelles que tinham dito pouco antes: *Coronemus nos rosis, antequam marcescant.* [2] Corôemo-nos de rosas antes que se murchem. Pois se errastes, porque não emendaes o erro? Porque já não é tempo, somos mortos. Muito mais temerosa é nesta parte a morte do corpo, que a morte da alma. Para a morte da vida espiritual, ha contrição, ha penitencia; para a morte da vida corporal, não instituiu Deus Sacramento, nem ha remedio. Quem a errou uma vez, errou-a para sempre. A transmigração deste mundo para o outro não é como a transmigração de Pythagoras. Se a alma, depois de viver em um corpo, podera animar outro, depois de o homem morrer a primeira vez em um ladrão, podera morrer a segunda em um anachoreta. Mas quem uma vez morreu Judas, não lhe resta outra morte para morrer Paulo. Uma só morte, ou boa para sempre, ou má para sempre: *Semel.*

Não ha duvida que é terrivel condição esta da morte, mas para quem terrivel? Para quem morre quando morre. Porém quem morre antes de morrer, zomba dessa condição, e risse dessa terribilidade: *Ridebit in die novissimo.* [3] Que se me dá a mim que a morte seja uma, se eu posso fazer que sejam duas? A morte não tem remedio depois, mas tem remedio antes. *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* [4] Notae a palavra *præteriri*. A morte é um termo que se não póde passar da parte dalém, mas póde-se antecipar da parte dáquem. Não tem remedio depois, porque depois de uma morte não ha outra morte; mas tem remedio antes, porque antes de uma

[1] *Sap.*, v, 6.
[2] *Ibid.*, II, 8.
[3] *Prov.*, XXXI, 25.
[4] *Job.*, XIV, 5.

morte póde haver outra. Por lei e por estatuto, heide morrer uma vez, mas na minha mão e na minha eleição está morrer duas; e este é o remedio. Morreu Lazaro, enterraram-no as irmãs; chegou Christo ao sepulchro e chorou. A' vista destas lagrimas e da sepultura de Lazaro, admirados os circumstantes, diziam: *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati facere, ut hic non moreretur?* [1] Este que chora não é o mesmo que deu vista ao cégo de seu nascimento? Sim. Pois como não impediu que morresse Lazaro? Se chora, é seu amigo; se deu vista ao cégo, é poderoso, e não faz por seu amigo o que póde? Se o podia sarar, porque o deixou morrer, e não fez o que podia? Não fez Christo neste caso o que podia, porque nos quiz ensinar com este caso a fazer o que podemos. Quiz-nos ensinar Christo a morrer duas vezes. Altamente Santo Agostinho: *Ut unus homo semel nasci, et bis mori disceret.* [2] Deixou Christo morrer a Lazaro, e não o quiz sarar enfermo, senão resuscitar morto, para que á vista deste exemplar (morrendo Lazaro agora, e tornando a morrer depois) aprendessem e soubessem os homens, que nascendo uma só vez, pódem morrer duas: *Semel nasci, et bis mori.* Oh divino documento do Divino Mestre: Nascer uma vez, e morrer duas vezes!

Bem creio eu que haverá não poucos que quizeram antes trocados estes termos, e poder nascer duas vezes, para escolher nascimento. Mas Deus que nos fez para a eternidade e não para o tempo, para a verdade, e não para a vaidade, deixou o nascer á natureza, e o morrer á eleição. No nascer, em que todos somos eguaes, não póde haver erro, e por isso basta nascer uma vez; no morrer, em que o erro ou acerto importa tudo, e ha-de durar para sempre, era justo que o homem podesse morrer duas vezes, para eleger a morte que mais quizesse, e para aprender, morrendo, a saber morrer. Nenhuma coisa se faz bem da primeira vez, quanto mais a maior de todas, que é morrer bem. Reparo é digno de toda a admiração, que sendo tantas as meditações da morte, e tantos os despertadores deste desengano, sejam tão poucos os

[1] *Joan.*, XI, 37.
[2] *S. August.*

que sabem morrer. Mas a razão desta experiencia e desta desgraça, é porque as artes ou sciencias praticas, não se aprendem só especulando, senão exercitando. Como se aprende a escrever? Escrevendo. Como se aprende a esgrimir? Esgrimindo. Como se aprende a navegar? Navegando. Assim tambem se ha-de aprender a morrer, não só meditando, mas morrendo. Por isso Christo nos ensinou em Lazaro a morrer duas vezes: uma vez para que aprendessemos, outra para que soubessemos morrer. Ao paralytico, e a outros a quem o Senhor deu saude milagrosa, depois de os sarar, prégava-lhes: a Lazaro e aos demais que resuscitou, nenhum documento lhes deu. E porque? Porque eram homens que já morreram uma vez, e haviam de morrer outra; e quem morre antes da morte, não ha mister mais doutrina para bem morrer.

O inferno e a condemnação eterna, (que é o paradeiro dos que morrem mal) chama-se no Apocalypse morte segunda. E faz menção alli S. João de certas almas, em quem a morte segunda não tem poder: *In his secunda mors non habet potestatem.* [1] E que almas venturosas são estas, em quem não tem poder a morte segunda? Todos em quanto estamos sujeitos á morte primeira, que é a morte temporal, estamos tambem arriscados á morte segunda, que é a morte eterna; porque todos nos podemos condemnar e ir ao inferno. Que almas são logo estas tão privilegiadas, que totalmente se isentam do poder e jurisdição da morte segunda? São as almas daquelles que com verdadeira resolução e perseverança souberam acabar a vida antes da morte, e morrer antes de morrer. Das mesmas palavras de S. João se colhe, se bem as considerarmos. E se não pergunto: Porque se chama a morte eterna precisa, e determinadamente morte segunda, e não mais que segunda? Porque não póde ser morte senão daquelles que morrem uma só vez. Morte segunda refere-se á morte primeira, e suppõe antes de si outra morte, mas uma só, e não mais que uma; porque se as mortes antecedentes fossem duas, já não seria morte segunda, senão morte terceira. E como os que morrem em vida, morrem duas vezes, uma quando morrem, e outra antes de morrer, já

---

[1] *Apoc.*, xx, 6.

não tem nelles logar morte segunda. Para quem morre uma só vez, ha no inferno morte segunda; para quem morre duas vezes, não ha lá morte terceira. Por isso a que se chama segunda, não tem sobre elles poder: *In his secunda mors non habet potestatem.* Oh ditosos aquelles que para evitar o perigo da morte segunda, souberam metter outra morte antes da primeira!

Christãos e senhores meus: se quereis morrer bem (como é certo que quereis) não deixeis o morrer para a morte, morrei em vida: não deixeis o morrer para a enfermidade e para a cama, morrei na saude e em pé. E se quizerdes para esta grande empreza um corpo ou hieroglyfico natural, não notado por Plinio ou Marco Varro, senão por Auctor divino e canonico, eu vol-o darei. Foi notar S. Judas Thadeu naquella sua admiravel Epistola, que as arvores morrem duas vezes: *Arbores autumnales, infructuosæ, bis mortuæ.* [1] A primeira vez morrem as arvores em pé, a segunda deitadas; a primeira quando se seccam, a segunda quando cáem. Platão disse que os homens são arvores ás avessas, e eu acrescento, que se morrerem como as arvores, serão homens ás direitas. Na arvore, em quanto lhe dura a vida, ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidade; morre finalmente a arvore com o tempo a primeira vez, e daquelle corpo tão formoso e vario que vestiam as folhas, que guarneciam as flôres, que enriqueciam os fructos, não se vê mais que um cadaver sêcco, triste e destroncado. Neste despojo de tudo o que tinha sido, preza ainda pelas raizes, e sustentando-se na terra, (mas não da terra) espera a arvore em pé a ultima cahida, e esta é a segunda morte, com que de todo acaba. Assim deve acabar antes de acabar, quem quer acabar bem. Quantas primaveras teem passado por nós, quantos verões, e quantos outomnos, e póde ser que com menos fructo, que folha e flôres? O que fazem os annos nas arvores, bem o poderam já ter feito em muitos de nós os mesmos annos. E é bem que a razão e o desengano o faça em todos, pois são mais fracas as nossas raizes. Esperemos mortos pela morte, e esperemol-a em pé, antes que ella nos deite

---

[1] *Epist. Judæ*, XII.

na sepultura. Oh ditosa sepultura a daquelles, na qual se possa escrever com verdade o epitaphio vulgar do grande Scoto: *Semel sepultus, bis mortuus.* [1] Uma vez sepultado, e duas morto.

IV

Vencida assim esta primeira difficuldade de ser a morte uma, segue-se a segunda não menos perigosa nem menos terivel, que é o ser incerta. Certa a morte, porque todos certa e infallivelmente havemos de morrer; mas nessa mesma certeza, incerta, porque ninguem sabe o quando. Repartimos a vida em edades, em annos, em mezes, em dias, em horas; mas todas estas partes sâo tão duvidosas e tão incertas, que não ha edade tão florente, nem saude tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro. Perplexo no meio desta incerteza, e temeroso della David, fez esta petição a Deus: *Notum fac mihi Domine finem meum, et numerum dierum meorum, ut sciam quid desit mihi.* [2] Senhor, não vos peço larga vida, mas esses dias, poucos ou muitos, que hei-de viver, peço-vos que me digaes quantos são, para saber o que me resta. Assim o pediu David, mas é a lei da incerteza da morte tão indispensavel, que nem a David o concedeu Deus. Era David aquelle homem, que com verdade dizia de si: *Incerta, et occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi:* [3] e manifestando-lhe Deus todos seus segredos, e as outras coisas mais incertas e occultas de sua Providencia, só o incerto e occulto de sua morte lhe não quiz revelar. Tão reservado é só para Deus o certo desta incerteza!

Mas dado caso que Deus revelára a David a certeza da sua morte, ainda depois de revelada e certificada por Deus, digo que ficaria incerta. Temos o caso em outro rei não menos santo, nem menos favorecido de Deus que David. Havendo el-rei Josias feito grandes

---

[1] Extad hoc epitaph. in Lib. Sales Musarum. Quidquid sit de veritate historiæ. Vide Spondanum an. 1308.

[2] *Psal.*, XXXVIII, 5.

[3] *Psal.*, L, 8.

serviços a Deus em observancia e augmento da religião, prometteu-lhe o mesmo Deus em premio destas boas obras, que morreria em paz: *Idcirco colligam te ad patres tuos, et colligeris ad sepulchrum tuum in pace.* [1] Muito contente Josias com esta revelação, e muito animado com este seguro divino, como mancebo que era de trinta e nove annos, desejoso de gloria, arma exercito contra os Assyrios, mette-se em campanha, e tanto que os dois exercitos estiveram á vista, põe-se na testa dos esquadrões com o bastão na mão e o cartaz de Deus no peito. Eu hei-de morrer na paz, seguro estou na guerra. Cerram nisto os esquadrões, trava-se a batalha, voam as settas, senão quando uma dellas atravessa pelo coração a Josias, e cáe morto. Morto el-rei? Não póde ser. Não tinha Josias uma revelação, uma promessa, e um assignado de Deus, que havia de morrer em paz: *Colligeris ad sepulchrum tuum in pace?* Pois como morre na guerra e na batalha? Aqui vereis qual é a incerteza da morte. E' certo que Josias morreu na guerra, é certo que Deus lhe tinha promettido que havia de morrer em paz, é certo que a palavra de Deus não póde faltar, e no meio de todas estas certezas foi incerto o genero de morte de que havia de morrer, e morreu Josias. Mas como póde estar esta incerteza e tantas incertezas, com a certeza infallivel da palavra Divina? Disse-o David nas mesmas palavras, com que pouco ha fez a sua patição: *Loquutus sum in lingua mea, notum fac mihi Domine finem meum.* [2] Quando eu pedi a Deus que me revelasse o fim de minha vida, fallei na minha lingua: *Loquutus sum in lingua mea.* E assim como David fallou a Deus na sua lingua, assim Deus fallou a Josias na sua. A lingua de Deus não a entendem bem os homens, porque póde ter muitos sentidos. E que importa que tenha eu palavra de Deus, e que a palavra de Deus seja certa, se o sentido da mesma palavra de Deus póde ser incerto, como aqui foi? Por isso falla Deus de proposito com palavras de sentido duvidoso e incerto, ainda quando revela os futuros da morte, para que a certeza della fique reservada sempre á sua sabedoria sómente, e para nós seja sempre duvidosa e sempre incerta.

---

[1] *Livr. 4.º dos Reis*, XXII, 20.
[2] *Psalm.*, XXXVIII, 5.

Tal é, senhores, a incerteza da morte, mas na nossa mão está fazel-a certa, se nos resolvermos a acabar a vida antes de morrer. Que bem vem cahindo neste logar aquelle dito verdadeiramente romano do vosso Catão. Estava elle na Africa sustentando só como bom cidadão, as partes da republica contra Cesar; estava tambem alli o famosissimo oraculo de Jupiter Amon: disseram-lhe que o consultasse: e que responderia Catão? Respondeu mais sabiamente do que podera responder o mesmo Jupiter: *Me non oracula certum, sed mors certa facit.* [1] Do meu fim não me certificam os oraculos, o meu oraculo certo é a morte certa. Fallou barbaramente como gentio, mas generosamente como estoico. Era dogma da seita estoica nos perigos de morrer indignamente, tirar-se a si mesmo a vida antes da morte. Assim o fez Catão tomando a morte certa por suas proprias mãos, por anticipar a morte duvidosa, vindo ás mãos de Cesar. Melhor o christão que o estoico. O estoico mata-se, para que o não matem, o christão, morre para morrer. Morrer mal, para não morrer peior, como faz o estoico, parece valor e prudencia, mas é temeridade e fraqueza. Morrer bem para morrer melhor, como faz o christão, é valor e verdadeira prudencia. E se o estoico morre uma morte certa, o christão morre duas tambem certas, porque na certeza da primeira segura a incerteza da segunda. Que se lhe dá logo ao christão que a morte seja incerta, se elle morrendo antes a póde fazer certa!

Ouvi a S. Paulo: *Ego curro non quasi in incertum.* [2] Eu passo a carreira da vida como os outros homens, mas não corro como elles ao incerto, senão ao certo. Allude o Apostolo aos jogos daquelle tempo, em que os contendores corriam até certa baliza ou meta, incertos de quem havia de chegar primeiro, ou depois. A meta é a morte, a carreira é a vida. E porque diz Paulo que elle corria ao certo, e não ao incerto como os demais? Porque os demais acabam a carreira quando chegam á meta. Paulo antes de chegar á meta, tinha já acabado a carreira. Os demais acabam a vida quando chegam á morte. Paulo tinha acabado a vida antes de morrer. O mesmo Apostolo o disse persis-

---

[1] *Lucan.*
[2] *1.ª ad Cor.*, IX, 26.

tindo na mesma metaphora: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi.* [1] Já tenho vencido o certamen, já tenho acabado a carreira. Já? Para bem vos seja, Apostolo sagrado; mas quando? Aqui está a duvida. Disse isto S. Paulo na segunda Epistola que escreveu a Timotheo, a qual (como nota o cardeal Baronio) foi escripta no anno quinto de Nero, oito annos antes que o mesmo Nero lhe tirasse a cabeça. Pois se a S. Paulo lhe restavam ainda tantos annos de vida, e podia viver muitos mais, como diz que já tinha acabado a sua carreira: *cursum consummavi?* Porque não esperou pela morte para acabar a vida; já tinha acabado a vida antes de morrer. E como tanto tempo antes podia dizer com verdade: *cursum consummavi;* por isso disse tambem com a mesma verdade: *Ego curro non quasi in incertum;* porque já tinha feito certo o incerto da morte. Para quem acaba a carreira da vida quando morre, é a morte incerta, mas para quem a soube acabar antes de morrer, não é incerta, é certa.

E para que vejaes quão certa é, notae que entre todas as mortes certas só esta, com que acabamos a vida antes de morrer, tem infallivel e total certeza. Todas as outras mortes, ou no ser, ou no modo, ou no tempo, tem suas incertezas: só esta em si e em todas suas circumstancias é certamente certa. Quando por traça de Aman se publicou edito de morte contra todos os hebreus que viviam nas cento e dezasete provincias sujeitas a el-rei Assuero, diz o Texto sagrado que todo o Israël clamou a Deus vendo-se condemnado sem remedio á morte certa: *Omnis Israël clamavit ad Dominum, eo quod eis certa mors impenderet.* [1] Era certa esta morte porque estava sentenciada; era certa porque estava determinado o dia; e sobre tudo era certa porque os decretos dos reis, por lei inviolavel dos Persas e Medos, eram irrevogaveis. Mas esta mesma morte tão certa, e que por tantas razões carecia de toda a defeza e remedio humano, affim mostrou o effeito que não tinha infallivel certeza, porque descoberto o engano e maldade de Aman pela rainha Esther, Assuero revogou o edito, e todos os que es-

[1] *2.ª ad Tim.*, IV, 7.
[1] *Esth.*, XIII, 18.

tavam condemnados e sujeitos á morte ficaram livres e vivos. [1] Tão incerta é a morte ainda quando mais certa.

E se alguem me disser que era decreto humano e fallivel, e que por isso houve incerteza na morte certa, vamos a outra morte certa por decreto divino, e vereis que tambem nella póde haver circumstancias de incerteza: *Certus, quod velox est depositio tabernaculi mei secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi.* [2] Estou certo, (diz S. Pedro na segunda Epistola) estou certo que hei-de morrer brevemente, porque assim m'o significou o mesmo Christo. Póde haver maior certeza, nem mais bem provada? Não póde. Mas ainda assim perguntára eu a S. Pedro: Apostolo e Pontifice santo, a brevidade dessa mesma morte de que estaes tão certo, sabernos-heis dizer quão breve ha-de ser? Se será neste anno, ou no seguinte? Se será neste mez, ou em algum dos outros? Se será neste mesmo dia, e nesta mesma hora, e neste mesmo logar em que estaes escrevendo? Nada disto podia dizer nem affirmar S. Pedro, porque debaixo daquella certeza particular, significada e declarada por Christo, estava ainda encoberta e duvidosa, e egualmente infallivel, aquell'outra incerteza geral pronunciada pelo mesmo Christo: *Quia nescitis diem, neque horam.* [3] De sorte que sabia S. Pedro que havia de morrer brevemente, mas o quando e onde, não o sabia: estava certo da morte e da brevidade, mas do dia e da hora não estava, nem podia estar certo; e esta é a certeza da morte que se acaba com a vida. Porém a morte em que se acaba a vida antes de morrer, é tão certa em si e em todas as suas circumstancias, que se eu me resolvo neste ponto (como devo resolver) não só sei com certeza o logar e o dia, senão com certeza a hora, e com certeza o momento. E a razão desta differença é a que notou Job: *Breves dies hominis sunt: numerus mensium ejus apud te est.* [4] O quando daquella morte não o posso saber certamente, porque está em Deus: o

[1] *Esther.*, XVI, *per totum.*
[2] *2.ª Epist., Petr.*, I, 14.
[3] *Math.*, XXV, 13.
[4] *Job.*, XIV, 5.

quando desta outra morte posso-o saber com toda a certeza porque está em mim. Aquelle está em Deus, porque depende só da sua vontade; este está em mim, porque com a graça do mesmo Deus, que nunca falta, depende da minha.

Agora me não espanto que Deus não deferisse á petição de David, porque o despacho, se elle quizesse, estava na sua mão. Que dizia David, e que pedia a Deus? Pedia que Deus lhe revelasse o fim de sua vida: *Notum fac mihi Domine finem meum;* [1] e para David, ou qualquer outro homem, sem ser propheta, saber o fim de sua vida, não é necessario que Deus lh'o revele. Se eu quero saber o fim da minha vida, ponha-lhe eu o fim e logo o saberei. Então será verdadeiramente fim meu: *Finem meum;* porque será livre e não necessario, será voluntario e não forçoso, será da minha eleição e do meu merecimento, será, emfim, fim da minha vida, e não da vida que não é minha; porque só é minha a presente, e não a futura. Que mais pedia e queria David? *Et numerum dierum meorum;* [2] queria saber a conta dos seus dias. Inutil desejo e escusada petição. Pedia o que não importa nada, e deixava o que só importa. Não quero saber a conta aos dias da vida futura, quero fazer conta e tomar conta aos dias da vida passada; não quero saber de Deus a conta dos dias que hei-de viver, quero saber de mim a conta que hei-de dar a Deus dos dias que tenho vivido. Esta é a necessaria e verdadeira conta dos nossos dias. Finalmente a que fim pedia David esta revelação? *Ut sciam quid desit mihi:* para saber (diz elle) o que me falta. E que importa saberdes o que vos falta, se é melhor não o saber? Não quero da vida o que me falta, quero ignorar o que me sobeja. Quem sabe quando ha-de morrer, sabe os dias que lhe faltam; quem morre antes de morrer ignora os dias que lhe sobejam; e esta ignorancia é melhor que aquella sciencia. Que maior felicidade na incerteza da morte, que sobejar-me a vida? Aos que acabam a vida com a morte, falta-lhes a vida; aos que acabam a vida antes de morrer, sobeja-lhes. E sequer estes sobejos da vida não os daremos de barato a Deus e á alma? Mas vamos á ultima difficuldade.

---

[1] *Psal.*, XXXVIII, 5.
[2] *Ibid.*

V

A ultima difficuldade, e o maior perigo e aperto da morte é ser momentanea. Que coisa é morte? *Momentum, unde pendet æternitas:* um momento donde pende a eternidade, ou, por melhor dizer, as eternidades. O momento é um, e as eternidades que delle pendem são duas: ou de vêr a Deus para sempre, ou de carecer de Deus para sempre. E' uma linha indivisivel que divide este mundo do outro mundo; é um horisonte extremo, donde para cima se vè o hemispherio do céo, e para baixo o do inferno: é um ponto preciso e resumido em que se ajunta o fim de tudo o que acaba, e o principio do que não ha-de acabar. Oh que terrivel ponto este, e mais terrivel para os que nesta vida se chamam felizes? *Ducunt in bonis dies suos, et in punto ad inferna descendunt.* [1] Se este ponto tivera partes, fôra menos temeroso, porque entre uma e outra pudera caber alguma esperança, alguma consolação, algum recurso, algum remedio, mas este ponto não tem partes, nem ata, ou se ata com partes; porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida, ainda que não teem partes, unem-se com partes; porque unem a parte do tempo passado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante que se desata do tempo que foi, e não se ata com o tempo que ha-de ser, porque já não ha-de haver tempo: *Et tempus non erit amplius.* [2] Não vos parece que é terrivel coisa ser a morte momentanea? Não vos parece que é terrivel momento este? Pois eu vos digo que nem é terrivel, nem é momento, para quem souber fazer pé atraz, e acabar a vida antes de morrer; porque ainda que a morte é momento e não é tempo, quem acaba a vida antes de morrer, mette tempo entre a vida e a morte.

Não vos quero allegar para isto com auctoridades de Jeronymo ou Agostinho, nem com exemplos dos Hilariões e Pacomios, senão com o exemplo e com a au-

---

[1] *Job.*, XXI, 13.
[2] *Apoc.*, X, 6.

ctoridade de um homem de capa e espada, ou de espada sem capa, que é ainda mais. Entrou um soldado veterano a Carlos v, e pediu-lhe licença com um memorial, para deixar seu serviço e se retirar das armas. Admirou-se o imperador, e parecendo-lhe que seria descontentamento e pouca satisfação do tempo que havia servido, respondeu-lhe chamando-o por seu nome, que elle conhecia muito bem o seu valor e o seu merecimento; que tinha muito na lembrança as batalhas em que se achára, e as victorias que lhe ajudára a ganhar; e que as mercês que lhe determinava fazer, lh'as faria logo effectivas com grandes vantagens de posto, de honra, de fazenda. Oh venturoso soldado com tal palavra, e de um principe que a sabia guardar! Mas era muito melhor e muito maior a sua ventura. Sacra e real magestade (disse) não são essas as mercês que quero, nem essas as vantagens que pretendo; o que só peço e desejo da grandeza de vossa Magestade é licença para me retirar; porque quero metter tempo entre a morte e a vida: *Inter vitæ negotia, et mortis diem oportere spatium intercedere;* [1] diz o vosso e nosso Livio na historia *De Bello Belgico*. E que vos parece que faria o Cesar neste caso? Concedeu enternecido a licença; retirou-se ao gabinete, tornou a lêr o memorial do soldado, e despachou-se a si mesmo. Oh soldado mais valente, mais guerreiro, mais generoso, mais prudente, e mais soldado que eu! Tu até agora foste meu soldado, eu teu capitão; desde este ponto tu serás meu capitão, e eu teu soldado; quero seguir tua bandeira. Assim discorreu comsigo Carlos, e assim o fez. Arrima o bastão, renuncia o imperio, despe a purpura, e tirando a corôa imperial da cabeça, poz a corôa a todas as suas victorias, porque saber morrer é a maior façanha. Resolveu-se animosamente Carlos a acabar elle primeiro a vida, antes que a morte o acabasse a elle. Recolheu-se ou acolheu-se ao convento de Juste, metteu tempo entre a vida e a morte; e porque a primeira vez soube morrer imperador, a segunda morreu santo. Oh generoso principe e prudente general, que soubeste seguir e aprender do teu soldado! Oh valente e sabio soldado que soubeste ensinar e vencer

[1] *Fam. Strad.*

o maior general! Ambos tocaram a recolher a tempo, e por isso seguraram a maior victoria, porque fizeram a seu tempo a retirada.

Estes são os exemplos, senhores, que vos prometti. E se por ventura quereis outros mais antigos e mais sagrados, ouvi o de outro general tambem corôado, e de outro soldado egualmente valoroso e sabio, a quem elle imitou e seguiu. Desenganado David, como vimos, de não poder alcançar de Deus o numero que lhe restava de seus dias, e o fim e termo certo de sua vida, reformou o memorial, e pediu assim nas ultimas palavras do mesmo Psalmo: *Remitte mihi, ut refrigerer priusquam abeam, et amplius non ero.* [1] Já que, Senhor, não sois servido que eu saiba a certeza de minha morte, e os dias que na vossa Providencia me tendes determinado de vida, ao menos vos peço que me concedaes algum espaço de quietação e socego, em que possa metter tempo entre a vida e a morte: *Sine me refrigerari, et quiescere, priusquam moriar, et non existam in vivis: sic enim postea placide exibo ex hac vita, et sine terroribus conscientiæ, qui tunc exoriri solent:* [2] commenta Genebrardo. De maneira que desenganado David, mudou e melhorou de pensamento, e a sua ultima resolução foi segurar o estreito passo, e momento da morte com metter tempo entre ella e a vida. E de quem aprendeu David, de quem aprendeu o rei, general dos exercitos de Deus, esta lição? Aprendeu-a daquelle famoso soldado, que pela experiencia de suas batalhas dizia: *Militia est vita hominis super terram.* [3] Quasi pelas mesmas palavras de David o tinha já dito e pedido Job: *Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevi? Dimitte me ut plangam paululum dolorem meum, antequam vadam, et non revertar.* [4] Os dias da minha vida (diz Job) ou eu queira ou não queira, hão-de acabar-se brevemente. O que pois vos peço, Senhor, é que antes da morte me concedaes algum tempo, em que chore meus peccados, em que trate só de compôr a minha consciencia, e apparelhar a minha alma. Vêde quão conformes

---

[1] *Psal.*, XXXVIII, 14.
[2] *Genebrard. hic.*
[3] *Job.*, VII, 1.
[4] *Ibid.*, X, 20.

foram nesta galharda resolução, o soldado primeiro, e o general depois! Job tinha dito: *Antequam vadam, et non revertar;* David disse: *Priusquam abeam, et amplius non ero:* um diz *Prius*, outro diz *Ante;* e nenhum delles se atreveu a deixar a morte para a morte; ambos trataram de ter tempo, e metter tempo entre a morte e a vida.

Mas quem era este general, quem era este soldado? Este David e este Job que homens eram? Oh miseria e confusão de nosso descuido, e de nossa pouca fé! David [1] era aquelle homem, que sendo ungido por Deus, quiz antes perdoar a seu maior inimigo, que pôr na cabeça a corôa, e empunhar o sceptro; era aquelle, que depois de ser rei [2] tinha entre noite e dia sete horas de oração, trazendo debaixo da purpura cingido o cilicio, e domando ou humilhando como elle dizia) [3] seu corpo com perpetuo jejum: [4] aquelle que dos despojos de suas victorias ajuntava thesouros, não para si e para a vaidade, senão para a fabrica do Templo: [5] aquelle que sendo leigo ordenou o canto ecclesiastico, distinguiu os ministros, [6] reformou as cerimonias, e poz em perfeição todo o culto divino, e coisas sagradas: [7] aquelle, que, se commetteu um peccado, ainda depois de absolto e perdoado, o chorou com rios de lagrimas por todos os dias [8] e noites de sua vida: [9] aquelle, finalmente, de quem disse o mesmo Deus que tinha achado nelle um homem á medida do seu coração. Este era David. E Job quem era? O espelho da paciencia, a columna da constancia, a regra da conformidade com a vontade divina; aquelle a quem Deus [10] poz em campo contra todo o poder, astucias, e machinas do inferno, [11] aquelle que na prospera e adversa fortuna, com a mesma egual-

1 *1.º Livr. dos Reis*, XXIV, 7.
2 *Psal.*, XXXIV, 13.
3 *Ibid.*
4 *2.º Livr. dos Reis*, 7.
5 *2.º Livr. dos Par.*, VII, 6.
6 *1.º Livr. dos Par.*, XXIII, 3.
7 *3.º Livr. dos Reis*, VII, LI.
8 *Psal.* XII, 4.
9 *Act.*, XIII, 22.
10 *Job.*, I, 12.
11 *Ibid.*, II, 10.

dade de animo recebia da mão de Deus os bens, e lhe agradecia os males: [1] aquelle com quem nasceu e crescia juntamente com a edade a compaixão dos trabalhos alheios, a misericordia e piedade com todos: [2] aquelle que (como elle dizia) era os olhos do cégo, os pés do manco, o pai dos orphãos, o amparo das viuvas, o remedio dos necessitados; e que nunca comeu uma fatia de pão que não partisse della com os pobres: [3] aquelle, finalmente, a quem canonizou o mesmo Deus, não só por innocente, mas pelo maior justo e santo de todo o mundo. [4] Este era Job, e este David, e cadà um delles muito mais do que eu tenho dito, e do que se póde dizer. Agora pergunto: e se qualquer de nós se achára com a vida de um destes homens, não se atrevera a esperar pela morte muito confiadamente? Se vivemos como os que vivem, e como os que vemos morrer, certo é que sim. E comtudo, nem David, nem Job, com tanto cabedal de virtudes, com tantos thesouros de merecimento, e, o que é mais, com tantos testemunhos do céo, tiveram confiança para que os tomasse de repente o momento da morte; ambos pediram tempo a Deus para metter tempo entre a morte e a vida.

Mas para que me dilato eu em buscar exemplos estranhos, quando tenho presente em sua casa e no seu dia, o mais nosso e mais admiravel de todos? Acabou Santo Antonio a vida, em tempo que a edade lhe promettia ainda muitos annos, porque não tinha mais de trinta e seis. E que fez muitos dias antes? Despede-se de todas as occupações, ainda que tão santas e tão suas; deixa a cidade, vae-se a um deserto, e allì só com Deus e comsigo, se dispoz muito devagar, e muito de proposito para quando o Senhor o chamasse. Verdadeiramente que nenhuma consideração me faz fazer maior conceito da morte, nem me causa maior horror daquelle perigoso momento, que esta ultima acção de Santo Antonio! Que córte Santo Antonio o fio ordinario de sua vida, e que sendo a

[1] *Job.*, x, 12.
[2] *Ibid.*, xxix, 15.
[3] *Ibid.*, xxxi, 17.
[4] *Ibid.*, i, 8.

sua vida qual era, faça mudança de vida para esperar pela morte! Dizei-me, santo meu, que vida era a vossa? Não era a mais innocente, a mais pura, a mais rigorosa? O vosso vestido não era um cilicio inteiro atado com uma corda? A vossa meza não era um perpetuo jejum, e uma pobre e continuada abstinencia? A vossa cama não era uma dura taboa, ou a terra nua? Não passaveis a maior parte da noite em oração e contemplação dos mysterios divinos? Os dias não os gastaveis em prégar, em converter peccadores, em reduzir hereges? Os vossos pensamentos não eram sempre do céo e de Deus? As vossas palavras não eram raios de luz e de fogo, com que allumiaveis entendimentos, e abrazaveis corações? As vossas obras não eram saude a enfermos, vista a cégos, vida a mortos, finalmente, prodigios e milagres estupendos em testemunho da fé que prégaveis? Pois com esta vida ainda fugis do mundo para um deserto? Com esta vida ainda vos retiraes de vós para vós, e para vos unirdes mais com Deus? Com esta vida ainda vos não atreveis a morrer? Ainda quereis acabar esta vida e fazer outra? Ainda quereis metter tempo entre esta vida e a morte? Páre o discurso nesta admiração, porque nem eu sei como ir por diante, nem haverá quem deseje maior, mais apertada, e mais temerosa prova de quão necessaria seja esta antecipada prevenção, para quem sabe que ha-de morrer, e o que é morrer.

Este é o unico antidoto contra o veneno da morte, este é o unico e só efficaz remedio contra todos seus perigos e difficuldades: acabar a vida antes que a vida se acabe. Se a morte é terrivel por ser uma, com esta prevenção serão duas; se é terrivel por ser incerta, com esta prevenção será certa; se é terrivel por ser momentanea, com esta prevenção será tempo, e dará tempo. Desta maneira faremos da mesma vibora a triaga, e o mesmo pó que somos, será o correctivo do pó que havemos de ser: *Pulvis es, in pulverem reverteris.*

VI

Parece-me, senhores meus, que tenho satisfeito ao meu argumento, e tanto em commum como em cada uma das suas partes, demonstrado a verdade delle, mais pela evidencia da materia, que pela força das razões, menos necessarias a um auditorio de tanto juizo e lettras. Para o que se deve colher desta demonstração, quizera eu que subisse agora a este logar, quem com differente espirito e efficacia a perorasse. Mas já que hei-de ser eu, ajudae-me a pedir de novo á Divina Bondade, o favor e auxilio de sua graça, que para materia de tanto pezo nos é necessaria.

Tudo o que temos dito e ouvido, é o que nos ensina nas Escripturas a fé, nos santos o exemplo, e ainda nos gentios o lume e razão natural. Mas quando eu vejo e considero, o modo com que commummente vivem os christãos, e o modo com que morrem, acho que em vez de acabarmos a vida antes da morte, ainda depois da morte continuamos a vida. Parece paradoxo, mas é experiencia de cada dia. Que morto ha nessas sepulturas, e mais nas mais altas, em quem a morte se não antecipasse á vida? Que morto ha que não esperasse e presumisse que havia de viver mais do que viveu? *Dum adhuc ordirer, succidit me.* [1] Nós urdimos a têa, a vida a tece, a morte a córta, e quem ha ou quem houve, a quem não sobejasse depois da morte muita parte da urdidura? E' possivel (dizia Ezechias, quando o Propheta o avisou para morrer) é possivel que hei-de acabar a vida no meio dos meus dias: *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi?* [2] E quem lhe disse a este enganado rei, que aquelle era o meio e não o fim de seus dias? Disse-lh'o a sua imaginação e a sua esperança. Cuidava que havia de viver oitenta annos, e a morte veiu aos quarenta. Eis aqui como continuava e estendia a vida quarenta annos além da morte. Quantos estão já debaixo da terra, que ainda lhes faltam por viver muitos annos? Oiçamos a um destes: *Anima mea habes*

[1] *Isai.*, XXXVIII, 12.
[2] *Isai. ibid.* 10.

multa bona in annos plurimos. [1] Alma minha, tens muitos bens para muitos annos: *Comede, bibe, epulare.* [2] Leva-te boa vida, regala-te, gasta largamente e a teu prazer, já que tiveste tão boa fortuna. Não tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando ouviu uma voz que lhe dizia: *Stulte, hac nocte animam tuam repetent a te.* [3] Nescio, ignorante, insensato, este dia que passou foi o ultimo de tua vida, e nesta mesma noite has-de morrer. Morreu naquella mesma noite, e os muitos annos que se promettia de vida: *In annos plurimos*, que foi feito delles? Ainda se continuaram e foram correndo em vão depois da sua morte. Verdadeiramente nescio, e peior que nescio: *Stulte.* Os annos de que fazias conta, não eram teus, e os bens que eram teus, serão de outrem. Mas ainda que os annos não foram teus para a vida, serão teus para a conta, porque has-de dar conta a Deus do modo com que fazias conta de os viver. Quanto melhor conselho fôra acabar antes da morte os annos que viveste para o remedio, que continuar depois da morte os annos que não viveste para o castigo!

Agora acabo eu de entender aquelle difficultoso conselho do Espirito Santo: *Ne moriaris in tempore non tuo.* [1] Não morras no tempo que não é teu: *Ne moriaris.* Não morras? Logo na minha mão está o morrer: *In tempore non tuo.* No tempo que não é teu? Logo ha tempo que é meu, e tempo que não é meu. Assim é. Mas qual é o tempo meu, em que é bem que morra, e qual o tempo não meu, em que é bem que não morra? O tempo meu, é o tempo antes da morte; o tempo não meu, é o tempo depois da morte. E guardar ou esperar a morte para o tempo depois da morte, que não é tempo meu, é ignorancia, é loucura, é estulticia, como a deste nescio: *Stulte;* mas antecipar a morte, e morrer antes de se acabar a vida, que é o tempo meu, esse é o prudente, e o sabio, e o bem entendido morrer. E isto é o que nos aconselha quem só tem na sua mão a morte e a vida: *Ne moriaris in tempore non tuo.*

---

1 *Luc.*, XII, 19.
2 *Ibid.* 20.
3 *Ibid.*
4 *Eccles.*, VII, 18.

Quem haverá logo, se tem juizo, que se não persuada a um tão justo, tão necessario, e tão util partido, como acabar a vida antes da morte? Faça a nossa alma com o nosso corpo, e o nosso corpo com a nossa alma, o concerto que fez Elias. Ia Elias fugindo pelo deserto á perseguição da rainha Jesabel, que o queria matar; e vendo quão difficultosa coisa era escapar á furia de uma mulher poderosa e irada, diz o Texto que pediu a morte sua alma: *Petivit animæ suæ ut moreretur.* [1] Alma minha, morramos; já que se ha-de morrer por força, morramos por vontade. Isto pedia o corpo á alma, e isto deve tambem pedir a alma ao corpo, porque ambos vão egualmente interessados no mesmo partido. Alma minha (diga o corpo á alma) corpo meu (diga a alma ao corpo) se havemos de morrer depois por força, e com perigo, morramos agora, e logo, de grado, e com segurança. Eu bem vejo que o vir facilmente neste concerto, é mais para os desertos que para as côrtes. Na côrte fugia Elias da morte, no deserto chamava por ella. Mas se uma tal resolução no deserto é mais facil, na côrte é mais necessaria, porque nas côrtes é muito mais arriscado o esperar pela morte para acabar a vida.

Supposto pois que o dictame é certo, conveniente e forçoso, desçamos á pratica delle, sem a qual tudo o demais é nada. Isto de acabar a vida antes da morte, como se ha-de fazer? Respondo que fazendo resolutamente por propria eleição na morte antecipada e voluntaria, tudo aquillo que se faz prudente e christãmente, na morte forçosa e precisa. Que faz um christão quando o avisam para morrer? Primeiramente (que isto deve ser o primeiro) confessa-se geralmente de toda a sua vida, arrepende-se de seus peccados, compõe do melhor modo que póde suas dividas, faz seu testamento, deixa suffragios pela sua alma, põe-na inteiramente nas mãos do padre espiritual, abraça-se com um Christo Crucificado, e dizendo como elle: *Consummatum est*, [1] espera pela morte. Este é o mais feliz modo de morrer que se usa. Mas como é forçoso e não voluntario, e aquelles poucos e perturbados actos que então se fazem, não

---

1 *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 4.
2 *Joan.*, XIX, 30.

bastam para desfazer os máus habitos da vida passada, assim como a contrição é pouco verdadeira e pouco firme, e as tentações então mais fortes, assim a morte é pouco segura, e muito arriscada. A contrição (diz Santo Agostinho) na enfermidade é enferma, e na morte (diz o mesmo santo) temo muito que seja morta. Deixemos logo os peccados, quando nós os deixamos, e não quando elles nos deixam a nós, e acabemos a vida, quando ainda podemos viver, e não quando ella se tem acabado. Que damos a Deus quando elle nol-a tira? Demos a vida a Deus em quanto elle nol-a dá; demos a Deus o tempo que sempre é seu, em quanto é tambem nosso, e não quando já não temos parte nelle. Que propositos são aquelles de não offender mais a Deus, se eu já não tenho logar de o offender? A confissão nos tratos não é juridica, ha-de ratificar-se fóra delles para fazer fé, e pois se não póde ratificar depois, ratifique-se antes. A fazenda que se ha-de alijar ao mar no meio da tempestade, não é mais são conselho que fique no porto, e com ganancia? Se eu posso ser o testador do meu e mais o testamenteiro, porque o não serei? Se o meu testamento ha-de dizer: *Item* deixo, porque não dirá: *Item* levo? Não é melhor levar obras pias, que deixar demandas? Se se ha-de dizer de mim em duvida: Fulano que Deus tem, não é melhor que seja desde logo, e com certeza?

VII

Para a outra vida, ninguem haverá (se crê que ha outra vida) que não tenha por bom este conselho, e que só elle no negocio de maior importancia, é o verdadeiro, o solido, o seguro. Mas que diremos ao amor deste mundo, a que tão pegados estamos? E' possivel que de um golpe hei-de cortar por todos os gostos e interesses da vida? Aquelles meus pensamentos, aquelles meus desenhos, aquellas minhas esperanças; com tudo isto hei-de acabar desde logo, e para sempre, e por minha vontade; e que hei-de tomar a morte por minhas mãos, antes que ella me mate, e quando ainda podera lograr do mundo, e da mesma vida muitos annos? Sobre tudo tenho mui-

tos negocios em aberto, muitas dependencias, muitos embaraços; comporei primeiro minhas coisas, e depois que tiver acabado com ellas, então tomarei esse conselho, e tratarei de acabar a vida antes da morte. Eis aqui o engano e a tentação com que o demonio nos vence depois de convencidos, e com que o inferno está cheio de bons propositos.

Primeiramente esses vossos negocios e embaraços, não devem de ser tão grandes, e de tanto pezo, como os de Carlos v; mas dado que o fossem, e ainda maiores, se no meio de todos elles, e neste mesmo dia viesse a febre maligna, que havieis de fazer? Não havieis de cortar por tudo, e tratar de vossa alma? Pois o que havia de fazer a febre, não o fará a razão? Se hoje tendes muitos embaraços, ámanhã haveis de ter muitos mais, e ninguem se desembaraçou nunca desta meada senão cortando-a. E quanto aos annos, que ainda podeis ter e lograr de vida, pergunte-se cada um a si mesmo quantos annos tem? Eu quantos annos tenho vivido? Sessenta; e quantos morreram de quarenta? Quantos annos tenho vivido? Quarenta; e quantos morreram de vinte? Quantos annos tenho vivido? Vinte; e quantos morreram de dez, e de dois, e de um, e de nenhum: *De utero translatus ad tumulum?* [1] E se eu tenho vivido mais que tantos, que injuria faço á minha vida em a querer acabar; que injuria faço aos mesmos annos em renunciar os poucos e duvidosos, pelos seguros e eternos? Finalmente, se tanto amo, e tão pegado estou aos dias da vida presente, por isso mesmo os devo dar a Deus, para que elle me não tire os que ainda naturalmente posso viver, segundo aquella regra geral de sua Providencia, e aquelle justo castigo dos que o gastam mal: *Viri sanguinum, et dolosi, non dimidiabunt dies suos.* [2]

Só resta o mais difficultoso laço de desatar ou cortar, que são os que vós chamaes gostos da vida, os quaes se ella se acaba, tambem acabam: *Post mortem nulla voluptas.* Ajude-me Deus a vos desenganar neste ponto, e seja elle, como é, o ultimo. Se nesta vida, (vêde o que digo) se nesta vida e neste miseravel mundo, cheio para todos os estados de tantos

---

[1] *Job.*, x, 19.
[2] *Psal.*, LIV, 24.

pesares, póde haver gosto algum puro e sincero, só os que acabam a vida antes de morrer, o gosam. Para todos os outros é a vida, é o mundo valle de lagrimas, só para os que acabaram a vida antes da morte, é paraiso na terra. Dois homens houve só neste mundo, que verdadeira e realmente acabaram a vida antes de morrer: Henoch e Elias. Ambos acabaram esta vida ha muitos annos, e ambos hão-de morrer ainda no fim do mundo. E onde estão estes dois homens que acabaram a vida antes de morrer? Ambos, e só elles estão no paraiso terreal, e com grande mysterio. Porque se ha e póde haver paraiso na terra, se ha e póde haver paraiso neste mundo e nesta vida, só os que acabam a vida antes de morrer, o logram. Oh que vida tão quieta! Oh que vida tão descançada! Oh que vida tão feliz e tão livre de todas as perturbações, de todos os desgostos, de todos os infortunios do mundo! Depois que Henoch acabou a vida do mundo, succedeu logo nelle a maior calamidade, que nunca se viu nem verá — o Diluvio universal. O mundo grande estava já todo afogado debaixo daquelle immenso mar sem porto nem ribeira; o mundo pequeno mettido em uma arca, já subindo ás estrellas, já descendo aos abysmos, sem piloto, sem leme, sem luz, fluctuava attonitamente naquella tempestade das tempestades. Os montes sossobrados, as cidades sumidas, o céo de todas as partes chovendo lanças e fulminantes raios. E só Henoch no meio de tudo isto, como estava? Sem perigo, sem temor, sem cuidado. Porque ainda que lhe chegassem lá os echos dos trovões, e o ruido da tormenta, nada disto lhe tocava. Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim: que importa que se acabe para os outros? Lá se avenham com os seus trabalhos, pois vivem, que eu já acabei a vida. Neste tempo não era ainda nascido Elias. Nasceu Elias, viveu annos, e antes de morrer acabou a vida do mesmo modo. Mas que não padeceu o mundo e a terra onde Elias vivia, depois deste seu apartamento? Veiu contra Samaria Senaccherib e Salmanazar. Veiu contra Jérusalem Nabuchodonosor; tudo guerras, tudo fomes, tudo batalhas, ruinas, incendios, captiveiros, desterros. As dez tribus de Israël levadas aos Assyrios, donde nunca tornaram; as duas tribus de Judá e Benjamin, transmigradas a Babylonia, donde voltaram despedaçadas depois de setenta annos. Porém

Elias que noutro tempo o comia tanto o zelo e amor da patria, estava-se no seu paraiso em summa paz, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade. Volte-se o mundo debaixo para cima, reine Joaquim ou reine Salmanazar, reine Nabuco ou reine Cyro, vença Jérusalem ou vença Babylonia, vão uns e tornem, e vão outros para não tornar; que se lhe dá disso a Elias? Quem tem acabado a vida, de todos esses vaesvens da fortuna está seguro.

O mesmo acontece, senhores meus, e o mesmo experimenta todo aquelle que deveras se resolve a deixar o mundo ao mundo, e acabar a vida antes da morte. Não são necessarios para isso arrebatamentos como os de Henoch, nem carros de fogo como o de Elias, senão uma valente resolução. Quem assim se resolveu, gosa, como Henoch e Elias, todos os privilegios de morto. Corra o mundo por onde correr, nenhuma coisa lhe empece, nem lhe dá cuidado. Um dos professores deste estado, foi (como vimos) S. Paulo, e por isso ainda vivo dizia: *Vivo autem, jam non ego.* [1] E que quer dizer: eu vivo, mas já não sou eu? Quer dizer: (diz S. Bernardo) *Ad alia quidem omnia mortuus sum, non sentio, non attendo, non curo.* [2] Todas as coisas deste mundo são para mim, como para os mortos; nem as sinto, nem me dão cuidado, nem faço mais caso dellas, como se não foram; porque se ellas ainda são, eu já não sou. Considerae as immunidades dos mortos, e vereis o descanço de que gosam, e os trabalhos de que se livram os que antecipam a morte. Vieram ao Calvario os executores de Pilatos, para quebrar as canellas aos crucificados, [3] e assim o fizeram a Dymas e Gestas com as grandes dôres daquelle tormento, porque estavam ainda vivos: *Ad Jesus autem cum venissent;* [4] mas quando chegaram a Christo: *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura;* como viram que estava já morto, não executaram nelle aquella crueldade. De quantos quebrantamentos, de quantas molestias, de quantas

1 *Ad Gal.*, II, 20.
2 *S. Bernard.*
3 *Joan.*, XIX, 31 e 32.
4 *Ibid.*, 32.

semrazões se livra quem está já morto? O epitaphio que eu puzera a um morto destes, é aquelle verso de David: [1]

Inter mortuos liber.

Entre os mortos livre. Livre dos cuidados do mundo, porque já está fóra do mundo. Livre de emulações e invejas, porque a ninguem faz opposição. Livre de esperanças e temores, porque nenhuma coisa deseja. Livre de contingencias e mudanças, porque se isentou da jurisdição da fortuna. Livre dos homens, que é a mais difficultosa liberdade, porque se descaptivou de si mesmo. Livre, finalmente, de todos os pezares, molestias e inquietações da vida, porque já é morto.

A todos os mortos se canta piamente por costume: *Requiescant in pace.* Mas esta paz e este descanço, só o logram seguramente os que morreram antes de morrer. Vède-o no mesmo Texto de David, donde a Igreja tomou aquellas palavras: *In pace in idipsum dormiam, et requiescam:* [2] morrerei e descançarei em paz para isso mesmo: *In idipsum.* Nesta clausula *In idipsum* está o mysterio que sendo a sentença tão clara, a faz difficultosa, mas admiravel. Que quer dizer: morrerei e descançarei em paz para isso mesmo? Se dissera: morrerei para descançar em paz, bem se entendia; mas morrerei e descançarei em paz para isso mesmo? Se ha-de morrer e descançar em paz para isso mesmo, ha-de morrer e descançar em paz, para morrer e descançar em paz? Assim é, e esse foi o profundo pensamento de David; como se dissera: eu quero morrer e descançar em paz na vida. E porque, ou para que? Para isso mesmo; para morrer e descançar em paz na morte: *In pace in idipsum dormiam, et requiescam.* Por isso com grande propriedade significou o morrer pela phrase de dormir: *Dormiam*, porque o somno é morte em vida. Daqui se seguem duas consequencias ultimas, ambas notaveis

[1] *Psal.*, LXXXVII, 6.
[2] *Ibid.*, IV, 9.

e de grande consolação para os que morrem antes de morrer. A primeira que só elles (como pouco ha dissemos) gosam seguramente de paz e descanço. A segunda que da paz e descanço desta morte se segue tambem seguramente a paz e descanço da outra, que é o argumento de todo o nosso discurso. Os que morrem quando morrem, perdem o descanço da vida, e não conseguem ordinariamente o da eternidade; porque passam de uns trabalhos a outros maiores. Assim diziam no inferno aquelles miseraveis que já tinham sido felizes: *Lassati sumus in via iniquitatis:* [1] chegamos cançados ao inferno. Ao inferno, e cançados; porque lá não tivemos descanço, e cá teremos tormentos eternos. Pelo contrario os que morrem antes de morrer, morrem descançados, e morrem para descançar: *in pace in idipsum dormiam, et requiescam.* Oh que paz, oh que descanço para a vida e para a morte! Creio que ninguem haverá, se tem juizo, que se não resolva desde logo a viver e morrer assim; ou a morrer assim para morrer assim. Acabando desta maneira a vida, esperaremos confiadamente a morte, e por beneficio do pó que somos: *Pulvis es*, não temeremos o pó que havemos de ser: *In pulverem reverteris.*

[1] *Sap.*, v, 7.

SERMÃO

DE

Quarta Feira de Cinza *

(Para ser prégado na Capella Real)

Pulvis es, et in pulverem reverteris.

I

Esta é a sentença de morte fulminada contra Adão, e todos seus descendentes, a qual se tem executado em quantos até agora viveram, e se ha-de executar em nós sem appellação de innocencia, sem respeito de estado, sem excepção de pessoa. A Igreja solemnemente hoje não só nol-a repete aos ouvidos com a voz, mas nol-a escreve na testa com a cinza; como se dissera a seus filhos uma piedosa mãi: Filhos, ouvi, e lêde a sentença de vosso pai, e sabei que sois pó, e vos haveis de converter em pó: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* [1] Outras vezes, e por varios modos, neste mesmo dia, e sobre estas mesmas palavras, tenho comparado e combinado entre si o pó que somos, com o pó que havemos de ser: e posto que me não

---

* Este sermão não chegou a ser prégado por ter adoecido o orador. Todo o seu assumpto é vasado nos Sermões de S. João Chrysostomo. O desenvolvimento d'este sermão, extremamente insinuante, é verdadeiramente digno de ser admirado. Divergindo completamente dos outros na materia, apesar de ser tirado o seu assumpto do mesmo thema, elle é, todavia, cheio de novidade e vigôr.

Carel admirava esta fecundidade de Vieira e dizia, "que na sua opinião de todas as suas qualidades oratorias esta era a mais extraordinaria„. Carel, *Vieira, Sa Vie et Œuvres*, cap. 5.º pag. 78.

[1] *Gen.*, III, 19.

arrependo do que então disse, o que hoje determino dizer não é menos qualificada verdade, nem menos importante desengano. O pó que somos, é o de que se compõem os vivos: o pó que havemos de ser, é o em que se resolvem os mortos. E sendo estes dois extremos tão oppostos, como o ser, e não ser; não é muito que os effeitos e affectos que produzem em nós, sejam tambem muito diversos; por isso amamos a vida, e tememos a morte. Mas porque eu depois de larga consideração tenho conhecido que estes dois effeitos no nosso entendimento, e estes dois affectos na nossa vontade andam trocados; o meu intento é pol-os hoje em seu logar. O amor está fóra do seu logar, porque está na vida; o temor tambem está fóra do seu logar, porque está na morte: o que farei, pois, será destrocar estes logares com tal evidencia, que fiquemos entendendo todos, que a morte, que tanto tememos, deve ser a amada, e a vida, que tanto amamos, deve ser a temida. E porque? Em um e outro pó temos a razão. Porque o maior bem do pó que somos, é o pó que havemos de ser: e o maior mal do pó que havemos de ser, é o pó que somos. Mais claro. O pó que somos, é a vida; o pó que havemos de ser, é a morte: e o maior bem da vida é a morte; o maior mal da morte é a vida. Isto é o que hei-de provar. Deus nos assista com sua graça para o persuadir.

II

Que o maior bem do pó que somos, seja o pó que havemos de ser: que o maior bem da vida que tão enganosamente amamos, seja a morte que enganadamente tememos: só quem mais que todos experimentou os bens da mesma vida, o póde melhor que todos testemunhar. Quem mais que todos quiz, soube, e pôde experimentar os bens desta vida, e com effeito fez de todos elles a mais universal e exacta experiencia, foi Salomão. E que juizo fez Salomão com toda a sua sabedoria, e depois de todas as suas experiencias, entre a morte e a vida? Elle mesmo o declarou, e com palavras tão expressas, que não hão mister commento, nem admittem duvida: *Laudavi magis mortuos, quam*

viventes· [1] Lançando os olhos por todo este mundo, e considerando bem a vida dos que vivem sobre a terra, e a morte dos que jazem debaixo della, resolvi (diz Salomão) que muito melhor é a sorte dos mortos, que a dos vivos: *Laudavi magis mortuos, quam viventes.* Notae a energia daquella palavra *laudavi.* Como se dissera o mais sabio de todos os homens: Se com toda a minha eloquencia houvera de orar pelos mortos e pelos vivos, aos mortos havia de dar os parabens, e fazer um largo panegyrico de suas felicidades: e aos vivos havia de dar os pezames, e fazer uma oração verdadeiramente funebre e triste, em que lamentasse suas miserias e desgraças. Isto disse Salomão, com cuja auctoridade nenhuma outra humana póde competir: só foi maior que ella a que juntamente é humana e divina, a da eterna sabedoria de Christo: *Et ecce plusquam Salomon hic!* [2] E porque tambem nos não falte esta, oiçamos ao mesmo Christo, e vejamos o que disse, e o que fez em similhante caso.

Morreu Lazaro, e resuscitou Lazaro. Ponhamos pois a Lazaro resuscitado entre os vivos, e a Lazaro defunto entre os mortos, e notemos no supremo Senhor da vida e da morte, como lhe lamenta a morte, e como lhe festeja a vida. Quando Christo declarou aos discipulos que Lazaro era morto, disse: *Lazarus mortuus est, et gaudeo.* [3] E' morto Lazaro, e folgo: partiu dalli a resuscital-o o mesmo Senhor, e chegando á sepultura, não só chorou, *lacrymatus est,* mas mostrou que se lhe angustiava o coração, *rursum fremens in semetipso.* Repara S. Pedro Chrysologo no encontro verdadeiramente admiravel destes dois affectos, um de alegria e gosto na morte, outro de pena e lagrimas na resurreição do mesmo Lazaro, e diz assim elegantemente: *Certe ipse qui dixerat, Lazarus mortuus est, et gaudeo: de quo gaudet mortuo, ipsum, cum resuscitat, tunc lamentatur: qui cum amittit, non flet, cum recipit, tunc deplorat: tunc fundit mortales lacrymas, vitæ spiritum cum refundit.* Notavel caso (diz Chrysologo) que o mesmo Christo sobre o mesmo Lazaro, quando diz que é morto, se alegre, e quando o quer

---

[1] *Eccl.*, IV, 2.
[2] *Math.*, XII, 42.
[3] *Joan.*, XI, 14 e 15.

resuscitar, o lamente! Notavel caso, que quando perde o amigo não chore, e que chore quando o ha-de ter outra vez comsigo! Notavel caso, que quando lhe ha-de infundir o espirito de vida, se lhe afflija e angustie o coração: e que o haja de receber vivo com as mesmas lagrimas, com que nós nos despedimos dos mortos! Por isso lhe chama lagrimas mortaes: *Tunc fundit mortales lacrymas, vitæ spiritum cum refundit.* Pois se Christo se alegra com a morte de Lazaro, porque se entristece com a sua resurreição, e porque chora quando lhe ha-de dar a vida? Eu não nego, que quando Christo chora por uma causa, se póde alegrar por outras. Isso significou o mesmo Senhor quando disse: *Gaudeo propter vos.* Mas ainda que tivesse uma causa, e muitas, para se alegrar com a morte de Lazaro; que causa ou que razão póde ter para chorar a sua resurreição, e a sua vida? *Lacrymatus est non quod mortuus erat, sed quod revocare illum oportebat ad tolerandas rursus hujus vitæ miserias, diz Ruperto;* [1] e o mesmo tinha dito antes delle Santo Isidoro Pelusiota. Mas eu tenho melhor auctor que ambos, que é o Concilio Toledano terceiro, o qual dá a mesma razão por estas palavras: *Christus non ploravit Lazarum mortuum, sed ad hujus vitæ ærumnas ploravit resuscitandum.* Chora Christo a Lazaro quando o ha-de resuscitar, não o chorando morto; porque estando já livre dos trabalhos, das miserias, e dos perigos da vida, por meio da morte, agora por meio da resurreição o tornava outra vez a metter nos mesmos trabalhos, nas mesmas miserias, e nos mesmos perigos. A todos esteve bem a resurreição de Lazaro, e só ao mesmo Lazaro esteve mal. Esteve bem a Deus (se assim é licito fallar) porque foi para sua gloria: esteve bem aos discipulos, porque os confirmou na fé: esteve bem aos de Jérusalem, porque muitos se converteram: esteve bem ás irmãs, porque recobraram o amparo e arrimo de sua casa: esteve bem ao mesmo Christo, porque então manifestou mais claramente os poderes da sua divindade: e só a Lazaro esteve mal, porque a resurreição o tirou do descanço para o trabalho, do esquecimento para a me-

[1] Rupert. libro in Joan. Isidor. Pelusiota. Conc. Tolet. 3, relatum cap. qui de vera 13.

moria, da quietação para os cuidados, da paz para a guerra, do porto para a tempestade, de sagrado da inveja para a campanha do odio, da clausura do silencio para a soltura das linguas, do estado da invisibilidade para o de vêr, e ser visto, de entre os ossos dos pais e avós, para entre os dentes dos emulos e inimigos: em fim, da liberdade em que o tinha posto a morte, para o captiveiro e captiveiros da vida.

III

Persuadidos os homens á verdade deste desengano, não é muito que a morte lhes começasse a parecer menos feia que a vida, antes que a vida lhes parecesse feia, e a morte formosa. Os Passianos, e outras nações que barbaramente se chamam barbaras, choravam e pranteavam os nascimentos dos filhos, e celebravam com festas as suas mortes; porque entendiam que nascendo entravam aos trabalhos, e morrendo passavam ao descanço. E certamente que as lagrimas dos nascimentos, os mesmos nascimentos, sem mais ensino que o da natureza, as approvavam e ajudavam com as suas: e as festas com que se celebravam as mortes, tambem os mortos pela experiencia do seu descanço, se podessem fallar, as louvariam. Por isso Samuel obrigado a fallar com Saül depois de morto e sepultado, o que lhe disse foi: *Quare inquietasti me?* [1] Porque me inquietaste? Muitos philosophos, e particularmente os Estoicos, cuja seita pela preferencia da virtude se avisinhava mais ao lume da razão, não só davam licença aos seus professores para que antepuzessem a morte á vida, mas aos que em casos de honra tomavam por suas mãos a mesma morte (a que chamavam porta da liberdade) os introduziam por ella á immortalidade da gloria. Assim o fez aquelle homem maior que todos os romanos, Catão, cujo juizo e auctoridade na opinião da mesma Roma se punha em balanço com a dos deuses, como soberbissimamente cantou delle Lucano na demanda imperial de Cesar com Pompeu:

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XXVIII, 15.

Magno se judice quisque tuetur.
Victrix causa Diis placuit, pars victa Catoni.

E se alguem me replicar, que estes homens eram gentios, eu lhe perguntarei primeiramente se era gentio Samsão, ou Saül, ou Achitofel: e que fizeram em similhantes casos? Samsão não duvidou matar-se a si mesmo, por se vingar, como elle disse, dos Philisteus, pela injuria que lhe tinham feito em lhe arrancar os olhos. Saül por não vir cahir nas mãos de seus inimigos, vencido em uma batalha, mandou ao seu pagem da lança que o matasse, e porque não foi obedecido, elle pondo a ponta da espada no peito, com todo o peso do corpo se atravessou nella. Achitofel, que era o Catão dos Hebreus, e cujos conselhos, por testemunho da Escriptura Sagrada, eram como os oraculos do mesmo Deus, porque Absalão, cujas partes seguira, os não quiz tomar, tomou elle por conselho anticipar por suas proprias mãos a morte, prevendo como sabio, que não podia deixar de ser vencedor David, a quem a tinha bem merecido. Mas porque ainda aqui se póde dizer, que as mortes de Achitofel e Saül foram condemnadas, e as razões que defendem haver sido licita a de Samsão, pódem parecer duvidosas; oiçamos o que nos casos de antepôr a morte á vida desejaram e pediram a Deus os mais abalisados santos, e canonisados por Elle.

Moysés, governador supremo do povo de Deus, e, o que mais é, com uma vara milagrosa e omnipotente na mão, pediu ao mesmo Deus que o livrasse daquelle peso, e senão que o matasse antes, e lhe daria muitas graças por tamanha mercê: *Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me, et inveniam gratiam in oculis tuis.* [1] Elias fugindo á perseguição da rainha Jesabel, lançado ao pé de uma arvore, chamou pela morte: *Petivit animæ suæ ut moreretur:* [2] e disse a Deus: Basta já o vivido, Senhor, tirae-me a vida, pois não sou melhor que Abrahão, Isaac, e Jacob, os quaes descançam na sepultura: *Sufficit mihi Domine, tolle animam meam, neque enim melior sum,*

[1] *Num.*, XI, 15.
[2] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 4.

quam patres mei. [1] Job, o maior exemplo da paciencia e constancia, de tal modo se resolveu a querer antes morrer que viver, que considerando todos os generos de mortes possiveis, ainda aquella affrontosa e infame que se dá aos facinorosos mais vis, tinha por melhor que a vida: *Quamobrem suspendium elegit anima mea, et mortem ossa mea.* [2] Por isso quando disse, *Parce mihi*, não foi pedir a Deus perdão dos peccados, senão que o deixasse morrer: *Nequaquam ultra jam vivam, parce mihi.* Estes eram os ais, que sahindo do valentissimo peito de David, o obrigavam a bradar, não porque se lhe estreitasse a vida, mas porque se lhe estendiam e alongavam os termos della: *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.* [3] E para que em um côro tão sublime nos não falte uma voz do terceiro céo, oiçamos a S. Paulo: *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?* [4] Miseravel de mim, homem infeliz, quem me livrará deste corpo mortal? Em summa, que os maiores homens do mundo em todos os estados do genero humano, ou com fé, ou sem fé: ou na lei da natureza, ou na escripta, ou na da graça, sempre desejaram mais a morte, do que estimaram a vida; e sempre em suas afflicções e trabalho appellaram do pó que somos sobre a terra, para o pó que havemos de ser na sepultura.

IV

De tudo o dito até aqui, se segue que melhor é a morte, que a vida, e que o maior bem da vida é a morte. Mas contra esta segunda parte, que é a primeira do meu assumpto, inventou o amor da vida uma distinção fundada no que ella mais aborrece, que são as miserias, e no que mais estima, que são as felicidades. Fazendo pois uma grande differença entre os miseraveis e os felizes, dizem os defensores da

---

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 4.
[2] *Job.*, VII, 15 e 10.
[3] *Psal*, CXIX, 5.
[4] *Rom.*, VII, 24.

vida, que para os miseraveis é maior bem a morte, mas para os felizes, não. E verdadeiramente este dictame parece ensinado da propria natureza; porque consideradas a vida e a morte, cada uma por si só, e em si mesma, a vida naturalmente é mais amavel que a morte; acompanhada porém dos trabalhos, das miserias, e das afflicções que ella traz comsigo, não ha duvida que muito melhor e mais para appetecer é a morte que a vida. Em todos os exemplos que acabamos de referir, se vê claramente esta verdade, mas em nenhum com mais particular energia e reparo que no de Elias. Quando Elias desejou a morte, e a pediu a Deus, foi quando ia fugindo de Jezabel. E porque fugia Elias de Jesabel? Por temor da morte. Pois se fugia por temor da morte, porque deseja e pede a morte no mesmo tempo? Porque então acabou de conhecer quanto melhor é a morte que a vida. Antes desta experiencia, pela apprehensão natural de todos os que vivemos, parecia-lhe a Elias que melhor era a vida que a morte: mas depois que começou a subir montes, e descer valles, de dia escondido nas grutas, de noite caminhando pelos horrores das sombras e dos desertos, figurando-se-lhe a cada penedo um homem armado, e a cada rugir do vento uma féra, sem outro comer nem beber mais que as raizes das ervas, e os orvalhos do céo, cego, sem guia, e solitario, sem companhia (porque até um criadinho que levava comsigo, o despediu, por se não fiar delle) tudo miseria, tudo temor, tudo desconfiança, tudo desamparo, sem luz, ou esperança de remedio, ou donde pudesse vir: no meio destas angustias, considerando o miseravel propheta (noutras occasiões tão animoso) quão trabalhosa e cara de sustentar lhe era a mesma vida, duvidosa e incerta, pela qual tanto padecia; então acabou de conhecer quanto melhor lhe era o morrer que o viver, e por isso despedindo-se da vida, pedia a morte: *Tolle animam meam.*

Estes são aquelles dois affectos, ou aquellas duas queixas tão encontradas e tão concordes, uma de Sirac contra a morte, e outra de Job contra a vida. Sirac diz: *O mors, quam amara est memoria tua, homini pacem habenti!* [1] O' morte, quão amarga é a

[1] *Eccles.*, XLI, 1.

tua memoria para o homem que vive em paz e descanso! Não diz que para todos, senão para o que vive em paz e descanço; porque para o que vive em paz e descanço, é amarga; para o que vive em trabalho e miseria, é doce. E Job diz: *Quare misero data est lux, et vita his, qui in amaritudine sunt: qui expectant mortem, et non venit, gaudentque: vehementer, cum invenerint sepulchrum?* [2] Para que se dá a luz ao miseravel, e a vida aos tristes, que esperam pela morte, a qual lhes tarda, e não teem maior alegria, que quando acham a sepultura? Tambem não diz que a morte tarda a todos, nem que todos se alegram com a sepultura, senão só os miseraveis e tristes; porque assim como a morte e a sepultura para os contentes da vida é o seu maior temor, assim para os descontentes della, e miseraveis, é o maior desejo. Por isso aquelle philosopho, que refere Laercio, chamado Secundo, perguntado pelo imperador Adriano, o que era a morte, respondeu, que era o medo dos ricos e o desejo dos pobres: *Pavor divitum, desiderium pauperum.* [1] Melhor ainda e mais nervosamente o disse Seneca, o tragico, por bocca de Licho. Era Licho um famosissimo tyranno, o qual na ausencia de Hercules matou a Creonte, rei legitimo de Thebas, e se lhe apoderou do reino. Este, pois, como tão grande mestre da tyrannia, dizia, que quem matava a todos, não sabia ser tyranno: *Qui morte cunctos luere supplicium jubet, nescit tyrannus esse.* Pois que havia de fazer um tyranno, para ser verdadeiramente tyranno e cruel? Diz que havia de dar a morte a uns e a vida a outros, conforme a fortuna de cada um: aos felizes a morte, aos miseraveis a vida: *Miserum vita perire, felicem jube:* ao feliz mandae que morra, ao miseravel que viva; porque tanta pena é condemnar o feliz á morte, como o miseravel á vida.

E para que uma doutrina tão conforme á commum estimação humana não fique profanada no nome e no auctor, troquemos o nome de tyrannia no de justiça, e passemol-a do rei mais tyranno ao juiz mais recto. Caso é, assim como o maior do mundo, o mais admiravel, que pondo Deus lei a Adão, que comendo

---

[1] *Job.*, III, 20, 21 e 22.
[2] *Sen. in Herc. Fur.*

da arvore vedada morreria, comesse Eva, e comesse o mesmo Adão, e não morressem. A observancia das primeiras leis, e a execução dos primeiros castigos são os que fazem exemplo: faltando este, perde-se o respeito á leis, e o temor aos castigos. Essa foi a razão da severidade, com que S. Pedro aos primeiros delinquentes da primitiva Igreja, Ananias e Safira, os fez cahir de repente mortos a seus pés. Pois porque não cahiram tambem mortos Adão e Eva ao pé da mesma arvore onde comeram, tanto que quebraram a lei? Por isso mesmo: porque os quiz Deus castigar. Para Deus castigar a Adão e Eva, foi necessario que lhes commutasse a morte em vida, e o paraiso em desterro; porque só desta maneira se podia ajustar a ameaça da lei com o castigo da culpa. Assim foi. No paraiso ameaçou-os com a morte, no desterro castigou-os com a vida. No paraiso, que era a patria de todas as felicidades, só podiam ser ameaçados com a morte, porque a morte é o maior terror dos felizes: e no desterro, que era o logar de todas as miserias, só podiam ser castigados com a vida; porque a vida é todo o tormento dos miseraveis. Cuidam alguns, que não matar Deus a Adão e Eva foi misericordia, e não foi senão justiça; porque perdidas as felicidades do paraiso, assim como o morrer seria remedio, assim o não morrer foi o castigo: logo por todas estas razões e exemplos, não só humanos, senão ainda divinos, parece que é verdadeira a distinção dos que dizem, que é melhor a morte, que a vida, em respeito sómente dos miseraveis, mas não dos felizes.

V

Eu que direi? Digo que folgara, e estimara muito, que esta distinção, ou limitação fôra verdadeira, porque a melhor, e maior parte do auditorio a que prégo, é dos felizes desta vida, e dos que o mundo inveja, e venera por taes. Mas quando Salomão chamou mais ditosos aos mortos, que aos vivos, não fez distinção de vivos miseraveis a vivos felizes, senão que de todos os que vivem fallou égualmente: *Laudavi magis mortuos, quàm viventes.* E para eu refutar os defensores da vida dos felizes, não quero outro

argumento senão o seu. Concedem que a morte é maior bem que a vida dos miseraveis: logo tambem é maior bem que a vida dos que elles chamam felizes. E senão os mesmos felizes o digam. Pergunto: Ha, ou houve, ou póde haver neste mundo vida alguma tão mimosa da fortuna e tão feliz, que careça totalmente de miserias? Ninguem se atreverá a dizer, nem imaginar tal coisa: logo se não ha, nem póde haver vida, que careça de miserias, o que se tem dito da vida dos miseraveis, se deve entender de todas e de todos. Os que vulgarmente se reputam e chamam felizes, tanto se enganam com a sua felicidade, como com a sua vida: por isso amam a vida e temem a morte. Mas este engano lhe descobriremos agora, para que conheçam, que em todo o estado e em toda a fortuna, a morte é o maior bem da vida, e o pó que havemos de ser, o maior bem do pó que somos.

Todos os bens de que é capaz o homem em quanto vive neste mundo, ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da graça; mas nenhum delles é tão solido, inteiro e puro bem, que o gose sem tributo de miserias a vida, nem a possa livrar deste tributo, senão a morte. Entre os bens da natureza, o mais excellente, o mais util, e o mais necessario, é aquelle, sem o qual nenhum outro bem se póde gosar, a saude. E só quem comprehender o numero sem numero de enfermidades e dôres a que está sujeita e exposta a saude, ou geradas dentro do mesmo homem, ou nascidas e occasionadas de fóra; poderá conhecer exactamente, quão carregado de durissimas pensões e quão cheio de miserias, ou deu, ou emprestou a mesma natureza ainda aos mais sãos e robustos este calamitoso bem. Pois que remedio? Os Egypcios, entre os quaes nasceu a medicina, para cada enfermidade, como refere Herodoto, tinham um medico particular, mas nem por isso saravam todos, nem de todas. [1] El-rei Ezechias mandou queimar os livros de Salomão, porque o povo recorrendo ás virtudes das ervas em suas enfermidades, deixava de acudir a Deus, que é a verdadeira raiz da saude. Assim o refere Eusebio Cesariense. Mas em quanto duraram os mesmos livros, nem aos enfermos par-

[1] *Herod.*, libr. II.

ticulares, nem ao mesmo Salomão aproveitou aquella grande sciencia medica: até quando? Até que as proprias doenças os sujeitaram ao medico universal, que, sem aphorismos, nem receitas, cura em um momento a todas, que é a morte. *O' mors, veni nostris certus medicus malis!* [1] O' morte, vinde, que só vós sois o verdadeiro e certo medico para todos os nossos males! E' exclamação proverbial dos gregos, referida por Plutarco. Morrestes; acabaram-se todas as molestias e afflicções que martyrisam um corpo humano; e até o temor da mesma morte se acabou, porque os mortos já não pódem morrer.

Vêde a grande differença dos mortos aos vivos. Os vivos sobre a terra temem a morte, os mortos debaixo da terra esperam a resurreição: e quanto vae do esperar ao temer, e das isenções da immortalidade ás sujeições de mortal, tanto melhor é o estado dos mortos, que o dos vivos. Os que escaparam vivos do incendio de Troya chamavam bemaventurados aos que morreram pelejando por ella:

> .....*Ó terque quaterque Beati,*
> *Queis ante ora Patrum, magnæ sub mœnibus urbis,*
> *Contigit oppetere!*

sem conhecer a bemaventurança, nem entender o que diziam, levantaram um admiravel pensamento: porque a felicidade de que gosam os mortos por beneficio da morte, senão é como toda a bemaventurança do céo, é como ametade della. A bemaventurança do céo, em quanto positiva e negativa, compõe-se daquellas duas partes, em que a dividiu Santo Agostinho, quando disse: *Ibi erit quidquid voles, et non erit quidquid nolles.* A primeira parte consiste na posse e fruição de todos os bens, e a segunda na privação e isenção de todos os males. Oiçamos, agora, a S. João no seu Apocalypse, descrevendo a mesma bemaventurança: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: et mors ultra non erit, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt.* [2] Aos que forem ao céo enxugar-lhes-ha Deus todas as lagri-

---

[1] Plutarc. in Consolat. ad Apoll.
[2] *Apoc.*, XXI, 4.

mas: e já não haverá morte, nem clamores, nem gemidos, nem dôres; porque estas miserias e penalidades, todas pertenciam ao estado da primeira vida, que já passou. E haverá quem possa negar, que todas estas queixas e causas dellas são as de que estão isentos os mortos na sepultura? Já para elles não ha lagrimas, nem gemidos, nem dôres, nem enfermidades, nem a mesma morte. As dôres e as enfermidades desta vida têm dois remedios, ou allivios; um natural, que são as lagrimas e os gemidos, e outro violento e artificial, que são os medicamentos. E a morte não só nos livra das miserias da vida, senão tambem dos remedios dellas. Já dissemos que Catão se matou a si mesmo, mas não se matou de uma vez, senão de duas, com modo e circumstancias notaveis. [1] Estando são, e valente, metteu um punhal pelos peitos: acudiram logo, e curaram-lhe a ferida; mas elle depois de curado, mettendo as mãos na mesma ferida, a fez muito maior, e se acabou de matar. De sorte que, começou a se matar são, e acabou de se matar curado. São, para se livrar da vida, curado, para se livrar da vida e mais dos remedios. Por isso disse Santo Agostinho, que quantas são as medicinas, tantos são os tormentos. E taes são as dobradas miserias, a que está sujeita a maior felicidade da natureza, que é a saude, bastando para a tirar padecidas, e não bastando para a conservar remediadas.

VI

Passemos aos bens da fortuna. E subindo ao mais alto ponto aonde ella póde chegar, preguemos um cravo na sua roda, para que concedendo ás suas felicidades a constancia, que não teem, vejamos se se pódem jactar, ou presumir de que carecem de miserias. Os sceptros e as corôas, são as que postas no cume da magestade, levam apoz si com o imperio os applausos e adorações do mundo, e ao mesmo mundo, o qual cego com os reflexos daquelle esplendor, os acclama felizes e felicissimos, não penetrando o inte-

[1] Ita refertur à Seneca.

rior e solido da felicidade, mas olhando só, e parando no sobredoirado das apparencias: *Omnium istorum quos incedere altos vides, bracteata felicitas est,* [1] disse sabia e elegantemente Seneca. Assim como os tectos sobredoirados dos templos, e dos palacios, o que mostram por fóra é oiro, e o que escondem e encobrem por dentro, são madeiros comidos do caruncho, prégos ferrugentos, têas de aranha, e outras sevandijas; assim debaixo da pompa e apparatos com que costumamos admirar os que vêmos levantados ao zenith da fortuna, se viramos juntamente os cuidados, os temores, os desgostos e tristezas que os comem e roem por dentro, antes haviamos de ter compaixão das suas verdadeiras miserias, que inveja á falsa representação e engano do que nelles se chama felicidade. Quem duvidou jámais de reputar a Carlos v por felicissimo com tantas victorias, tanta fama, tantos augmentos da monarchia? E comtudo, no dia em que renunciou o governo, confessou que em todo o tempo delle nem um só quarto de hora tivera livre de afflicções e molestias. O diadema antigo, insignia dos reis e imperadores, era uma faxa atada na cabeça. E dizia Seleuco, rei da Asia, que se os homens soubessem quão pezada era aquella tira de panno, e quão cheia de espinhos por dentro, nenhum haveria que a levantasse do chão para a' pôr na cabeça. El-rei Antigono vendo que seu filho pelo ser se ensoberbecia, com que lhe abateria os fumos? *An ignoras, ó fili, regnum nostrum non esse aliud nisi splendidam servitutem?* Não sabes, filho (lhe disse), que o nosso reino, e o reinar, não é outra coisa que um captiveiro honrado? Os reis são senhores de todos, mas tambem captivos de todos. A todos mandam como reis, e de todos são julgados como reus. Como o rei é a alma do reino, tem obrigação de viver em todos os seus vassallos, e padecer nelles, e com elles quanto elles padecem. Se não padece assim, não é rei; e se padece, que maior martyrio? Ha se de matar e morrer, para que elles vivam: ha se de cançar, para que elles descancem; e ha de velar, para que elles durmam, sendo mais quieto e socegado o somno do cavador sobre cortiça, que o do rei debaixo de céos

[1] Idem Seneca Epist. 115.

de brocado. Alli disvelado marcha pelas campanhas com os seus exercitos; alli navega os mares com as suas armadas, e a qualquer bandeira que tremula com o vento, lhe palpita o coração na contingencia dos successos. Taes são as miseraveis felicidades, ou as adoradas miserias dos que postos na região dos raios, dos trovões, e das tempestades, a dignidade com razão, e a lisonja sem ella, chama serenissimos.

Que seria se eu aqui ajuntasse agora as catastrophes, e fins tragicos dos Xerxes, dos Cressos, dos Darios, e infinitos outros? Mas o meu intento só é descobrir as miserias dos felizes. A este proposito ha muito que tenho notado uma coisa para mim admiravel, e é, que sendo Valerio Maximo tão universal nas historias e noticias do mundo, e trazendo tantos exemplos, assim domesticos, como estrangeiros, em todas as materias, quando veiu a tratar da felicidade, só achou entre os romanos a Metello, homem particular, e entre os reis de todas as nações a Gyges, rei da Lidia. Esta é a mesma salva, com que elle começa, dizendo: *Volubilis fortunæ complura exempla retulimus, constanter propitiæ admodum pauca narrari possunt.* [1] Inchado pois Gyges com a singular e continua prosperidade de sua fortuna, quiz-se canonisar pelo mais feliz homem do mundo; e a este fim consultou pessoalmente o oraculo de Apollo, para que a resposta, de que não duvidava, fosse uma prova authentica e divina da sua felicidade: enganou-se, porém, ou acabou de se enganar o já enganado rei; porque respondeu o oraculo, que Aglao Sofidio era mais feliz que elle. E quem era Aglao Sofidio? Era um lavradorzinho velho, o mais pobre de toda a Arcadia, ao qual um pequeno enxido, que tinha junto á sua choupana, cultivado por suas proprias mãos, sem inveja sua, ou alheia, lhe dava o que era bastante para sustentar a vida. Pois este Aglao assim pobre era mais feliz que Gyges com todas as suas fortunas? Sim. Porque essas mesmas fortunas, ainda que grandes e continuas, não o livravam do temor da sua inconstancia, o qual só bastava a o fazer infeliz. Debaixo deste temor se comprehendiam os cuidados, as suspeitas, as duvidas, as imaginações,

[1] Valer. Maxim. lib. 7 c. 1.

os indicios falsos, ou verdadeiros da ruina, que se lhe machinasse, ou podia machinar: e todos os infortunios possiveis, no mar e na terra, na guerra e na paz, na inveja dos emulos, no odio e potencia dos inimigos, no descontentamento e rebellião dos vassallos; emfim, as violencias secretas, os roubos, os subornos, as traições, os venenos, com que nem o sustento necessario á vida, nem a mesma respiração é segura; para que se veja se era feliz, quem todo este tumulto de inquietações, que só conhecia o oraculo, trazia dentro no peito. E como os bens da fortuna, ainda os maiores, quaes são os dos reis, e ainda nos singular e unicamente felizes, estão sujeitos a tantas miserias, ou padecidas em si mesmas, ou no temor e receio, que não é tormento menor; nenhum outro remedio tem para escapar e se livrar dellas a vida, senão o da morte.

Seja prova em caso e pessoa não de outra, senão da mesma supposição e dignidade, o modo com que Deus livrou a el-rei Josias. Quando Josias começou a reinar todo o reino (que era o de Jérusalem e Judá) não só privada, mas publicamente professava a idolatria com templos, com altares, com idolos, com sacerdotes, e com todas as outras superstições gentilicas. A primeira coisa, pois, que fez o zelosissimo e santo rei, foi arrazar os templos e altares, queimar os idolos, e sacrificar-lhes os seus proprios sacerdotes, mandando degolar a todos: e logo tratou de reformar e restaurar o culto do verdadeiro Deus, repondo em seu logar a arca do testamento, restituindo a seus officios os sacerdotes e levitas, e tornando a introduzir a observancia da celebração das festas e sacrificios, com todos os ritos e ceremonias da Lei. Mas como pagou Deus a Josias este zelo, esta piedade, e esta valorosa resolução? Aqui entra o admiravel do caso. Duas coisas mandou Deus annunciar e notificar ao rei: A primeira, que Jérusalem seria destruida, e todos seus habitadores rigorosissimamente castigados: e assim foi, porque conquistados pelos exercitos de Nabuchodonosor, todos foram levados captivos a Babylonia. A segunda, que elle rei morreria antes deste captiveiro: e assim succedeu tambem, porque sahindo a uma batalha, foi morto nella. Pois o rei pio, zeloso e santo ha-de morrer, e o povo idolatra não? Antes foi tanto pelo contrario, que durou o captiveiro se-

tenta annos, que era todo o tempo, que os que tinham sido idolatras podiam viver. E porque ordenou Deus, que os idolatras vivessem tantos annos, e o rei morresse tão anticipadamente, que não chegou a contar quarenta? A razão desta justiça verdadeiramente divina foi, para que vivendo elles, e morrendo o rei, o rei fosse premiado, e os idolatras castigados. De sorte que aos idolatras, para que padecessem as calamidades e miserias do captiveiro, estendeu-lhes Deus as vidas; e ao rei, para o livrar das mesmas calamidades e miserias, anticipou-lhe a morte. Assim o disse o mesmo Deus: *Idcirco colligam te ad patres tuos, et colligeris ad sepulchrum tuum in pace, ut non videant oculi tui mala, quæ inducturus sum super locum istum.* [1] Em summa, que conservou Deus a vida ao povo, porque o quiz castigar, e anticipou a morte ao rei porque o quiz livrar do castigo: que tão certo é, ainda, no maior auge dos bens da fortuna, qual é a dos reis, ser o maior bem da vida, a morte.

VII

Nos bens da graça, que são os que só restam, passa o mesmo. Sendo estes os maiores de todos, e os que propria e verdadeiramente só merecem nome de bens, nenhuns são mais difficultosos de guardar, nem mais sujeitos á miseria de se perderem. Os anjos perderam a graça no céo, Adão perdeu a graça no paraiso, e depois destas duas ruinas universaes, quem houve que a conservasse sempre? Só a Mãe de Deus, pelo ser, a conservou inteira, e os demais, ou a perderam por culpas graves, ou a mancharam com as leves: *Qui stat, videat ne cadat.* [2] Quem está em pé, veja não cáia, diz S. Paulo. E elle depois de subir ao terceiro céo se viu tão arriscado a cahir, que tres vezes rogou a Deus o livrasse de uma tentação, que se o não tinha derrubado, o affrontava: *Angelus Satanæ, qui me colaphizat.* [3] Cahiu Samsão, cahiu Salomão,

---

[1] *4.º Livr. dos Reis,* XXII, 20.
[2] *1.ª ad Cor.,* X, 12.
[3] *2. Ibid.,* XII, 7.

cahiu David: e nem ao primeiro a sua fortaleza, nem ao segundo a sua sabedoria, nem ao ultimo a sua virtude os tiveram mão para que não cahissem. O mundo todo é precipicios, o demonio todo é laços, a carne toda é fraquezas. E contra estes tres inimigos tão poderosos da alma, estando ella cercada de um muro de barro tão quebradiço, quem a poderá defender, e nella a graça? Já sabem todos que hei-de dizer, que só a morte; e assim é.

Diz Job, que a vida do homem é uma perpetua guerra: *Militia est vita hominis super terram:* [1] tanto assim, que ao mesmo viver chama elle militar: *Cunctis diebus, quibus nunc milito.* [2] Qual seja a campanha desta guerra, não é Carthago, ou Flandres, ou como agora, Portugal, senão o mundo e a terra toda em qualquer parte, *super terram.* Mas como o mesmo Job não faça menção de muitos, senão de um só, ou de qualquer homem, *vita hominis;* com razão podemos duvidar quem são os combatentes, entre os quaes se faz esta guerra, e se dão estas batalhas? Se foram gentes de diversas nações, tambem elle o disséra, mas só faz menção de um homem, porque dentro em cada um de nós, como de inimigos contra inimigos, se faz esta guerra, se dão estes combates, e vence ou é vencida uma das partes. O homem não é uma só substancia como o anjo, mas composto de duas totalmente oppostas, corpo e alma, carne e espirito, e estes são os que entre si se fazem a guerra, como diz S. Paulo: *Caro concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem.* [3] A carne peleja contra o espirito, e o espirito contra a carne. Por parte da carne combatem os vicios com todas as forças da natureza; por parte do espirito resistem as virtudes com os auxilios da graça; mas como o livre alvedrio subornado do deleitavel, como rebelde e traidor se passa á parte dos vicios, quantos são os peccados que o homem commette, tantas são as feridas mortaes que recebe o espirito, e basta cada uma dellas para se perder a graça. Por isso com razão exclama Santo Agostinho, como experimentado em outro tempo: *Continua*

[1] *Job.*, VII, 1.
[2] *Ibid.*, XIV, 14.
[3] *Galat.*, V, 17.

pugna, rara victoria. A batalha é continua, e a victoria rara.

Haverá, porém, quem possa pôr em paz estes dois tão obstinados inimigos, e um delles tão cruel e pernicioso? Nesta vida, em quanto a mesma vida dura, não: mas no fim della, sim, porque só a morte póde fazer, e faz estas pazes. Que coisa é a morte? *Est separatio animæ à corpore.* E' a separação com que a alma se aparta do corpo: e como por meio da morte a alma se divide do corpo, e o espirito da carne, no mesmo ponto divididos os combatentes, cessou a guerra e ficou tudo em paz. Esta é a grande energia e alto pensamento com que disse Job, que aquella guerra era nomeadamente do homem vivo sobre a terra: *Militia est vita hominis super terram;* porque em quanto o homem vive e está sobre a terra, padece a guerra da carne contra o espirito; mas depois que o homem morre, e jaz debaixo da terra, toda essa guerra se acabou, e se segue entre a carne e o espirito uma não tregua, senão paz perpetua, e para sempre. Por isso quando lançamos os defuntos na sepultura, essas são as palavras de consolação com que nos despedimos delles, dizendo: *Requiescat in pace.* E' comprimento tirado e aprendido de um Psalmo de David, onde excellentemente descreve a perpetuidade desta paz: *In pace in idipsum dormiam, et requiescam.* [1] Quando eu jazer na sepultura, diz David, dormirei e descançarei em paz para isso mesmo, *in idipsum.* Que quer dizer para isso mesmo? Não se podia significar mais admiravelmente a differença do somno, do descanço, e da paz dos mortos em comparação dos vivos. Os vivos dormimos, descançamos, e temos paz, mas não para isso mesmo; porque dormimos para acordar, descançamos para tornar a cançar, e temos paz, para tornar outra vez á guerra: pelo contrario, os mortos dormem, descançam, e estão em paz para isso mesmo: *In pace in idipsum dormiam et requiescam.* Dormem para isso mesmo: porque dormem, não para acordar, senão para dormir: descançam para isso mesmo: porque descançam, não para tornar a cançar, se não para descançar; e gosam a paz para isso mesmo, porque não gosam a paz para tornar á guerra, senão

[1] *Psal.*, IV, 9.

para a lograr perpetua, e quietamente: *Requiescat in pace.*

E como por meio desta perpetua paz cessa a guerra da carne contra o espirito, e cessam as victorias do peccado e perigos da graça; esta natural impeccabilidade da morte é a mais cabal razão de ser a mesma morte o maior bem da vida; porque sendo o maior mal da vida o peccado, e estando a mesma vida sempre sujeita e arriscada a peccar, só a morte a livra e segura deste maior de todos os males. Morreu um moço virtuoso e pio na flôr de sua edade: e admirou-se muito o mundo de que morresse tão depressa o bom, ficando vivos e sãos no mesmo mundo muitos máus, que pareciam mais dignos da morte. Mas a causa desta admiração é, diz o Espirito Santo, porque os homens não entendem as razões de Deus. Tres razões teve Deus para antecipar, ou apressar a morte áquelle moço: a primeira, porque lhe agradou a sua alma e a quiz levar para si: *Placita enim erat Deo anima illius:* a segunda, porque o quiz livrar das occasiões da maldade: *Properavit educere illum de medio iniquitatum:* [1] A terceira, porque o quiz fortificar: *Quare munierit illum Dominus.* Aqui reparo. Se Deus lhe tirou a vida para o fortificar, que fortificação é esta, e contra quem? O contra quem são os vicios e peccados: a fortificação é aquella onde a morte defende os que matou, que é a sepultura. O homem vivo, com todas as portas dos sentidos abertas, é como a praça sem fortificação, que póde ser accommettida, e entrada por toda a parte: porém o morto, com as mesmas portas cerradas, e cerrado elle dentro da sepultura, não ha castello tão forte, nem fortaleza tão inexpugnavel a todo o inimigo; porque nem póde ser vencida do peccado, nem ainda accommettida. Muitas fortificações inventaram os santos para defender do peccado os vivos, sendo a principal de todas os muros da Religião; mas nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrarios bastam para os defender e ter seguros. E quando nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrarios bastam para defender e segurar do peccado os vivos, basta uma só pedra, ou a pouca terra de uma sepul-

[1] *Sap.*, IV, 14 e 17.

tura, para ter tão defendidos e seguros os mortos, que nem pequem jámais, nem seja possivel peccarem. E esta é a sua impeccabilidade.

VIII

Resumindo pois as tres partes deste ultimo discurso, dellas consta, que os bens da natureza, da fortuna, e da graça, todos estão sujeitos a grandes miserias, das quaes só nos póde livrar a morte; donde se segue, que a mesma morte, sem controversia, é o maior bem da vida. E para que em uma só demonstração vejamos inteira, e não por partes, esta mesma prerogativa da morte, não inculcada de novo, mas crida, approvada e impressa no juizo dos homens, oiçamos uma notavel antiguidade. Como é inclinação natural do homem conhecer o bem com o entendimento e appetecel-o com a vontade, foi questão antiquissima entre os homens, ainda quando eram gentios, em que consistisse o maior bem desta vida? E porque Deus, como diz S. Paulo, não só governa com sua universal Providencia os fieis, senão tambem os infieis, sendo falsos naquelle tempo os mestres que os homens ouviam, e falsos os deuses que adoravam, não só permittiu, mas quiz a mesma Providencia, que destas duas fontes tão erradas bebessem uma verdade tão importante, como ser, dentro dos limites e ordem da natureza, o maior bem da vida, a morte. E foi desta maneira.

Houve entre os sabios da gentilidade um homem chamado Sileno, similhante na opinião aos nossos Prophetas, cujas respostas, como inspiradas por instincto mais que natural, eram recebidas e cridas como oraculos. A este Sileno pois consultou el-rei Midas sobre qual fosse o maior bem desta vida, e depois de muitos rogos e instancias, a resposta que delle alcançou, foi esta: *Non nasci omnium est optimum, mortuum autem esse, longe est melium quam vivere:* [1] O melhor de tudo é não nascer; mas no caso de haver

[1] Plutarc. supra citatus. Cic. Plat. Arist. et. alii.

nascido, muito melhor é ao homem o morrer, que o viver. Assim o disse Sileno; e não só do vulgo foi recebido como proverbio este dito, mas o approvaram e celebraram sempre os dois maiores lumes da philosophia racional, Platão e Aristoteles. Pindaro, principe dos poetas lyricos da Grecia, parece que duvidoso ainda desta verdade, quiz fazer maior exame della, e como pelo oraculo de Delphos lhe fosse respondido o mesmo; que faria? Fez o que devêra fazer com similhante desengano todo o christão. Deixou as musas, e em vez de compôr verso, tratou de compôr a vida. *His auditis, ad mortem se comparasse, et paulo post vivendi finem fecisse*, diz Plutarco.

Não parou aqui a Providencia Divina, mas para maior prova deste desengano, obrigou ao pai da mentira, que fallava e obrava nos idolos, a que, muito a seu pesar, o confirmasse com dois notaveis prodigios. Agria era sacerdotisa da deusa Juno; e como na mesma hora em que havia de fazer o sacrificio tardassem os cavallos que a costumavam levar em carroça, dois filhos que tinha, chamados Biton e Cleobo, se metteram no logar dos cavallos, e com tanta força e pressa tiraram a carroça, que nem um momento de tempo faltou a mãi á pontualidade do sacrificio. Foi tão admirado, e estimado este acto, verdadeiramente heroico, de piedade para com a mãi, e de religião para com a deusa, que deu confiança a Agria para pedir a Juno em premio della, que désse áquelles seus dois filhos não menos que a melhor coisa, que os deuses nesta vida podiam dar aos homens. Concedeu a deusa, como tão bem servida, o que a mãi pedia: e qual seria o despacho da petição? No mesmo ponto cahiram mortos diante dos seus olhos os mesmos filhos, confirmando a falsa deidade com verdadeiro documento, que entre os bens e felicidades naturaes, que ao homem pódem succeder nesta vida, o maior e o mais seguro é a morte. A este famosissimo par, Biton e Cleobo, ajunta Platão outro não menos famoso, Agamedes e Trophonio. Edificaram estes dois um templo a Apollo Pythio, e no dia da dedicação oraram ao Deus desta maneira: «Que se aquella obra lhe agradava, o seu intento era pedirem lhes concedesse o que melhor podia estar a um homem nesta vida: e porque elles não sabiam que coisa fosse esta melhor, elle, de quem esperavam a mercê, o resolvesse». Res-

pondeu Apollo, que dalli a sete dias lhes concederia o que pediam: e o que succedeu ao setimo dia foi, que, deitando-se a dormir Agamedes e Trophonio, nunca mais acordaram: *Cùmque obdormissent, nunquam deinde surrexisse.*

Já dissemos que estes prodigios foram effeitos da Providencia Divina, a qual nestes casos, como em outros muitos, desenganou aos homens pelos mesmos de quem eram enganados. Pois se Deus respondeu com aquelles signaes aos que desejavam e pediam o maior bm da vida, porque deu a uns a morte, e a outros o somno de que não acordaram? Porque em phrase tambem divina o dormir é morrer, e o tornar a viver, acordar: *Lazarus amicus noster dormit, sed vado ut à somno excitem eum.* [1] E como um e outro signal, ou era declaradamente, ou significava a morte; a uns e a outros quiz ensinar Deus (e nelles a todos os homens) que a mesma morte, que elles não pediam, nem desejavam, era o maior bem da vida, que desejavam e pediam. Desejaes e pedis o maior bem da vida? Pois acabae de viver e gosal-o-heis na morte. E esta verdade então admirada, e antes e depois tão mal entendida, quiz a mesma Providencia, para que a acabassemos de entender, que ficasse estabelecida, e perpetuada como em quatro estatuas, não levantadas, mas cahidas: em Biton e Cleobo mortos, e em Agamedes e Trophonio dormindo.

IX

A' vista, pois, destas quatro estatuas, as quaes em quanto vivas e em pé eram o pó que somos, e em quanto cahidas e jazendo em terra, são o pó que havemos de ser; que fará todo o entendimento racional e christão? Se o pó que havemos de ser é o maior bem do pó que somos, e se o maior bem da vida é a morte; que havemos, ou que devemos fazer os vivos? Hereges houve, como de seu tempo refere Santo

[1] *Joan.*, XI, 11.

Agostinho, os quaes interpretando impiamente aquellas palavras de Christo: *Adhuc autem et animam suam* [1] em que parece nos manda ter odio á vida, se matavam com suas proprias mãos. Porém S. Paulo que mais vivia em Christo, que em si mesmo, como verdadeiro e canonico interprete do espirito interior de seus divinos oraculos, não diz que o christão se mate, senão que viva; mas que viva como morto. Em uma parte: *Quasi morientes et ecce vivimus:* [2] E em outra: *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* [3] Assim ajuntou e concordou o Apostolo dois extremos tão contrarios, como a morte e a vida: assim quiz introduzir no mundo uma morte viva e uma vida morta, persuadindo os vivos a que vivamos como mortos, e com grande razão e conveniencia. Se o melhor bem da vida é a morte, passemos como mortos á melhor vida. E se dos mortos dizemos tambem que os levou Deus para si, deixemo-nos levar de Deus, e vivamos como mortos, para viver nelle e com elle. Esta vida escondeu Christo como mortal, e Deus como immortal, não em outro logar menos secreto, nem em outro extremo menos contrario á mesma vida, que a morte: *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* Na vida e morte commum os mortos estão escondidos, e os vivos andam manifestos; mas na vida e morte de que falla o Apostolo, a morte e os mortos andam manifestos: *Mortui estis;* e a vida, e os vivos escondidos; *et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.*

E se perguntarmos ao mesmo S. Paulo de que modo havemos de viver como mortos, bastavam por resposta as mesmas palavras com que diz que vivamos com Christo, e em Deus: *Cum Christo in Deo.* Quem vive em Deus, não vive em si; quem vive com Christo, não vive com o mundo: e quem não vive em si, nem com o mundo, este verdadeiramente vive como morto. O morto tem olhos, e não vê; tem ouvidos, e não ouve; tem lingua, e não falla; tem coração, e não deseja: e posto que o morto vivo póde desejar, fallar, ouvir e vêr; nem vê o que não é licito que se veja,

[1] *Luc.*, XIV, 26.
[2] *2.ª ad Cor.*, VI, 9.
[3] *Coloss.*, III, 3.

nem ouve o que não é licito que se oiça, nem falla o que não convém que se falle, nem deseja o que não convém que se deseje; porque é morto ás paixões e aos appetites; e posto que viva ao sentimento, não vive á sensualidade. Isto é viver em Deus, e não em si. E que é viver com Christo, e não com o mundo? E' estar morto a tudo o que o mundo ama, a tudo o que o mundo estima, a tudo o que o mundo venera, a tudo o que o mundo adora, a tudo o que chama honra, a tudo o que chama interesse, a tudo o que chama boa ou má fortuna; porque tudo o que é prospero, ou adverso, alto ou baixo, precioso ou vil, pesado na balança da morte viva, é vaidade, é fumo, é vento, é sombra, é nada. E a todos os que assim vivem ou viverem, podemos dizer com S. Paulo: *Mortui estis.*

Mas porque o pó que somos é solto, inquieto, vão, e com qualquer sopro de ar se levanta e desvanece, e de si mesmo fórma remoinhos e nuvens, com que na maior luz do sol fica ás escuras; por isso o mesmo Apostolo nos remette, como por illação necessaria do pó que somos, ao pó que havemos de ser, dizendo: *Mortificate ergo membra vestra, quæ sunt super terram.* [1] Pelo que mortificae os membros do vosso corpo que estão sobre a terra. A energia da palavra *super terram*, não está muito á flôr da terra. Mas ainda que parece superflua, é certo que não carece de grande mysterio. Pois se bastava dizer, mortificae vosso corpo; porque acrescenta, que está sobre a terra? A mortificação só pertence aos que vivem, e todos os que vivem estão sobre a terra: pois se isto por si mesmo estava dito, porque o nota e pondera o Apostolo como coisa particular? Porque fallou do nosso corpo em quanto está sobre a terra, com allusão ao mesmo corpo quando estará debaixo da terra. O mesmo corpo nosso, que em quanto vivemos está sobre a terra, depois da morte está debaixo da terra. E se o corpo, que está sobre a terra, se comparar comsigo mesmo quando estiver debaixo da terra, nenhuma consideração póde haver mais efficaz para o persuadir a que viva como morto. Dize-me, corpo meu, depois que estiveres debaixo da terra,

[1] *Coloss.*, III, 5.

que has-de fazer? Has-de continuar nos mesmos vicios, em que todo te empregavas quando estavas sobre a terra? Has-de continuar nos mesmos vicios, que póde ser foram os que te mataram e te apressaram a sepultura? Agora o não pódes negar com a voz, e depois confessarás que não, com o silencio. Todo o morto é como aquelle de quem disse Tacito: *Magis sine vitiis, quam cum virtutibus.* O morto não tem virtudes, mas tambem não tem vicios. Não tem odio, não tem inveja, não tem cubiça, não tem ambição: não se queixa, não murmura, não se vinga, não mente, não adula, não rouba, não adultera. Pois se de tudo isto has-de carecer debaixo da terra, porque te não abstens disso mesmo, em quanto estás sobre ella?

O morto quando o levam á sepultura, pelas mesmas ruas por onde passeava arrogante, tão contente vae envolto em uma mortalha velha e rota, como se fôra vestido de purpura ou brocado. Chegado á sepultura, tão satisfeito está com sete pés de terra, como com os mausoléus de Caria, ou as pyramides do Egypto: e se até essa pouca terra que o cobre lhe faltasse, diria, se podesse fallar, que a quem não cobre a terra, cobre o céo: *Cælo tegitur qui non habet urnam.* Pois se então tão pouca differença has-de fazer da riqueza ou pobreza das roupas; porque agora te desvanecem tanto, e gastas o que não tens na vaidade das gallas? Pois se então has-de caber em uma cova tão estreita; porque agora te não mettes entre quatro paredes, e procuras a largueza da morada tanto maior que a do morador, e invejas a ostentação e magnificencia dos palacios? Ainda resta por te dizer o que mais me escandalisa. Se quando estás debaixo da terra todos passam por cima de ti, e te pizam, e te não alteras por te vêr debaixo dos pés de todos; agora que és o mesmo, e não outro, só porque estás com os pés sobre menos terra da que então has-de occupar; porque te ensoberbeces, porque te iras, porque te inchas e enches de colera, de raiva, de furor, e a qualquer sombra ou suspeita de menos veneração ou respeito, o queres vingar, não menos que com o sangue e a morte? Mas é porque a mesma morte te não amansa e emenda. Ouve, em quanto não perdes o sentido de ouvir, um notavel dito de David: *Quo-*

niam supervenit mansuetudo et corripiemur. [1] A palavra *corripiemur*, quer dizer, morreremos, e quer dizer, seremos emendados. Porque a morte é uma correcção geral, que emenda em nós todos os vicios: e de que modo? Por meio da mansidão, porque a todos amansa: *Quoniam supervenit mansuetudo.* Morreu o leão, morreu o tigre, morreu o basilisco: e onde está a braveza do leão, onde está a fereza do tigre, onde está o veneno do basilisco? Já o leão não é bravo, já o tigre não é fero, já o basilisco não é venenoso, já todos esses brutos e monstros indomitos estão mansos, porque os amansou a morte: *Quoniam supervenit mansuetudo.* E se assim emenda, e tanta mudança faz a morte nas feras, porque a não fará nos homens?

Seja esta a ultima razão (a qual devem os racionaes levar na memoria) para que considerem, em quanto estão sobre a terra, o que hão-de ser quando estiverem debaixo della: e com este espelho posto diante dos olhos de seu proprio corpo, o persuadam a que se accommode a ser por mortificação em quanto vivo, aquillo mesmo que ha-de ser em quanto morto depois de sepultado. Perguntou um monge ao abbade Moysés, famoso Padre do ermo, como poderia um homem adquirir a mortificação que ensina S. Paulo, tal que, estando vivo, vivesse como morto? E respondeu o abbade, que de nenhum outro modo, nem tempo, senão quando totalmente se persuadisse que havia já um triennio que estava debaixo da terra: *Nisi quis arbitratus fuerit se habere jam triennium in sepulchro, ad hunc sermonem pervenire non potest.* [2] E quem está certo que o seu corpo ha-de estar debaixo da terra, não tres annos, nem tres seculos, senão em quanto durar o mundo até o fim; como não persuadirá ao mesmo corpo, e o sujeitará a que viva como morto esses quatro dias, e incertos, em que póde tardar a morte? Se este corpo que hoje é pó sobre a terra, ámanhã ha-de ser pó debaixo da terra: porque se não accommodará e concordará comsigo mesmo a viver e morrer de tal modo, que na vida logre o maior bem da morte, e na morte não padeça

---

[1] *Psal.*, LXXXIX, 10.

[2] In Vitis PP. lib. 7 c. 26.

o maior mal da vida? Assim faremos que o pó que somos, e o pó que havemos de ser (o qual como pó é esteril) sobre a terra como planta, e debaixo da terra como raiz, seja fecundo, e na vida colhamos delle o fructo da graça, e na morte o da gloria: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens.*

COMMENTO OU HOMILIA

SOBRE

O EVANGELHO *

DA

SEGUNDA FEIRA DA PRIMEIRA SEMANA DA QUARESMA

Cum venerit Filius hominis, etc. [1]

I

Cum venerit Filius hominis. Quando Christo vem a julgar o homem, chama-se Filho do Homem; porque ha-de ser tão recto o Juiz, que até ao proprio pai ha-de condemnar, se assim o pedir a justiça. Grande louvor do Juiz, que sendo Filho do homem, lhe entregam o juizo do homem. Tanto que Adão peccou, logo Deus, segundo seus decretos, ficou Filho de Adão; e Filho de Adão veiu julgar a Adão, e o lançou, porque o merecia, do paraiso. Lêa-se o livro da

---

* Este Sermão de que se não achou o final entre os papeis posthumos do auctor, faz parte da serie dos que foram publicados pelo padre André de Barros, no tomo 2.º das *Vozes Saudosas*, e ahi se lê, subordinado ao titulo de *Voz Ascetica*. "Esta Voz nos deixa, commenta o biographo illustre de Vieira, como outras mais, o sentimento de a não alcançarmos toda. Das moralidades, reflexões e sentidos que vae, engenhosa e doutrinalmente extrahindo do profundo das palavras do texto, nos causa um ancioso desejo do restante, que podiamos lograr. Gose, porém, o publico d'esta preciosa parte, já que não póde do todo; que nós culparemos sempre as mãos que se metteram n'este thesouro de escriptos tão estimaveis, que por diversos modos nos deixaram justos motivos á dôr". *Vozes saudosas*, tom. 2.º

[1] *Math.*, XXV.

geração de Christo, e achar-se-hão nelle muitos pais e avós seus, que o Senhor ha-de julgar, e mandar ao inferno no dia do Juizo; e, o que mais é, até a S. José, e á Virgem Maria, ha-de julgar tão recta e desinteressadamente, que a nenhum ha-de dar um atomo de gloria mais, do que merecer.

Filius hominis. Vem a julgar o Filho, e porque não o Padre, ou o Espirito Santo? Porque ao Padre attribue-se o poder, ao Filho o entender, ao Espirito Santo o querer: e no Juizo não é bem que tenha logar o poder, nem a vontade, senão só o entendimento. Antes se ha-de advertir que, ainda que a omnipotencia, entendimento e vontade, que são as tres potencias que só ha em Deus, sejam nelle juntamente, o poder suppõe vontade, a vontade suppõe entendimento, e o entendimento não suppõe nem vontade nem poder: porque ha-de obrar o entendimento, quanto julga, tão livre de todos os respeitos, como se não tivera poder, nem tivera vontade. A vontade abranda, o poder violenta; e o entendimento entre o poder e a vontade ha-de julgar tão absoluto, que nem haja poder que o obrigue, nem vontade que o dobre; que se não dobre ao poder, nem se obrigue á vontade. Mau foi o juizo de Pilatos; e porque? Porque se levou do poder: *Nescis, quia potestatem habeo dimittere te, et potestatem habeo crucifigere te?* Tambem se inclinou á vontade: *Tradidit eum voluntati eorum.* E se tanta injustiça nasce de um entendimento, que se sujeitou á vontade alheia, que será do que se deixa reger e cegar da propria? Em quanto o entendimento de Pilatos esteve livre destes dois respeitos, vêde que rectamente julgou: *Nullam causam invenio in homine isto.* [1]

Filius hominis. Juiz livre de respeitos não o póde haver, pois até Christo o não é. Tinha o respeito do sangue; porque era parente de muitos dos que havia de julgar: tinha o respeito do amor; porque amava a muitos ternissimamente: tinha o respeito do interesse; porque lograva em todos os que salvasse, e perdia em todos os que condemnasse, o preço de seu sangue: tinha a razão dos aggravos; porque recebêra grandes injurias e offensas dos mesmos que havia de

[1] *Luc.*, XXIII, 14.

julgar: e comtudo fiou Deus de Christo este Juizo; porque essa é a maior gloria de um julgador, ter muitos respeitos, e fazer justiça sem respeito. Mas que homem ha, em quem se ache ou possa achar isto, senão naquelle que é juntamente Deus? *Filius hominis.*

Filius hominis. Parece que não será tremendo este Juizo; porque terão os homens por Juiz, a quem entre todos os homens podiam desejar; porque se entre todos os homens se désse a escolher, é certo que a nenhum haviamos de escolher, senão a Christo, por mais benigno, por mais manso, por mais misericordioso que todos. Pois como póde ser rigoroso este Juizo? Por isso mesmo: porque se não póde considerar maior rigor, nem maior confusão para com os homens, que conhecerem que foram taes suas culpas, que não achou, por onde os livrar do inferno, nem aquelle mesmo amor, com que por elles deu a vida. Se me condemna, quem morreu por mim, e quem rogou por mim no mesmo tempo em que eu lhe tirava a vida, grande argumento é de serem minhas culpas não só dignas de toda a justiça, mas indignas de toda a misericordia. Não condemnará os homens no dia do Juizo a divina Justiça; a divina Misericordia é a que os ha-de condemnar: bem se vê no que diz abaixo: *Maledicti, quia non dedistis mihi manducare.* Não lhe referiu os peccados por onde os podia condemnar a divina Justiça; mas as faltas de caridade, por onde os pudéra absolver a divina Misericordia; porque a divina Misericordia é a que ultimamente ha-de condemnar aos precitos: *Judicium sine misericordia ei, qui non fecit misericordiam;* e ser um homem condemnado ás mãos da misericordia é o maior rigor de todos.

Filius hominis. Que os juizes hão-de ser humanos; por isso não vem Christo a julgar em quanto Deus, senão em quanto homem. A humanidade é o realce da justiça: entre o justo e o justiceiro ha esta differença: — ambos castigam, mas o justo castiga e peza-lhe; o justiceiro castiga e folga. O justo castiga por justiça, o justiceiro por inclinação: o justo com mais vontade absolve, que condemna; o justiceiro com mais vontade condemna, que absolve. A justiça está entre a piedade e a crueldade: o justo propende para a parte de piedoso; o justiceiro para a de cruel.

II

In majestate sua

Christo Senhor nosso não quiz magestade nesta vida, e é a unica Magestade da outra. Quando o quizeram fazer rei: *Fugit in montem ipse solus:* só, porque então não teve nenhum companheiro; e só, porque em todo o tempo teve, e ha-de ter poucos imitadores. Tem magestade no outro mundo, e disse que o seu reino não era deste mundo; porque ser rei neste mundo e mais no outro, é felicidade que a poucos reis acontece. Digam-no os reis de Israël, que sendo vinte e tres em espaço de duzentos e cincoenta annos, todos se perderam. O reino de Judá foi mais venturoso; mas sendo maior o numero dos seus reis, não chega a cinco, os que consta se salvaram. Isto é dos reinos que sabemos pelas Escripturas: nos outros reinos catholicos alguns reis ha, de que se contam varias revelações; queira Deus que sejam certas; a do dia do Juizo o será; lá o veremos. De todos os reis de todas as outras nações, até o tempo de Christo, que foram quatro mil annos, só um sabemos que se salvou, que foi Job; mas desse ainda se duvida, se verdadeiramente foi rei; ao menos não o diz a Escriptura. Tremenda coisa, que de tantos homens que reinaram em tantos annos, só de um seja certa a salvação, e desse ainda incerta a corôa.

Majestate sua. Só a magestade de Christo é sua, todas as outras são emprestadas: a magestade de Christo é de Christo; a magestade dos outros reis é do tempo, é da fortuna, é da morte: aqui param todas, e por isso não são suas. Só a de Christo é sua, porque é eterna: *Regi sæculorum immortali.*

In majestate sua. A magestade só é de Christo; os outros reis immeritamente se arrogaram este titulo, porque são indignos delle. Nesta modestia perseveraram os reis de Portugal, em quanto nelle duraram as virtudes antigas, em que foi fundado: depois de resuscitada a corôa, cresceu o titulo á magestade, mas não acrescentou a grandeza. Fr. Bartholomeu dos Martyres fallou por alteza a Filippe II em Barcelona;

e aos que se admiraram desta differença respondeu, que a magestade era titulo só de Deus, que para homens alteza bastava. Christo ajuntou a Magestade com o titulo de homem: *Filius hominis in majestate sua:* mas só homem que era Deus juntamente, podia ser magestade: ao menos os Romanos, que egualaram a soberba com o imperio, tiveram superstição para se chamarem filhos de deuses, e não chegou a sua ambição a tomar o nome de magestade: até o titulo de rei por odioso morreu nelles com Tarquinio Soberbo, ultimo rei, mas não o ultimo, nem o primeiro na magestade. Uns se chamavam pais da patria, etc. Vide *Tiraquelum, et Alexandrum etc.*

Filius hominis in majestate sua. No dia da maior magestade toma Christo o titulo da menor grandeza: não diz: virá o Filho de Deus, senão o Filho do homem. Bem cabem no mesmo throno (o que o outro não quiz conceder ao amor) magestade e humildade: não está a coisa nos titulos, senão no ser. Quem é Filho de Deus pouco importa que se chame Filho do homem: só quem tem por natureza o mais, tem confiança para se chamar o menos.

Filius hominis in majestate sua. Chama-se Filho do homem, e não Filho de Deus, quando se assenta no throno de sua magestade; porque estima mais Christo a grandeza merecida, do que a grandeza herdada. O que tinha por Deus era natural; o que tinha por homem era voluntario e merecido: isto, ainda que menos, o estimava Christo mais: *Egredimini Filiæ Sion, et videte Regem vestrum in diademate, quò coronavit eum Mater sua.* Christo tinha duas corôas; uma da divindade, em quanto Deus, a qual lhe deu seu Pai; outra da humanidade, em quanto homem, a qual lhe deu sua Mãi; e quando se viu corôado com esta, então mandou chamar quem o visse, quem o celebrasse, quem o applaudisse; porque esta segunda corôa era merecida, e a primeira era herdada. No Evangelho de S. Matheus só David se chama rei, Salomão, e os outros não; porque a corôa de Salomão, e dos mais foi herdada de seus pais, a de David foi merecida por seu braço: Salomão recebeu a corôa de David, mas David não recebeu a corôa de José.

III

Et omnes Angeli cum eo

Anjos ao valle de Josaphat no dia do Juizo, segue-se que ha-de ficar o céo naquelle dia despovoado, e Deus sem assistencia, nem cortejo de anjos; até aquelles de seis azas, que nunca cessam de dizer: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*, naquelle dia hão-de cessar e vir ao valle ao acompanhamento de Christo. Até no céo não ha bastantes criados a fazer côrte a Pai e Filho. Mas porque se não repartem, sendo tantos? Por temor de parcialidades? Ainda que noutro tempo as houve tambem no céu, já hoje não as póde haver, e então muito menos; pois porque vão todos, e não se repartem? Porque podia haver duvida, se era maior favor o ir, ou o ficar; e donde ha similhantes duvidas, o melhor arbitrio é, ou todos, ou nenhum. Sempre o partir logares, e mais donde ha duas cabeças grandes, teve grandes inconvenientes.

Maior doutrina cuido que nos dá nisto a côrte e palacio do céu. Tem chegado a vaidade do mundo a tanto, que o dono da casa ha-de ter um quarto, e uns criados; a senhora outro, e outros; e os filhos da mesma maneira. Ao menos, já que nos esquecem os exemplos de nossos antepassados, não nos envergonhemos de tomar o de Deus! E saibam os pais um dia de ficar sós em casa, quando importa que sáiam os filhos com apparato a publico. Assim o fará Deus Padre naquelle dia: ficará só e desacompanhado no céo, e o Filho assistido e cortejado de todos os anjos: *Et omnes Angeli cum eo*. E tem isto grandes conveniencias, e não será a menor sahirem menos de casa, as que se chamam senhoras della, titulo, que em muitas é de annel.

Omnes Angeli. Virão todos os anjos tambem, porque hão-de ser julgados todos. Nesta circumstancia se differençará muito este Juizo dos juizos da terra. Cá nos juizos da terra, por universaes que sejam, e de maior alçada, sempre ficam de fóra as Potestades, as Dominações, e os Principados; mas no Juizo de Deus

nenhum desses ha-de ficar, todos hão-de ser julgados, todos os Córos e Gerarchias hão-de ser julgadas: *Et omnes Angeli cum eo.*

E mais vezes vão a Juizo as Virtudes, que as Potestades; e se vêem alguma vez as Potestades e as Virtudes, as Potestades sempre estão seguras de ser condemnadas, póde ser que as Virtudes não.

Omnes Angeli. Outra razão, por que hão-de vir todos os anjos, é para adorarem naquelle dia todos a Christo publicamente, como diz S. Paulo, fallando da segunda vinda de Christo ao mundo: *Cum iterum introduxit primogenitum in orbem terrarum, dixit: Et adorent eum omnes angeli ejus.* Que confusão será então a de Lucifer, que, por negar esta adoração, quando foi creado, perdeu a gloria? Não te fôra melhor adorar então, e ficar para sempre no céo, que andar ha tantos mil annos no inferno, e haver de adorar agora? *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur cœlestium, terrestrium, et infernorum.*

Angeli cum eo. Virão os anjos com Christo; mas não a julgar com Elle, mas a ser julgados. S. Paulo: *Nescitis, quod etiam angelos judicabimus!* Ah Lucifer! Não quizeste adorar um Homem Deus, e ha te de condemnar um peccador! Mas porque causa julgarão os homens aos anjos, e não os anjos aos homens? Porque anjos são puros espiritos, e os espiritos não teem bastante experiencia para julgar de corpos. Os homens são corporaes e espirituaes juntamente, por isso pódem julgar dos corpos, e mais dos espiritos. Dos homens e anjos sem experiencia, não póde haver perfeito juizo: essa é outra razão de Deus dar toda a potestade judiciaria ao Filho: *Pater omne judicium dedit Filio, quia Filius hominis est;* porque ainda que em Deus ha toda a sciencia, em Christo ha tambem a experimental. Que differente juizo fará um anjo dos homens, do que fazem os homens de si mesmos? Que juizo farão da enfermidade, que não padeceram; das dôres, que não sentiram; dos caminhos, em que não cançaram; da clausura, que os não fechou; e de todas as outras coisas de que a sua natureza os fez isentos? Bem se viu na consolação que deram aos Apostolos: *Hic Jesus, qui assumptus est á vobis, sic veniet.* Linda consolação para uma ausencia, esperar pelo dia do Juizo; mas como lá no céo mil annos são como um dia, ainda que Christo tardasse em vir dois ou tres

mil annos, parecia-lhes a elles, que era pouco esperar: mediam as nossas saudades pelos seus relogios. Vêde que consolação nos daria, a que deu a Christo aquelle outro anjo no Horto, tal que lhe fez suar sangue: assim nota um Evangelista, que foi o suor depois que o anjo veiu. Como ha-de consolar de dôres, quem nunca soube que coisa eram dôres? Eis aqui o juizo que de nossas coisas pódem fazer os anjos. Não assim Christo, em quanto Homem: *Habemus pontificem tentatum per omnia, qui possit compati.*

IV

Tunc sedebit super sedem majestatis suæ

Tunc. Então se assentará Christo a julgar, e se assentarão tambem com elle os Apostolos: *Sedebitis et vos judicantes, etc.* Maior capacidade será necessaria para julgar então, porque hão-de julgar os Apostolos a todo o mundo; mas eu acho que é necessario muito maior valor para julgar agora; porque agora não se ha-de acabar o mundo. Julgar o mundo, quando o mundo se ha-de acabar, não ha mister grande valor a justiça, porque se acabam todas as razões de dependencia; mas julgar o mundo, quando ha-de continuar o mundo, e eu hei-de depender ámanhã daquelle que sentenciei hoje, isto é necessario muito valor: diga-o o *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris.* Muitos Cesares se hão-de achar no dia do Juizo, mas de quem se não ha-de depender no dia seguinte: mais difficultoso é logo julgar agora, que *tunc.*

Et congregabuntur ante eum omnes gentes. Todos os anjos, *cum eo, et omnes gentes ante eum.* Como se olharão os anjos, e os homens? Como verão alli os anjos aos homens, que guardavam; e como conhecerão então os homens os Anjos da sua guarda, que hoje não conhecem? Que confusão será nesta vista a lembrança das inspirações tão mal admittidas, e peior guardadas! Os mesmos anjos servirão de accusadores.

Omnes gentes: Todas as nações. Entre todas as nações me parece que será mais gravemente julgada a nação portugueza; por ter mais auxilios que muitas outras, para se poder salvar, e menos tentações para

cahir e se perder. Que comparação teem as batalhas da heresia da Allemanha, Inglaterra, e França, com a pacifica fé em que nós os portuguezes nascemos, vivemos, e morremos? Menos hereges haverá da nossa nação, que de nenhuma; queira Deus que haja menos condemnados: mas a fé sem obras é cadaver, e só quem teve fé viva, ha-de resuscitar á immortalidade.

Omnes gentes. Quando a nação portugueza puzer os olhos em outras nações, que confusão poderá tirar de muitas? Quando vir os Japões, os Chinas, os Cafres, os Ethiopes, os Brazis salvos pela prégação dos Portuguezes, que dirá? E' possivel que eu fui a que ensinei a salvar a estes, e não prestei nem soube salvar-me a mim! *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere.* [1] Eu, um reino tão pequeno, salvei tantos, e não me salvei a mim todo: levei a fé e a salvação ao mundo novo; mas *quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ*, etc. [2]

Et congregabuntur ante eum. Então se verão juntos e congregados alli, os que cá tambem viveram juntos. E' possivel que este na mesma congregação se salvou, e eu me perdi com as mesmas leis, com os mesmos institutos, com a mesma doutrina, com os mesmos motivos e instrumentos, e por ventura com menos trabalho, elles salvos, e eu perdido! Fomos como Esaü e Jacob, criados ambos nas mesmas entranhas, sustentados com o mesmo alimento, criados com a mesma educação, e no cabo tão differentes na fortuna, etc.

V

Et separabit eos ad invicem

Quão terrivel será esta separação! Os pais dos filhos, os amigos dos amigos, etc.! Quanto custou a David apartar-se de Jonathas? Quanto custou a Noemi apartar-se de duas amigas? Foi tanto, que quando

[1] *Math.*, XXVII, 42.
[2] *Ibid.*, XVI, 26.

se quiz partir, não pôde: Quanto custou a Faltiel apartar-se de Michol? Quanto temeu Eva apartar-se de Adão? Diz Santo Ambrosio, que por isso lhe deu da mesma fructa, para que elle tambem peccasse; para que ou morressem ambos, ou fossem ambos desterrados, tendo por menos mal a morte, ou o desterro em sua companhia, que o paraiso em sua ausencia. Assim foi aquella outra mãi, de quem diz Seneca, que desterrando-lhe o filho de Roma, ella o quiz ir acompanhar; porque *maluit exilium pati, quam desiderium.* Quanto sentiu Jacob a ausencia de Benjamin, e de José, etc.? Mas todos estes apartamentos tinham a consolação na esperança, porque todos esperavam de se tornarem a vêr; e quando não fosse nesta vida, é certo que o seria na outra: mas no dia do Juizo apartar-se-hão todos, o pai do filho, e o filho do pai, que isso é *ad invicem:* e isto para nunca mais em toda a eternidade.

Separabit eos ad invicem. Uma das maiores difficuldades, que teem os confessores neste mundo, é fazerem apartar aos que demasiada, e cegamente se amam. Estes que, agora, se não pódem apartar por um instante, então se apartarão por toda a eternidade: e certo que bem mostra seu amor, quão cego é, pois só para não virem a padecer este apartamento então, se deveram apartar e conter agora. Se tanto vos custa apartar-vos agora de quem amaes, apartae-vos por isso mesmo, para que depois vos não aparteis, antes vivaes feliz e bemaventuradamente juntos por toda a eternidade: só por este interesse deviam viver bem, os que se querem bem, para grangearem e segurarem para sempre o maior temor que teem hoje, e é, o poderem-se apartar alguma hora.

Separabit eos ad invicem. Os bons para uma parte, e os máus para a outra. O' que acertada distinção esta! A fortuna neste mundo fez infinitas separações e distinções entre os homens: de reis, imperadores, de duques, de marquezes, de condes, de nobres, de plebeus, de escravos; e sendo tão miuda esta distinção, não é acertada. Os homens só os distingue a virtude, e não ha mais que dois generos de gente neste mundo, bons, e máus. Só o que está dentro de nós, nos póde distinguir intrinseca e verdadeiramente, e este é o vicio, ou a virtude; tudo o mais são coisas

que ficam de fóra; pódem mudar as apparencias, mas não distinguir as pessoas.

Separabit eos. Muitas coisas neste mundo distinguem aos homens: distingue-os a vaidade entre nobres e plebeus; distingue-os a cubiça entre ricos e pobres; distingue-os a politica entre principes e vassallos; distingue-os a tyrannia entre livres e servos; distingue-os a religião entre ecclesiasticos e seculares; distingue-os a sciencia entre doutos e idiotas; mas só a justiça de Deus no dia do Juizo acertará a os distinguir bem, porque os dividirá em bons e máus. Nenhuma coisa tanto desejam os homens, como distinguir-se e extremar-se dos outros: o melhor e mais facil modo para um homem se distinguir é o fazer-se bom. Distinguir-se pela nobreza do sangue, aos que a não tiveram de nascimento, custa-lhes tanto, que chegam muitas vezes a negar os pais; os que se querem distinguir pela sabedoria, vêde quanto lhes custa de estudo: os que pela riqueza, quanto de perigos e trabalhos; só o distinguir-se pela bondade é facil, proveitoso e breve; breve, porque se póde adquirir em um instante; facil, porque basta um acto de contrição: proveitoso, porque só esta distinção serve nesta vida, e mais na outra: as outras distinções, quando muito, distinguir-vos-hão nesta vida; a da virtude e bondade é a que só com tanta gloria vos ha-de distinguir dos máus no dia do Juizo: *Et separabit eos ad invicem: malos de medio justorum.*

Separabit. Esta separação que Deus então ha-de fazer, porque a não faz hoje? Não fôra coisa muito para vêr no mundo, que houvera cidade só de bons, e cidade só de máus, assim como Santo Agostinho pintou Jérusalem cidade de bons, e Babylonia cidade de máus? Não seria grande coisa, que vivessem os homens agora separados, e que houvesse Babylonias e Jérusalens, ainda que as Jérusalens fossem poucas, e de poucos moradores, e as Babylonias muitas, e innumeravelmente frequentadas? Neste pensamento deram os fundadores das religiões, que quizeram fazer povoações, e communidades todas de homens bons; mas nem elles o puderam conseguir: porque se no apostolado houve um Judas, nenhuma communidade é tão santa, nem tão perfeita, em que não haja algum inimigo da santidade e perfeição. As causas de Deus o ordenar assim, que vivam os bons misturados com

os máus, pódem ser muitas. Primeira, para que se conservasse o mundo; porque os bons que vivem entre os máus, são os que sustentam as cidades: *Qui portant orbem, etc.* Segunda, porque de outra maneira não se poderia conservar, nem governar o mundo; porque se os máus fossem conhecidos por máus, quem se havia de fiar delles? Mas permitte Deus que a maldade e a malicia ande encoberta, para que debaixo desta dissimulação se conserve o trato humano. [1]

VI

Congregabuntur

Admiravel coisa é, que em um momento se hajam de ajuntar todas as nações: *Omnes gentes*, e que hajam de estar juntas entre si. Aqui se verão juntas aquellas nações que eram inimicissimas. Os romanos e os carthaginezes; os hespanhoes com os mouros; os francezes com os inglezes, etc. Quantas negociações, quantas embaixadas, quantas mediações de principes, quantas capitulações são necessarias hoje para unir duas nações entre si? E naquelle dia se verão juntas todas as que houve, e ha-de haver no mundo, com perpetuo esquecimento de todos os odios e interesses passados. Pois o que então ha-de fazer a necessidade, porque o não faria hoje a razão? Se a lei de Deus diz, que *habitabit lupus cum agno*, isto é, as nações por feras e barbaras que sejam, umas com as outras; porque ha-de poder mais comnosco a voz de um anjo depois de mortos, que a voz de Deus, em quanto vivos? Mas agora engana-nos a vida, e depois ter-nos-ha a todos desenganados a morte: por isso *congregabuntur omnes gentes;* quando agora se não pódem unir, nem concordar duas, porque essa differença vae de gentes vivas a gentes resuscitadas. Tão differentes seremos de nós mesmos antes ou depois da morte!

---

[1] Vid S. Aug. sup. Psalm. *Ubi plures adducit causas.*

Congregabuntur omnes gentes. Cá neste mundo não se ajuntam todas as gentes umas com outras. Ajuntam-se os grandes com os grandes, os pequenos com os pequenos, os medianos com os medianos; mas naquelle dia todos se ajuntarão sem superioridade ou distinção alguma; porque será o dia de maior temor que houve no mundo: e não ha coisa que assim faça unir aos homens entre si, e ajuntar os grandes com os pequenos, como o perigo e o temor. Na arca de Noë estava o leão com o cordeiro, o lobo com a ovelha, e não se faziam mal; todos cabiam em um tão pequeno logar, como o de uma arca, e todos, como dizem os Doutores, se sustentavam do mesmo alimento, porque era tempo de diluvio; e em tão grande temor e necessidade não só esquecem as paixões, mas ainda as mesmas naturezas parece que se mudam: já o leão alli não era leão, nem o tigre tigre, nem o elephante elephante; assim tambem se ajuntarão naquelle dia os Neros, os Dioclecianos etc., mas nem os Neros serão mais Neros, nem os Dioclecianos Dioclecianos etc.: *Congregabuntur omnes.*

Ante cum. Se ha-de ser dia de castigo, como permittirá Christo que appareçam diante de seu rosto, os que hão-de ser condemnados? A Absalão, depois da morte de Amon, não permittiu David que chegasse a vêr seu rosto: *Faciem meam non videat.* [1] Pois como permittirá Christo, que naquelle dia o vejam os que se hão-de condemnar? Sem duvida para maior rigor; porque não ha maior pena para o coração humano, que vêr o bem para o não tornar a vêr mais: aquillo de S. Paulo: *Dolentes maximè in verbo, quod dixerat, quoniam amplius faciem ejus non essent visuri.* [2] A maior gloria dos bemaventurados consiste na vista de Deus; e a maior pena dos condemnados consistirá nesta vista de Christo; porque só por ella poderão conjecturar qual seria a vista de Deus, de que por sua culpa se privaram: de maneira que as palavras de Christo, *Ite, maledicti*, os condemnarão a pena *sensus*, mas a vista de Christo a pena *damni*, ao menos ao sensivel desta pena; porque os condemnados não pódem conhecer a Deus, como é em si; e sem

---

[1] *2.º Livr. dos Reis,* XIV, 24.
[2] *Act.,* XX, 38.

este conhecimento não pódem apprehender perfeitamente o mal de carecerem de sua vista: logo só pela que tiveram de Christo no dia do Juizo, a poderão melhor conjecturar, fazendo dentro de si esta infelicissima consequencia: *Se tão formoso é o rosto de Deus, em quanto homem, que vimos, que formosura será a do rosto de Deus, em quanto Deus, que não havemos de vêr eternamente?* Donde se infere que a pena de damno dos condemnados terá mais rigorosas apprehensões depois do dia do Juizo, do que tem agora, e terá até áquelle dia; porque ainda que a pena *damni*, em quanto consiste na carencia da vista de Deus, que é mera privação, será sempre egual, antes a mesma; comtudo o conhecimento dessa carencia, em que consiste a pena sensivel, crescerá tanto mais, quanto crescer o conhecimento do bem perdido, e das causas delle: assim como, se S. Pedro se perdêra, como Judas se perdeu, mais havia de sentir naturalmente a perda da gloria, do que Judas; porque S. Pedro viu a Christo transfigurado, e Judas não. Nem obsta seguir-se daqui, que depois do dia do Juizo terão maior inferno os condemnados, que antes, porque verdadeiramente assim ha-de ser: porque hoje penam só na alma, então penarão na alma e no corpo: que muito logo, que por outras circumstancias lhe haja de crescer a pena?

Ante eum. A presença de Christo. O verem-se diante delle os que o offenderam, será maior pena para os condemnados, que o mesmo inferno. A razão é, porque os homens já conheceram a deformidade e fealdade do peccado; e como a culpa é muito maior mal que a pena, não será tanta pena para elles padecerem as do inferno, como serem vistas suas culpas. A Magdalena tanto que começou a conhecer a fealdade de suas culpas, não se atreveu a apparecer diante de Christo; e assim, diz o Evangelista: *et stans retrò;* [1] que será logo naquelle dia estar *ante eum*, diante do mesmo Christo: e isto não só em presença de um pharisêu, mas na de todos os homens do mundo?

---

[1] *Luc.*, VII, 38.

VII

Sicut pastor segregat oves ab hædis

Comparam-se os bons a ovelhas, e os máus a cabritos. Parece que havia de ser a carneiros, porque os homens todos são da mesma especie; mas por isso mesmo não é assim. No mundo ha duas especies de homens debaixo do mesmo genero humano: estas especies são: bons e máus; os bons são homens racionaes, os máus são animaes irracionaes: isto é ser bom, obrar conforme a razão; e o ser máu não é outra coisa, senão obrar contra ella. A especie dos bons são os filhos de Adão innocente, que era homem feito á imagem de Deus: *Creavit Deus hominem ad imaginem, et similitudinem suam.* [1] Que os máus são filhos de Adão peccador fóra do paraiso, que era homem feito á similhança de bruto: *Comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis.* [2] Por isso os animaes obedeceram a Adão antes do peccado, e depois do peccado lhe desobedeceram: porque a obediencia que Deus lhes poz, foi que obedecessem a um homem melhor que elles, e não a um homem animal, como elles. Grande figura disto Nabuchodonosor, etc. Estes animaes irracionaes se dividem em muitas especies, como são muitas as dos peccados. Os soberbos em leões, os iracundos em tigres, etc.

Et statuit oves quidem à dextris suis; hædos autem à sinistris. Agora que se acabou o mundo, se havia elle de começar. Mundo em que para todos os bons ha mão direita, e para todos os máus ha mão esquerda, ó que bem ordenado e bem concertado mundo! Ao menos, porque se não concertaria assim uma republica?

Separabit eos. No dia do Juizo já os máus se hão-de conhecer todos por condemnados, e os bons se hão-de conhecer tambem por bemaventurados; pois porque se não apartarão elles, e se porão logo cada

[1] *Geues.*
[2] *Psal.* XLVIII, 3.

um para o seu logar? Porque os bons não se lhes dá de logares, e os máus nunca se sabem accommodar com o logar que lhes compete: ainda depois de seis mil annos de inferno, se hão-de ir metter no logar dos bons, como se fôra seu. Verdadeiramente que agora me consolo, e nos devemos consolar todos os prégadores do pouco fructo que fazemos. Se seis mil annos de inferno vos não desenganam, nem bastam para que vos conheçaes, que muito que aproveitem pouco nossas palavras com os máus?

Ante eum. Se os condemnados hão-de ver o rosto de Christo, e aquella formosura e magestade, como é possivel, que entre todos não haja de haver um só que se arrependa e o ame? Por falta de liberdade não: porque, como dizem muitos theologos, o inferno não tira a liberdade. Os condemnados naquella hora hão-de ter os maiores motivos com que a vontade se excita, que são, o bem conhecido para o querer, e o mal experimentado para o fugir: pois se naquella hora hão-de ter a experiencia do maior mal, que são as penas do inferno, e o conhecimento claro do maior bem a elles possivel, que é a vista do rosto de Christo; porque o não amam, porque se não arrependem, porque se não convertem? O' que consideração esta para andarmos sempre tremendo! Porque para um homem se converter e amar a Deus, não bastam nenhuns motivos, se falta sua graça, e esta não a dá Deus, senão nesta vida: e nesta vida nem sempre, senão quando elle é servido. Daqui entenderemos a razão de uma queixa, ao parecer justificada. Porque se não deixou Christo no Sacramento descoberto de maneira que o vissemos; porque vendo-o, parece, que não poderiamos deixar de o amar? Enganamo-nos. Tão pouco o haviamos de amar, e tanto o haviamos de offender, se o vissemos, como agora fazemos. Naquelle dia vel-o-hão todos claramente, e só o hão-de amar visto, os que cá o amaram sem o verem; por isso Christo no Sacramento nos nega a vista, e nos dá a graça; porque importa mais para o amarmos, sua graça, do que sua vista: antes a graça sem a vista, e a vista sem a graça não importa nada.

Sicut pastor segregat oves. Tunc dicet Rex eis, qui à dextris ejus erunt. Quando distingue, e aparta uns dos outros, chama-se pastor; e quando os premêa, chama-se rei. Primeiramente o rei ha-de ser como o

pastor; por isso Deus, quando houve de fazer reis, escolheu-os de pastores, como a Saül e David: e o supremo Rei Christo tomou o officio de pastor, e de pastor aceitou o titulo: *Ego sum Pastor bonus*, não querendo aceitar o de rei. O rei e os vassallos são todos homens, e o pastor e o rebanho não. O pastor é homem, o rebanho são animaes: e a differença que faz o entendimento do pastor ás ovelhas, havia de fazer o rei aos vassallos. O pastor pela ovelha arrisca-se, vigia, padece: assim ha-de ser o rei pelo reino, etc. Mas neste caso chama-se pastor, quando distingue; e estima-se rei, quando premêa; porque o principe ha-de premear como rei, e conhecer como pastor. Os reis ordinariamente conhecem pouco, ainda aos que muito os servem. Diga-o Saül com David: *Ex qua stirpe est hic adolescens?* depois de o ter servido tanto. Pelo contrario, o pastor conhece as ovelhas, como quem as creou desdes seu nascimento: *Cognosco oves meas, et cognoscunt me meæ;* por isso os reis fazem tão ruim eleição dos logares, porque não conhecem as pessoas, e assim põem á mão direita os que haviam de pôr á esquerda, etc. E muitos principes ha, que trocando esta doutrina, em vez de conhecerem os vassallos como pastores, e premearem-nos como reis, conhecem como reis, e premêam como pastores. Sei pouco da vida pastoril; mas se é verdade o que nos dizem as eglogas dos poetas, que veem a ser os premios dos pastores, senão um cajado, uma frauta, um vaso de cortiça? Quantos premios ha de rei, que são como estes? Que é uma bengala sem soldo, senão um cajado? Que é um foro em moradia, senão uma frauta, que sôa bem, mas tudo é vento? Que são as outras mercês, senão umas cortiças leves? etc. David foi pastor, e era rei; mas dava como rei, e conhecia como pastor, etc.

Separabit eos. O mesmo Senhor é o que os ha-de distinguir e apartar; porque distinguir os bons dos máus só o póde fazer Deus: a razão é porque a officina da bondade e da malicia é o coração humano, e os corações só Deus os conhece . Por isso Deus, dizendo de todas as creaturas: *Quod esset bonum*, não o disse do homem; porque as outras creaturas teem o seu bem, ou o seu mal no que se vê; o bom e o mal do homem está no que se não vê, que é o coração: daqui veiu dizer o demonio a nossos pais: *Eri-*

tis sicut Dii, scientes bonum, et malum; porque a sciencia do distinguir o máu do bom é só propria da Deidade. Christo, quando o outro lhe disse: *Magister bone*, respondeu: *Quid me vocas bonum?* [1] Porque o julgar da bondade dos homens está fóra da jurisdicção do homem. São os homens neste mundo como o trigo e a cizania na seára do pai de familias, a qual se equivoca tanto nos olhos dos homens, que se elles a houverem de arrancar, é perigo que arranquem o trigo em logar da cizania, isto é, os bons em logar dos máus, e vice versa: *Nè fortè colligentes zizania, eradicetis simul, et triticum.* [2] Por isso Isaias: *Væ, qui dicitis bonum malum, et malum bonum.* [3] Tão cegos são os homens em julgar do bem e do mal!

Separabit. O dia do Juizo será quasi um retrato do que se passa neste mundo. Neste mundo eguala-nos o nascimento, e distingue-nos a fortuna: no outro mundo eguala-nos a morte, e divide-nos o Juizo de Deus: mas ha grande differença entre uma divisão, e outra: que os predestinados e precitos da fortuna, ainda nesta vida, não gosam sempre nem a sua bemaventurança, nem a sua infelicidade; os que hoje são ditosos, ámanhã são desgraçados; os que hoje são desgraçados, ámanhã são ditosos. Na divisão que faz Deus, não é assim: o ditoso foi ditoso para sempre no céo, e o mofino foi mofino para toda a eternidade no inferno. Do paraiso da fortuna ha passagem para o seu inferno, e do seu inferno para o seu paraiso: mas do Paraiso de Deus, por mais que assim o cuidasse o rico avarento, não ha passagem para o Inferno, como nem do Inferno para o Paraiso.

VIII

Segregat oves ab hædis

No outro mundo não ha mais que duas gerações, e dois appellidos: bons e máus. Aquella rede que si-

---

[1] *Math.*, XIX, 16.
[2] *Math.*, XIII, 29.
[3] *Isai.*, V, 20.

gnificava a Igreja, era: *Sagena missa in mare ex omni genere piscium congreganti.* [1] Ajuntou de todos os generos; mas quando chegaram á praia, que significava o dia do Juizo, todos estes generos se converteram em só dois generos; a saber, bons e máus: *Elegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt.* [2]

Oves ab hædis. Já que diz, que á esquerda hão-de estar cabritos, porque não diz, que á direita estarão carneiros, senão ovelhas? Porque põe á mão esquerda os do genero masculino, e á direita os do feminino? Porque das mulheres se hão-de salvar mais que dos homens. Faz duas parabolas Christo, ambas de bodas: em uma introduz as virgens, noutra introduz convidados: das virgens entraram tantas, como ficaram de fóra; dos convidados, foram mais os que ficaram de fóra, do que os que foram admittidos: *Multi sunt vocati, pauci verò electi;* [3] porque estes eram homens, aquellas mulheres: e Christo que sabe quaes são os que se hão-de salvar, etc. A Santa Madre Thereza diz no seu livro, que Christo lhe dissera, que se communicava mais ás mulheres, que aos homens, e juntamente as razões disso: e acrescenta a santa, posto que não as declara, que eram de grande consolação para as mulheres. E assim se vê nas vidas dos santos, que as santas são muito mais mimosas e regaladas de Deus: a razão disto póde ser de haver sido mulher a mais Santa de todas as puras creaturas. Mas fóra esta ha outras muito efficazes entre os christãos; porque as mulheres ordinariamente morrem todas com os Sacramentos, o que não acontece aos homens: nas guerras, em que morrem tantos mil sem confissão; nos naufragios, nas brigas, nos desafios, etc. Teem menos occasião; porque não são juizes, nem advogados, nem presidentes, nem ministros de reis; nem são bispos, nem sacerdotes: a fazenda ordinariamente não corre por suas mãos; e finalmente estão livres das occasiões de offender a Deus; que merecem dobrado inferno, as que lá forem: *Hæc pro devoto fæmineo sexu.* Mais vezes que os homens se pódem salvar pela ignorancia invencivel; e porque teem menos entendi-

---

[1] *Math.*, XIII, 47.
[2] *Ibid.*, 48.
[3] *Math.*, XXII, 14.

mento, teem menos malicia; e porque são mais fracas, movem mais a Divina Misericordia.

Hædos. Porque chama Christo *hædos* aos da mão esquerda? Pudera-lhes chamar lobos, ou pôr-lhes o nome de outro animal. Mas a razão é porque este é symbolo da sensualidade; e o peccado da sensualidade, entre todos é o que mais gente ha-de levar ao inferno. Busquem-se as raizes aos peccados, e achar-se-ha que os mais delles a teem neste vicio. Lá a teve o peccado de Adão, por não desgostar a Eva: *Nè delitias suas contristaret;* lá o peccado de Judas, cuja cubiça (diz Origenes, ou Theophilato) era para ter dinheiro com que sustentar uma mulher, ou sua, ou alheia: o peccado que obrigou a Deus a assolar o mundo com o diluvio, este foi; e este tambem o que fez chover fogo sobre as cidades. Veja-se o que diz Toledo na Summa sobre o peccado de Molicie, que é de parecer, que tem mais almas no Inferno elle só, que todos os outros. Aqui tropeçou David, aqui Salomão, aqui Samsão, etc.

IX

Venite benedicti, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi

Que fazemos por coisas que são tanto menos que um reino? Julgue-o cada um por si, e por qualquer reino da terra, que é o que têm feito os homens? Quantas vidas, quantas fazendas, quantos exercitos, quantas armadas? Os dos Cesares, os dos Alexandres, tudo por conquistar reinos! Se olharmos para toda a Europa, hoje tantos tributos, tantas pobrezas, tantas calamidades, não por conquistar reinos inteiros, mas por acrescentar cada principe uma cidade ao seu. E que por uma cidade deem os homens tantas vidas, e para a conquistarem para outrem em conquista incerta! E que para um homem conquistar um reino para si, melhor que todos os do mundo, fóra da jurisdicção da fortuna, e que ha-de durar para sempre, e que não está armado contra nós, e que não o havemos de entrar pelas boccas das bombardas, mas que

nos está esperando apparelhado: *Paratum vobis;* e que o possamos conquistar só com a vontade nossa, sem braços alheios, sem exercito, sem sangue, sem despeza, sem offensa de Deus, nem dos homens; antes com maior applauso e gloria, que todos os vencedores do mundo, sem mais trabalho, que il-o a possuir, *Venite, possidete*, e que não queiramos! O certo é que somos loucos. Dizemos todos os dias: *Adveniat regnum tuum.* Deus diz-nos: *Venite, possidete regnum*, e não queremos, etc.

Paratum vobis à constitutione mundi. Quanto vae de servir ao rei da terra, ou ao Rei do céo! Os reis da terra muitos annos depois de trabalharmos, não nos dão o premio; o Rei do céo seis mil annos antes de sermos, já nol-o tem apparelhado: *A constitutione mundi.* Cá é necessario trabalhar para o merecimento, trabalhar para o requerimento, trabalhar para o despacho, e ainda depois delle, trabalhar para o fazer effectivo. Com Deus não é assim; só para o merecer haverá algum trabalho, e esse ainda com grandes ajudas de custo, que são os auxilios; depois de merecido, sem requerimento, nem despacho, entramos á posse. Os tristes requerentes do mundo, quantas vezes lhes dizem: *Ite?* Do rei para o secretario, do secretario para o official, do official ao ministro, ao valido; e a ninguem se diz: *Venite.* Isso só o diz Deus; e entre o *venite*, e o *possidete*, não ha mais que uma benção sua: *Venite benedicti;* sendo cá infinitas as maldições: as que vos lançam, e as que lançaes sobre vós.

A constitutione mundi. Tanto que Deus fez o mundo, logo fez juntamente o premio para os que o servissem; porque o maior fundamento de um imperio é o premio dos serviços.

Esurivi enim, et dedisti mihi. Parece-se a justiça de Deus com a injustiça dos homens, que tão misericordiosa é a sua justiça. A causa que dá aos que absolve, é: *Quia dedistis; e aos que* [1].....

[1] Não se achou mais nos manuscriptos do grande Vieira colleccionados pelo padre André de Barros.

SERMÃO

DA

Primeira Sexta Feira da Quaresma *

(Prégado no convento de Odivellas, no anno de 1644)

Diligite inimicos vestros. [1]

I

Temos hoje em controversia os dois mais poderosos affectos, e os dois mais perigosos da vontade humana. Tão poderosos, que se a vontade os vence, é senhora; tão perigosos, que se elles vencem a vontade, é escrava. E que dois affectos são estes? Amor e odio. O amor tem por objecto o bem para o abraçar, o odio tem por objecto o mal para o fugir, e este é o poder universal que se estende sem limite a quanto tem o mundo. Mas como o mal muitas vezes anda bem trajado, e o bem pelo contrario mal vestido, daqui vem, que, enganada a vontade com as apparencias, facilmente ama o mal, como se fôra bem, e aborrece o bem, como se fôra mal, e aqui está o perigo. Os antigos diziam: amae a quem vos ama, e aborrecei a quem vos aborrece, isto é, querei bem a quem vos quer bem, e querei mal a quem vos quer mal. Mas este mesmo dictame, ainda hoje tão seguido, posto que parece fundado em egualdade e justiça, é o maior

---

* Este sermão, tratando de dois preceitos da lei evangelica que dizem respeito ao amor e ao odio, tem muita philosophia, lindos quadros oratorios e é muito pratico, commenta o padre Antonio Honorati. (*Chrysost. Port.*, vol. I, pag. 109.)

[1] *Math.*, v.

e mais perigoso erro que a sabedoria divina veiu allumiar e reformar ao mundo. Neste Evangelho nos manda Christo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos: neste nos manda amar aos que nos têm odio, em outro nos manda ter odio aos que nos amam: e sendo o mesmo Legislador divino o Auctor destes dois preceitos tão encontrados, daqui se deve persuadir a nossa pouca capacidade, que nem sabemos o que é amor, nem sabemos o que é odio; nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer; nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Engana-nos o mal com apparencias de bem, e leva-nos o amor: engana-nos o bem com apparencias de mal, e mette-nos no coração o odio. E que fará a triste vontade enganada assim e captiva? O desengano destes dois erros é o que eu determino prégar hoje; e ensinar, não ás más, senão ás boas vontades, como hão-de saber amar, e como hão-de saber aborrecer. E' materia em que depois de disputada a controversia, vos hei-de descobrir um admiravel segredo. Ajudae-me a pedir a graça. *Ave Maria.*

II

Diligite inimicos vestros

Amae vossos inimigos. [1] Santo Agostinho, com o pezo do seu singular juizo, sondando a profundidade deste preceito, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini, nulla esse mirabiliora, nec difficiliora, quam ut suos quisque diligat inimicos.* [2] Lêde todas as Escripturas Sagradas, ponderae todos os preceitos, conselhos e documentos divinos, e nenhum achareis (diz Agostinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que mandar Deus a um homem de carne e sangue que ame a seus inimigos. Admiravel e difficultoso, diz o santo: e deixando o admiravel para depois (como prometti) reparemos primeiro

[1] *Math.*, v, 44.
[2] Aug. in Ps. 118.

no difficultoso. E' tão difficultoso este preceito, que os gentios o tiveram por impossivel, e muitos hereges tambem, aos quaes refuta doutissimamente e convence S. Jeronymo. Porém em ser difficultoso e muito, o mesmo S. Jeronymo concorda com Santo Agostinho, e com Jeronymo e Agostinho todos os outros santos Padres e Doutores da Igreja. Todos dizem e confessam, que este é o mais rigoroso preceito da lei evangelica, e esta a mais ardua e difficultosa empreza da religião christã. Se entre os homens se acham tão poucos que amem verdadeiramente a seus amigos, quão difficultosa e repugnante coisa será á natureza humana chegar a amar os proprios inimigos?

Ora com isto se representar e praticar assim, eu cuido que esta doutrina, quando menos, é muito duvidosa, e que padece uma grande instancia. Santo Agostinho, nas mesmas palavras que já referi, diz que lèamos todas as Escripturas, e que em nenhuma dellas se achará preceito ou documento mais difficultoso; e eu digo, que para achar preceito e documento mais difficultoso, não é necessario lêr todas as Escripturas, nem muitas, porque basta só um Texto do Evangelho. O mesmo Christo, que disse: *Diligite inimicos vestros*, diz assim no capitulo quatorze de S. Lucas: *Qui non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus:* [1] Quem não aborrece a seu pai e a sua mãi, a sua mulher, e a seus filhos, e a seus irmãos, e a suas irmãs, e, o que é mais, a si mesmo, não póde ser meu discipulo. Este preceito obriga em todos aquelles casos em que o amor dos pais e parentes se encontra com a observancia da lei de Deus. E geralmente é obrigação de todo o christão não corresponder a quem o ama, se illicitamente é amado, ainda que não fosse com perda da graça, senão da perfeição que professa. De maneira que, combinados os canones da lei de Christo, em uma parte manda-nos que amemos a quem nos aborrece: *Diligite inimicos vestros:* e em outra, que aborreçamos a quem nos ama: *Qui non odit patrem, et matrem, non potest meus esse discipulus.* Agora pergun-

[1] *Luc.*, XIV, 26.

to eu: E qual destes dois preceitos é mais difficultoso: aborrecer um homem a quem o ama, ou amar a quem o aborrece? Responder com o odio ao amor, ou com amor ao odio? Antes de resolver a questão, disputemol-a primeiro, e ouvi com attenção o que vou allegar por uma e outra parte; porque vós haveis de ser os juizes.

III

Primeiramente, parece que é mais difficultoso amar a quem me aborrece, do que aborrecer a quem me ama. Provo. O aggravo com que me offende o inimigo, é dôr no coração proprio; a correspondencia com que falto ao amigo, é dôr no coração alheio: e no remedio das dôres sempre se acóde primeiro á que mais lastíma, e sempre é mais sensitiva a que está mais perto. Logo mais natural é no homem o odio ao inimigo, que o amor ao amigo: porque no odio ao inimigo acode-se á dôr propria com a vingança; no amor ao amigo acode-se á dôr alheia com a correspondencia. Mais. Quando amamos a quem nos ama, governa-se a vontade pela razão: quando aborrecemos a quem nos aborrece, move-se o appetite pela ira; e os impetos da ira sempre são mais fortes que os impulsos da razão: sempre obram mais efficazmente os offendidos, que os obrigados: porque a offensa corre por conta da honra; a obrigação por conta do agradecimento: e mais soffrivel é o nome de desagradecido, que a nota de affrontado. Mais ainda. Quando amo a quem me ama, pago o que devo; quando me vingo de quem me offendeu, pagam-me o que me devem: e quem ha que não seja mais inclinado a receber a satisfação, que a pagar a divida? Mais difficultoso é logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama. Só parece que está a experiencia contra esta resolução: porque sendo no mundo mais as offensas que os beneficios, são mais as ingratidões que as vinganças: logo os homens naturalmente parece que são mais ingratos que vingativos. Mas não é assim. Porque para a vingança é necessario poder, e para a ingratidão basta a vontade. E se é menor o numero das vinganças, é

por serem os homens menos poderosos, e não por serem menos inimigos.

Por outra parte parece que é mais difficultoso aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. Provo. Amar a quem me aborrece, é ser humano com quem o não é commigo: aborrecer a quem me ama, é ser cruel com quem m'o não merece: o ser humano é ser homem; o ser cruel é ser fera: logo aborrecer a quem nos ama, tanto mais difficultoso é, quanto mais repugnante á natureza. Mais. E é forte razão esta. Da parte do objecto tanto provoca o odio a aborrecer, como o amor a amar: porém da parte da potencia a vontade é mais inclinada a amar, que a aborrecer; porque o amar é acto natural; o aborrecer violento. Donde se segue, que, convidada egualmente a vontade do odio do inimigo para aborrecer, e do amor do amigo para amar, naturalmente se ha-de inclinar mais a amar ao amigo, que a aborrecer ao inimigo: logo maior violencia padece a vontade em aborrecer a quem nos ama, que em amar a quem nos aborrece. Mais. Amar a quem nos aborrece, é acto de generosidade; aborrecer a quem nos ama, é acto de ingratidão: e que coração haverá tão irracional, que queira antes ser ingrato, que generoso? Quem ha-de trocar a nobreza e fidalguia de uma generosidade, pela vileza e baixeza de uma ingratidão? Finalmente. Mais difficultoso é aborrecer sem causa, que amar com razão. Em quem me aborrece, ha razão para o amar; porque se o aborrecer como inimigo, posso-o amar como proximo: em quem me ama, não ha causa para o aborrecer; porque se o devo amar por proximo, porque o hei-de aborrecer por amigo? Logo mais difficultoso é aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece.

IV

Posta a questão nestes termos, para eu continuar o sermão, é necessario tomar primeiro os votos aos ouvintes; porque onde elles reconhecerem a maior difficuldade, ahi se devem empregar todas as forças do discurso. Que dizeis, pois, nestes dois casos? Tendes por mais difficultoso o amor dos inimigos, ou o odio

dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amam? Todos se callam: ninguem me responde. Mas já vejo que quereis que os votos sejam secretos, para serem mais livres e mais verdadeiros. Vêde se os interpreto e distingo bem. Destas grades para fóra póde ser que haja alguns animos tão briosos ou vingativos, que tenham por mais difficultoso amar inimigos, e perdoar aggravos. Mas das mesmas grades para dentro (que é a melhor e principal parte do auditorio) como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor ha-de ter por si os mais votos, e tanto mais e melhores, quanto mais bem entendidos. Do amor (dizem as almas mais discretas, e de melhor coração) do amor me livre a mim Deus, que pelo odio não me ha-de levar o diabo ao Inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi é incapaz de odio; mas para o isentar do amor, que tem pennas e azas, não bastam cercas nem muros. Dado, pois, e não concedido, que algum amôr modesto e commedido podesse aqui entrar, ou entrasse; não haver de amar neste caso, nem corresponder com amor um coração que é amado, não ha duvida que este é o ponto mais estreito e difficultoso, e este o preceito mais arduo da lei de Deus. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente, e concedendo o vosso silencio. Com que vem a distinguir subtilmente na segunda parte da nossa mesma questão outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso, quanto mais delicado; e tanto mais difficultoso quanto mais repugnante. Não amar, é menos que aborrecer a quem nos ama, e como no preceito de aborrecer se inclue tambem o de não amar, neste não amar, que é o menos, consiste o mais da difficuldade. Assim entendo que o entendem e estão votando os melhores juizos. E porque não pareça que dissimulo a força da vossa razão, para mais facilmente a desfazer; pondo-me primeiro da vossa parte, a quero fortificar e defender quanto ella merece.

Primeiramente, o mesmo legislador desta sagrada republica S. Bernardo, sobre aquellas palavras dos Canticos: *Dilectus meus mihi et ego illi:* [1] ainda das folhas a cima diz que o amor com que a alma ama

[1] *Cant.*, II, 16.

a Deus, nasce do amor com que Deus ama a alma: *Amor Dei amorem animæ parit.* [1] E acrescenta, que por isso a alma ama, porque sabe que é amada: *Nec dubitat se amari quæ amat.* No amor natural, e cá da terra passa o mesmo. Um amor naturalmente chama por outro; e não ha coração nem tão surdo, que, se é chamado, não oiça; nem tão mudo, que, se ouviu, não responda. Até as penhas dos desertos respondem ás vozes, e o mesmo ecco, que parece que é repulsa, é correspondencia. A correspondencia não é outra coisa que a reflexão do mesmo amor, que torna dobrado para donde veiu. E assim como não ha marmore nem bronze tão duro, que, ferido do raio do sol, não responda ao mesmo sol com a reflexão do seu raio, assim não ha coração tão de marmore na dureza, e tão de bronze na resistencia, que, prevenido no amor, o não redobre, e corresponda com outro.

E' tão certa e experimentada esta força do amor, e tão constante no juizo de todos os sabios, que, poetas, oradores, philosophos, e os mesmos Santos Padres a confessam e encarecem. Entre os poetas, todos sabem o epigramma de Marcial: *Ut ameris, ama.* Deixo outras citações de Auctores desta casta, porque são gente que mais professa a lisonja que a verdade. Entre os oradores, o principe de todos, Marco Tullio, escrevendo a Bruto, diz assim: *Clodius valde me amat, quod cum mihi persuasum sit, non dubito quin illum quoque judices à me amari.* Quer dizer: Clodio me ama muito, e como eu estou persuadido a isso, não duvido que vós tambem julgareis que eu o amo. E porque? *Nihil enim minus hominis est, quam non respondere in amore iis, à quibus provocere:* Porque não ha coisa (diz) mais alheia do ser de homem, que não responder com amor a quem o amou primeiro. De maneira, que em sentença daquelle homem, de cuja lingua estavam pendentes as sentenças de todos, o homem que foi amado de outro, ou o ha-de amar tambem, ou deixar de ser homem.

Entre os philosophos Hecaton, referido e seguido por Seneca (que é dobrada auctoridade), disse o mesmo; mas com coturno philosophico, e confiança de mestre dos mestres. As suas palavras, como se apre-

[1] Bern. Serm., 69

goasse e vendesse amôr, são estas: *Ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficæ carmine.* Se alguem deseja que o amem, não peça hervas á natureza, nem confeições á medicina, nem feitiços á arte magica, venha-se a mim, que eu lhe descobrirei um segredo de mais virtude que todas as hervas de mais efficacia, que todos os medicamentos, e de mais e maior força que todos os feitiços. E que segredo é este tão poderoso? *Si vis amari, ama:* Se queres ser amado, ama. Não disse mais o philosopho; e nestas duas palavras comprehendeu toda a philosophia do amôr. Amar, e ser amado, são relações mutuas e reciprocas, que, posta ou supposta uma, logo naturalmente resulta a outra. E assim como o amôr só com amôr se conquista, assim não ha amôr tão forte, ou tão fortificado, que se não renda a outro amôr. Vamos aos Santos Padres.

V

S. João Chrysostomo, sem allegar a Hecaton (tambem grego) disse como propria a sua mesma proposição: *Si vis amari, ama.* Mas provou o que elle não tinha provado com a natureza do mesmo amôr. O amôr essencialmente é união, e a união não póde unir um extremo, sem que una tambem o outro. Por ventura se vos atardes a um homem, póde elle deixar de ficar tambem atado comvosco? Não. Pois da mesma maneira (diz Chrysostomo) se amastes, não podeis deixar de ser amado: *Quomodo enim si velis te ipsum alteri alligari, non aliter poteris, nisi ipsum quoque tibi ipsi alliges.* Assim se uniu e atou Jonathas a David, e David logo ficou unido e atado com Jonathas. Os mesmos termos com que o conta a Escriptura declaram o amôr, e mais a comparação: *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David.* [1] Não diz que Jonathas amou a David, e David a Jonathas; senão que a alma de Jonathas se grudou com a alma de David. Porque assim como uma taboa se não póde grudar com outra, sem que ambas fiquem unidas, assim uma alma

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII, 1.

não póde amar outra alma, sem que ambas se amem. O valor de David moveu a alma de Jonathas a que o amasse, e o amôr de Jonathas obrigou a alma de David a que o correspondesse. Jonathas não amado, amou; mas David depois de amado não póde deixar de amar. O primeiro amôr foi livre; o segundo necessario. Finalmente, conclue o mesmo S. Chrysostomo, que a vontade de cada um é a lei da vontade alheia: *Voluntas tibi sit lex;* porque, segundo cada um quizer ou não quizer amar, assim será, ou não será amado. De sorte que o amar eu, é mandar e obrigar a que me amem. O amor é o preceito; a correspondencia a obrigação; o amar imperio; o ser amado obediencia.

Santo Agostinho em menos palavras não disse menos: *Nulla major est ad amorem invitatio, quam amantem amore prævenire. Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendère, nolit rependère.* O maior e mais certo motivo de ser amado, é anticipar o seu amor quem quer alcançar o alheio. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçam, e por mais usados que sejam, conquistam vaidade e engano; mas não verdadeiro amôr. A formosura entretem os olhos; as dadivas enchem as mãos; a descripção lisongeia os ouvidos; os regalos saboream o gosto; o poder, e a magestade fazem dobrar os joelhos; mas sujeitar e render o coração, só o amôr. E' o coração humano tão generoso, que não se rende senão a seu egual: nem ha outro interesse, força ou arte, com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla major ad amorem invitatio, quam amore prævenire.* A palavra *invitatio* sôa a convite, e o *prævenire* é ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amôr. A razão é (diz Agostinho) porque se no mundo houver algum coração tão duro e durissimo, que nem ame, nem queira amar, nenhum haverá tão alheio de toda a humanidade (ainda que seja esse mesmo) o qual depois de amado não queira responder com amor: *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendère, nolit rependère.* Notae muito aquelle *nolebat*, e este *nolit*. Antes de o amarem poderá haver coração tão duro, que não ame, nem queira amar; mas depois de se vêr amado, ha-de amar, e querer amar, ainda que não quizesse.

E' tanto isto assim (para que eu tambem diga o meu encarecimento) é tanto isto assim, que se Deus creára um coração de ferro, e este coração fosse amado, natural, e necessariamente havia tambem de amar. Fallando Plinio da magnete, ou calamite, ou pedra iman (que me não cabe na bocca o nome do nosso vulgo) descreve o seu amôr com o ferro, ou os seus amôres, desta maneira: *Quid ferri duritia pugnatius? Sed cedit, et patitur amores. Trahitur nanque à magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, tenecturque, et complexu hæret.* Que dureza mais dura que a do ferro? E comtudo esta materia domadora de todas as coisas, tambem se deixa penetrar e padecer de amôr. E' o ferro amado da pedra iman (a quem os francezes discretamente chamam pedra amante) e é tão milagrosa, ou tão amorosa entre ambos a força desta natural sympathia, que a pedra como amante sempre está attrahindo, e o ferro como amado sempre correspondendo. Ella o chama, elle se move; ella o guia, elle a segue; ella o eleva, elle se suspende; ella o ata, elle se deixa prender; se ella pára, elle pára; se sobe, sobe; se desce, desce; se anda á roda, rodéa; sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos; e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. E se isto obra no ferro uma qualidade occulta, que seria no coração, ainda que fosse de ferro, um amôr declarado? Um ferro amado de uma pedra, não póde deixar de pagar amôr com amôr: e poderá um coração humano amado não amar? Todos estaes dizendo, que não: e parece que dizeis bem.

Só tem esta regra, ou opinião geral uma excepção contra si, a qual notou Santo Ambrosio, e depois delle Santo Agostinho, ambos pelas mesmas palavras. Ponderam o caso de José e o valor mais que de homem com que fugiu e largou a capa nas mãos da senhora, e o que sobre tudo encarecem, é que amado não amou: *Adamatus non redamavit.* Logo não é tão certa, nem tão universal a proposição que até agora pretendemos provar, nem tão repugnante, e quasi impossivel ao coração humano, não responder com amor, quando é prevenido com outro; ou deixar de amar, quando é amado. Bem pudéra eu aqui responder, que a excepção de um exemplo, quando é um só, ou rarissimo, não desfaz a regra geral, antes a confirma. E

a mesma admiração com que os santos celebram este caso, e lhe chamam prodigioso, vem a ser nova e maior prova de quão proprio e natural é da vontade e propensão humana seguir sempre e obrar o contrario. Mas, com licença de Ambrosio e Agostinho, eu não consinto em que José amado não amasse, antes digo, que não só amou, mas com muito maior excesso do que foi amado. A egypcia, como vil, accusou a José, e o que começou amôr, degenerou em vingança: José pelo contrario, como honrado, estando innocente, não se desculpou, e o que parecia desamôr, mostrou que era fineza. Fino com Deus, porque não quiz peccar, fino com seu senhor, porque o não quiz offender; e mais fino com a mesma que o amou, porque prezo, carregado de ferros, e quasi condemnado á morte, não se desculpou a si pela não culpar a ella. Pagou-lhe o amôr com lhe encobrir o delicto. Ella cobriu-o com a capa, e elle com o silencio. Tão impossivel é que o amôr, ainda na terra mais dura e mais esteril, e ainda regeitado e rebatido, não produza amôr.

Mas admittido que a egypcia amasse e não fosse amada, e José fosse amado e não amasse, fallando em termos sómente naturaes e humanos, neste caso, ou noutro similhante, qual estado, ou qual fortuna seria mais cruel e mais detestavel, a do que ama e não é amado, ou a do que é amado e não ama? Respondo, que no tal acontecimento (de que Deus livre a todo o coração humano) o que ama e não é amado, seria digno de maior compaixão, e o que é amado e não ama, de maior horror. Amar e não ser amado, é o maior tormento: ser amado e não amar, é a maior injustiça. Mas aquillo é padecer a semrazão, isto é fazel-a: logo melhor é amar e não ser amado, que ser amado e não amar, porque amar e não ser amado é ser martyr; ser amado e não amar, é ser tyranno. Sendo pois um excesso tão alheio da razão, tão indigno da humanidade, e tão contrario a toda a inclinação natural, não pagar amôr com amôr, quem duvida ou póde duvidar, que não só o aborrecer a quem nos ama (que é acto) mas ainda o não amar sómente (que é mera suspensão) seja a maior violencia da liberdade humana, o maior aperto do coração, e a maior tyrannia da natureza?

VI

Ponderadas assim de qualquer modo as tres difficuldades em que até agora nos detivemos (cujo peso e energia mais se póde sentir, que declarar) que faria a vontade humana, cercada ou sitiada por todas as partes, e combatida juntamente de tres violencias tão fortes? Um preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, e o terceiro, que deste se segue, lhe manda não amar, nem corresponder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer destas obediencias por si a fazer desmaiar e estremecer o mais animoso coração, todas juntas que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo, e pela parte do racional, se vê o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem o manda amar o inimigo, parece que o quer insensivel; quem o manda aborrecer o amigo, parece que lhe tira o racional; e quem o manda que amado não ame, parece que o suppõe pedra, ou morto. Que remedio logo para satisfazer a tantas e tão difficultosas obrigações juntas, e para que não fique nellas o entendimento esmorecido, a vontade desesperada, e toda a alma opprimida? Não é tão pouco suave a lei de Deus, que, se difficulta os preceitos, não facilite os remedios. Todas estas difficuldades, que, tão feias e tão medonhas se representam ao coração humano, assim como ellas são tres, assim se vencem com tres palavras, que são as que tomei por thema: *Diligite inimicos vestros.* Manda Christo, Senhor nosso, que amemos nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito, que tem alguma difficuldade, se observam os outros dois, sem nenhuma difficuldade. Disse só com a imitação, porque não é necessaria a observancia deste preceito para observar os outros. Mas se este preceito trata dos inimigos, e os outros dois dos amigos: se este preceito manda amar, e um dos outros aborrecer: se este diz, amae a quem vos tem odio, e o outro diz, não ameis a quem vos ama, como póde ser que na imitação deste preceito consista a observancia dos outros? Não vos parece isto que digo, uma coisa muito maravilhosa? Pois este é o segredo admiravel que vos prometti.

Para intelligencia delle havemos de suppôr em primeiro logar, que ha dois generos de inimigos, uns inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com odio, e outros inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com amôr. Os inimigos que nos querem e fazem mal com odio, são os que Christo nos manda amar, e estes todos sabemos quaes são. Os inimigos que nos querem e fazem mal com amôr, são os que o mesmo Christo nos manda aborrecer, e estes por ventura não sabeis nem imaginaes quaes sejam, e agora o sabereis. Sabeis quem são estes inimigos? São todos aquelles, que, por sangue e parentesco, mais ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por beneficios, ou por esperanças e dependencias, ou por graças e prendas pessoaes, ou por qualquer outro motivo de affeição vos amam desordenadamente. A Esposa santa dizia: *Ordinavit in me charitatem.* [1] O amôr ordenado é caridade, e o amôr desordenado, ainda que a desordem seja, ou pareça leve, nem é caridade, nem é amor, é odio. Como póde ser amar, nem querer bem, o que me priva, ou aparta do summo bem?

Daqui se segue a segunda coisa que havemos de suppôr, e é, que assim como ha dois generos de inimigos, assim ha dois generos de amar, e dois generos de aborrecer. Ha amar bem, e amar mal; e ha aborrecer mal, e aborrecer bem. E em que se distinguem ou differençam este amar, e este aborrecer? Distinguem-se pelos affectos, e tambem pelos effeitos, porque o amar mal, é aborrecer, e o aborrecer bem, é amar. Os antigos pintavam o amôr e o odio egualmente armados, ambos com arco e aljava; mas o amôr diziam que atirava com settas de ouro, as quaes tinham por effeito dar vida, e o odio com settas de ferro, que tinham por effeito matar. Agora pergunto: e se o amor e o odio trocassem as aljavas; que succederia neste caso? Succederia sem duvida o que conta Anacreonte que succedeu ao mesmo amôr com a morte. Caminhavam (diz) o amôr e a morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a fazer noite e albergar na mesma estalagem: levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos e como havia ainda

[1] *Cant.*, II, 4.

pouca luz, succedeu que as aljavas se trocaram: e porque o amôr levou as settas da morte, daqui veiu que dalli por diante as suas feridas foram mortaes. O mesmo digo eu que succederia no nosso caso, não fabulosa, senão verdadeiramente. Se o amôr atirasse com as settas do odio, o amar seria aborrecer; e se o odio atirasse com as settas do amôr, o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo que succederia, é o que succede, e isto mesmo que havia de ser, é o que é, diz Santo Agostinho. Porque o amôr, amando mal, aborrece como se fôra odio, e o odio, aborrecendo bem, ama como se fôra amôr: *Si male amaveris, tunc odisti: si bene oderis, tunc amasti:* Se amastes mal, então aborrecestes: se aborrecestes bem, então amastes. E' sentença expressa e sem variação alguma, tirada do mesmo Texto de Christo. E porque não pareça que o nome de admiravel, que eu dei a este segredo, é posto por mim, o mesmo Agostinho lhe deu o mesmo nome: *Magna et mira sententia.*

Suppostas estas duas verdades, certas e evidentes, em que muitos corações andam tão enganados, e tão cegos, cuidando que amam, e são amados, quando aborrecem, e são aborrecidos, vêde quão facil fica a execução, e quão natural e leve o exercicio de todas aquellas que ao principio nos pareciam difficuldades, violencias, e tyrannias. Pergunto: Não é muito facil não amar eu a quem me não ama, e aborrecer a quem me aborrece? Sim. Pois isto é o que Deus nos manda. Se os que me amam, me amam mal, daqui se segue, que tão facil é não amar eu a quem me ama, como não amar a quem me não ama: porque quem me ama mal, não me ama. E do mesmo modo, tão facil é aborrecer a quem me ama, como aborrecer a quem me aborrece, porque o amor de quem me ama mal, tão fóra está de ser amôr, que antes é aborrecimento e odio. E se alguem disser que ao menos por esta via não guardo o preceito de amar aos inimigos, tambem infere mal e se engana, porque esse mesmo aborrecel-os, e não os amar, é amal-os. A prova é manifesta, mas ha mister attenção. Amar mal, é aborrecer: *Si male amaveris, tunc odisti:* logo quem me ama mal, aborrece-me, e porque me aborrece, é meu inimigo. E' meu inimigo? Logo tenho obrigação de o amar: *Diligite inimicos vestros.* Tenho obrigação de o amar como inimigo? Logo sou obrigado a o abor-

recer bem, assim como elle me ama mal: e se eu o aborreço bem, já o amo, porque aborrecer bem, é amar: *Si bene oderis, tunc amasti.*

VII

Parece-me que temos philosophado assaz, posto que toda esta especulação foi necessaria para chegarmos ao ponto em que estamos. Agora desçamos á pratica delle, que é o que mais importa, e ponhamos o exemplo nas amizades, affeições, e correspondencias que no mundo se usam (e tambem nas que se abusam fóra do mundo) para que a doutrina chegue a todos. Nenhum amor ha mais natural, mais licito, e menos suspeitoso, que o dos pais para com os filhos; e comtudo é coisa que excede toda a admiração, dizer o Divino Mestre, como referimos no principio, que quem não aborrecer seu pai e sua mãi, nao póde ser seu discipulo: *Qui non odit patrem, et matrem, non potest meus esse discipulus.* Abaixo de Deus devemos amar os pais, que depois delle nos deram o ser: como diz logo o mesmo Deus, que para ser seu discipulo, é necessario aborrecer e ter odio aos proprios pais? Bem se está vendo que este Texto ha mister declaração, e nenhum lh'a deu melhor que S. Gregorio Papa. Muitas vezes o amor dos pais é desordenado, e não conforme á lei e amor de Deus. Não são todos como Jephté, que sacrificou a filha unica: nem todos como Abrahão, que não duvidou levar tambem ao sacrificio o seu primogenito. Quantos por estabelecer a successão da casa, impedem o estado religioso ás filhas, e quantos por terem perto de si os filhos, não fazem caso de que elles andem muito longe de Deus? E pais que querem mais á sua casa, que á minha alma; pais que estimam mais o seu gosto, que a minha salvação, pais que, porque me deram a vida temporal, me apartam de segurar eu a eterna: vêde se são merecedores de amor, ou de odio? Ditosas vós, que por amor do Esposo do céo tivestes valor para deixar os pais da terra: ditosas, se por vontade sua os deixastes, e muito mais ditosas, se, contra sua vontade, fugistes delles. Elles voluntariamente deixados sacrificaram em vós o seu amor: e vós violentamente fugindo

delles, consagrastes nelles o vosso odio. Este é o odio santo com que Christo manda aborrecer pai e mãi, aos que se quizerem fazer dignos de sua escóla: e este o verdadeiro aborrecimento com que lhe devem pagar os filhos o seu falso amor. Nem se encontra o preceito de amar os mesmos pais com este preceito, ou conselho de os aborrecer (diz S. Gregorio) porque se elles me aborrecem com amor, justo é que eu os ame com odio: *Quasi enim per odium diligitur, qui dum prava non suggerit, non oditur.* Elles aborrecem-me com amor, porque me amam mal: *Si male amaveris, tunc odisti:* e eu amo-os com odio, porque os aborreço bem: *Si bene oderis, tunc amasti.*

Depois do amôr dos pais (em que se comprehendem todos os gráus do sangue) debaixo do nome commum de amigos, entrarão geralmente, e com maior decoro, todos os outros que amam e são amados. Quando os amigos eram verdadeiros amigos, era tambem o nome desta profissão sagrado e veneravel: *Illud amicitiæ sanctum, et venerabile nomen.* Mas depois que a sincera amisade, a qual entre o côro das virtudes tinha tão honrado logar, se desceu de sua dignidade e acompanhou com os vicios, que, amigo, ou chamado amigo, ha hoje, que assim como é o maior inimigo de si mesmo, o não seja tambem do seu amigo? Tertulliano, fallando de certos hereges que negavam a resurreição da carne, sendo porém grandes amadores della, chamou-lhes discretamente os amicissimos inimigos da carne: *Inimicos carnis, et nihilominus amicissimos ejus.* E posta de parte a herezia, que são os amigos do uso, sem lhe fazermos aggravo, senão amigos inimicissimos, ou amicissimos inimigos? E senão, dizei-me os mais moços (para que guardemos esse respeito ás cãs) dizei-me, e confessae sem rebuço: de que vos servem esses que tendes por amigos mais intimos, e que amisades são as suas? Irem comvosco ao passeio, e á comedia, levarem-vos á casa do jogo, e ás casas ou serralhos da ruim conversação: acompanharem-vos de noite aos furtos da honra alheia, ou á vingança occulta: serem vossos padrinhos no desafio, a que vos levam já excommungado, e vos trazem morto, ou mal ferido: serem os secretarios de todos vossos cuidados e pensamentos, e os conselheiros de todas as traças, enredos, e execu-

ções de vossas loucuras e appetites sem freio: em fim os cumplices inseparaveis de todos vossos vicios e peccados, e as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargam e asseguram; e tudo isto com tal esquecimento da fé, e desprezo da razão, como se não houvera outra vida, nem conta, nem consciencia, nem alma, nem Deus. E se quanto tenho dito é menos do que callo, e vós sabeis: julgae, se póde haver algum inimigo mais cruel e mais inimigo que estes amigos? Não só são os maiores inimigos, mas muito maiores que o maior; porque o maior inimigo póde-vos tirar uma vez a vida do corpo, e estes tiram-vos mil vezes a vida da alma. Ouvi o que lhes diz, e como os trata o apostolo S. Thiago.

Adulteri, nescitis quia amicitia hujus mundi inimica est Dei? Adulteros, não sabeis que a amisade deste mundo, qual é a vossa, é inimiga de Deus? Amisade inimiga lhe chama, porque debaixo do nome de amigos, são os mais crueis inimigos: e não ha inimisade tão contraria, nem hostilidade tão fera, tão nociva, e tão inimiga, como são estas amisades. Mas reparemos no nome extraordinario de adulteros, com que o Apostolo, ou nomêa, ou affronta estes amigos. O qual nome não só parece improprio de amigos, ou inimigos, mas incapazes elles mesmos de se lhe poder applicar. O adulterio não se póde commetter, ou executar, senão entre tres, o adultero, a mulher propria, a quem se nega o legitimo amôr, e a estranha que illicitamente se busca e ama. Pois se este acto tragico se não póde representar com menos de tres figuras: se o adulterio se não póde commetter senão entre tres, como póde haver adulterio entre dois amigos sómente, e esses amados e conformes entre si, e nenhum offendido do outro, nem aborrecido? Por isso o Apostolo quando lhes chamou adulteros, lhes chamou tambem ignorantes: *Adulteri, nescitis;* porque não sabem que o seu amôr é aborrecimento, a sua união discordia, a sua fidelidade traição, e toda a sua amizade o maior odio. O adultero divide os seus affectos, ou a sua paixão, entre duas: a uma offende, a outra regala, a uma é infiel, a outra mostra fidelidade, a uma trata em tudo como amiga, e a outra como inimiga. E estas mesmas contrariedades, que no adulterio se repartem por dois sugeitos; nesta falsa e adulterina amisade, todas se ajuntam e acumulam em

um só, que é reciprocamente cada um dos falsos amigos. Como a sua amisade é inimiga, e o seu amor não é amor, senão odio, o mesmo que em quanto amigo é amado, estimado, defendido, favorecido e servido, e gosa apparentemente os bens do amôr, esse mesmo em quanto inimigo, é aborrecido, offendido, perseguido, mal tratado e destruido, e padece verdadeiramente todos os males do odio. E a razão destes effeitos tão encontrados e tão unidos, não é outra, por ultima conclusão, senão a que temos dito. A amisade de taes amigos e o amôr dos que assim se amam, porque se amam mal, é verdadeiro odio: que muito logo, que tendo-se verdadeiro odio, se queiram mal, e se façam mal? O mesmo que se querem, isso se fazem, assim como se fariam bem, se se quizessem bem. Mas quem se quer mal e se faz mal, porque se ama mal, não se póde querer bem, nem fazer bem, senão aborrecendo-se bem: *Si bene oderis, tunc amasti: si male amaveris, tunc odisti.*

VIII

Tempo é já de colhermos as rèdes. E quantos corações se acharão (póde sèr) enredados e prezos nellas? Mas se os peixes, que entre todos os animaes são ós mais brutos, fazem tanta força pelas romper, e se libertar, que alma haverá tão irracional, e tão insensivel, que sendo a prizão mortal, como é, queira antes a prizão que a liberdade? O que se possue com amôr (diz o nosso S. Bernardo) não se póde deixar sem dôr. E que dôr seria a de hoje (mas que lagrimas tão venturosas, e tão alegres!) se de todos os corações que se amam, se houvesse de fazer um apartamento geral? Este é, e este foi o meu intento em todo o discurso que ouvistes. E se lhe déstes a attenção que vos pedi, bem creio tereis entendido quão facil resolução será a que vos pretendo persuadir. Não digo que se deixem de amar os que se amavam, nem de querer-se bem os que se queriam bem: só digo que se se amavam, se amem, e se se queriam bem, não se queiram mal. Concordem-se logo em se amar os que se amam; mas amem-se como devem, e como convém a ambas as partes. Quem diz que me ama,

porque assim o cuida, ou me quer bem, ou me quer mal: Se me quer mal, quero-o amar como christão: *Diligite inimicos vestros:* se me quer bem, quero-o amar como homem; porque todo o homem, diz Christo, ainda que seja gentio, ama a quem o ama: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonne, et ethnici hoc faciunt?* [1] Na nossa doutrina (que toda é do mesmo Christo) uma e outra coisa vem a ser muito mais facil. Se amar mal, é aborrecer; que difficuldade tem aborrecer a quem me aborrece? Ese aborrecer bem é amar; que difficuldade ha em amar a quem me ama? Por isso digo, que se amem os que se amam; mas de modo que se queiram bem, e não se façam mal.

E porque neste apartamento (que é forçoso) das pessoas: e nesta troca (que ha-de ser voluntaria) de um amar, ou modo de amar, em outro, nem os mal amados se queixem dos que bem os aborrecerem, nem os bem aborrecidos dos que mal os amavam: consolem-se uns e outros com a queixa que fazia David dos que pelo mesmo caso se queixavam delle: *Perfecto odio oderam illos, et inimici facti sunt mihi:* [2] Aborreci com perfeito odio aos que devia aborrecer (Diz David) e elles entenderam isto tão mal, que por isso se fizeram meus inimigos. Pois se vós os aborrecestes, que muito é que elles vos aborreçam? E se vós lhes tivestes odio, que muito que elles tambem vos pagassem com odio, e de amigos vossos se trocassem em inimigos? Muito é (diz David) e de quem entende pouco, o que vae de odio a odio. O odio com que eu os aborreci, foi odio perfeito: *Perfecto odio oderam illos:* e odio perfeito é verdadeiro amôr. Pois se eu os amei, com verdadeiro amôr, e essa é a perfeição do odio com que os aborreci; que causa tiveram elles para se fazerem meus inimigos: *Et inimici facti sunt mihi?* Nenhuma causa têm logo de se queixar, ou aggravar deste odio perfeito, nem os que não professam perfeição, porque tambem elles são obrigados á consciencia: nem (e muito menos) os que a professam; porque seria commetter um sacrilegio, e consentir e concorrer para outro, com dobrada offen-

[1] *Math.*, v, 46 e 47.
[2] *Psal.*, CXXXVIII, 22.

sa e injuria (por não lhe chamar escandalo) da mesma perfeição. O que devem fazer nesta troca do amôr imperfeito e illicito, com o odio perfeito e santo, todos os que amando-se mal se aborreciam, é darem-se o parabem a si, e ao seu mesmo amôr, pois não póde haver parabem mais justo, e bem aceite, que quando o que era mal se trocou em bem; e quando se começam a querer bem sem engano, os que enganados e cegos se queriam mal.

E se o nome de odio (que sempre é odioso) ainda com ser perfeito, lhes causa algum horror; oiçam a suavidade divina, com que a suprema verdade e sabedoria do mesmo Christo lhe tirou todo este medo com outro maior: *Qui amat animam suam, perdet eam: et qui odit animam suam, in vitam æternam custodit eam.* [1] Quem ama a sua alma, perdel-a-ha: e quem lhe tiver odio, salval-a-ha para sempre. Não é melhor o odio que me salva, que o amor que me perde? Não é melhor a triaga amargosa, que me dá vida, que o veneno dôce, que me mata? Pois este é o amor e o veneno, que o Medico divino condemna, e este o odio e a triaga, que receita, approva, e persuade. Oh como é louco e sem juizo todo o amor desordenado! Póde haver maior loucura, que estimar mais a enfermidade que a saude; e mais a morte que a vida? Se vós amaes mal, ao menos não mateis a quem vos ama: *Animam suam*, na lingua em que falla Christo, quer dizer, a alma, a vida, e a pessoa. E porque se não contentará quem vos ama, de ser amado, como vós amaes a vossa alma, como amaes a vossa vida, e como vos amaes a vós mesmo? Não é isto desamar, nem pretendeu Christo, quando o disse, que nos amassemos menos; mas que tizessemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos que se amam. Então amareis a quem vos ama como a vossa vida, como a vossa alma, e como a vós mesmo em alma e corpo, quando amardes e zelardes egualmente, tanto a sua salvação como a vossa, a qual se não consegue, nem póde conseguir, senão por beneficio deste odio: *Quid odit animam suam, in vitam æternam custodit eam.*

Reparae, se tendes fé, naquelle *æternam*. A vida que depende deste odio, não é outra senão a eterna.

[1] *Joan.*, XII, 25.

Esta é a que se perde por quatro dias de amôr; e esta a que por outros tantos de odio se assegura para sempre. E então que digam e cuidem que se querem bem, os que só por se quererem, não querem o summo bem? E que crêamos que nos amamos, e não nos aborrecemos, quando nos aborrecemos para o céo, e nos amamos para o inferno? Se vos amaes, e estimaes tanto o ser amados, por amôr do vosso mesmo amôr deveis fazer estas treguas, e esta suspensão de affectos, entre vós, e com elle. Porque se fordes ao céo, os mesmos que agora vos amaes, lá vos haveis de amar eternamente: e pelo contrario se fordes ao inferno (o que Deus não permitta) lá vos haveis de aborrecer com odio immortal, em quanto o mesmo Deus fôr Deus. Será logo bem, que por um falso amôr de poucos dias, percaes o verdadeiro amôr de toda a eternidade, e que este mesmo amôr com que vos amaes (e só porque vos amaes) se haja de converter em odio eterno?

IX

Mas ainda que não houvera inferno, nem paraiso, nem christandade, nem religião, bastava só ter entendimento e juizo, para que esta apprehensão e chimera que se chama amôr, fosse aborrecida e detestada como rematada loucura. Se no mundo houvera amôr, ainda que acima do mesmo mundo (como dizia) não houvera céo, nem abaixo delle inferno, eu vos concedera que amasseis: mas perder, não digo já a alma, de que agora não fallo, mas a liberdade, a quietação, o socego, o descanço e a vida, e condemnar o triste coração ao perpetuo martyrio de cuidados, confusões, e tormentos, e a estar ou andar sempre penando fóra de si, por uma imaginação phantastica do que não ha, nem é; nem o nome de loucura e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

E para que vos desenganeis que não ha amôr, e que este nome especioso, ainda nos que parece mais fino, é falso, ponhamos o exemplo em ambos os sexos, para que chegue o desengano a todos, e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve por ven-

tura algum amante mais perdido que Adão por Eva? Tão perdido, que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro, e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido, que perdeu o paraiso, e se perdeu a si, e nos perdeu a nós, e todos seus descendentes, por não perder um leve agrado, de quem imaginava então que amava muito. Mas assim como Adão se enganou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amôr. Chegou a occasião de mostrar qual elle era, e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente, que sendo o preceito sob pena de morte, para elle se livrar a si, accusou a Eva: *Mulier, quam dedisti mihi.* [1] Em quanto cuidou que a pena da lei era sómente comminação, grandes apparencias de fineza (que tudo o que dissemos foram só apparencias) mas tanto que viu que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça Eva embora. Pois estes eram, Adão, os vossos amôres, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão affectuosos? Estes eram. Estes eram os de Adão, e estes são os de todos os seus filhos: para que na primeira mulher aprendam as mulheres, e no primeiro homem se desenganem de todos.

E os homens onde conhecerão o amôr das mulheres? Não é necessario repetir o exemplo, porque já o vimos na amante de José. Não reparou na auctoridade, sendo princeza, nem na lealdade, sendo casada, nem na desigualdade, sendo ella senhora, e elle escravo; porque nada disto via. Por isso diz a Escriptura não que poz os olhos em José, senão que lh'os lançou, ou lhe atirou com elles: *Injecit oculos in Joseph:* [2] para significar que em tudo o que fez e pretendeu, obrou como cega. Mas tanto que recuperou a vista, logo viu a falsidade de seu amôr: e como se quizesse vingar a Eva, o mesmo que Adão disse a Deus, disse ella ao marido: *Ingressus est servus hebræus, quem adduxisti, ut illuderet mihi:* [3] Eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que elle se atrevesse a me querer descompôr. Oh falsa! Oh desleal! Oh fementida! Oh traidora! Agora, po-

---

[1] *Gen.*, III, 12.
[2] *Ibid.*, XXXIX, 7.
[3] *Ibid.*, 17.

rém, só verdadeira, quando descobriste o avesso do teu coração, e nelle o interior inconstante, e já mudado, com que a José enganavas, e a ti mesma mentias. Mas que muito é que mudasse tão de repente a scena o amôr de uma mulher, quando o primeiro auctor de similhante tragedia foi o primeiro homem? Se os homens querem outro exemplo, lembrem-se do amôr de Dalila para com Samsão. E se as mulheres quizerem tambem outro, não se esqueçam do amôr de Amon para com Thamar, no mesmo dia com os maiores extremos, amada, e no mesmo com muito maiores, aborrecida. Assim tratou um homem que tinha obrigações de ser honrado, a mulher mais illustre de Israël; e assim pagou uma mulher, de quem se tinha feito a maior confiança, ao homem mais famoso do mundo.

Eu bem oiço que as mulheres, e não os homens, teem a opinião da inconstancia; mas elles são filhos dellas. Olhae que bem o notou Job, com ser homem: *Homo natus de muliere: nunquam in eodem statu permanet.* [1] O homem, filho da mulher, é tão vario, tão mudavel, e tão inconstante, que nunca permanece, nem dura no mesmo estado. Mas se todo o homem nasce de mulher, e de homem; porque lhe chama Job neste caso só nascido de mulher: *Homo natus de muliere?* Porque os homens no sexo sáem aos pais, e na inconstancia ás mãis. Porém, daqui mesmo se colhe, que tão inconstantes são os homens, como as mulheres: os homens por filhos de taes mãis, e as mulheres por mãis de taes filhos: *Homo natus de muliere.* A mulher inconstante por condição; o homem inconstante por nascimento: a mulher, como a lua, por natureza; o homem, como o mar, por influencia. Vêde o que disse Christo a uma mulher, a Samaritana. Era ella não só a mais discreta, de que se lê no Evangelho, senão tambem a mais sabia, pelas questões que altercou com o mesmo Christo. E que lhe disse o Senhor? *Quinque viros habuisti: et nunc quem habes, non est tuus vir.* [2] Além do amigo que agora tens, já tiveste outros cinco. Pois cinco amigos, uns depois dos outros, uma só mulher, e não de muita eda-

[1] *Job.*, XIV, 1 e 2.
[2] *Joan.*, IV, 18.

de? Ahi vereis a inconstancia do amor humano. Mas reparae no que por ventura não advertis. Ou a Samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaram a ella: se elles a deixaram a ella, fiae-vos lá de amôr de homens? E se ella os deixou a elles, quem se fiará de amôr de mulher?

Bem digo eu logo, que isto que no mundo se chama amôr, é uma coisa que não ha, nem é. E' chimera, é mentira, é engano, é uma doença da imaginação, e por isso basta para ser tormento. Póde haver maior tormento que amar, quando menos, em perpetua duvida, amar em perpetua suspeita de ser, ou não ser amado? Pois este é o inferno sem redempção, a que se condemnam todos os que amam humanamente, e tanto mais, quanto mais amarem. Ouvi umas palavras, que tendes ouvido muitas vezes, mas com uma consideração, em que nunca reparastes: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio.* [1] O amôr é forte como a morte, e o ciume, cruel como o inferno. Assim o declara o Texto original hebreu, o grego, o syro, e o arabico: *Crudelis sicut infernus zelotipia.* Todos sabeis, que á morte, a qual é transito e passagem, se seguem outros dois termos, de que se não passa — ou inferno ou paraiso. Pois se o amôr é como a morte: *Fortis est ut mors dilectio;* porque se não segue tambem depois do amôr, ou paraiso ou inferno, senão inferno sómente: *Dura sicut infernus æmulatio?* Porque o amôr desta vida e deste mundo é uma morte, que só tem precitos, e não tem predestinados: é uma morte, pela qual sempre se vae ao inferno, e nunca ao paraiso. O paraiso do amôr (se o houvera) havia de ser amar e ser amado, e amado com certeza de nunca ser aborrecido. Mas como não ha, nem póde haver no mundo, nem este amôr, nem esta certeza, senão as duvidas, os escrupulos, as desconfianças, os receios e as suspeitas de se me amam, ou não me amam, ou de que já me amam menos que dantes, ou de que trocam o meu amôr por outro, ou de que outrem pretende o que eu amo; em que consiste por varios modos o tormento cruelissimo do ciume, este ciume sempre duvidoso, sempre credulo, sempre fixo da imaginação, e nunca satisfeito;

[1] *Cant.*, VIII, 6.

este é o inferno inevitavel e sem redempção, a que todos os que amam, se condemnam e em que são atormentados duramente sem fim, e sem remedio: *Dura sicut infernus æmulatio.*

Pois se o que neste mundo se chama amôr, bem considerado, e conhecido e visto com os olhos abertos, é um inferno, que será se a este inferno ajuntarmos o da outra vida, no qual estão ardendo e arderão por toda a eternidade tantas almas infelizes, que por amarem o que não deviam, e como não deviam, não repararam em se condemnar para sempre? Mas graças ao Divino Mestre, e Luz de nossas cegueiras, que se quizermos sahir do abysmo e labyrintho dellas, ainda estamos em tempo de trocarmos estes dois infernos por outros dois paraisos, um aqui, outro no céo. Aborreçamos com verdadeiro amôr, o que amavamos com verdadeiro odio: queiram-se o verdadeiro bem os que verdadeiramente se queriam mal. E para que desde logo entremos no paraiso presente, livres de penas e cuidados, amemos só aquelle soberano Amante (e mais os que o teem por Esposo) o qual é certo e de fé, que paga uma nossa vontade com duas suas, a divina e a humana: tão fiel, tão constante, tão amoroso, que a todos os que o amam com verdadeiro amôr, posto que limitado, elle não deixou jámais de amar com amôr immenso e infinito. *Ego diligentes me diligo:* [1] diz o mesmo Christo: Eu Deus e Homem, amo a todos os que me amam. E o nosso S. Bernardo prégando aos seus religiosos, e ajuntando á certeza da fé as evidencias do que tinha experimentado, dizia: *Ego amans amari me dubitare non possum, non plusquam amare:* Eu quando amo a Jesus, de nenhum modo posso duvidar que tambem sou amado delle: tão seguro do seu amôr, que não vejo com os olhos, como do meu que sinto no coração.

E sendo isto assim, e o mesmo Christo quem é, e nós christãos, e tendo fé; que seja tal a nossa demencia, que o não amemos a elle, e empreguemos nosso coração em outro amôr! E que haja almas racionaes tão sem juizo, e tão inimigas de Deus e de si, que contra si commettam uma tal deshumanidade, e contra Deus um tão descomedido desprezo! Despre-

[1] *Prov.*, VIII, 17.

zo digo, porque com nome de desprezado e engeitado, se lamenta de nós o mesmo Senhor. Appareceu Christo, Senhor nosso, a Santa Brigida, com rosto compungido e cheio de confusão, e como envergonhado e corrido, lhe disse estas sentidas palavras: *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum, quia nemo me in sua dilectione habere desiderat:* Não estranhes, Filha, que me sáiam ao rosto estes signaes de magua e sentimento, porque todos me desprezam, todos me engeitam, e lançam de si, e não ha quem aceite o meu amôr. Verdadeiramente que quem se não enternece com estas palavras, e não se compadece do Filho de Deus, e não tem lastima ao seu amôr, tão justamente queixoso e maguado, nem é christão, nem é homem. E que seria se nós entrassemos tambem neste numero dos que o engeitam e desprezam?

Senhor, Senhor, não permitta vossa bondade tal, nem nos castigue tão severamente a justa indignação de vosso amôr. Todos prostrados a vossos pés nos arrependemos, não de o ter desprezado, não, que sempre o estimamos e adoramos como nosso; mas de o ter tão cegamente offendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratidão, só menor que vossa misericordia. Ella nos valha com vosso piedosissimo coração. E nós com todos os nossos, desde esta hora para sempre, abjuramos, renunciamos, e condemnamos a perpetuo esquecimento todo o outro affecto, todo o outro desejo, e todo o outro pensamento, que não fôr de só a vós amar e querer. Morra nesta hora, e acabe-se nesta geral despedida para sempre todo o amôr, que não fôr de Jesus. E desengane-se toda a outra affeição, vista, conversação, ou correspondencia humana, que só com o aborrecimento daqui por diante será amada na terra, para que o falso e breve amôr, convertido em verdadeiro, se continue eternamente e dure sem fim no céo.

SERMÃO

DE

Primeira Sexta Feira da Quaresma *

(Prégado em Lisboa, na Capella Real, no Anno de 1649)

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est. [1]

I

Difficultoso preceito! Difficultoso motivo! Difficultoso exemplo! Difficultoso preceito: *Diligite inimicos vestros.* [2] Difficultoso motivo: *Ego autem dico vobis.* Difficultoso exemplo: *Ut sitis filii Patris vestri.* Negar ou despresar a difficuldade, não é arte, nem valor, nem razão. Reconhecel-a e impugnal-a: confessal-a e convencel-a, sim. Isto é o que pretendo fazer hoje, por isso á difficuldade do preceito ajuntei a do motivo e do exemplo. Estas tres difficuldades, todas grandes, e cada uma maior, primeiro propostas e encarecidas, depois impugnadas e convencidas, serão, com a graça divina, as tres partes do meu discurso. Oiçam-me com attenção os maiores e os melhores, porque esses são os que teem mais inimigos.

---

* Na opinião de Honorati é este um dos sermões de Vieira mais sublimes e eloquentes, sobretudo nos numeros II, III, IV, V, VI, E' impossivel achar argumentos mais nobres, varios e poderosos, tirados da philosophia natural e da revelação. *(Chrysost. Port.,* vol. I, pag. 69.)

[1] *Math.,* v.

[2] *Math.,* v, 44 e 45.

II

Começando pela primeira parte, é tão difficultoso preceito o de amar os inimigos, que em todas as leis o repugnaram os homens, e se armaram contra esta lei. Na lei da natureza a abominaram os gentios: na lei escripta a descompuzeram os judeus: na lei da graça a despresam e teem por affronta os christãos. Abominaram tanto este preceito os gentios, que o lançavam em rosto aos christãos, como escreve S. Justino, e diziam que era lei barbara, irracional, e impossivel. [1] E' verdade que na mesma lei da natureza a observou Job, idumeu e gentio; mas era Job o que a observou: *Si gavisus sum ad ruinam ejus, qui me oderat, et exultavi, quod invenisset eum malum.* [2] Outros exemplos se acham deste amôr nos escriptores gentilicos; mas, como bem os argue S. Gregorio Nazianzeno, nos historicos foi mentira, nos oradores lisonja, e nos philosophos vaidade. Assim o suppoz o mesmo Christo hoje, quando disse: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonnè et ethnici hoc faciunt?* [3]

Os judeus tambem tinham expressa esta lei, como parte da natural e moral. No capitulo vinte e tres do Exodo: *Si occurreris bovi inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum* [4] E no capitulo vinte e cinco dos Proverbios: *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum.* [5] Mas foi tanto o horror que concebeu aquella gente, tanta a violencia que experimentou, e tanto o odio com que aborreceu este amôr, que, sem respeito a Moysés, nem a Deus, para mais coradamente quererem mal a seus inimigos, se fizeram inimigos da mesma lei. Conservaram o Texto, mas adulteraram e corromperam o sentido. Esta foi aquella glossa sem nome, que Christo hoje emendou tão antiga como im-

---

[1] Justin. in Apol. pro Christ.

[2] *Job.*, XXXI, 29.

[3] *Math*, V, 46 e 47.

[4] *Exod.*, XXIII, 4.

[5] *Prov.*, XXV, 21.

pia: *Auditis quia dictum est antiquis, diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum.* [1]

Finalmente, nós os christãos, que professamos, crêmos e adoramos o Evangelho, como o observamos nesta parte? Os odios publicos o dizem, e os occultos não o calam. Comnosco fallou Christo, quando disse: *Ego autem dico vobis;* porque então prégou a sua lei, e ensinou a todos a ser christãos. Mas tem chegado a tal extremo de insania o desprezo deste ponto, que honrando-nos da lei, fazemos honra de a não guardar. Se foramos verdadeiros christãos, cessava entre nós este preceito; porque não havia de haver inimigos a quem amar. Assim o presumiu Tertulliano, quando disse: *Christianus nullius est hostis.* Disse que nenhum christão é inimigo: melhor dissera, que nenhum inimigo é christão. Porém Christo, que tão interiormente conhecia a perversa inclinação da natureza humana, e tão experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia e difficuldade do que mandava, por isso suppoz que sempre havia de haver inimigos: *Diligite inimicos vestros.*

Temos posto em campo contra a verdade e equidade deste famoso preceito, divididos em tres esquadrões, porém unidos no mesmo parecer, debaixo da bandeira da lei da natureza, os gentios; debaixo das Taboas da lei escripta, os judeus; debaixo da cruz e lei da graça os christãos; em summa, o genero humano todo. E na testa deste immenso exercito, como o gigante Golias ao dos philisteus, desafiando a parte contraria, e blasonando e defendendo a sua, quem? Não menos que a mesma razão natural e humana, armada no peito de difficuldades, e na cabeça de impossiveis; e arguindo e declamando fortemente assim: (Vede se sendo eu o que hei-de responder, lhe enfraqueço alguma força, ou encubro e dissimulo algum argumento dos que pódem apertar e encarecer).

E' possivel (diz a razão revestida em cada um de nós, ou cada um de nós nella), é possivel que haja eu de amar a quem me aborrece; desejar bem a quem me faz todo o mal que póde; honrar a quem me calumnia; interceder por quem me persegue; e não me desaffrontar de quem me affronta? E que tudo isto ha-de

[1] *Math.*, v, 33 e 43.

caber em um coração de barro? Abalam-se e rebentam os montes; sae de si o mar; enfurecem-se os ventos; fulminam as nuvens; escurece-se e descompõe-se o céo; nem cabe em si mesmo o mundo com quatro vapores insensiveis que se levantam da terra: e que em um vaso tão estreito e tão sensitivo como o coração humano, hajam de caber juntas, e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo, que dizeis a este preceito? Ajunte-se a republica interior e exterior do homem, chame a côrtes ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos, e sejam ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. Que é o que dizem? Todos repugnam, todos reclamam, todos se alteram, todos se unem e conjuram em odio e ruina do inimigo. A memoria, sem jámais se esquecer, representa o aggravo; o entendimento pondera a offensa; a phantasia affêa a injuria; a vontade implora, e impera a vingança. Salta o coração, bate o peito, mudam-se as côres, chamejam os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a bocca, morde-se a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fumegam os espiritos; os pés, as mãos, os braços, tudo é ira, tudo fogo, tudo veneno.

Accende e provoca esta batalha a trombeta da fama, dizendo e bradando, que é honra: põe-se da parte do odio e da vingança o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por lei. Sobretudo, o tribunal supremo da razão assim o prova; porque amigo de amigos, e inimigo de inimigos, é voz que sôa justiça, merecimento, proporção, egualdade. Finalmente, o mesmo Deus condemna a meu inimigo, porque é meu inimigo: pois se Deus o condemna e aborrece, porque o hei-de amar eu? Deus que isto manda, não é o Auctor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida e governada pelo mesmo Deus? Vingam-se por instincto natural as feras na terra; vingam-se as aves no ar; vingam-se os peixes no mar; vinga-se a mansidão dos animaes domesticos; vinga-se e cabe ira em uma formiga; e basta que a natureza viva naquelles atomos, para que nelles offendida se dôa, nelles aggravada morda, nelles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza, onde é incapaz de razão, não é capaz de soffrer semrazões; que o homem, creatura racional, a mais nobre, a mais

viva, e a mais sensitiva de todas, com a balança da mesma razão no juizo, não haja de pesar aggravos, antes contra a força e violencia do mesmo peso haja de pagar odios com amôr: *Diligite inimicos vestros?!* Não é homem, quem aqui não pasma, ou não diga, olhando para si: Não posso.

III

Estas são as difficuldades que todos reconhecem, e chamam grandes neste preceito, que verdadeiramente é o grande. Mas com estarem tão declaradas, e por ventura encarecidas, eu espero mostrar e demonstrar, que não só não é tão difficultoso como parece, o amor aos inimigos, senão muito facil e natural ao homem, e tanto mais, quanto fôr mais homem. Primeiramente isto de ter inimigos, é uma semrazão ou injuria tão honrada, que ninguem se deve doer ou offender della. Quem a não aceita como adulação e lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração, ou pouco juizo. Se o ter inimigos é tentação, antes é tentação de vaidade, que de vingança. E' motivo de dar graças a Deus, e não de lhes ter odio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos? Ordinariamente é porque vêem em vós algum bem que elles quizeram ter, e lhes falta. A quem não tem bens, ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo Texto o temos. Não só diz Christo que amemos a nossos inimigos, senão tambem que lhes façamos bem: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.* Esta segunda parte parece mais difficultosa que a primeira, e talvez não só difficultosa, senão impossivel; porque para amar basta a vontade, para fazer bem, é necessario ter com que o fazer. E se eu acaso fôr tão pobre e miseravel que não tenha bem algum; como posso fazer bem a meus inimigos? Enganaes-vos. Ninguem tem inimigos, que lhes não possa fazer bem; porque quem não tem bens, não tem inimigos. Tendes inimigos? Pois algum bem tendes vós, porque elles vos querem mal. E porque esta supposição universalmente é certa, por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que não só os amem, senão que lhes façam bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.*

Quem tem bens, assim como é certo que ha-de ter inimigos, assim é certo que póde fazer bem.

O primeiro inimigo que houve neste mundo foi Lucifer. Elle o primeiro traidor que se revestiu da serpente, elle o primeiro falsario que enganou a Eva, elle o primeiro ladrão e homicida, que não só roubou a Adão quanto possuia, mas até o despojou da mesma immortalidade. E porque quiz tanto mal Lucifer a Adão, que lhe não tinha feito nenhum mal? Porque tinha Deus revelado ao mesmo Lucifer, que se havia de fazer homem, e não anjo. Bem se viu na promessa da divindade: *Eritis sicut dii;* [1] que essa era a espinha que elle trazia atravessada na garganta: e como Adão teve aquella fortuna que Lucifer pretendeu, e não pòde alcançar, claro está que havia de ser seu inimigo. O primeiro inimigo tambem que houve entre os homens foi Cain: e porque teve tanto odio Cain a Abel, sendo seu irmão? Porque elle só podia offertar hortaliças, e Abel sacrificava cordeiros. Isto, e não a graça de Deus, era o que mais lhe doia e quebrava os olhos, como cavador emfim, que os não levantava da terra. O mesmo Cain se declarou, quando disse: *Ecce ejicis me à facie terræ, et á facie tua abscondar.* [2] E não debalde para executar o homicidio levou o irmão ao campo: *Egrediamur foras:* [3] para que no mesmo logar onde pastavam os rebanhos, causa do odio, alli desaffrontasse a sua inveja. Tambem José padeceu os odios, não de um, mas de dez irmãos, entre os quaes, antes de o venderem, sempre andou vendido. E porque causa? Porque elle só valia mais que todos elles. Por isso era mais estimado do pai, e o trazia mais bem vestido que todos. Grande caso, que porque o seu pelote não era de panno da serra, como o dos outros, se resolvessem, sendo irmãos, a lh'o tingir no proprio sangue!

Se cavarmos bem ao pé de todas as inimisades e odios do mundo, acharemos que estas são as raizes. Assim como o motivo de amar é o bem proprio, assim o de aborrecer são os bens alheios. Nem Saül havia de aborrecer a David se não fôra mais valente: nem

---

[1] *Gen.*, III, 5.
[2] *Ibid.*, IV, 14.
[3] *Ibid.*, 8.

Abimelech a Isaac, se não fôra mais rico; nem os Satrapas a Daniel, se não fôra mais sabio. Quando el-rei Assuero nomeou a Aman por primeiro ministro de todo o imperio, diz o Texto original, que o exaltou e levantou o seu solio sobre todos os grandes da côrte: *Exaltavit Aman, et posuit solium ejus super omnes principes.* [1] E que se seguiu a esta exaltação, e preferencia superior aos demais? Coisa maravilhosa! O mesmo Espirito Santo quiz que soubessemos o que logo foram por dentro os que nesta eleição ficaram de fóra. Em logar das palavras referidas, tresladaram os setenta Interpretes tambem com auctoridade divina: *Exaltavit eum, et prior sedebat omnibus inimicis suis.* Lá, diz o Texto, que o exaltou sobre todos os grandes da côrte; e cá diz a interpretação, que sobre todos seus inimigos. De maneira que nomear Assuero a Aman por maior que todos os outros, foi fazer que todos os outros fossem inimigos de Aman. Pela portaria das mercês entraram logo os odios; e ao pé das provisões se assignaram todos os seus inimigos. Não porque Aman lhes fizesse algum mal para lhe quererem mal; mas porque o rei e a fortuna lhe quiz mais bem, e fez mais bem que a elles.

Se passarmos dos solios aos estrados, tambem acharemos nos toucados estes malmequeres. Nenhuma gentileza ha tão confiada, a que não piquem os alfinetes de vêr a outrem mais bem prendida. Tambem o exemplo é de duas irmãs da mesma confraria. Rachel não era amiga de Lia, nem Lia de Rachel. E porque? Porque a cada uma dellas faltava o bem que lograva a outra. A Lia não lhe parecia bem Rachel, porque era formosa; e Rachel não gostava de Lia, porque era fecunda. Deus repartiu entre as duas irmãs os dois bens que ellas mais estimavam: e ellas em logar de se darem os parabens, tomaram delles occasião para não se quererem bem.

Todos os bens, ou sejam da natureza, ou da fortuna, ou da graça, são beneficios de Deus; e a ninguem concedeu Deus esses beneficios sem a pensão de ter inimigos. Mofino e miseravel aquelle que os não teve. Ter inimigos parece um genero de desgraça; mas não os ter, é indicio certo de outra muito maior.

---

[1] *Esth.*, III, 1.

Oiçamos a Seneca, não como mestre da Estoica, mas como estoico da Côrte Romana. Uma das mais notaveis sentenças deste grande philosopho é: *Miserum te judico, quia non fuisti miser:* Eu te julgo por infeliz e desgraçado, porque nunca o foste. Este *porque*, antes de explicado é difficultoso; mas depois de explicado, muito mais. Como póde um homem ser desgraçado, porque o não é? Porque ha desgraças tão honradas, que tel-as ou padecel-as, é ventura: não as ter nem as padecer, é desgraça. E esta de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou: *Transiisti sine adversario vitam:* Foste tão mofino, que passaste toda a vida sem ter inimigo. Não ter inimigos, tem-se por felicidade; mas é uma tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Póde haver maior desgraça que não ter um homem bem algum digno de inveja? Pois isso é o que se argue de não ter inimigos: *Miserum te judico, quia non fuisti miser: transiisti sine adversario vitam.* Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela causa, sendo amado e estimado como era de toda a Grecia, respondeu: Por isso mesmo. Signal é o vêr-me amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada, que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceu Themistocles, e com elle a fama de suas victorias; e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavam contra elle na patria. Para que vejam os odiados ou pensionados do odio, se se devem prezar ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eram as trombetas da fama de Themistocles; e os vossos são testemunhas em causa propria de vos ter dado Deus os bens que lhes negou a elles.

IV

Supposto, pois, que o ter inimigos, é pensão dos beneficios que recebemos de Deus; segue-se saber a quem havemos de pagar esta pensão, e em que. A pensão havemol-a de pagar a Deus, que nos fez o beneficio; e a paga ha-de ser em amôr dos inimigos, que o mesmo Deus nos manda amar: *Diligite inimicos vestros.* Elles querem-vos mal pelos bens em

que Deus vos avantajou a elles? Pois vós haveis de pagar a pensão desses bens a Deus, em querer e fazer bem aos que vos querem mal. Um dos homens mais beneficiados de Deus que houve neste mundo foi David; e uma das mais famosas acções de David, foi o desafio seu com o gigante, e a victoria que alcançou delle. E que se seguiu de uma façanha tão notavel, e tão importante á honra, á liberdade, e á conservação do reino de Israël? Da parte del-rei Saül foi a inveja e odio mortal contra David; e da parte de David o amôr e respeito com que sempre guardou e perdoou a vida a Saül. Tinha Deus dado licença a David para que tirasse a vida a Saül, a quem havia de succeder na corôa; e elle que fez, tendo-o muitas vezes debaixo da lança? Sempre lhe guardou a vida muito melhor que os capitães e soldados da sua guarda. [1] Assim se viu naquella noite, em que estando Saül em campanha, David occultamente entrou na tenda real, e dormindo elle, lhe tomou da cabeceira a lança, e com ella na mão bradou de fóra ao general Abner que guardasse melhor ao seu rei. Esta acção antepõe S. João Chrysostomo justamente á do sacrificio de Abrahão: porque maior valor e maior bizarria é não tirar um homem a vida a seu inimigo, tendo licença de Deus, que tirar a vida a seu filho, sendo mandado por Deus.

Pois se Deus tinha dado esta licença a David, porque não usa della? Porque o mesmo Deus, que por uma parte lhe dava licença para que matasse a seu inimigo, por outra lhe atava as mãos para que o não fizesse. A licença de matar o inimigo era privilegio; o não o matar, antes amal-o e fazer-lhe bem, era lei geral: e David teve por melhor guardar a lei sem obrigação, que usar do privilegio; porque se o privilegio o desobrigava de se não vingar do odio de seu inimigo, a pensão de pagar e agradecer a Deus a causa do mesmo odio, era nova circumstancia da mesma lei, que mais nobre e mais apertadamente o obrigava a o amar, e lhe querer bem. Como se dissera David: Qual foi a causa da inveja e odio com que me persegue Saül? Foi aquella singular mercê que Deus me fez na victoria que em seu nome alcancei do gigante: pois

[1] *1.º Livro dos Reis,* XXVI, 7 e 14.

já que Saül é tão ingrato que me paga um tão grande serviço com me querer mal, eu hei-de ser tão agradecido a Deus, e á causa dessa mesma ingratidão, que a hei-de pagar com lhe fazer bem: *Inverso gratus officio*, disse com profunda elegancia S. Zeno Veronense.

Julgue agora todo o homem (e tanto mais quanto fôr mais homem), se é coisa difficultosa e impossivel, antes muito facil e natural, amar os inimigos, sendo este amôr pensão dos beneficios de Deus, e os mesmos beneficios occasião desse odio. Pergunto (e haja quem me responda): Esses bens porque vos não querem bem vossos inimigos, quem vol-os deu? Deus. Pergunto mais: E esse preceito de amar os mesmos inimigos, quem vol-o poz? Tambem Deus. Pois se vossos inimigos não vos amam, por amôr dos bens que Deus vos deu, porque não amareis vós a esses inimigos por amôr do Deus que vos deu os bens? Se esses bens são poderosos para causar odio em quem os inveja; porque não serão poderosos para causar amôr em quem os logra? Lograe-os, e não os queiraes perder; porque quem não paga a pensão, merece que o privem do beneficio. O mesmo David o disse assim, e confessou diante de Deus: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis:* [1] Se eu, Senhor, não dei a meus inimigos bem por mal, senão mal por mal, justamente me derribareis do estado em que me tendes posto, e me privareis e despojareis de todos os bens que me tendes dado: *Decidam meritò ab inimicis meis inanis.* Reparemos muito naquelle *meritò*, justamente. E qual é o fundamento dessa justiça? E' a lei do amôr dos inimigos, e de querer e fazer bem aos que nos querem mal. E como Deus nos dá os bens com esta pensão, e com esta obrigação, justamente são privados do beneficio os que não guardam a obrigação e pensão com que lhes foi dado.

Pelo contrario (notae muito o que quero dizer) pelo contrario se guardardes a lei de amar os inimigos, não só vos não tirará Deus os bens, porque elles vos querem mal, senão que de tal sorte vos acrescentará os mesmos bens, que a vós serão premio do vosso

[1] *Psal.*, VII, 5.

amôr, e a elles castigo do seu odio. Lembra-me a este proposito um discreto e galante memorial apresentado ao imperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma um inimigo, o qual se dóe muito das mercês que vossa magestade lhe faz: pede a vossa magestade lh'as faça maiores, para que o dito seu inimigo se doa mais: *Da Cæsar tanto tu, magis ut doleat.* Isto mesmo faz a justiça, e liberalidade divina. Acrescenta os bens ao invejado, para maior castigo, e maior dôr do inimigo invejoso. Para que a prova mostrasse a coherencia e consequencia natural deste discurso, quiz que nol-a désse o mesmo David, e no mesmo Saül. Mas vindo á combinação do caso, achei que ainda prova mais do que eu tinha promettido; porque não só prova que acrescenta Deus os bens ao invejado, para maior castigo e dôr do invejoso; mas que diminue e tira tambem os bens ao invejoso, para maior honra, e vingança do invejado. Seja pois isto o que digo.

Quando David dentro na mesma cova em que tinha a Saül já sepultado antes de morto, lhe perdoou a vida; disse-lhe Saül, que então conheceu e soube de certo que elle havia de reinar, e Deus lhe havia de dar a sua corôa: *Scio quòd certissimè regnaturus sis:* [1] Agora acabei de entender certissimamente que tu, e não eu, has-de ser o rei. E donde colheu Saül esta consequencia tão certa? De duas premissas: uma da sua parte, outra da parte de David. Da sua parte, porque Saül dava mal por bem a David: e da parte de David, porque elle dava bem por mal a Saül. E não podia haver mais justo premio para um, nem mais justo castigo para outro, que acrescentar os bens ao invejado, para maior dôr do invejoso; e tirar os bens ao invejoso para maior vingança do invejado. Não é isto interpretação de doutores, senão Texto expresso da Escriptura Sagrada no capitulo terceiro do segundo livro dos Reis: *Facta est longa concertatio inter domum Saül, et domum David:* [2] Houve grande competencia entre a casa de Saül e a casa de David: *David proficiscens, et se ipso semper robustior:* [3] Da-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIV, 21.
[2] *2.º Livr. dos Reis*, III, 1.
[3] *Ibid.*

vid e a sua casa sempre crescendo, e cada dia mais forte: *Domus autem Saül decrescens quotidie:* [1] E a casa de Saül sempre diminuindo, e cada dia mais fraca. Para que vejam os que se amam a si, e desejam o seu augmento e das suas casas, se é melhor ser inimigo, como Saül, ou amar os inimigos, como David.

E para que tambem neste exemplo passemos dos solios aos estrados, onde não são menores os odios e as invejas: Elcana, principe do povo de Israël, ao uso daquelles tempos, tinha duas mulheres, uma chamada Anna, esteril como Rachel, outra chamada Phenenna, fecunda como Lia. Anna, triste pela sua desgraça, encommendava-se a Deus, mas não queria mal a Phenenna: Phenenna, soberba com a sua fortuna, despresava e tratava mal a Anna. E qual foi o successo de ambas? Tambem é Texto expresso: *Donec sterilis peperit plurimos, et quæ multos habebat filios, infirmata est.* [2] Trocou as mãos a divina justiça e a Phenenna tirou-lhe os filhos que tinha, e a Anna deulhe os que não tinha. Mas com tal proporção e energia da divina justiça, diz a tradição dos hebreus, que a cada filho que nascia a Anna, morriam dois a Phenenna. Concorda com esta tradição muito ajustadamente a mesma Historia Sagrada; porque della consta que os filhos que tinha Phenenna, eram dez, e os que depois teve Anna foram cinco. De sorte que ao mesmo compasso com que Deus ia favorecendo e levantando a Anna, que não queria mal a Phenenna, ia justamente castigando e abatendo a Phenenna, que tratava mal a Anna: até aqui a que carecia de filhos, teve muitos; e a que contava tantos, ficou sem nenhum: *Donec sterilis peperit plurimos, et quæ multos habebat filios, infirmata est.*

Finalmente, que de todo este discurso (mais largo do que eu pretendia) deve colher e entender a natureza humana, em um e outro sexo, contra a razão enganada nas suas falsas balanças, contra o mundo louco nas suas leis ignorantes e vis, e contra o exemplo brutal e indigno dos animaes, se é mais natural, mais util, mais facil, mais generoso, mais honrado e des-

---

[1] *Ibid.*
[2] *1.º Livr. dos Reis,* II, 5.

cançado conselho, ou querer e fazer mal aos que nos querem mal, ou querer e fazer bem, e amar de coração e de obras, como manda o preceito de Christo, a nossos inimigos: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.*

V

A esta primeira difficuldade do preceito, segue-se a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis.* Os antigos disseram: Sê amigo de teus amigos, e inimigo de teus inimigos; porém eu (diz Christo) digo o contrario. E em dizer Christo o contrario absoluta e nuamente, sem dar a razão do seu dito, aqui está a difficuldade. Se o Divino Mestre refuta e condemna uma opinião tão antiga e recebida, porque não dá a razão? Se o faz como legislador, os legisladores põem a lei e dão a razão da lei, principalmente quando revogam uma, e promulgam e introduzem outra. Pois se a lei de amar os proprios inimigos era tão nova, e se reputava por tão repugnante e difficultosa a sua observancia; porque não declara Christo a razão, ou razões da justiça, da conveniencia, da importancia, da necessidade, e não dá outro motivo do que diz, senão: eu o digo: *Ego autem dico vobis?*

Infinitas são as razões e motivos que o Senhor pudéra dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo (pudéra dizer) para que elle tambem te ame: porque não ha modo, nem meio, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo; porque amando a elle, me amas a mim; e se elle te não merece que o ames, mereço-te eu que me ames nelle. Ama a teu inimigo; porque se elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu: o teu te mette no inferno, e o seu não. Ama a teu inimigo; porque amigos já os não ha, e se não amares os inimigos, estará ociosa a tua vontade, que é a mais nobre potencia, e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce e mais suave, que é o amôr. Ama a teu inimigo; porque o não ajudes contra ti, e tenhas dois inimigos, um que te queira mal, e outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo; porque se elle o faz com razão, deves

emendar-te; e se contra razão, emendal-o. Ama a teu inimigo; porque se o seu odio vil é filho da inveja, mostre o teu amôr generoso, que por isso não é digno de vingança, senão de compaixão.

Ama a teu inimigo; porque ou elle é executor da Divina Justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da sua Providencia, para exercitar a tua paciencia, e corôar a tua constancia. Ama a teu inimigo; porque Deus perdôa a quem perdôa, e mais nos perdôa elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo; porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, e se lhe respondes com amôr, são de oiro. Ama a teu inimigo; porque melhor é a paz, que a guerra; e nesta guerra a victoria é fraqueza, e o ficar vencido, triumpho. Ama a teu inimigo; porque elle em te querer mal imita o demonio; e tu em lhe querer bem pareces-te com Deus. Ama a teu inimigo; porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, é mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos: elle estranha e condemna os teus defeitos, e elles os adulam, e lisongeam. Ama a teu inimigo; porque se o não queres amar por que é inimigo, devel-o amar, porque é homem. Ama a teu inimigo; porque se elle te parece mal, amando-o tu, não serás como elle. Ama a teu inimigo; porque as maiores inimisades cura-as o tempo, e melhor é que seja o medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo; porque os mais empenhados inimigos dão-se as mãos, se o manda o rei; e o que se faz sem descredito, porque o manda o rei, porque se não fará, porque o manda Deus? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo; porque ou elle é mais poderoso que tu, ou menos: se é menos poderoso, perdôa-lhe a elle, se é mais poderoso, perdoa-te a ti.

Esta ultima razão é de um philosopho gentio, Seneca, e de outro tambem philosopho e gentio, e não menos discreto que elle, antes muito mais e mais solido. O grande Plutarco escreveu um famoso e doutissimo tratado dos bens e utilidades que o homem póde tirar do odio de seus inimigos. Se das feras e serpentes tiraram tantas utilidades os homens, porque as não tirará a mansidão de uns da fereza dos outros? Hercules da pelle do leão fez a sua maior gala: Salomão dos dentes do elephante fez o seu

throno: a medicina da cabeça da vibora fez a melhor triaga; e não ha veneno tão mortal, que, calcinado e temperado como convém, não se converta em antidoto. Pois se a divindade e humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes á natureza, ou superiores a ella, com que nos persuadir o amôr dos inimigos; porque, deixados todos, só disse: *Ego autem dico vobis?* Porque elle é o mais forte, o mais poderoso, e o mais efficaz motivo de todos. Ajuntem-se todos os philosophos de Athenas, todos os oradores de Roma, e, o que é mais, todos os prophetas de Jérusalem; façam discursos, inventem razões, excogitem argumentos, formem syllogismos, demonstrações e evidencias para persuadir um homem a que ame seus inimigos: todos estes motivos comparados com um *ego dico vobis* de Christo, não pesam um atomo.

VI

Pesemos e consideremos bem o poder, ou a omnipotencia infinita e immensa daquelle *ego dico*. Antes da creação do mundo não havia nada. Appareceu subitamente esta grande machina que vemos; e quem a fez? Ametade do nosso Texto: *Ego dico*. O *vobis* ainda o não havia, porque não havia nada. E se não havia nada, como se fez tudo isto? Porque Deus o disse: *Ipse dixit, et facta sunt.* [1] Não havia céo; disse Deus: Faça-se o céo; e fez-se o céo: não havia terra; disse Deus: Faça-se a terra; e fez-se a terra: estava tudo ás escuras; disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz. Pois se o dizer de Deus é tão poderoso, que de nada fez tudo, e do não ser tirou o ser de todas as coisas: que motivo podia nem póde haver tão poderoso para que de não ser amigos nos fizesse ser amigos, como, *Ego dico?* Quem é este *Ego?* E' Deus infinito Ser: quem é este *Ego?* E' Deus infinita Sabedoria: quem é este *Ego?* E' Deus infinita Omnipotencia: quem é este *Ego?* E' Deus infinita Verdade. Pois se um só dizer deste *Ego: Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que seja-

[1] *Psal.*, CXLVIII, 5.

mos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser que temos?

Vêde o que fizeram todas as creaturas depois de Deus lhes dar o ser, bastando para que o fizessem, outro dizer sómente do mesmo Deus. Aqui entra já todo o nosso Texto: *Ego dico vobis.* Disse Deus á terra que produzisse as plantas, sem outra semente, ou agua que a regasse mais que a mesma palavra: e no mesmo ponto os montes, os valles, os campos se vestiram todos de verde, nasceram as hervas, brotaram as flôres, levantaram-se as arvores com os ramos cobertos e sombrios de folhas, e carregados de tanta variedade de fructos. Disse ao elemento da agua, que produzisse os peixes, e as aves; e logo começaram a nadar nas mesmas aguas o vulgo dos peixes menores em cardumes de tão diversas côres e figuras, uns lisos, outros encrespados de escamas; e no pégo mais profundo as baleias e os outros gigantes e monstros do mar, como galeaças da natureza, remando com as barbatanas, e batendo, ou açoitando as ondas, como senhoras dellas. As aves, ou pintadas de diversas côres, ou vestidas de uma só com liberdade de vagar por tres elementos, umas mais affectas á patria onde nasceram, habitaram as ribeiras, os rios, os lagos; outras fabricaram seus ninhos entre a frescura das arvores, outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres, e todas reconheceram por rainha a aguia, porque ella só vôa, e sóbe direita até se esconder nas nuvens. As féras que povoaram os bosques, as serpentes que arrastando-se sahiram das covas, e os rebanhos innocentes e pacificos, que cobriram e fecundaram os prados, tambem foram partos de um só dizer de Deus á terra.

Mas se a terra e a agua, os dois mais baixos e grosseiros elementos, produziram tantos, tão varios e tão admiraveis effeitos; o elemento do ar e o do fogo, e sobre tudo os orbes celestes, tanto mais altos e mais nobres, porque não produziram coisa alguma? Porque Deus lh'o não disse. Se Deus dissera aos céos que produzissem as estrellas, elles as produziriam; mas não as produziram, porque o mesmo Deus, que já as tinha creado do nada, quando creou a luz, as poz e repartiu pelo firmamento: *Posuit eas in firmamento cœli.* [1] O

[1] *Gen.*, I, 17.

mesmo se ha-de entender dos dois elementos, ar, e fogo. Elles estereis, sem nada, os outros fecundos, com tantas creaturas; porque o nada, e o que tem ser, tudo depende unicamente do dizer, ou não dizer de Deus. Admiravelmente o Evangelista S. João. Tanto que no principio nomeou o Verbo Divino, que é a palavra de Deus: *Et Verbum erat apud Deum:* [1] logo acrescentou: *Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil.* [2] Tudo o que se fez, e o nada que se não fez, uma e outra coisa dependeu totalmente do dizer ou não dizer de Deus. Se Deus disse, por meio de sua palavra se fez tudo: *Omnia per ipsum facta sunt:* e se Deus não disse, por que faltou a sua palavra, se não fez nada: *Et sine ipso factum est nihil.* E como do dizer ou não dizer de Deus, dependem as existencias e as negações; o tudo e o nada; o ser e o não ser das coisas, para os homens amarem a seus inimigos, como Christo lhes mandava: *Diligite inimicos vestros;* e para lhes não terem odio, como dizia a tradição dos antigos: *Odio habebis inimicum tuum:* para o tudo deste amor, e para o nada daquelle odio, nenhuma razão ou motivo podia Christo allegar nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais irrefragavel, que dizer: Eu o digo: *Ego autem dico vobis.*

Houve-se Christo (notae muito) com as nossas vontades para o amôr dos inimigos, como se ha com os nossos entendimentos para os mysterios da fé. Se perguntarmos aos Theologos, qual é o motivo porque cremos os mysterios da fé sem nenhuma duvida; respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que elles chamam objecto formal) é, *quia Deus dixit;* porque Deus o disse. Todas as outras razões (que tambem se chamam manuduções) bastam para conhecer o entendimento com evidencia, que os mysterios da fé não são incriveis, antes que evidentemente são mais criveis que tudo o que propõem as seitas e erros contrarios: mas para fazer um acto verdadeiro e sobrenatural de fé, não ha, nem póde haver outro motivo, senão porque Deus o disse: *Quia Deus dixit.* De maneira, que quando Christo, para persuadir o amôr dos inimigos, disse sómente: *Ego autem dico vobis*, quiz por modo

[1] *Joan.*, I, 1.
[2] *Ibid.*

altissimo e verdadeiramente divino, que o que é unico motivo da fé, fosse tambem unico motivo da caridade; e que a mesma caridade nas repugnancias deste amôr nos captivasse as vontades, assim como a fé nas difficuldades dos seus mysterios nos captivasse os entendimentos: *In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi.* [1]

Uma das maiores difficuldades da nossa fé é o mysterio altissimo e profundissimo da Santissima Trindade, em que confessamos a Deus por trino e uno. Creio que o Padre é Deus, creio que o Filho é Deus, creio que o Espirito Santo é Deus, e crendo juntamente que estas tres Pessoas são realmente distinctas, creio outra vez, e mil vezes, que a Pessoa do Padre Deus, e a Pessoa do Filho Deus, e a Pessoa do Espirito Santo Deus, não são tres Deuses, senão um só Deus. E alcança, ou comprehende o meu entendimento como isto é, ou póde ser? Não. Pois se o não entendo, nem o alcanço, como o creio e com tal certeza, que darei por ella a vida? *Quia Deus dixit:* Porque Deus o disse: *Tres sunt qui testimonium dant in cœlo, Pater, Verbum, et Spiritus Sanctus, et hi tres unum sunt.* [2] Outra grande difficuldade da fé, e mais sensivel ainda, é o mysterio occultissimo e patente do Santissimo Sacramento do altar. A vista diz que vê pão, o olphato que cheira pão, o gosto que gosta pão, o tacto que apalpa pão, e até o ouvido quando se parte a hostia, que ouve pão; e eu rindo-me dos meus proprios sentidos, e do testemunho conteste de todos cinco, creio que alli não ha substancia de pão, e que a substancia que debaixo daquelles accidentes se occulta, inteira e perfeita em qualquer parte minima delles, é todo o corpo de Christo. E porque creio firmissimamente tudo isto, que não vejo, nem sinto, contra o que parece que estou sentindo e vendo? Porque o mesmo Christo o disse: *Hoc est Corpus meum.* Pois assim como este unico dizer de Christo é uma razão sobre todas as razões, um motivo mais poderoso que todos os motivos, e uma escuridade mais clara que a luz do sol, para eu crêr e defender até á morte o que elle disse; assim o mesmo Senhor e Legislador di-

[1] *2.ª ad Cor.*, x, 5.
[2] *1. Joan.*, v, 7.

vino para persuadir e estabelecer nos corações dos homens o amôr dos inimigos contra todas as difficuldades, repugnancias e rebeldias da nossa inclinação, não podia, nem devia allegar outras razões, outras evidencias mais fortes, quer dizer: amae a vossos inimigos, porque eu sou o que o digo: *Ego autem dico vobis.*

VII

Agora para confusão e affronta dos que com nome de christãos não obedecem á fé deste heroico motivo, oiçam o que por ventura não ouviram. Fugiu Jacob occultamente da casa de Labão seu sogro, com as suas duas filhas, e tudo o que em seu serviço, favorecido de Deus, tinha em tantos annos adquirido. Chegou esta noticia a Labão, que estava ausente, e tendo o secreto da partida por traição, e o que levava comsigo Jacob por roubo, ajuntando uma grande tropa de parentes e criados, partiu em seguimento delle, com animo de o despojar de quanto levava, e ainda da mesma vida: mas quando chegou subitamente á sua presença, que foi ao septimo dia, todo o susto de tão repentina e estrondosa tempestade se resolveu nestas palavras: *Nunc quidem valet manus mea reddere tibi malum, sed Deus patris vestri heri dixit mihi: Cave loquaris contra Jacob quidquam durius.* [1] Bem vês, ó Jacob (lhe disse Labão), que tu fugitivo, e eu tão poderosamente armado neste deserto, te pudéra fazer todo o mal que quizesse, e tu me merecias; mas não o faço, porque o Deus de teus pais me disse hontem, que nem por obra, nem por palavra te desgostasse. Já estou vendo que todos teem reparado muito, não tanto nesta mudança tão subita de Labão, quanto naquella palavra *Deus patris vestri.* Não diz que não fazia mal a Jacob, porque lh'o disse Deus, senão porque lh'o disse o Deus de seus pais. E a razão desta differença é, porque o Deus em que cria Labão, não era o Deus verdadeiro, em que cria Jacob, senão os seus idolos: por signal que essa era uma

[1] *Gen.*, XXXI, 29.

das suas queixas, dizendo que Jacob lh'os levava roubados: *Cur furatus es deos meos?* [1] E não era Jacob, senão sua filha Rachel a que lh'os roubara. Pois se Labão era gentio e idolatra, e não cria no Deus de Jacob, como fez tanto caso do que esse Deus não crido lhe disse: *Deus patris vestri dixit mihi?* Ide comparando este *dixit mihi*, com o *dico vobis*. Mas ainda teve outra grande circumstancia este caso.

O modo com que Deus disse a Labão, que não offendesse a Jacob, foi em sonhos. Assim o affirma o Texto: *Vidit in somnis dicentem sibi Deum: Cave ne quidquam asperè loquaris contra Jacob.* [2] Pois se o dito era dito sonhado, e o Deus era Deus não crido, como fez tanto caso Labão do Deus e do dito? Aqui vereis quanto póde e quanta reverencia merece um *dixit mihi* de Deus. Pergunto: Este homem Christo Jesus, que disse: *Ego autem dico vobis*, cremos de fé, que é verdadeiro Deus? Sim. E estas mesmas palavras, *ego dico vobis*, cremos tambem de fé, que esse Deus as disse? Tambem. Pois se a um gentio idolatra offendido, poderoso, irado, e empenhado na vingança, um dito sonhado de um Deus não crido bastou para lhe refrear a paixão, amansar a ira, e atar as mãos, para que podendo se não vingasse, nem dissesse uma palavra aspera contra quem lhe tinha feito tantos aggravos, e tudo isto pelo respeito sómente de um *dixit mihi;* como póde tão pouco com a nossa fé, e com as nossas inimisades o *ego dico vobis* não só do Deus verdadeiro, mas do Deus que deu a vida por seus inimigos?

Já eu me contentara com deixar á nossa consideração esta vergonhosa consequencia, por lhe não chamar impia: mas pois Deus e a sua palavra é o offendido, seja tambem elle o que se queixe. Quando Nabucodonosor veiu sitiar a cidade de Jérusalem em tempo del-rei Joachim, havia trezentos annos que nos desertos visinhos habitavam como ermitões uns pastores chamados Rekabitas, os quaes por temor dos inimigos se recolheram á cidade. Então fallou Deus ao prophela Jeremias, e lhe disse, que hospedasse um dia aos Rekabitas em um cenaculo do Templo, e

[1] *Gen.*, XXXI. v. 30.
[2] *Ibid.*, 24.

quando estivessem á meza lhes dissesse que bebessem do vinho que nella lhes teria preparado. Fel-o assim o propheta, mas elles responderam, que não podiam, nem haviam de beber vinho; porque Jonadab, filho de Rechab, de quem traziam o nome e a origem, lh'o tinha prohibido: *Non bibemus vinum, quia Jonadab filius Rechab, pater noster, præcepit nobis, dicens: Non bibetis vinum vos, et filii vestri usque in sempiternum.* [1] Ouvida a resposta, esperava Jeremias o mysterio e fim com que Deus lhe mandara fazer aquella experiencia. E a declaração do enigma, ou a segunda parte da parabola foi, que o mesmo Jeremias mandasse chamar os magistrados da cidade, e que com aquelle exemplo á vista lhes notificasse a grande razão com que Deus tinha chamado o exercito de Nabuco, executor de sua justiça, para a destruição e captiveiro de Jérusalem. As palavras da consequencia e comminação divina foram estas: *Numquid non recipietis disciplinam, ut obedictis verbis meis, dicit Dominus?* [2] E' possivel, diz Deus, que tão pouco respeito e tão pouca obediencia se ha-de guardar em Jérusalem ao que eu digo? *Prævaluerunt sermones Jonadab, filii Rechab, quos præcepit filiis suis, ut non biberent vinum; et non biberunt usque ad diem hanc: Ego autem loquutus sum ad vos de mane consurgens, et loquens et non obedistis mihi.* Com os filhos de Rechab Moabitas e gentios puderam tanto as palavras de Jonadab, que prohibindo-lhes uma coisa que é licita a todos os homens, haverá tantos centos de annos, a observam sempre até hoje: e que eu (diz Deus) fallando aos filhos de Israël desde pela manhã até á noite, e prohibindo-lhes o que não é licito a nenhum homem, nenhum caso façam do que lhes digo? Tanto respeito ao que diz Jonadab, e tão pouco ao que diz Deus? Vêde se o *ego autem loquutus sum ad vos*, é o mesmo que o *ego autem dico vobis.*

Assim como os Ninivitas se hão-de levantar no dia do Juizo contra os Judeus, porque elles creram ao que disse Jonas, e os Judeus não criam o que dizia Christo, assim os Rekabitas se hão-de levantar naquelle dia contra Jérusalem; porque elles creram e observa-

[1] *Jer.*, XXXV, 6.
[2] *Ibid.*, XIII, v. 16.

ram o que lhes disse Jonadab, e Jérusalem não cria, nem observava o que dizia Deus. E contra nós os christãos quem se levantará? Os turcos. O mesmo preceito de não beber vinho, que poz Jonadab aos Rekabitas, poz Mafoma aos seus sequazes. E que maior affronta e vergonha da Christandade, que resistir o turco ao seu appetite e á sua sêde, porque o manda o Alcorão, e o disse Mafoma; e não mortificar o christão a sua paixão e o seu odio, porque o prégа o Evangelho e o diz Christo? Mas não é necessario ir tão longe, nem sahir de casa. Sabeis quem se ha-de levantar contra nós no dia do Juizo? Nós mesmos. Dizei-me: E se estaes tão offendido e tão aggravado de vosso inimigo; porque vos não vingaes? Por me não perder. Bem. E porque beijaes aquella mão que desejaes vêr cortada? Porque dependo della. Melhor. E porque lisonjeaes com a bocca este e aquelle, que aborreceis com o coração? Porque assim importa ás minhas conveniencias. Pois o que fazeis por essa politica vil, baixa e infame, não o fareis porque o manda Christo? Desengane-se qualquer outro amôr dos inimigos, ainda que fosse verdadeiro por outras causas, que todo é hypocrisia e vileza. Só é racional, virtuoso e christão, o que não tem outro motivo, nem outro porquê, se não por que Christo o disse: *Ego autem dico vobis.*

VIII

Vencida a difficuldade do preceito e do motivo, resta só a terceira e ultima, e a mais difficil de todas, que é o exemplo. O exemplo para imitar o amôr dos inimigos, com que o divino Mestre conclue a sua doutrina, não é outro, nem menor, que o do mesmo Deus seu Pai e nosso: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est.* [1] Mas esta mesma soberania e divindade do exemplo é a que o faz mais difficultoso, não por ser tão alto e sublime, mas porque é totalmente contrario e repugnante á propria imitação que persuade. A imitação ha-de ser tão parecida ao exemplo, e o exemplo, tão similhante á imitação, como a ideia e

[1] *Math.*, v, 45.

o ideado, o original e a copia, a representação e a coisa representada. E entre o amôr dos inimigos, a que Deus obriga o homem, ha tanta differença da parte do homem, e tanta repugnancia da parte de Deus, não quanta póde haver entre um amôr e outro amôr, senão quanta ha com toda a propriedade entre o verdadeiro amôr, e o verdadeiro odio. Logo nem Deus póde ser exemplo ao homem, nem o homem póde imitar a Deus no amôr dos inimigos. Os inimigos de Deus são os que estão em peccado e fóra da sua graça: e assim como Deus ama aos seus amigos: *Ego diligentes me diligo* [1] assim não ama a seus inimigos, antes os aborrece, e lhes tem odio: *Altissimus odio habet peccatores*, diz o Ecclesiastico: [2] e o Psalmista: *Odisti omnes, qui operantur iniquitatem.* [3] Logo se Deus não ama a seus inimigos, antes os aborrece, e lhes tem odio, como póde dar exemplo, nem ser exemplo aos homens de como hão-de amar a seus inimigos? Esta é a grande difficuldade do exemplo que a divina sabedoria de Christo nos propõe, a que eu antes quizera ouvir a resposta, que ter obrigação de a dar. Mas a grande reparo, grande solução.

Digo primeiramente, que nos propõe Christo por exemplo a Deus, que não ama a seus inimigos, quando nos manda que os amemos; porque é tal a bondade de Deus, que póde o seu odio servir de exemplo ao nosso amôr. Assáz fará o nosso amôr, se chegar a se parecer com o seu aborrecimento. De maneira que a força, a energia, e a alma desta razão vem a ser: Sêde amigo dos vossos inimigos, assim como Deus é inimigo dos seus. Considerae a Deus não com amôr, senão com odio aos homens, e quando o vosso amôr imitar o seu odio, então satisfareis ao meu preceito: porque se tratardes a vossos inimigos como Deus trata aos seus, amareis mais finamente os vossos inimigos, do que amaes a vossos amigos. Esta é a minha resposta. E se não tenho bem declarado a força do exemplo de Christo, outro exemplo, de Deus com odio, e dos homens com amôr, o declarará melhor.

---

[1] *Prov.*, VIII, 17.
[2] *Eccl.*, XII, 3.
[3] *Psal.*, V, 7.

Libertados os filhos de Israël do captiveiro do Egypto, fundiram e adoraram no deserto o idolo do bezerro: e offendeu-se Deus tanto não só da cegueira, mas da ingratidão de tão abominavel gente, que se resolveu a lhes tirar a vida a todos, e os sepultar naquelle mesmo deserto. Deu parte da sua resolução a Moysés, que estava com o mesmo Senhor no monte, revelando-lhe o que em sua ausencia tinham commettido; porém Moysés, pondo-se da parte do povo, resistiu á sentença de Deus com taes replicas e instancias de uma e outra parte, como se entre os dois se dera uma bem jogada batalha. Deus dizia que havia de castigar, Moysés replicava que não: Deus allegava pela sua affronta, Moysés allegava pelo credito e fama do nome de Deus: Deus promettia acrescentar a Moysés, Moysés instava que não se havia de diminuir o povo: Deus fallando com Moysés, chamava-lhe o povo teu, como quem o lançava de si; e Moysés fallando com Deus, chama-lhe, Senhor, o povo vosso, como quem o queria interessar no perdão e conservação de coisa sua: finalmente a contenda se accendeu de parte a parte de tal sorte, que nas palavras e no que disseram Deus e Moysés, Deus parece que excedeu os termos do seu proprio decoro, e Moysés os da sua sujeição e obediencia, e ainda os da estimação que fazia da graça de Deus. E como, ou porque termos? Porque Deus como se fôra homem, em cujo peito tivesse logar a paixão, e ella o fizesse sahir fóra de si, disse a Moysés: Deixa-me, que quero desta vez desafogar a minha ira e o meu furor: *Dimitte me, ut irascatur furor meus.* [1] E Moysés tão grande privado de Deus, como se estimara mais o perdão do povo, que a privança e graça do mesmo Deus, disse: Ou haveis de perdoar ao povo este peccado, ou quando não, riscar-me dos vossos livros, em que tendes escripto o meu nome: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti.* [2]

Este foi no Monte Sinaï o processo da batalha ao som de trombetas, de trovões e raios, de que só foram testemunhas os anjos. E qual foi o fim? Da parte de Deus não podia haver maiores demonstrações de

[1] *Exod.*, XXXII, 10.
[2] *Ibid.*, 31 e 32.

ira, de aborrecimento, de odio: da parte de Moysés, pelo contrario, os empenhos da piedade, da benevolencia, e do amôr, tambem não podiam ser maiores, nem mais encarecidos. E o fim destes dois extremos tão encontrados quaes foram? Foram taes que se não puderam crêr nem imaginar, se a verdade infallivel do Texto sagrado não declarára o successo. Deus com todo aquelle odio perdoou a todos: *Placatus est Dominus, ne faceret malum, quod loquutus fuerat adversus populum suum.* [1] E Moysés com todo aquelle amôr, desce do monte, convoca os Levitas, tira pela espada, e matou naquelle mesmo dia vinte e tres mil homens do mesmo povo: *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum.* [2] Ha tal fim? Ha tal caso? Ha tal mudança? Mudou-se Deus? Mudou-se Moysés? Ou são os mesmos? Os mesmos são, não se mudaram: mas estes são os odios de Deus, e estes os amôres dos homens. Este é Deus, quando mais inimigo; e estes os homens quando mais amigos. Pela experiencia desta formosa verdade, e em confirmação della disse com profundo juizo S. João Chrysostomo: *Utilior est homini Deus iratus, quàm homo propitius:* Que melhor é para os homens, e mais util, Deus irado, que o homem propicio; Deus com odio, que o homem com amôr. E como o odio de Deus, quando mais empenhado, tem tanto melhores effeitos que o amôr dos homens; por isso a divina sabedoria de Christo quando nos manda amar aos inimigos, nos põe por exemplo a Deus, quando não ama; porque quando chegarmos a ser inimigos como Deus, seremos mais que amigos como homens.

IX

Esta foi a subita apprehensão da minha resposta, e do exemplo della. Mas oiçamos a do Divino Mestre, que não só se ouve, mas se vê com os olhos. Definiu Christo Senhor nosso o amôr, não com Aristoteles

[1] *Exodo*, XXXII, 14.
[2] *Ibid.*, 28.

pela vontade de querer o bem, senão pela obra e verdade de o fazer: *Benefacite*. A escóla de Aristoteles diz: *Amare est velle bonum alicui:* e a escóla de Christo por bocca do melhor discipulo della: *Diligamus opere, et veritate.* Daqui se segue, que assim como Deus é o melhor exemplar do amôr dos amigos, assim é o melhor e mais verdadeiro exemplo do amôr dos inimigos. Agora entra o allegado por Christo, tão claro como a luz do sol, e como o elemento mais claro: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* [1] Amae e fazei bem a vossos inimigos (diz o soberano Legislador) para que sejaes filhos de vosso Pai, que está no céo, o qual faz nascer o seu sol sobre os bons e sobre os máus, e descer a sua chuva sobre os justos e sobre os injustos. Os bons e os justos são os amigos de Deus; os máus e os injustos são os seus inimigos: e é tal a bondade e beneficencia do mesmo Deus, ou com amôr, ou com odio, que aos amigos e inimigos, sem differença, communica egualmente os seus thesouros. Se nasce o seu sol, para todos nasce: se desce a sua chuva, para todos desce. Bem pudéra Deus fazer que só para os bons e justos houvesse luz, e para os máus e injustos trevas: como no Egypto os hebreus estavam allumiados, e os egypcios ás escuras. E do mesmo modo, como lhe pedia o real propheta David, bem pudéra negar a chuva aos montes de Gelboë, e dal-a abundantemente aos outros montes. Mas posto que os bons e os justos sejam os seus amigos, e os máus e os injustos os seus inimigos, sobre o que lhe merecem uns, e sobre o que lhe desmerecem os outros, quer que assentem egualmente os seus beneficios.

Deixado, porém, o sol no céo, e a chuva nas nuvens, passemos á terra, e a toda a terra, onde moram os inimigos de Deus, e onde se vêem mais varia e opulentamente beneficiados de sua mão. Em todo este mundo quantos são os amigos de Deus, e quantos os seus inimigos? Os amigos são muito poucos, e os que se conservam sempre em sua amisade e graça, sem cahir em seu odio, rarissimos. Pelo contrario, os inimigos de Deus, e os que vivem perpetuamente

[1] *Math.*, v, 45.

em seu odio, não têm numero. Estes são os hereges e os scismaticos, estes os mahometanos e os judeus, estes os gentios e os atheus, estes os apostatas e máus christãos. E a insolencia de todos estes, armados do odio que teem ao supremo e eterno Deus, está sempre subindo e fazendo guerra ao céo, á escala vista, com as suas ingratidões, com as suas injurias, com as suas affrontas, com as suas blasphemias de pensamento, de palavra, de obra: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.* [1] E quem é o que lá desfaz ou suspende estas tremendas exhalações e vapores, para que não desçam sobre o mundo em raios, senão o braço ou coração do mesmo Deus com as indulgencias do seu odio? Elle é o que os soffre, elle é o que os dissimula, elle é o que tem mão em si, e na sua justa ira. Mas não pára aqui. Esse mesmo Deus que aos seus inimigos deu o ser, antes de o poderem ter merecido, lhes dá a vida, lhes conserva a saude, lhes acrescenta as riquezas, as honras, os estados, os reinos, e os imperios: como se para a distribuição dos bens, ou da natureza, ou da fortuna (sendo elle Senhor de ambas) os bons e os máus todos foram bons, os justos e os injustos todos foram justos, e os amigos e inimigos todos foram amigos. E' verdade que nos affectos do odio, ou amôr de Deus, ha a differença de amados ou aborrecidos; mas nos effeitos de beneficencia do mesmo Deus tão favorecidos, e tão mimosos, uns e os outros, como se os amados e aborrecidos todos foram amados.

Já nesta geral indifferença, com que Deus faz bem egualmente aos amigos que estão em sua graça, e aos inimigos que estão em seu odio, ficava bem demonstrada a verdade e excellencia do soberano exemplar, que o Filho de Deus propõe no mesmo Deus aos homens, para que imitando-o como bons filhos a tal Pai: *Ut sitis filii Patris vestri*, saibam com effeito amar, e amem a seus inimigos. Mas como o amôr dos inimigos é mais alto, e elle só heroico (para que vejamos quem é Deus, e quaes nós devemos ser neste ponto) atrevo-me a dizer que, posto Deus entre amigos e inimigos, de uma parte os que estão em seu amôr, e da outra os que estão em seu odio; se tomarmos bem as medidas aos seus favores, maiores são os

[1] *Psal.* LXXIII, 23.

que faz sem embargo do seu odio aos inimigos, que sem respeito do seu amôr aos amigos. Não me atrevera a dizer tanto, se não fallara em proprios termos pela bocca de um propheta, e pela penna de um apostolo.

O propheta Malachias fallando em nome de Deus, ou Deus fallando por bocca do mesmo propheta, diz: *Dilexit Jacob, Esaü autem odio habui:* [1] Eu amei a Jacob, e tive odio a Esaú. E S. Paulo escrevendo aos Romanos, e fallando Deus pela sua penna, repete a mesma sentença pelas mesmas palavras: *Jacob dilexi, Esaü autem odio habui.* [2] De sorte que em dois Textos, um do Testamento Velho, e outro do Novo, temos expresso o odio de Deus, e o amôr de Deus; e as pessoas uma amada, outra aborrecida, não occultas, senão declaradas por seu proprio nome, Jacob, e Esaü. Agora vamos á Historia Sagrada, e vejamos o que fez Deus a Esaü com odio de Esaü, e o que fez a Jacob com amôr de Jacob.

O que mais estima a felicidade humana, é vida, riqueza, honra. Quanto á vida, assim como Jacob e Esaü nasceram na mesma hora, assim acabaram a vida da mesma edade, e essa tão estendida, que não se podiam queixar das Parcas; porque Jacob consta que morreu de cento e quarenta e cinco annos. Quanto á riqueza, ambos cresceram tanto na multiplicação e fecundidade dos gados que creavam os seus pastores, e eram as minas e thesouros daquelle bom tempo, que por não caberem nos campos, foi necessario que as duas poderosas familias se dividissem, como dividiram, habitando e dominando Jacob as terras de Canaam, e Esaü as de Edom, e Seir. Até aqui nem o odio nem o amôr de Deus se distinguiram nos effeitos, e o odiado e o amado continuaram a sua peregrinação (que assim lhe chama a Escriptura) tão irmãos na fortuna como no sangue.

Mas vindo ao ponto da honra, que é o de maior estimação e reparo, tendo já as duas familias crescido a ser duas nações, ou duas gentes (como Deus revelou á mãe de ambos, quando ainda os trazia no ventre: *Duæ gentes sunt in utero tuo)* [3] foi muito no-

---

[1] *Malaq.*, I, 2 e 3.
[2] *Rom.*, IX, 13.
[3] *Gen.*, XXV, 23.

tavel a grandeza e magestade com que a descendencia de Esaü se avantajou á de Jacob. Trocando o nome de Edom, chamaram-se os descendentes de Esaü, Idumeus; e governando-se toda a nação umas vezes como republica, outras como monarchia, sempre os descendentes e netos de Esaü foram os principes soberanos della, ou na republica com titulo de duques, ou na monarchia com magestade e corôa de reis. E posto que em similhantes successões costuma haver muitas mudanças e quebras, esta foi tão continuada de pais a filhos sempre no mesmo dominio, que quando Moysés a escreveu no Capitulo trinta e seis do Genesis, já o numero dos duques tinha sido onze, e o dos reis corôados nove. E o que de nenhum modo se deve passar em silencio é que o segundo destes reis, e bisneto de Esaü, ainda em sua vida, foi o famosissimo Job, que tanto pela constancia na adversa fortuna, como pela moderação na prospera, podia fazer insigne e memoravel qualquer reino dos maiores do mundo. E quem pudéra esperar nem imaginar taes excessos de felicidade na pessoa e descendencia de um homem, do qual disse o mesmo Deus que lhe tinha odio: *Esaü odio habui?*

O reparo porém mais notavel e digno de admiração nesta mesma historia, é a advertencia e reflexão com que a Escriptura sagrada começa a escrever o catalogo dos reis descendentes de Esaü: *Reges autem, qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent regem filii Israël, fuerunt hii.* [1] Quer dizer: Estes foram os reis filhos de Esaü, antes que os filhos de Jacob tivessem rei. Por ventura que não ha outra similhante reflexão em toda a Historia Sagrada. Primeiramente Moysés não podia notar esta differença sem particular revelação de Deus; porque quando os filhos de Jacob tiveram o primeiro rei, que foi Saül, havia de ser mais de quinhentos annos depois deste tempo. Pois porque razão, ou com que mysterio fez Deus esta revelação a Moysés, e lhe mandou fazer esta reflexão, e notar esta grande differença entre os filhos de Esaü, e os filhos de Jacob, em materia tão relevante nas gerações do mundo, qual é ter reis, ou não ter reis? Para que entendessem os que isto ha-

[1] *Gen.*, XXXVI, 31.

viam de lêr, que o odio de Deus é tão benefico, tão generoso, tão heroico, e tão inclinado a fazer bem a seus inimigos, que não só póde competir com o amôr do mesmo Deus em respeito de seus amigos, mas adiantar-se e vencel-o em materias de tanto preço, e tanto peso, como foram neste caso a dignidade real, e o tempo della.

O tempo quanto vae de quinhentos annos antes, ou quinhentos depois: a dignidade quanto vae de ter reis, e tantos reis, ou não ter rei. Isto é o que o odio de Deus a Esaü fez a Esaü; e isto o que o amôr de Deus a Jacob não fez a Jacob. Para que se veja quão mal fundada era a difficuldade de não poder Deus com o seu exemplo ensinar o amôr dos inimigos, pois elle os não ama, antes lhes tem odio. E' verdade que Deus tem odio a seus inimigos, mas é um odio que dá largas vidas, é um odio que dá immensas riquezas, é um odio que dá sceptros e corôas aos que não ama. Faz isto algum, não digo odio, senão do que entre os homens se chama amôr? O amôr mais natural e mais devido, é o dos pais aos filhos, e o dos filhos aos pais: e David sendo pai, tirou o reino a seu filho Adonias; e Absalão sendo filho, tirou o reino a David seu pai. Estes foram os segundos reis da descendencia de Jacob, os quaes só conservaram o reino inteiro até á terceira geração, conservando-se os da descendencia de Esaü, não só em tantas gerações, como as do catalogo de Moysés, senão em muitas outras, que depois dellas se continuaram e seguiram.

X

Tão heroica é a beneficencia de Deus em preferir os inimigos aos amigos, ainda sobre a confissão expressa do amôr que lhe merecem os amigos, e do odio que tem aos inimigos! A Jacob, *Dilexit*, a Esaü, *Odio habui*. E porque nós não podemos imitar o exemplar de Deus, como neste caso, em dar sceptros e corôas, coroemos o nosso discurso com outro acto não menos heroico, nem menos generoso, senão mais. E qual é ou póde ser este acto? Que aos inimigos de quem formos mais offendidos, esses amemos mais. Attenção.

E' theologia certa, que Deus podia remir o genero humano por um homem, ou por um anjo: e porque se deliberou e decretou no consistorio divino, que o remisse Deus por si mesmo? Porque o peccado de Adão na desobediencia, não só offendeu a soberania de Deus, senão que direita e mais formalmente offendeu a sua divindade, querendo e crendo que podia ser como Deus: *Eritis sicut dii.* [1] E como a divindade naquelle caso foi a mais offendida, á mesma divindade pertencia o perdão e o remedio do inimigo que o offendera, e por isso o mesmo Deus foi o Redemptor. Assim o resolve e ensina toda a mesma theologia com o Doutor angelico S. Thomaz. Mas ainda aqui não está totalmente satisfeita a fineza do divino exemplar. Na divindade o Padre é Deus, o Filho é Deus e o Espirito Santo é Deus; e tão offendido foi Deus no Padre, como no Filho; tão offendido no Filho, como no Espirito Santo, e tão offendido no Espirito Santo, como no Padre: porque foi logo o Redemptor não a Pessoa do Padre, nem a do Espirito Santo, senão a do Filho? Pela mesma razão.

O attributo em que Adão quiz ser similhante a Deus, foi na sabedoria de todas as coisas: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum.* [2] Assim o disse o demonio, e assim o creu e quiz Adão. Ao ponto agora. Nas tres Pessoas Divinas da Santissima Trindade, ao Padre attribue-se a omnipotencia, ao Filho a sabedoria, ao Espirito Santo a bondade: e como na Pessoa do Filho a que se attribue a sabedoria, foi maior e dobrada a offensa do peccado de Adão, uma vez offendido na divindade, *Eritis sicut dii;* outra vez offendido na sabedoria, *Scientes bonum, et malum;* por isso foi tambem no mesmo Filho maior e dobrada a obrigação de ser elle, e não outra Pessoa divina, o que procurasse o perdão, o remedio, e todo o bem do mesmo Adão que o offendera. Finalmente, porque este exemplo de havermos de amar e fazer bem aos inimigos, quanto mais offendidos delles, se acabe de verificar em Deus na Pessoa do Filho, esse foi o altissimo mysterio com que o mesmo Filho, em quanto homem, pondo-nos por exemplo a Deus, acrescentou que

---

[1] *Gen.*, III, 5.
[2] *Ibid.*

o haviamos de imitar como filhos do mesmo Pai, que é o que a Pessoa do mesmo Filho fez: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est.*

Vejo, porém, que pegando nesta ultima clausula, *Qui in cœlis est*, não faltará quem diga, que estas divindades e finezas de amôr são lá para o céo, e não para a terra, onde os nossos affectos, e ainda os nossos pensamentos, são tão grosseiros como ella. Mas para confusão da mesma terra, e dos que parece não nasceram para o céo, acabo com lhes mostrar que o dictame de pertencer aos mais offendidos serem elles os que amem, e façam bem aos que os offenderam, é tão conforme á razão em toda a parte, que até no inferno se entende assim. Ardendo no inferno o rico avarento, olhou para cima, e vendo a Lazaro entre os outros moradores daquelle arrabalde do céo, chamado seio de Abrahão, disse desta maneira, fallando com elle: *Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma:* [1] Pai Abrahão, mandae a Lazaro que me venha refrigerar a lingua, ao menos com um dedo molhado na agua, porque me atormenta muito este fogo. Cada palavra destas podia ser meditação de uma eternidade. Só reparo naquelle *mitte Lazarum:* mandae a Lazaro. Em todo o seio de Abrahão não havia pessoa de quem menos devesse esperar o rico avarento este soccorro, e obra de caridade, do que de Lazaro; porque Lazaro era aquelle pobre coberto de chagas, que jazia á sua porta, morto de fome, a quem o rico avarento tantas vezes offendia todos os dias, quantas se assentava á meza, sem lhe permittir as migalhas que della cahiam, quantas sahia ou entrava pela sua porta, quantas via as suas chagas, quantas ouvia os seus gemidos, e quantas sabia que os seus cães lhe lambiam as feridas.

Pois se tantos outros homens havia no seio de Abrahão, de cuja piedade podia esperar o rico avarento aquelle soccorro, e só Lazaro era o que tantas vezes e continuamente tinha a sua crueldade offendido: porque só a elle nomêa, e só delle confia o remedio e allivio que pede? Porque entendeu aquelle homem

[1] *Luc.*, XVI, 24.

posto no inferno, e posto que condemnado, que o amar e fazer bem aos inimigos, pertence aos que maiores offensas tem recebido delles: e como Lazaro entre todos era o mais offendido, elle era o que na occasião se havia de mostrar mais amigo. Este exemplo do inferno não teve effeito, porque lá todos os desejos se convertem em desesperações. O que importa é que os que lá não quizerem ir acabar de entender os desenganos desta verdade, levantem os olhos ao céo, onde está aquelle Pai, cujo exemplo nos manda Christo imitar: tendo por certo que se imitarmos o amôr, ou amoroso odio, com que Deus não faz mal, senão bem a seus inimigos, na terra seremos seus filhos por graça, e no céo por gloria: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est.*

SERMÃO

DA

Primeira Sexta Feira da Quaresma *

(Prégado na Capella Real, no anno de 1651)

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos. [1]

I

Que depressa nos leva a Igreja a Deus, e com toda a alma! Ante-hontem nos excitou a memoria, hontem nos illustrou o entendimento, hoje nos aperfeiçoa a vontade. Excitou-nos a memoria com a lembrança da morte: *Memento homo, quia pulvis es:* illustrou-nos o entendimento com o maior exemplo da fé: *Non inveni tantam fidem in Israël:* [2] aperfeiçoa-nos a vontade com o acto mais heroico da caridade, que é o amôr dos inimigos: *Diligite inimicos vestros.* Este acto como tão singular da lei, e tão proprio da profissão christã, será o assumpto unico de todo o meu discurso. E posto que a materia do amôr dos inimigos seja tão prégada, e tão batida; o que determino tratar sobre ella hoje, é uma questão muito nova, e muito propria deste logar. Funda-se toda sobre aquelle

---

* Este discurso prima no artificio oratorio, na riqueza da elocução e na liberdade apostolica com que Vieira prega á Côrte as verdades do Evangelho. E' um dos sermões, commenta Honorati, que mais revelam o genio do orador.

[1] *Math.*, v.

[2] *Math.*, VIII, 10.

Vós do nosso Texto: *Ego autem dico vobis.* E a questão ou duvida é: se debaixo deste *Vós* se entendem tambem as altezas e as magestades? As pessoas soberanas são superiores a toda a lei, e por isso será necessario examinar exactamente até onde se estende o preceito de Christo, e resolver com a graça do mesmo Senhor, e sem lisonja de nenhum outro, se são obrigados tambem os reis a amar seus inimigos?

II

Primeiramente parece que não são obrigados. E está por esta parte toda a auctoridade de Salomão em uma obra famosa de sua sabedoria e grandeza. No Capitulo terceiro dos Canticos, descreve elle a fabrica de uma carroça triumphal, em que sahia a passear pela côrte de Jérusalem nos dias de maior solemnidade. A materia era dos lenhos mais preciosos e cheirosos do Libano, as columnas de prata, o throno de oiro, as almofadas de purpura, e no estrado, onde punha os pés, estava esculpida a caridade: *Ferculum fecit sibi rex Salomon de lignis Libani: columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum: media charitate constravit.* [1] Nestas ultimas palavras está o reparo, não só grande, mas digno de summa admiração. E' possivel que um rei tão sabio como Salomão, e não gentio, senão fiel, quando faz a maior ostentação de sua grandeza e magestade, leve a caridade debaixo dos pés? O rei assentado no throno, e a caridade debaixo dos pés do rei? O rei enthronisado, e a caridade pizada: *Media charitate constravit?* Sim. Porque cuidam alguns reis (ou obram como se o cuidaram) que tão fóra estão de serem sujeitos ás leis da caridade, que antes a mesma caridade, e todas suas leis lhes serão sujeitas a elles. Não fallo dos Neros, nem dos Caligulas, e muito menos dos Sardanapalos, que similhantes monstros da natureza humana eram tyrannos crudelissimos, e não reis, nem homens. Fallo dos que são como Salomão naquelle tempo, e do mesmo Salomão particularmente; o qual

[1] *Cant.*, III, 9 e 10.

para pompa e vaidades inuteis, e para fazer a sua côrte inveja das outras, e ostentação de todo o mundo, carregou e opprimiu os seus povos com tal excesso, que chegaram por desesperação a sacudir o jugo, e privar da obediencia e do reino a Roboão, seu primogenito. Se se antojava o appetite e vaidade de Salomão já perdido, que houvesse prata, e mais prata: *Columnas argenteas:* que houvesse oiro, e mais oiro: *Reclinatorium aureum:* que houvesse purpura, e mais purpuras: *Ascensum purpureum:* tudo isto ha-de haver, dizia elle, por qualquer via, por mais violenta que seja; e se a caridade o contradisser, metta-se a caridade debaixo dos pés. Pois não vês, ó rei sabio, a oppressão e oppressões do teu povo? Não ouves os gemidos dos pobres? Não te lastimam as lagrimas dos miseraveis? Não consideras que o nome de rei te obriga a ser pai dos vassallos? Não reconheces no seu mesmo soffrimento, que todos te amam como filhos, e quando te aborreceram, e foram teus inimigos, os deveras comtudo amar? Onde está a proximidade? Onde está a humanidade? Onde está a caridade? Onde? Lá está debaixo dos pés do rei; porque os reis não são sujeitos á caridade, nem a suas leis: *Media charitate constravit.*

A este hieroglifico de Salomão se ajunta um argumento para mim de muito formal consequencia. Os reis não são obrigados a amar os amigos: logo muito menos a amar os inimigos. Quem não tem amôr para o amor, como ha-de ter amôr para o odio? Não ha entre todos os corações humanos, e entre todos os estados do mundo, nem vontades mais desamoraveis, que as soberanas, nem coisa mais opposta ao amôr, que a magestade. E porque razão, se razão se póde chamar? Por duas. Pela desigualdade, e pela obrigação dos vassallos. O amôr reciproco, que por outro nome se chama amisade, diz Aristoteles que o não póde haver senão entre eguaes: e como entre os reis e os vassallos ha uma desigualdade tão distante, como do inferior ao supremo, a mesma soberania que os remonta sobre a egualdade, os desobriga da correspondencia. E porque amarem os vassallos ao rei, é obrigação natural, esta é a segunda isenção ou regalia, que logram as magestades, para nem lhes ser necessario amar para ser amados, nem depois de ser amados, ficarem obrigados a amar. Como o amar dos

vassallos é divida, nem os reis ficam obrigados á paga, nem os vassallos teem acção para a desejar nem pedir. Daqui se segue aquella grande dôr (por lhe não chamar injustiça) de que tenha mais ventura com os reis o servir, que o amar: porque os serviços alguma vez são premiados, o amôr nunca é correspondido. Não seriam as magestades magestades, se se sujeitassem a amar. Porque? Por outras duas razões da sua parte. Amar é inclinar-se á vontade primeiro, e depois render-se; e o render-se é contra a potencia da magestade; o inclinar-se contra a soberania. Por isso disse bem quem lhe conhecia esta condição, que nem póde haver magestade com amôr, nem amôr com magestade: *Non bene conveniunt, nec in una sede morantur majestas, et amor.* E se os reis, como dizia, nem amados se inclinam a amar os amigos, odeados e aborrecidos, como se hão-de sujeitar a amar inimigos?

Seja exemplo o rei do melhor coração de quantos empunharam sceptro. Teve David muitos e grandes inimigos (que não fôra David se os não tivera). E como os amava? Elle mesmo o diga: *Persequar inimicos meos, et comprehendam illos, et non convertar, donec deficiant: confringam illos, nec poterunt stare, cadent sub pedes meos.* [1] A meus inimigos hei-os de perseguir até os tomar ás mãos, nem hei-de desistir ou descançar até os desfazer e consumir de todo. Eu lhes quebrarei o orgulho, e lhes torcerei o pescoço até os metter debaixo dos pés. E se Christo manda que não só façamos bem aos inimigos, mas que oremos por elles: *Et orate pro persequentibus, et calumniantibus vos:* [2] ouvi como os encommendava o mesmo David a Deus em suas orações: *Averte mala inimicis meis, et in veritate tua disperde illos:* [3] O mal que me desejam meus inimigos, peço-vos, Senhor, que o convertaes contra elles, e que pela má vontade que me teem, vós lhe ponhaes as mãos, e a boa vontade, destruindo-se e aniquilando-os: que isso quer dizer *disperde*. Finalmente, chegado á hora da morte, tempo em que até os corações mais duros não só perdoam

[1] *Psal.*, XVII, 38 e 39.
[2] *Math.*, V, 44.
[3] *Psal.*, LIII, 7.

a seus inimigos, mas lhes pedem perdão, duas mandas do testamento de David foram deixar muito encarregado a seu filho Salomão, que de nenhum modo se esquecesse de mandar matar a Joab, e a Semey, por certos aggravos que lhe tinham feito. E se desta maneira amava a seus inimigos um rei canonisado, que se levantava á meia noite a resar o Psalterio, e debaixo da purpura vestia cilicios, os que não são tão santos, nem tão beatos, vêde como guardarão o *diligite inimicos vestros;* e como tomarão por si o *dico vobis?*

III

Isto é o que se offerece pela primeira parte, e mais apparente que solida, da nossa questão: a segunda não só defende, mas define, que tambem as altezas e magestades, por mais altas e soberanas que sejam, se entendem e comprehendem debaixo daquelle *vobis;* e que todas egualmente, como os outros christãos, sem nenhuma excepção nem privilegio, estão sujeitas ao preceito de Christo, e obrigadas a amar seus inimigos, e a lhes fazer bem: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.*

O fundamento desta obrigação está na primeira palavra do mesmo Texto: *Ego autem dico vobis: Ego.* Eu. E quem é este *Eu?* Não é Platão, nem Licurgo, nem Numa Pompilio, cujas leis, comtudo, por serem racionaes, as veneravam e obedeciam todos os reis que alcançaram fama de justos; mas é aquelle *Eu* que disse a Moysés: *Ego sum, qui sum:* [1] Eu sou o que sou, o que só tem o ser de si, e o deu a todas as coisas: aquelle *Eu* que faz os reis, e tambem os desfaz, quando elles não fazem o que devem: *Per me reges regnant:* [2] aquelle *Eu*, que traz escripto na orla da opa real: *Rex regnum, et Dominus dominantium:* [3] Rei dos reis, e Senhor dos senhores: aquelle *Eu*, de quem os reis são mais subditos, do que os vassallos

[1] *Exod.*, III, 14.
[2] *Prov.*, VIII, 15.
[3] *Apoc.*, XIX, 16.

dos reis; porque os reis todos receberam o dominio e jurisdicção da mão e consenso dos povos: e se conservam em si, e perpetuam na sua posteridade o mesmo poder e soberania, é por mercê, e á mercê de Deus, em quanto elle fôr servido, e com um aceno da sua vontade não mandar o contrario. E este *Eu: Ego autem dico vobis:* este *Eu*, é o que diz a todos sem distinção nem excepção de pessoas ou dignidades: *Diligite inimicos vestros:* para que entendam os reis da terra, e de terra: *Et nunc reges intelligite: erudimini qui judicatis terram:* [1] que este e qualquer outro preceito de Deus o devem receber, não pezadamente, senão com alegria, e observar com temor e tremor: *Servite Domino in timore, et exultate ei cum tremore:* [2] sob pena de que se elles não amarem os inimigos, Deus os terá por inimigos a elles, e os destruirá, e perecerão como taes: *Ne quando irascatur Dominus, et pereatis de via justa.* [3]

Nem faz contra isto o exemplo allegado de David, antes persuade o contrario; porque David era soldado de Deus, e capitão general de seus exercitos; e aquelles a quem chamava seus inimigos, eram os inimigos de Deus: observando tal differença e distinção entre uns e outros, que aos inimigos seus amava e fazia bem, e só aos de Deus perseguia e fazia cruel guerra; tão insigne vingador das injurias divinas, como perdoador das proprias. Assim perdoou tantas vezes a Saül, desejou perdoar a Absalão, e sentiu e lamentou sua morte, como a de Abner: allegando sempre a Deus, que a nenhum seu inimigo dera mal por mal: *Si reddidi retribuentibus mihi mala:* [4] sendo elles tão ingratos, que lhe davam mal por bem: *Retribuebant mihi mala pro bonis.* [5] E se mandou matar a Joab, e a Semey, foi por justiça, como rei, e não por vingança: guardando estas duas sentenças e execuções para o testamento, e para a hora da morte, para que se visse que o fazia por escrupulo, e não por odio. Este era o coração de David, e por isso coração verdadeiramente

[1] *Psal.*, II, 10.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Ibid.*, 12.
[4] *Ibid.*, VII, 5.
[5] *Ibid.*, XXXIV, 12.

real e digno de que Deus tirasse a corôa da cabeça de Saül, para lh'a pôr na sua, como o mesmo Saül confessou.

Andava Saül pelos montes á caça de David para lhe tirar a vida, quando acaso entrou só em uma gruta, onde o mesmo David estava escondido com os poucos que seguiam sua fortuna. Todos lhe disseram e instaram, que lograsse a occasião que Deus lhe tinha mettido nas mãos, e com a morte de Saül se livrasse de uma vez das suas perseguições. Mas elle contentando-se com lhe cortar um retalho da roupa para amostra da sua fidelidade, depois que Saül sahiu da gruta, appareceu subitamente diante delle, e mostrando-lhe aquelle testemunho tão claro do perigo em que estivera, e da vida que lhe não quizera tirar, nem consentir que lh'a tirassem, prostrado a seus pés, lhe disse desta sorte: Eis aqui, ó rei de Israël, a quem andas buscando pelos desertos para o matar: eis aqui aquelle bichinho vil da terra, á caça do qual sáe da sua côrte em pessoa um tão grande monarcha: eis aqui como te merece que o persigas com tão mortal odio, e o faças andar desterrado e fugitivo de ti por estes montes. Ficou assombrado do que via e do que ouvia Saül, e compungido, e com as lagrimas nos olhos, lhe disse: Agora conheço, David (e não só lhe chamou David, senão filho) agora conheço, filho, e sei certissimamente que has-de reinar, e que deste mesmo reino de Israël, que eu chamo meu, has-de ser tu o rei: *Nunc scio, quod certissime regnaturus sis, et habiturus in manu tua regnum Israël.* [1] O que só te peço, é que me prometas e jures diante de Deus, que a mesma piedade que uzaste commigo, a terás da minha casa e descendencia, e não extinguirás do mundo o meu nome: *Jura mihi, ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de domo patris mei.* [2] Tão certa e infallivelmente conheceu e creu Saül, que havia David de ser rei. Mas donde tirou esta certeza, que chama certissima, e não antes, senão agora, e neste mesmo caso: *Nunc scio quòd certissime regnaturus sis?*

Abulense, e todos os outros Expositores, dizem que o inferiu Saül da generosidade de animo, com que

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIV, 21.
[2] *Ibid.*, 22.

sendo tão capital inimigo de David, elle lhe perdoára. Mas não é necessario que o digam Expositores, porque o mesmo Saül o ponderou e o disse. Notae todas as palavras: *Tu enim tribuisti mihi bona, ego autem reddidi tibi mala:* [1] Porque tu, David, déste-me bem por mal, sendo que eu sempre te dei mal por bem: *Et tu indicasti hodie quæ feceris mihi bona: quomodo tradiderit me Dominus in manum tuam, et non occideris me:* [2] E bem mostraste e provaste hoje isto que digo, pois entregando-me Deus nas tuas mãos, e podendo-me matar, me déste a vida: *Quis enim cum invenerit inimicum suum, dimittet eum in via bona:* [3] Porque, que homem ha que tendo seu inimigo debaixo da lança, lhe perdoe, e o deixe ir em paz? *Sed Dominus reddat tibi vicissitudinem hanc, pro eo quod hodie operatus es in me:* Mas eu confio, e estou certo, conclue Saül, que Deus não ha-de deixar sem premio esta differença que hoje uzaste comigo. E como? Tirando-me a mim a corôa da cabeça, e pondo-a na tua: *Quia scio, quòd certissimè regnaturus sis.* Assim entendeu Saül, posto que obrava o contrario, que um homem que tendo na sua mão a vingança, não sabia vingar aggravos: um homem que podendo fazer mal a seu maior inimigo, lhe fazia os maiores bens: um homem que pagava o odio com amôr, e a morte que lhe queriam dar com a vida; um tal homem como este, não o tinha Deus dotado de um coração tão generoso, e tão real, senão porque o queria e havia de fazer rei: *Quò regnaturus sis.*

Reparem muito os reis, no que inferiu com tanta certeza este rei: e reparem tambem no que eu agora quero inferir, não com menor certeza. Assim como é certo que Deus deu a corôa a David, porque se não vingou de Saül, assim digo, e tenho por certo, que se David pelo contrario se vingára, ainda que Deus o tivesse destinado para a corôa, lh'a não havia de dar. Caso notavel é que, repartindo Jacob na hora da morte a benção que tocava ou havia de tocar a cada um de seus filhos, a do sceptro e corôa de Israël a désse e collocasse no quarto. Este quarto filho era então Judas,

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIV, 18.
[2] *Ibid.*, 19.
[3] *Ibid.*, 20.

do qual descenderam os Davís, os Salomões, e outros reis do reino, por isso chamado de Judá; e do qual tambem descendeu Christo. Mas porque razão? O reino, e a primeira benção, segundo o uso dos patriarchas, e conforme á lei natural, que ainda hoje se observa, pertencia ao primogenito, que era Ruben; e posto que Ruben perdeu este direito, e se fez indigno da corôa, pela gravissima injuria que commetteu contra seu pai, no incesto que todos sabem: a Ruben seguia-se com o mesmo direito Simeão, que era o filho segundo, e a Simeão se seguia Levi, que era o terceiro. Pois porque não deu Jacob a benção ou investidura do reino, nem a Simeão, nem a Levi, senão a Judas, e deixando desherdados daquelle grande e supremo morgado, ao segundo e ao terceiro filho, o assentou e instituiu no quarto?

Tambem aqui não havemos mister doutores, porque na benção de ambos os desherdados dá o mesmo Texto, e o mesmo Jacob a causa: *Simeon, et Levi fratres, vasa iniquitatis bellantia: in concilium eorum non veniat anima mea, et in cœtu illorum non sit gloria mea; quia in furore suo occiderunt virum, et in voluntate sua suffoderunt murum. Maledictus furor eorum, quia pertinax, et indignatio eorum, quia dura.* [1] Simeão e Levi foram aquelles dois irmãos, que para vingar a injuria que o principe Sichem tinha feito a sua irmã, mataram ao mesmo Sichem, e a todos os Sichimitas, e lhes destruiram e assolaram a cidade. E homens tão duros de coração, homens tão furiosos, pertinazes e vingativos (posto que a causa parecesse justificada) não só não são dignos de reinar, nem de ter o supremo dominio sobre os outros homens, mas merecem justissimamente, que se por outra qualquer via lhes pertence o sceptro e a corôa, de nenhum modo, e em nenhum tempo a logrem, antes sejam para sempre privados e desherdados do reino, como eu com a minha maldição em nome de Deus os desherdo. Isto disse e fez Jacob, desherdando e privando do reino aos dois filhos, a quem de direito pertencia, só por serem vingativos, e não perdoarem aggravos. E o mesmo succederia sem duvida a David, se elle com o perdão de Saül lhe não tirára da ca-

[1] *Genes.*, XLIX, 5, 6 e 7.

beça a corôa, de que por inimigo era indigno, e a puzera na sua.

De tão longe ia Deus estabelecendo e fundando já o preceito que hoje havia de promulgar por sua propria bocca, ensinando com tão grandes e temerosas experiencias aos reis, que quando dissesse: *Ego dico vobis:* tambem fallava com elles. E notem os que de presente reinam, que com muito maior razão lh'o diz hoje Christo, do que o disse antigamente; porque aquelle *Eu: Ego autem:* ainda então não era o que hoje é. Era Deus, era supremo Legislador, era Rei dos Reis; mas ainda não era Rei que tivesse pedido perdão pelos que o crucificavam, nem Rei que tivesse tomado por titulo, Rei dos que lhe tiraram a vida. Lendo Santo Agostinho no titulo da cruz: *Rex Judæorum;* [1] admira-se muito de que Christo tomasse titulo de Rei dos judeus, sendo Rei de todo o mundo, e de todas as nações delle. Nos quatro braços da mesma cruz se significava o dominio que tinha o Rei crucificado sobre as quatro partes do mundo; e nas lettras hebraicas, gregas, e latinas, que eram as mais universaes, o senhorio e imperio de todas as nações. Pois se Christo era Rei de todo o mundo, e de todos os homens, porque toma só por titulo o de Rei dos judeus? Porque ainda que era Rei de todos, e morrera por todos, só os judeus foram aquelles que lhe tiraram a vida: e onde foi maior o amôr dos inimigos, alli assentou melhor o titulo de Rei. Rei de todos, Redemptor de todos, e o que perdoou os peccados de todos; mas dos judeus, de quem recebeu os maiores aggravos; dos judeus, que lhe tiveram o maior odio; dos judeus, que mais que todos foram seus inimigos: desses particularmente rei: *Rex Judæorum.* Para que acabem de entender os que são e se chamam reis, que não só pelo preceito que lhes puz, senão pelo exemplo que lhes dei, e para perpetuarem os seus reinos, como eu eternisei o meu, todos sem excepção são obrigados ao amôr dos inimigos, e todos a fazer bem aos que lhes tiverem odio: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.*

---

[1] *Joan.*, XIX, 19.

IV

Declarado o *Dico vobis*, e provado como tambem aos reis comprehende o preceito de amar os inimigos, segue-se a declaração do *Diligite*, e o modo com que os hão-de amar, cuja pratica, se fôr como se usa, não tem menos difficuldade, nem menor perigo. Mas antes que cheguemos a este ponto, é necessario averiguar outro, e saber e distinguir quem são os inimigos dos reis? Perguntando um doutor da lei a Christo Senhor nosso, que havia de fazer para se salvar, respondeu o Senhor, que amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo, fazendo-lhe primeiro repetir o Texto: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et proximum tuum sicut te ipsum.* [1] Porém o doutor para se justificar, como diz S. Lucas: *Volens justificare se ipsum:* [2] desta mesma resposta de Christo levantou outra questão, dizendo: *Et quis est meus proximus?* Bem está, que seja eu obrigado a amar o meu proximo; mas esse meu proximo quem é? O mesmo digo eu, ou me pódem dizer, e perguntar a mim. Bem provado está que os reis teem obrigação de amar a seus inimigos: mas esses inimigos dos reis quem são? A resposta não é facil, antes tal, e de tão máu gosto, que, se eu a der como devo, tambem póde grangear inimigos.

Começando pelos de mais longe, parece que os inimigos dos reis são os que lhes impugnam o reino, os que lhes sitiam as cidades, os que lhes infestam os mares, os que lhes roubam as conquistas, e os outros que por qualquer modo lhes fazem guerra. Mas estes não são os de que mais propriamente falla Christo. Os que nos fazem guerra (posto que a nossa lingua equivocamente lhes dê o mesmo nome) não se chamam propriamente *inimicos*, chamam-se *hostes*. *Inimicos* são os inimigos por inimisade e odio, como costumam ser os de dentro: *hostes* são os inimigos por hostilidade e por guerra, que só pódem ser os estranhos, e os de fóra. Isto posto, Tertulliano teve para

[1] *Luc.*, x, 27.
[2] *Ibid.*, 29.

si, que nenhum christão podia ser hoste: *Christianus nullius est hostis.* E persistindo coherentemente neste seu parecer, chegou a affirmar, que nenhum rei podia ser christão, nem algum homem, que fosse christão, podia ser rei: *Si christiani Cæsares esse possent, aut Cæsares christiani.* E que fundamento teve, ou podia ter, este antiquissimo Auctor, e de muito são e profundo juizo em outras materias (ao qual S. Cypriano chamava o Mestre) para ensinar uma doutrina tão alheia do que hoje se pratica em toda a Christandade? O fundamento que teve, foi o exemplo da humildade e paciencia de Christo, persuadindo-se que as armas do christão não podiam ser a espada, que o mesmo Senhor mandára embainhar a S. Pedro, senão a mansidão e a paciencia. E como via pelo contrario, que á obrigação e officio dos reis e imperadores, eram necessarias as armas e os exercitos para defender seus estados, e vingar as injurias que lhes fizessem, ou intentassem fazer inimigos; esta mesma vingança dos inimigos julgou que os excluia da lei do Evangelho, e os fazia incapazes de ser christãos, definindo como por conclusão evidente, que todo aquelle que por este modo fizesse mal a seus inimigos, e por consequencia os não amasse; se fosse rei, não podia ser christão, e se quizesse ser christão, havia de deixar de ser rei.

Este erro de Tertulliano (que ainda hoje seguem os hereges Anabaptistas) se refutou e desfez publicamente d'ahi a cento e vinte annos com a conversão e baptismo do imperador Constantino Magno, que foi o primeiro principe christão que houve no mundo, o qual comtudo sendo convertido pelo mesmo S. Pedro, nem por isso desistiu da guerra e emprezas militares, armando, como dantes, exercitos, dando batalhas, alcançando victorias, conquistando cidades e provincias. Nem daqui se segue, que elle, ou outro imperador e rei christão podesse ter odio a seus inimigos, e fazer-lhes mal; porque (como bem suppunha Tertulliano nesta parte) seria obrar directamente contra o preceito expresso de Christo, que manda amar e fazer bem a todos e quaesquer inimigos: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.*

Mas se esses reis christãos na invasão das terras de seus inimigos talam os campos, arrasam castellos, escallam cidades e derramam tanto sangue, matando

homens a milhares, como pódem fazer tudo isto, e amar juntamente aos mesmos seus inimigos? Eu o direi, e respondo a uma pergunta com outra. Quando o legitimo juiz, segundo o merecimento dos autos, condemna á morte e á confiscação de bens um réu, e manda executar nelle a sentença, póde fazer isto sem odio? E' certo que não só sem odio, senão amando muito ao mesmo homem, e não procedendo áquelle rigor, senão muito a seu pesar, e obrigado sómente das leis da justiça, de que é ministro. Pois do mesmo modo obra o rei christão na guerra que faz a seus inimigos, porque naquelles casos elle e só elle é o legitimo juiz. Qual cuidaes que é a maior dignidade, e auctoridade do rei? Por ventura o dominio e superioridade suprema sobre tantas cidades e povos, de quantos se compõe um reino, ou muitos reinos? Não. A maior auctoridade e soberania dos reis, é que nas controversias com outros principes estranhos, elles sejam, e Deus fiasse delles, o serem juizes em causa propria. E como os reis são juizes, e juizes postos por Deus em seu logar, assim como o juiz inferior póde sentenciar o réu a perdimento da vida e da fazenda, sem odio, antes com amôr, assim o rei na guerra justa, e julgada por sua propria auctoridade, póde mandar matar, e despojar seus inimigos, amando-os juntamente, e observando o preceito de os amar: *Diligite inimicos vestros.*

Isto quanto á primeira parte do preceito está claro: mas quanto á segunda, ainda parece difficultoso. Porque Christo não só manda que amemos aos inimigos, senão que lhes façamos bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.* Pois se o rei christão com a guerra e hostilidade della faz a seus inimigos o maior mal desta vida, antes os dois maiores males, que é despojal-os dos bens que possuem, e da mesma vida, se resistirem; como póde estar com isto o não lhes fazer mal (que não basta) mas o fazer-lhes positivamente bem, que é o que manda o preceito: *Diligite, et benefacite?* Tambem a esta pergunta respondo com outra dentro no mesmo exemplo. Quando o juiz entre dois litigantes condemna o injusto possuidor, e o executa com violencia, privando-o do que injustamente possuia, faz-lhe bem ou mal? Não ha duvida, que lhe não faz mal, senão bem, e o maior de todos os bens. Porque? Porque o obriga a restituir por força, o que nunca havia

de restituir por vontade; e por meio desta restituição, sem a qual se não podia salvar, o põe em estado de salvação. Tal é o bem, e grandissimo bem, que os reis christãos fazem aos outros principes seus inimigos, quando por meio da guerra justa e poderosa recuperam delles as terras, cidades ou reinos, que elles ou seus maiores lhes tinham usurpado. Porque obrigando-os por força a restituir o alheio, os desobrigam da restituição que nunca haviam de fazer de grado: sendo nestes casos mais venturosos os despojados e vencidos, do que cuidam e festejam os vencedores. A espada antigamente era a insignia do juiz, por onde disse S. Paulo: *Non enim sine causa gladium portat:* [1] e como os juizes inferiores não têm jurisdicção nem alçada sobre os pleitos dos reis, o que elles não pódem com a espada da justiça, fazem os reis com a justiça da espada. E' verdade que derramam sangue, e muito sangue; mas assim como o medico o tira sem querer mal, nem fazer mal, assim o pódem fazer os reis, não por odio, senão com boa vontade e não para matar o corpo mal affecto, senão para o descarregar do humor que o mata, e o reduzir á saude. Esta é a recta intenção com que deve proceder na guerra todo o rei justo: por duas razões. A primeira para obedecer ao preceito de Deus, que é o Senhor dos exercitos: a segunda para o fazer propicio a suas armas, que movidas por odio ou vingança, nunca pódem ter bom successo. Assim o entendeu e deixou escripto aquelle tão grande rei, como soldado, David: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis.*

V

Temos visto e distinguido quaes são os inimigos que se chamam hostes, e declarado em todo o rigor da theologia, como se pódem amar e devem amar, ainda quando se lhes faz ou faça guerra. (Materia muito propria do tempo presente, e não menos necessaria a purificar a emulação nacional, que entre gente de

[1] *Rom.*, XIII, 4.

pouca nobreza e entendimento, passa talvez a ser odio). Agora recolhendo-nos dos muros, ou das raias á dentro, segue-se vêr quaes sejam os outros que propriamente se chamam *inimicos: Diligite inimicos vestros.* E supposto que não fallamos de inimigos em geral, senão dos inimigos dos reis dentro dos limites da nossa questão, uma coisa entendo neste ponto, e outra parece que se não póde entender. Entendo que os inimigos dos reis neste caso não pódem ser outros, senão os vassallos; mas não entendo, nem sei como se póde entender, nem imaginar (ao menos entre nós) que haja homem tão indigno e tão vil, que mereça tão abominavel nome. Se o primeiro e maior amôr dos vassallos é o do seu rei: se os mortos suspiravam por este nome, e nelle se sustentam os vivos: se para o sustentar, defender e conservar, todo o outro amôr já não é amôr, desprezando-se a fazenda, o sangue, a vida, a mulher, os filhos; como póde ser, que haja ainda ou possa haver, não digo homens, senão monstros, que sejam e se possam chamar inimigos dos reis? Eu não direi quaes são, porque o não sei entender, como já disse; mas referirei e me referirei sómente aos que os nomeam, e são testemunhas todas legaes, e a quem a opinião do mundo dá grande credito.

Entre os politicos, Xenofonte, Tacito, Cassiodoro: entre os historicos, Tito Livio, Suetonio, Quinto Curcio: entre os philosophos, Seneca, Plutarco, Severino Boecio: entre os Santos Padres, Jeronymo, Chrysostomo, Gregorio, Agostinho, Bernardo (deixando os demais) todos, só com discrepancia no encarecimento, dizem e ensinam concordemente, que os inimigos dos reis, e os maiores inimigos, são os aduladores. E supposto que sejam os aduladores, como logo se provará largamente; onde vivem, ou onde estão encastellados estes inimigos dos reis? E' certo que não são os que lavram os campos, nem os que aram os mares, nem os que presidiam as torres, nem os que pleiteam nos tribunaes, nem os que commerceam nas praças, nem menos todos os outros que com o trabalho de suas mãos servem á republica, e só conhecem de palacio as paredes, e as adoram de fóra. Logo se não são os que sómente as vêem de fóra, devem de ser sem duvida os que as frequentam de dentro, verificando-se tambem dos reis, o que Christo pronunciou geralmente

de todos os homens: *Inimici hominis domestici ejus.* [1] Os domesticos, os familiares, os que só são admittidos a ouvir e ser ouvidos, estes são os aduladores, e por isso os inimigos. Assim commenta o Texto de Christo S. Bernardino de Sena, declarando, que a razão de serem inimigos os domesticos, é por serem aduladores, e que esta pensão, ou desgraça, é a mais perniciosa dos principes: *Nihil principi pernitiosius esse potest, quàm domesticus inimicus, hujusmodi autem sunt adulatores.*

S. Gregorio Magno, que depois de grandes cargos politicos nas duas maiores côrtes de Roma e Constantinopla, foi cabeça suprema de toda a Igreja, e por si mesmo e seu juizo, sciencia e experiencia, uma das mais eminentes cabeças do mundo; não só diz que os aduladores secretos são publicos inimigos dos reis, mas dá por regra e cautela aos mesmos reis, que quanto virem que são maiores os louvores com que forem adulados delles, tanto os reconheçam por maiores inimigos e cream que o são: *Tantò majores hostes credendi sunt, quantò magis laudibus adulantur.* E se isto não vêem claramente todos os reis, é porque é tal o dôce veneno da lisonja, que entrando pelos ouvidos, lhes cega tambem os olhos. Por isso S. Pedro Damião tão pratico e desenganado das côrtes, que por fugir muito longe dellas, renunciou a purpura; a que compararia os aduladores de palacio? Comparou-os ás andorinhas de Tobias, as quaes fazendo o ninho na sua casa, lhe pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista. Taes, diz elle, são os aduladores: *Qui dum adulationis oleo audientis caput impinguant, interiores oculos, ne solita luce fruantur, excæcant.*

Santo Agostinho, auctor em toda a materia primaz, com doutrina tirada da escóla del-rei David, ensina que ha dois generos de inimigos, uns que perseguem, outros que adulam: mas que mais se ha-de temer a lingua do adulador, que as mãos do perseguidor: *Duo sunt genera inimicorum, persequentium, et adulantium, sed plus persequitur lingua adulatoris, quàm manus persecutoris.* A mão do perseguidor arma-se com a espada, com a lança, com a setta, com o veneno e com todos os outros instrumentos de ferir e

[1] *Math.*, x, 36.

matar, que a furia e violencia do fogo acrescentou á dureza do ferro: e comtudo diz o maior doutor da Igreja, que mais se ha-de temer a lingua desarmada do adulador, que todas as armas do perseguidor e inimigo. Mas porque dirão os palacianos (como dizem aos da nossa profissão) que fallou Santo Agostinho como theologo e como santo, e não como politico; ponhamos-lhe de um lado a Pithagoras, e do outro a Socrates, que nem foram theologos, nem santos; mas ambos famosissimos mestres da republica mais politica, qual foi a de Athenas. Que diz Pithagoras? *Gaude potius arguentibus, quàm adulantibus, et tanquam deteriores inimicis adulatores aversare:* Gosta antes dos que te arguem, que dos que te adulam, e tem maior aversão aos aduladores, que aos inimigos, porque são peiores. E Socrates que diz? *Adulatorum benevolentiæ tanquam hostibus dato terga, fuge infortunium:* á benevolencia dos aduladores dá-lhe logo as costas, e foge delles como de inimigos, porque te não succeda algum infortunio dos que a adulação traz sempre comsigo. Cream ao menos a Socrates e a Pithagoras, os que não quizerem dar credito a Santo Agostinho.

Synesio, aquelle insigne varão que compoz os livros *De Regno*, e depois de governar prudentissimamente o mundo, com egual zelo e santidade governou e illustrou a Igreja; escrevendo ao imperador Arcadio, o conselho que lhe dá sobre todos, exhortando-o a que o observe com o primeiro e maior cuidado, é que não consinta junto a si aduladores, e se guarde e vigie delles; porque por mais cercado que esteja de guardas o seu palacio, a adulação se sabe introduzir subtilissimamente, sem ser sentida, e bastará ella só para primeiro o sujeitar e dominar a elle, e depois o despojar do imperio: *Sola quippe adulatio nec quicquam vigilantibus satellitibus in ima usque conclavia sensim penetrat, et imperium deprædatur.* Coisa difficultosa parece, que tendo Arcadio presidiado o seu imperio com as legiões romanas, e não havendo então inimigo estranho, que com poderosos exercitos lhe fizesse guerra, houvessem de bastar poucos homens desarmados, para dentro em sua propria casa destruirem o imperador e mais o imperio. Mas tão occulta e poderosa guerra é a que faz aos principes a adulação, e tão perniciosos inimigos mais que to-

dos são os aduladores. Oiçam os politicos o Texto da sua Biblia: *Adulatio perpetuum malum regum, quorum opes sæpius assentatio, quam hostis evertit.* A adulação é aquelle perpetuo mal, ou achaque mortal dos reis, cuja grandeza, opulencia e imperios muitas mais vezes destruiu a lisonja dos aduladores, que as armas dos inimigos.

Commentando este Texto de Cornelio Tacito, outro Cornelio de maior erudição, de melhor juizo, e de mais largas experiencias que elle, confirma a verdade do seu dito com a falta da verdade, de que só carecem os que são senhores de tudo; e com os exemplos de Nero, Cesar e Roboão, todos desastradamente perdidos, não por inimigos de fóra, mas pelos aduladores domesticos: *Et quidem reges abundant rebus omnibus in aula, excepta veritate. Quid Neronem castissimè educatum crudelem fecit? Adulatio. Quid Cæsarem contra patriam rebellare fecit? Adulatio. Quid Roboam tyrannum reddidit? Adulatio.* Nem a Roboão aproveitou ter por pai a Salomão, nem a Nero ter por mestre a Seneca, nem a Cesar ter-se esmerado nelle a natureza em o dotar de uns espiritos tão generosos, e verdadeiramente reaes: para que a adulação de seus proprios familiares a um não corrompessem as virtudes, a outro não despojassem do reino, a outro não tirassem a vida, e a todos não destruissem tão infausta e miseravelmente, como todos sabem. Esta mesma conclusão inferiram sobre a lição de todas as historias do mundo, aquelles dois grandes historiadores, que em sentença de Lipsio, depois de Salustio e Livio, merecem os dois seguintes logares, entre os latinos, Curcio, e entre os hespanhoes, Marianna: *Regnum sæpius ab assentatoribus, quam ab hostibus everti solet*, diz Curcio na historia de Alexandre: *Vide hic ut magis adulatio, quam hostis reges, et principes perdat*, diz Marianna no commentario de Oseas. De sorte que tudo o que se sabe por vista, ou por memoria dos periodos e catastrophes dos reinos, e dos fins malafortunados dos reis e causas delles, as menos vezes se deve attribuir aos inimigos de fóra, que são os que só se temem, senão a quem? Aos lisongeiros e aduladores de dentro, aos que teem as entradas francas, e as chaves tão doiradas como as linguas, aos que participam os segredos e arcanos da

monarchia, e os que só são admittidos a dizer, e a ser ouvidos; em fim, aos inimigos interiores e domesticos, que são os que mais se deveram temer.

VI

Antes, porém, que refira o que dizem os demais (pois sómente sou relator neste ponto) para que se oiça com maior attenção, e se dê inteiro credito ao que elles disserem, é necessario socegar primeiro um escrupulo ou suspensão, com que estou vendo que este nome de inimigos dos reis, ou se reputa por injusta censura, ou quando menos por demasiado encarecimento. Todas as pessoas que os reis admittem á assistencia mais interior de seu palacio, além das qualidades e talentos que os fazem dignos de tão soberana eleição, ninguem póde duvidar que o seu maior cuidado e disvelo, é servir e agradar ao seu principe: e que elles são os que mais desejam a vida e procuram a saude: elles os que mais sollicitam o bem, a conservação e augmento do reino: elles os que de dia e de noite, sem descançar, mais se empregam, e mais trabalham no que mais que tudo importa. E posto que as suas palavras (como pede o respeito e reverencia real) se pronunciem vestidas ou adornadas com algum daquelles enfeites, que popularmente se chamam lisonjas, nem por isso desmerece o affecto de seus corações o nome de amigos, e verdadeiros amigos; com que vem a ser affronta não só injusta e calumniosa, mas indigna de se dizer nem ouvir, que sujeitos tão illustres, e tão leaes, sejam chamados inimigos dos reis, e se lhes applique no Texto de Christo a censura de *inimicos vestros*.

Tudo isto digo eu tambem, e geralmente assim é. Mas porque nesta regra, como em todas, póde haver alguma excepção, oiçamos sobre ella o mesmo Legislador, que é o melhor interprete das suas leis. E assim o mesmo Christo, que disse: *Diligite inimicos vestros*, será tambem o que nos declare estes inimigos quem são, e como o são, e como não pódem deixar de o ser: *Nemo potest duobus Dominis servire:* [1] (diz

[1] *Math.*, VI, 24.

Christo) ninguem póde servir a dois senhores. E porque? Porque se tiver amôr a um, ha-de ter odio ao outro: *Aut enim unum odio habebit, et alterum diliget.* Supposta esta definição infallivel da Summa Verdade, pergunto agora: E os que servem aos reis em palacio, a quantos senhores servem? Se alguns se não quizerem lisonjear tambem a si mesmos, é força que confessem que servem a dois senhores: ao senhor rei, e ao senhor interesse proprio. Logo segue-se, que se amam a um, teem odio a outro, e que se de um destes senhores são amigos, do outro são inimigos: *Aut enim unum odio habebit, et alterum diliget.* Notae que não diz Christo: *Unum diliget, et alterum non diliget:* senão: *Unum odio habebit, et alterum diligit.* Porque se não póde servir e amar a um, sem ser inimigo do outro. E se em algum dos que servem ao rei, se provasse que ama mais o seu interesse que o rei, provado estava que este tal é inimigo do rei.

O Papa chama-se *Servus servorum;* e creio eu que a muitos reis se pudéra extender o mesmo titulo sem offensa da Sé Apostolica. Porque ha tantos que queiram servir de perto aos reis? Porque querem que tambem os reis os sirvam a elles? Não digo tanto. Servem aos reis, porque lhes serve o servil-os. Arrima-se a hera á torre, não por amôr da torre, senão por amôr de si: não porque queira corôar a torre (que as corôas de hera não são as dos reis) mas porque a hera não póde crescer sem arrimo, e ella quer crescer e subir. Por isso vemos tão subidos e tão crescidos, os que talvez antes de chegarem a este arrimo, mal se levantavam da terra. Pelo contrario, vemos tambem que muitos se retiraram do serviço do rei, porque lhes negaram ou dilataram a subida. Logo ao senhor interesse é que serviam, e não ao rei. Sete annos de pastor servira Jacob a Labão, pai de Rachel, mas não servia a elle, servia a ella. E porque servia Jacob a Rachel, e não a Labão? Porque Rachel era a quem amava. Porque amava a Rachel, por isso servia a Labão; e o amôr não está no *por isto*, está no *porquê*. Porque amam o seu interesse, por isso servem ao rei. Indigna coisa por certo, que seja o rei o Labão, quando o vil interesse é a Rachel. Mas oiçamos a outro melhor Auctor.

Stellio manibus nititur, et moratur in ædibus re-

gis. [1] A aranha, diz Salomão, não tem pés, e sustentando-se sobre as mãos, mora nos palacios dos reis. Bom fôra que moraram nos palacios dos reis, e tiveram nelles grande logar os que só teem mãos. Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe-se mão ante mão a um canto dessas abobadas doiradas, e a primeira coisa que faz, é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao principio mal se divisam, lança suas linhas, arma seus teares, e toda a fabrica se vem a rematar em uma rêde para pescar e comer. Taes são (diz o rei que mais soube) as aranhas de palacio. Quem vir ao principio as finezas com que todos se desfazem e desentranham em zelo do serviço do principe, parece que o amôr do mesmo principe é o que unicamente os trouxe alli; mas depois que armaram os teares como tecedeiras, e as rêdes como pescadores, logo se descobre que toda a têa por mais fina que parecesse, era urdida, e endereçada a pescar, e não a pescar moscas. E senão veja-se o que todos pescam. As melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios, e talvez, diz o mesmo Salomão, que sendo a malha tão miuda, pescam o mesmo dono da casa: *Homo, qui blandis, fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus ejus.* [2] As palavras brandas do adulador, são rêdes que elle arma para tomar nellas ao mesmo adulado. E este é o artificio sem arte dos aduladores reaes. Servem lisonjeiramente aos principes, para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça, para os fins que só pretendem de seus proprios interesses. E como por declaração do mesmo Legislador do nosso Texto ninguem póde servir a dois senhores, sem amar a um, e ser inimigo do outro, provado fica sem replica, e concluido, que quantos forem em palacio os amigos de seus interesses, tantos são os inimigos dos reis.

---

[1] *Prov.*, XXX, 28.
[2] *Prov.*, XXIX, 5.

VII

E se elles disserem que são isto discursos, tambem eu folgára muito que não só foram discursos, senão muito mal fundados, e muito falsos: mas no nosso mesmo Texto o *benefacere* é prova do *diligere: diligite, et benefacite.* Vejamos pois o bem ou mal que os aduladores fazem aos reis, e logo se verá claramente se os amam, ou são seus inimigos. A maior fatalidade dos reis, é nascerem todos em signo de ser louvados. Lançou Jacob a benção a Judas, seu quarto filho, e as palavras por onde começou, foram estas: *Juda, te laudabunt fratres tui:* [1] Judas, a ti te louvarão teus irmãos. Os irmãos eram onze, e muitos delles tiveram muito que louvar: pelo contrario Judas não deixou de fazer muitas acções dignas de ser vituperadas. Pois se nos outros houve tambem coisas merecedoras de louvor, e em Judas merecedoras de vituperio; porque se dá por benção só a Judas, que elle será o louvado, e que todos o louvarão: *Te laudabunt?* Porque Judas, como vimos ao principio, ainda que era o filho quarto, foi o que levou o sceptro e a corôa, e em quem se fundou o direito hereditario da casa e successão real: e é benção ou fatalidade dos reis, que tudo o que fizerem ou quizerem, ainda que não seja louvavel, seja louvado: *Te laudabunt.* Se o rei, como Saül, tomar para si os despojos de Amalec consagrados a Deus, e os applicar a usos profanos: *Te laudabunt.* Se o rei, como David, por uma simples informação suspeitosa, singular, e sem nenhuma legalidade, privar do patrimonio a Mephiboseth, e o dér ao seu criado Siba: *Te laudabunt.* Se o rei, como Salomão, para edificar soberba e deliciosamente o bom ou máu retiro do Libano, derribar as casas dos poucos poderosos, e queimar as choupanas dos miseraveis: *Te laudabunt.* Se o rei, como Roboão, sobre o jugo pezadissimo e intoleravel de seu pai acrescentar tributos sobre tributos, oppressões sobre oppressões, e rigores sobre rigores, nadando todo o reino em rios de lagrimas: *Te laudabunt.* E quem

[1] *Genes.*, XLIX, 8.

são os panegyristas destes louvores? Não são os que padecem o diluvio fóra da arca, não são os que moram e morrem fóra das paredes de palacio, senão os que vivem e reinam das portas a dentro. Estes são os aduladores que louvam o que não deveram louvar, e applaudem o que não deveram applaudir, e ajudam o que deveram estorvar: attentos sómente a não desgostar ou entristecer o agrado em que teem fundado seus interesses, sem attenção ao credito e á fama, nem talvez á consciencia dos mesmos reis, como verdadeiros inimigos: *In malitia sua lætificaverunt regem.* [1]

Eu bem creio do bom entendimento de alguns, que no mesmo tempo em que louvam e applaudem com a bocca, gemem e choram com o coração. Nem elles deixam de o confessar assim, onde não é perigoso o sigillo. Mas como servem mais ao proprio interesse que ao rei, esta covarde dependencia lhes equivoca a dôr com a alegria, e o coração com a lingua. Caso verdadeiramente lamentavel e tragico, mas já representado no theatro de Roma. Depois que o imperador Nero se esqueceu de si, e da temperança e compostura real em que fôra creado, fez tão pouco caso da propria auctoridade e decencia, que entre os citharedos e histriões sahia no theatro publico a competir com elles em todas as baixezas ridiculas daquellas artes, proprias de gente vil e infame. A este espectaculo ou ludibrio da maior fortuna, assistiam todas as ordens, senatoria, consular e equestre, assistiam os centuriões, os tribunos, e toda a flôr das legiões romanas: assistiam principalmente todos os familiares do palacio imperial, e entre elles diz com grande ponderação Tacito: *Et mœrens Burrhus, ac laudans.* Era Affranio Burrho, homem de grave e maduro juizo, mestre ou aio que tinha sido com Seneca do mesmo Nero. E quando todos os outros faziam grandes applausos ás mudanças, saltos e gestos do imperador citharedo, como se foram outros tantos triumphos, só Affranio estava triste, mas tambem louvava como os demais: *Et mœrens Burrhus, ac laudans.* Pois homem, ou animal (que te não quero chamar com o nome proprio, por não parecer que o

[1] *Oseas*, VII, 3.

faço appellativo) se conheces a indecencia, a desauctoridade, e a affronta do teu principe; se estás engolindo as lagrimas, e affogando os gemidos; porque ao menos não emmudeces, e callas, para que veja Nero na tua tristeza a tua dôr, e lêa no teu silencio o teu voto? Mas no mesmo tempo em que estás chorando o que condemnas, has-de louvar o que choras: *Et mœrens Burrhus, ac laudans?* Sim, que taes são os aduladores de palacio, ainda os de maiores obrigações, e de menos corrupto juizo.

Uns Auctores comparam estes aduladores ao camaleão, que não tendo côr certa nem propria, se reveste e pinta de todas as côres, quaesquer que sejam as do objecto visinho. Outros os comparam á sombra, que não tem outra acção, figura, ou movimento, que a do corpo interposto á luz, do qual nunca se aparta, e sempre e para qualquer parte o segue. Outros os comparam ao espelho, retrato natural e reciproco de quem nelle se vê; porque se lhe pondes os olhos, olha para vós; se rides, ri; se choraes, chora; lagrimas porém sem dôr, e rizo sem alegria: que não fôra o espelho adulador, se assim não fôra. Mas como o camaleão, a sombra, e o espelho, tudo são assistentes mudos; a comparação de Santo Agostinho é a mais propria e similhante de todas: porque os comparou ao ecco: *Jucundum est, ac volupe cum clamantibus nobis responsant sylvæ, et acceptas voces numerosiori repercussu reddunt: Talis eccho adulator.* O ecco sempre repete o que diz a voz, nem sabe dizer outra coisa; e onde as concavidades são muitas, é scena verdadeiramente aprazivel vêr como os eccos se vão respondendo successivamente uns aos outros, e todos sem discrepancia dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz, é o que todos uniformemente repetem. E isto que fez a natureza nos bosques, faz a adulação nos palacios, diz Agostinho. Diz o rei que quer fazer uma guerra: e ainda que a empreza seja pouco provavel, e o successo de perigosas consequencias, que respondem os eccos? Guerra, guerra, guerra. Diz que quer fazer uma paz; e ainda que a occasião seja intempestiva, e os pactos e condições pouco decorosas, que respondem os eccos? Paz, paz, paz. Diz que quer enriquecer o erario, e para isso multiplicar tributos, e ainda que os fins ou pretextos tenham mais de vaidade que de utilidade, que respondem os eccos? Tributos, tributos, tributos.

E para que eu tambem acrescente a minha comparação, são parecidos os aduladores áquelles quatro animaes do Apocalypse, os quaes cercavam o throno do Cordeiro Dominador da terra, e tendo cada um delles quatro rostos, e quatro linguas, nenhuma coisa diziam, nem sabiam dizer, senão amen: *Et quatuor animalia dicebant, Amen.* [1] Pois para isto assistem ao throno, para isto os tem junto a si o supremo Dominante? Para isto tanta diversidade de rostos, e tanto apparato de linguas? Sim. Para isto, e só para isto: para quando sahir do throno a voz, elles dizerem os Amens. E para que os Amens digam com o rosto, e o rosto não desdiga do que elles dizem, por isso sendo a voz uma só, os rostos são muitos, e tão varios, quantos pódem ser os affectos da Magestade adulada. Se o Rei está benigno e humano; para isso teem rosto de homem: *Facies hominis:* [2] se está colerico e irado; para isso teem rosto de leão: *Facies leonis:* se está sobrelevado e altivo; para isso teem rosto de aguia: *Facies aquilæ:* se está melancolico e carregado; para isso teem rosto de bezerro: *Facies bovis.* Em fim, muitos rostos, e uma só voz; porque sempre a lingua e os gestos estão apparelhados, ou na vontade declarada para a approvar, ou na inclinação só presumida para a prevenir.

VIII

A intenção recta dos principes não é esta, senão que cada um diga livremente o que entende, e aconselhem o que mais importa; mas como o norte sempre fixo do adulador é o interesse e conveniencia propria, nenhum ha que se fie deste seguro real, e todos temem arriscar a graça, onde teem posta a esperança. Dizia Seneca (e dizia o que obrava) que antes queria offender com a verdade, que agradar com a lisonja: *Maluerim veris offendere, quam placére adulando.* Mas quem era Seneca? Era aquelle grande estoico, em cuja estimação a maior riqueza era o desprezo de

[1] *Apoc.*, v, 14.
[2] *Ezech.*, i, 10.

todas. Era tão opulento o seu patrimonio, que só elle pudéra fundar e enriquecer muitas casas, e tão grandes como as que hoje são titulares; e tudo renunciou Seneca, e applicou ao fisco real. E quem com a sua fazenda quer acrescentar os thesouros do rei, escolhe antes offender com a verdade, que agradar com a adulação. Porém aquelles que com os thesouros do rei querem acrescentar a sua casa, e enriquecer a sua pobreza, ou a sua vaidade, que se póde crêr ou esperar que façam? Que digam cincoenta lisonjas para grangear uma commenda, e que não se atrevam a dizer meia verdade, por se não arriscar a perdel-a. O' reis, ó monarchas do mundo, que por esta causa, e só por esta, é digna de compaixão a vossa suprema fortuna!

O Psalmo *Miserere mei Deus* não só o fez David para lamentar a sua miseria como peccador, senão tambem como rei. Esse foi o seu pensamento, e o seu sentimento, quando disse: *Tibi soli peccavi:* [1] Eu, Senhor, só para vós pequei. E porque só para vós, e não para os outros? Porque só vós me estranhastes o meu peccado; porque fui peccador: e nenhum dos outros m'o estranhou, porque era rei. Em proprios termos Hysichio: *Quoniam reliquis omnibus ei tanquam regi indulgentibus, solus Deus misit Nathan, et nefarium scelus reprehendit.* O peccado de David só para Deus foi peccado; porque para todos os outros, como era rei, foi indulgencia. Eis aqui de que serve aos reis o ser reis, e quão lisongeiramente o servem os que o servem. Se alguma vez na antecamara de David (onde elle o não ouvisse) se tocou no seu peccado, o que os palacianos discorriam, era desta maneira: Que o amôr de Berzabé fôra um galanteio de principe soldado: que o casar-se com ella fôra uma honrada restituição da sua fama: que o matar a Urias fôra um conselho necessario, prudente, e generoso: porque o fez morrer nobremente na guerra: prudente, porque pareceu acaso o que foi industria: e necessario, porque o modo mais seguro de sepultar o aggravo, é metter debaixo da terra o aggravado. Tão levemente se fallava em palacio em um caso mais que escandaloso, atroz: chamando ao adulterio galanteio,

[1] *Psal.*, L, 6.

ao homicidio necessidade, e á aleivosia prudencia. No Capitulo oitavo do 2.º Livro dos Reis, se nomeam as pessoas de que constava a casa e familia superior de David: e é coisa que excede todo o encarecimento da lisonja, que em tantos homens de tão grandes qualidades e supposições, se não achasse nem um só, que, ou por zelo da honra, ou por escrupulo da consciencia, ou por obrigação do officio, ou por memoria de beneficios e mercês recebidas, se atrevesse a acudir a um rei na sua desgraça, e lhe abrir os olhos com a verdade em tão perigosa cegueira. Por isso elle considerando o seu desamparo, e conhecendo o risco da propria salvação, orava e clamava a Deus, dizendo: *Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutæ sunt veritates à filiis hominum:* [1] Salvae-me vós, Senhor, acudi-me e soccorrei-me, como Deus; porque entre os homens já não acho nem um só que tenha virtude e valor para me dizer a verdade.

Dois *porquês* aponta David nestas palavras, muito dignos de reparo: porque faltaram os santos: *Quoniam defecit sanctus:* [2] e porque faltaram homens que com inteireza lhe dissessem a verdade: *Quoniam diminutæ sunt veritates à filiis hominum. Filii hominum* em phrase da Escriptura, significa os homens de illustre geração, quaes são os que assistem ao lado dos reis: e de lhe faltarem estes, se lamenta David. Pois porque faltaram os santos, por isso não ha quem falle verdade aos reis? Sim: de um *porquê* se segue o outro *porquê*. Porque faltaram os santos, que são os que não querem nada deste mundo; essa é a razão porque David, e os outros reis, não teem quem lhes diga a verdade, estando cercados de tantos que os lisongeiam e adulam. Até entre os gentios era verdadeira esta consequencia. Entre os gentios tambem, por seu modo, havia santos, os quaes eram os philosophos, principalmente estoicos e cynicos. Diogenes, philosopho cynico, queria tão pouco das coisas deste mundo, que nem uma choupana tinha em que viver, e morava dentro em uma cuba. Foi-o vêr, por maravilha, Alexandre Magno; e dizendo-lhe com sua na-

[1] *Psal.*, XI, 2.
[2] *Ibid.*

tural magnificencia, que pedisse quanto quizesse: que responderia Diogenes? Peço-te que me não tires o que me não pódes dar. E disse isto, porque era inverno, e Alexandre com a sombra do corpo lhe tirava o sol. Parece-vos que adularia aos reis um homem que tão pouco queria delles? Bem o mostrou em uma famosa resposta sua, que refere Valerio Maximo. No tempo em que reinava Dionysio em Sicilia, estava Diogenes á porta ou á bocca da sua cuba, lavando umas hervas para comer, e disse-lhe um dos que passavam: Se tu aduláras a Dionysio, não comêras hervas. E elle respondeu: E se tu te contentáras com comer hervas, não aduláras a Dionysio: *Si tu Dionysio adulari velles, ista non ederes: cui respondit: Si tu ista edere velles, Dionysio adulari nolles.* Porque os reis se não servem de homens que se contentem com comer hervas; por isso estão comidos de aduladores, e cercados de inimigos: *Quoniam defecit sanctus.* Para ser santo deste genero, não é necessario que faça milagres o que serve ao rei; basta ser homem que se contente com o seu pouco, e não aspire a ter mais do que tem, nem a ser mais do que é.

Mas se ha algum destes (que sim ha) o primeiro cuidado dos quatro animaes que estão *in circuitu throni*, e nelle teem cercados ou sitiados os reis; o primeiro e maior cuidado dos aduladores, é que Dionysio não oiça a Diogenes, antes se asseste contra elle toda a artilheria, para que não succeda romper as linhas da circumvalação, e por força ou por vontade se retire muito longe da côrte. E' Texto e caso expresso da Escriptura sagrada, não já em homem philosopho, senão propheta. El-rei Jeroboão depois da divisão das corôas de Israël e Judá tinha o seu palacio em Bethel, e junto delle a mesquita que edificára aos dois bezerros de oiro, para divertir o povo de irem sacrificar ao Templo de Jérusalem. Vivia na mesma cidade de Bethel o propheta Amós, o qual dizia a Jeroboão algumas verdades das que Deus lhe revelava ácerca daquelle reino, e seu perigo. E como os aduladores de Jeroboão se temessem da efficacia e energia de Amós, ao qual calumniavam com o rei, que totalmente lhe não tinha perdido o amôr e reverencia; um delles chamado Amasias se foi ter com o propheta, e lhe disse em termos de amisade estas pa-

lavras: *Qui vides, gradere, fuge in terram Judá, et comede ibi panem, et prophetabis ibi. Et in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes, quia sanctificatio regis est, et domus regni est.* [1] Quer dizer: Tu, Amós, que vês os futuros, põe-te logo a caminho, e foge daqui, e vae-te para a tua patria, lá comerás o teu pão, e prophetisarás: porém aqui não te aconteça fallar mais palavra, porque Bethel é a casa e palacio do reino, e a santificação do rei. Reparae muito nesta ultima clausula, que em moral e politico sentido fecha admiramente todo o nosso discurso: *Quia sanctificatio regis est, et domus regni est.* De maneira que exhortando Amasias ao propheta Amós, ou comminando-lhe que se saia da côrte, e fuja della, o motivo que allega para isso, é que a casa e palacio real é a santificação do rei. E porque? Não pudéra melhor definir um adulador o que é Palacio. E' o Palacio, na definição dos aduladores, a santificação do rei, porque alli são santificados os reis, e todas as suas acções: e quanto o rei faz, ordena, deseja, ou imagina, tudo é santo. Se Jeroboão se divide de Roboão seu legitimo senhor, ainda que seja rebellião, santo: se prohibe ao povo que appareça no Templo de Jérusalem tres vezes no anno, ainda que seja contra a Lei expressa de Deus, santo: se levanta altares aos bezerros de oiro, e os manda adorar, ainda que seja manifesta e publica idolatria, santo. E porque tu Amós (diz Amasias) aconselhas outra coisa ao rei, contra o que todos seus criados lhe approvamos, e não queres ajuntar a tua voz com as nossas, dizendo tambem commosco, santo, santo, santo; não só não has-de entrar mais em Palacio, mas sahir logo da côrte, e de todo o reino: *Grà-dere, et fuge in terram Juda: et in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes.*

Tal é a sagacidade dos aduladores, e sua potencia. E tão tyrannisadas andam entre elles as mesmas magestades aduladas; que não só não lhes dizem a verdade, nem querem que outros lh'a digam; mas afastam e lançam muito longe da côrte a todos os que lh'a digam; mas afastam e lançam muito longe da côrte a todos os que lh'a pódem dizer. Não é isto manifesta tyrannia? Biantes, um dos sete Sabios da Grecia, per-

[1] *Amos.*, VII, 12 e 13.

guntado qual era o animal mais venenoso, respondeu que «dos bravos o tyranno, dos mansos o adulador». Em chamar veneno á adulação, acertou-lhe o nome; mas em distinguir o tyranno do adulador, não disse bem; porque todo o adulador é tyranno. O maior tyranno que houve no mundo foi Herodes; mas os seus aduladores ainda foram maiores tyrannos, porque o rei foi tyranno dos vassallos, e os aduladores foram tyrannos do rei. O Texto de Michéas, que lhe explicaram ácerca do nascimento do novo Rei, falla expressamente de dois nascimentos do Messias, um temporal como homem, e outro eterno como Deus: o temporal como homem: *Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum:* [1] o eterno como Deus: *Et egressus ejus ab initio, à diebus æternitatis.* [2] E os aduladores que fizeram? Callaram totalmente o segundo nascimento, e só fizeram menção do primeiro, com que enganado Herodes, e suppondo que o nascido em Belem era sómente homem, e não Deus, entendeu que o podia matar; e assim se deliberou á morte dos Innocentes. Mas qual foi o motivo deste engano? O que os aduladores teem em todos os seus, que é o proprio interesse. Divinamente S. João Chrysostomo: *In adulationem profectò regis, ut ad humanæ gratiæ lucrum, veritatis damna proficerent.* Sendo a materia tão grave, e a mais grave que podia haver, pois envolvia a corôa e a salvação, não duvidaram comtudo os aduladores de mentir e lisongear ao rei, para que os damnos da verdade fossem lucros do interesse: *Ut ad humanæ gratiæ lucrum damna veritatis proficerent.* Tão certa é a proposição do nosso assumpto, e tão verdadeira e solida a razão fundamental delle, que todos os que em Palacio são amigos do seu interesse, são inimigos dos reis: *Inimicos vestros.*

IX

Supposto pois que os aduladores são inimigos dos reis, e os reis como todos os outros christãos teem tambem obrigação de amar a seus inimigos, e fazer-

[1] *Math.*, II, 6.
[2] *Mich.*, V, 2.

lhes bem; seguia-se agora exhortar os principes a este amôr e beneficencia: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.* Mas este meu sermão hoje será a primeira oração evangelica, que, contra todas as leis da rethorica, acabará sem peroração. Se a christandade de todos os principes catholicos na observancia deste preceito de Christo, é tão commum geralmente, e tão notoria, que, sendo os aduladores de Palacio os seus maiores inimigos, esses são os maiores validos, os mais favorecidos, e os mais amados conforme o *diligite;* e esses os mais cheios de honras, mercês, e beneficios, conforme o *benefacite;* nenhum logar nos fica para a peroração do discurso, pois os mesmos exemplos deste amôr e beneficencia real, excedem todos os limites da efficacia, a que se podia estender a exhortação. Assim viramos estimados, premiados, e satisfeitos os que não servem á sombra de telhados de oiro, nem ao calor de brazeiros de prata, senão ao sol e ao frio, lidando com as ondas e com as balas!

Uma só invectiva me occorria para poder acabar o sermão, mas essa contra el-rei David, estranhandolhe e reprehendendo muito o modo tão alheio desia caridade, com que elle tratava aos aduladores seus inimigos. No Psalmo 69 diz David estas palavras, ou as torna a repetir; porque já tinha dito as mesmas no Psalmo 39: *Avertantur retrorsum, et erubescant, qui volunt mihi mala: avertantur statim erubescentes, qui dicunt mihi, euge, euge.* [1] Primeiro que tudo se deve advertir em confirmação do que fica dito, que aquelles *qui dicunt mihi, euge, euge,* são os mesmos *qui volunt mihi mala;* porque adular é querer mal, e ser adulador é ser inimigo: e quantos são os *euges* que dizem, tantos são os males que vos querem. E a estes aduladores que David reconhecia por seus inimigos, que é o que lhes fazia ou resolvia fazer como rei? Quatro coisas: Primeira, que experimentassem a grande aversão que lhes tinha: *Avertantur, avertantur:* Segunda, que logo, logo, sahissem de sua casa, e não apparecessem mais em sua presença: *Avertantur statim:* Terceira, que não fossem adiantados em nada, senão abatidos, e atrazados: *Avertantur retrorsum:*

[1] *Psal.* LXIX, 4. *Psal.* XXIX, 15.

Quarta e ultima, que pois se não envergonharam de ser aduladores, padecessem a vergonha de ser conhecidos publicamente, e tratados como taes: *Avertantur, et erubescant: Avertantur statim erubescentes.* Isto é, David, o que vós fazieis aos aduladores, vossos inimigos, como rei; mas não é isto o que lhe devieis fazer como propheta, que tão clara luz tivestes do Evangelho de Christo. Pois se Christo vos manda que ameis a vossos inimigos: *Diligite inimicos vestros;* como vós os aborreceis tanto que os não podeis vêr, e os lançaes de vossa casa, e de vossa presença? E se Christo vos manda que lhes façaes bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos:* como vós lhes fazeis tanto mal, que os affrontaes e envergonhaes, não secretamente, mas com infamia publica, que, para homens que tiveram tão honrados postos, é o maior vituperio?

Responde David, e a invectiva que eu fazia contra elle, revolta elle contra mim. E tu, prégador, és philosopho e theologo, e ainda não sabes a definição do amôr? *Amare, est velle bonum alicui:* Amar é querer bem áquelle a quem se ama. E que maior bem posso eu querer a um adulador que fazer que não continue em tão vil exercicio? E que maior beneficio póde esperar de mim um amigo do seu interesse, e inimigo da verdade, que tiral-o da occasião de fazer traições á mesma verdade, e a vender infamemente pelo interesse? Se elles adulando-me são meus inimigos, maiores inimigos são de si mesmos; e eu quero que cessem deste odio que se teem, tanto maior, quanto menos conhecido. E se adulando-me pódem fazer mal ao meu governo e á minha corôa, muito maior é o mal que se fazem ás suas consciencias, e ás suas almas; e eu quero que desistam deste grande mal contra seu gosto, pois o não hão-de fazer por vontade. Se Assuero depois que conheceu a cubiça, e falso amôr de Aman, o lançára de sua graça, e de sua casa, não chegára elle a ser tão mofino, que viesse a morrer em um páu; e o que aquelle rei não soube fazer a tempo aos seus aduladores, faço eu logo aos meus sem os dissimular: porque os amo, e lhes desejo o verdadeiro bem, e quero observar nelles o preceito de Christo: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his, qui oderunt vos.* Deste modo rebateu David a minha invectiva, e ajuntando eu ao exemplo que me allegou de

Aman, o de Sejano em Roma, o de Olivato em França, e de Volseu em Inglaterra, o de Alvaro de Luna em Hespanha, e os da antiga e fresca memoria no nosso Portugal; conheci a verdade sobrehumana da razão de David, e fiquei convencido della.

Mas porque eu em todo este sermão só professei e protestei referir, e não ajuizar; posto, finalmente, agora entre dois extremos tão contrarios, como o de el-rei David, e o dos outros reis: acabarei com o exemplo do primeiro fundador da nossa côrte, o qual entre um e outro extremo, tomou um tal meio de composição, que parece satisfez a ambos. E que meio foi este? Ouvir os aduladores, mas não se mover por elles. S. Pedro Damião, e outros santos, comparam os aduladores ás serêas, as quaes com a suavidade das suas vozes de tal modo encantavam os navegantes, que voluntariamente se lançavam e precipitavam ás ondas, e se affogavam no mar em que ellas viviam. Houve de passar por este mesmo mar (que era junto a Scylla e Carybdes) o fundador de Lisboa, Ulysses, e usando da sua sciencia e sagacidade, que fez? Navegava em uma formosa gallé da Grecia, e para que a chusma não faltasse á voga dos remos, nem a outra gente nautica á mareação das vélas, e todos escapassem do encanto das serêas, tapou-lhes a todos os ouvidos de tal sorte, que as não ouvissem. Elle porém para que podesse ouvir as vozes, deixou os ouvidos abertos, e para não padecer os effeitos do encanto, nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandou-se atar ao mastro tão fortemente, que ainda que quizesse, não se podesse bulir nem mover. Esta é a historia ou fabula engenhosamente fingida por Homero, para ensinar que os varões sabios e constantes como Ulysses, ainda que oiçam os aduladores, e o contraponto dôce das suas lisonjas, nem por isso se hão-de deixar vencer de seus enganos e artificios, mas persistir e continuar a derrôta certa, sem mudar, deter, nem torcer a carreira do bom governo. Assim o poderá fazer tambem, quem tanto confiar ou presumir de sua constancia, e não conhecer que isto mesmo, ainda sómente dito, é fabula. Mas se eu tivera auctoridade para emendar a Homero, e confiança para aconselhar a Ulysses, não o havia de querer com os ouvidos abertos, e as mãos atadas, senão com os ouvidos tapados, e as mãos soltas. Porque com os ou-

vidos tapados não daria entrada á adulação, e com as mãos soltas seriam todas as acções suas, e como suas, verdadeiramente reaes. Deste modo se conquista no mundo a fama immortal, e se assegura tambem no céo a gloria eterna.

SERMÃO

DA

Primeira Dominga da Quaresma *

(Prégado em Lisboa, na Capella Real, no Anno de 1655)

Ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum, et dixit ei: hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. [1]

I

Se o demonio é tão astuto, que até dos nossos remedios faz tentações; porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentações façamos remedios? Esta é a conclusão que tiro hoje de toda a historia do Evangelho. Quarenta dias havia, e quarenta noites, que jejuava Christo em um deserto: succedeu ao jejum naturalmente a fome, e sobre a fome veiu logo a tentação: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant:* [2] Se és Filho de Deus, (diz o demonio) manda a estas pedras que se convertam em pães. Vêde se inferi bem, que dos nossos remedios faz o demonio tentação! Com as pedras se defendia das suas tentações S. Jeronymo: os desertos e soledades, são as fortalezas dos anacoretas: o jejum de quarenta dias foi uma penitencia prodigiosa: procurar de

* N'este sermão, commenta Honorati, a segunda parte e, sobretudo, a peroração, mostram até onde pôde chegar a eloquencia do Chrysosthomo portuguez. Sobretudo deve notar-se a facilidade com que o orador vae juntamente explicando o Evangelho e provando o seu assumpto.

[1] *Math.*, 4.

[2] *Ibid.*, IV, 3.

comer aos que hão fome, é obra de misericordia: converter pedras em pão com uma palavra, é omnipotencia: ser Filho de Deus é divindade. Quem cuidára que de taes ingredientes como estes, se havia de compôr uma tentação? De pedras, de deserto, de jejum, de obra de misericordia, de omnipotencia, de divindade? de pedras, *Lapides isti;* [1] de deserto, *Ductus est Jesus in desertum;* de jejum, *Cum jejunasset;* de obra de misericordia, *Panes fiant;* de omnipotencia, *Dic;* de divindade, *Si Filius Dei es.* Se o demonio tenta com as pedras, que fará com condições menos duras? Se tenta com o deserto, que será com o povoado e com a côrte? Se tenta com o jejum, que será com o regalo? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça? Se tenta com a omnipotencia, que será com a fraqueza? E se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a deshumanidade, que será?

Vencido o demonio nesta primeira tentação, diz o Texto que levou a Christo á cidade santa de Jérusalem, e pondo-o sobre o mais alto do Templo, lhe disse desta maneira: *Mitte te deorsum, scriptum est enim, quia angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis:* deita-te daqui abaixo, porque promettido está na Sagrada Escriptura, que mandará Deus aos seus anjos te guardem em todos teus caminhos. Vêde outra vez como tornam os remedios a ser tentações: e nesta segunda tentação, ainda com circumstancias mais notaveis. E quaes foram? A Cidade Santa, o Templo de Jérusalem, as Sagradas Escripturas, os Mandamentos de Deus, os Anjos da Guarda, e tambem o descer para baixo. Podia haver coisas menos occasionadas para tentações? Pois disto fez o demonio uma tentação. Da Cidade Santa: *Assumpsit eum in sanctam civitatem;* do Templo de Jérusalem: *Et statuit eum super pinaculum Templi;* da Sagrada Escriptura: *Scriptum est enim;* dos Mandamentos de Deus: *Deus mandavit de te;* dos Anjos da Guarda: *Angelis suis, ut custodiant;* do descer para baixo: *Mitte te deorsum.* Se o demonio tenta com a Cidade Santa, que será com a cidade escandalosa? Se tenta com o Templo de Deus, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as Sagradas Escripturas, que será com

[1] *Math.*, IV, 1.

os livros profanos? Se tenta com os Mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo? Se tenta com os Anjos da Guarda, que será com os anjos da perdição? Se tenta finalmente com o descer, que será com o subir?

Eis aqui como o demonio, dos remedios faz tentações. Mas como será possivel que nós das tentações façamos remedios? O demonio na primeira tentação pediu a Christo que fizesse das pedras, pão; e na segunda, que fizesse dos precipicios, caminhos. Que coisa são as tentações, senão pedras e precipicios? Pedras, em que tropeçamos, e precipicios, donde cahimos. Pois como é possivel que das pedras em que tropeçamos se faça pão com que nos sustentemos, e dos precipicios, donde cahimos, se façam caminhos por onde subamos? Isto havemos de vèr hoje, e hei-de ser tão liberal com o demonio, que lhe hei-de conceder tudo o que Christo lhe negou. Que queres, demonio? Que te faça das pedras pão? Sou contente. Que queres mais? Que dos precipicios faça caminhos? Tambem farei isso hoje. O demonio, do pão fez pedras, e dos caminhos fez precipicios, porque dos remedios fez tentações. Eu ás avessas: das pedras hei-de fazer pão, e dos precipicios caminhos: porque das tentações hei-de fazer remedios.

Para reduzir todo este ponto, tão grande e tão importante, a uma só maxima universal, tomei por fundamento a terceira tentação que propuz, que é a maior que o demonio fez hoje a Christo, e a maior que nunca se fez, nem ha-de fazer, nem póde fazer no mundo. Vencido primeira e segunda vez o demonio, não desesperou da victoria, porque lhe faltava ainda por correr a terceira lança, em que mais confiava. Levou a Christo ao cume de um monte altissimo, e mostrando-lhe dalli todos os reinos e monarchias do mundo, com todas suas glorias e grandezas, com todas suas riquezas e delicias, com todas suas pompas e magestades, apontando em roda para todo este mappa universal, tão grande, tão formoso, tão vario, disse assim: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* tudo isto que vês te darei, se com o joelho em terra me adorares. Esta foi a ultima tentação do diabo, e esta foi a terceira victoria de Christo. As armas com que o Senhor se defendeu, e o remedio que tomou nesta tentação como nas outras, foram as palavras

da Escriptura Sagrada: *Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies:* [1] E' a Escriptura Sagrada um armazem divino onde se acham todas as armas: é uma officina medicinal, onde se acham todos os remedios: esta é aquella torre de David da qual disse Salomão: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium:* [2] porque, como commenta S. Gregorio: *Universa nostra munitio in sacro eloquio continetur.* Esta é aquella botica universal da qual diz S. Basilio: *Ab Scriptura unusquisque tanquam ab officina medicinæ appositum suæ infirmatati medicamentum invenire poterit.* E muito antes o tinha dito a Sabedoria: *Neque herba, neque malagma sanavit, sed tuus Domine sermo, qui sanat omnia.* Poderosissimas armas e efficacissimos remedios contra as tentações do demonio, são as divinas Escripturas. Mas como eu prégo para todos, e nem todos pódem menear estas armas, nem usar destes remedios; é o meu intento hoje inculcar-vos outras armas mais promptas e outros remedios mais faceis com que todos possaes resistir a todas as tentações. Na bocca da vibora poz a natureza a peçonha, e juntamente a triaga. Se quando a serpente tentou aos primeiros homens, souberam elles usar bem das suas mesmas palavras, não haviam mister outras armas para resistir, nem outro remedio para se conservar no Paraiso. O mais prompto e mais facil remedio contra qualquer tentação do demonio, é a mesma tentação. A mesma coisa offerecida pelo demonio, é tentação: bem considerada por nós, é remedio. Isto hei-de prégar hoje.

II

Na primeira e na segunda tentação tentou o demonio a Christo como a Filho de Deus: na terceira como a puro homem. Por isso na terceira tentação não disse: *Si Filius Dei es;* como tinha dito na primeira e na segunda. Tentou a Christo, como se tentára a qualquer homem: esta é a razão e a differença, por-

[1] *Math.*, IV, 10.
[2] *Cant.*, IV, 4.

que só esta ultima tentação nos pertence propriamente a nós. Mas como poderá um homem, como poderá um filho de Adão resistir a uma tentação tão poderosa e tão immensa como esta que o demonio fez a Christo? A Adão fez-lhe tiro o demonio com uma maçã, derribou-o: a Christo fez-lhe tiro com o mundo todo: *Ostendit ei omnia regna mundi.* Mas sendo esta bala atirada a Christo como a homem, e dando em um peito de carne, foi tão fortemente rebatida, que voltou com maior força contra o mesmo tentador: *Vade retrò.* Um dos casos mais notaveis que succederam em nossos dias, no famoso cerco de Ostende, foi este: [1] Estava carregada uma peça no exercito catholico: entra pela bocca da mesma peça uma bala do inimigo, concebe fogo a polvora, sáe outra vez a bala com dobrada furia; e como veiu e voltou pelos mesmos pontos, foi-se empregar no mesmo que a tinha atirado. Oh que bizarro e venturoso successo! *Vade retrò!* Assim havemos de fazer aos tiros do demonio. Volte outra vez a bala contra o inimigo, e vençamos ao tentador com a sua propria tentação. Não cortou David a cabeça ao gigante com a sua propria espada? Judith, sendo mulher, não degolou a Holofernes com a sua? Pois assim o havemos nós de fazer: nem necessitamos de outras armas mais, que as mesmas com que o demonio nos tenta.

Mostrou o demonio a Christo todos os reinos do mundo e suas glorias: disse-lhe que tudo aquillo lhe daria de uma vez, se lhe dobrasse o joelho. Parece que faz estremecer a grandeza desta tentação! Mas o demonio é o que havia de tremer della. Desarmou-se a si, e armou-nos a nós. Tu, demonio, offereces-me de um lanço todo o mundo, para que cáia, para que peque, para que te dê a minha alma, logo a minha alma, por confissão tua, vale mais que todo o mundo. A minha alma vale mais que todo o mundo? Pois não te quero dar o que vale mais pelo que vale menos: *Vade retrò.* Póde-nos o demonio dar ou prometter alguma coisa que não seja menos que o mundo? Claro está que não. Pois aqui se desarmou para sempre: nesta tentação perdeu todas, se nós não temos perdido o juizo. Ouvi a Salviano: *Quis ergo furor est*

[1] Londin. in Hist. Flandr.

viles à nobis animas nostras haberi, quas etiam diabolus putat esse pretiosas. Homens loucos, homens furiosos, homens sem entendimento, nem juizo; é possivel, que sendo as nossas almas na estimação do mesmo demonio tão preciosas, no vosso conceito e no vosso desprezo hão-de ser tão vis?! O demonio quando me quer roubar, quando me quer perder, quando me quer enganar, não póde deixar de confessar que a minha alma vale mais que todo o mundo; e eu, sendo essa alma minha, não ha-de haver no mundo coisa tão baixa, tão vã e tão vil, pela qual a não dê sem nenhum reparo? *Quis furor est?* Que loucura, que demencia, que furor é este nosso? Muito mais obrigada está a nossa alma ao demonio, muito mais lhe deve que a nós. Elle a honra, nós a affrontamos. Envergonhou-se o demonio no primeiro lanço de offerecer menos por uma alma que o mundo todo.

Caio Cezar, como refere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos de prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil cruzados. Não creio que haveria na nossa Côrte quem não beijasse a mão real e aceitasse com ambas as mãos a mercê. Era porém Demetrio philosopho estoico, como se dissessemos, christão daquelle tempo: e que respondeu? *Si tentare me constituerat, toto illi fui experiundus imperio:* Andae, levae os seus talentos ao imperador, e dizei-lhe que se me queria tentar, que havia de ser com todo o seu imperio: é, e chama-se senhor de todo o mundo? Com todo o mundo me havia de tentar. Não no fez assim o Cezar, porque não conhecia a Demetrio, mas fel-o assim o demonio, *princeps hujus mundi*, porque sabe o que vale uma alma. Se vos tentar o demonio com menos que todo o mundo, dae-vos por affrontado; e se vos tentar com todo o mundo, fique vencido. *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* [1] Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, adquirir todo o mundo, senhorear e dominar todo o mundo, se ha-de perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Ou que coisa póde haver de tanto pezo e de tanto preço, pela qual se haja de vender a alma, ou se haja de

[1] *Math.*, XVI, 26.

trocar? Este é o caso e a supposição em que estamos, nem mais nem menos. Offerece-nos o demonio o mundo, e pede-nos a alma. Considere e peze bem cada um se lhe está bem este contrato, se lhe está bem esta venda, se lhe está bem esta troca. Mas nós trocamos e vendemos, porque não pezamos.

Chegou Esaü do campo, cançado e com fome de todo o dia, e chegou a desastrada hora, porque estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cosinhando, diz o Texto, umas lentilhas. Estes eram os grandes homens, e estes os grandes regalos daquelle tempo. Pediu Esaü a seu irmão um pouco daquella vianda, mas elle, aproveitando-se da occasião e da necessidade, respondeu, que dar não, mas vender sim: que se Esaü lhe vendesse o seu morgado, começaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deus nos livre de se ajuntar no mesmo tempo, a fome e a tentação. O successo foi que Esaü aceitou o contrato, deu o morgado. Pois, valha-me Deus, o morgado de Isaac, a herança de Abrahão, a benção dos patriarchas, que foi a maior coisa que desde Adão houve no mundo, por uma escudella de lentilhas? Este homem era cego? Era louco? Era vil? Nada disto era: mas era um homem (diz a Escriptura) que vendeu e não pezou o que vendia: *Abiit parvi pendens, quod primogenita vendidisset:* [1] E homem que vende sem pezar o que vende, não é muito que por uma escudella de grosserias désse o maior morgado do mundo. Se Esaü antes de vender, tomára a balança na mão, e puzera de uma parte o morgado e da outra a escudella, parece-vos que venderia? Pois eis ahi porque ha tantas almas venaes. Esta historia de Esaü e Jacob aconteceu uma só vez antigamente; mas cada dia se representa no mundo: o papel de Jacob fal-o o demonio, o de Esaü fazemol-o nós. O demonio offerece-nos um gosto ou um interesse vil, e pede-nos o morgado que nos ganhou Christo; e nós porque contratamos sem a balança na mão, e não pezamos a vileza do que recebemos, com a grandeza do que damos, consentimos no contrato, e ficamos sem benção. Quando Esaü vendeu o morgado não o sentiu, nem fez caso disso; mas depois quando viu que Jacob levava a benção, e

[1] *Genes.*, XXV, 34.

elle ficava sem ella, diz o Texto, que *irrugiit clamore magno, et consternatus est:* [1] que tudo era encher o céo de clamores e gemidos, e despedaçar-se a si mesmo e desfazer-se com dôr. Ah mal aconselhados Esaüs! Agora vendemos a alma e o morgado do céo pela vileza de um gosto, pelo engano de um appetite, pela grosseria de um manjar de brutos, e disto não fazemos caso. Mas quando vier aquelle dia em que Christo dê a benção aos que estiverem á sua mão direita, e nós virmos que ficamos sem ella por umas coisas tão vis: oh que dôr! oh que desesperação! oh que circumstancia de inferno será esta tão grande para nós!

Pois que havemos de fazer para não commetter um erro tão grande e tão sem remedio? Fazer remedio da mesma tentação. Tomar na mão a balança que faltou a Esaü, e pezar o que o demonio nos promette, e o que nos pede. O que nos promette não é todo o mundo: o que nos pede e o que lhe havemos de dar, é a alma. Ponhamos de uma parte da balança o mundo todo, e da outra parte uma alma, e vejamos qual peza mais. Oh se Deus me ajudasse a vos mostrar com evidencia a differença destes dois pezos! Vamos ponderando uma por uma as mesmas palavras da tentação.

III

Ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum. Desde aquelle monte alto, onde o demonio subiu a Christo, lhe mostrou todos os reinos do mundo, e sua gloria. Isto que tão facilmente se diz, não é tão facil de entender. De um monte, por alto que seja, não se pódem descobrir todos os reinos do mundo. O sol está levantado na quarta esphera: e comtudo descobre um só hemispherio, e nem vê, nem póde vêr os antipodas. Pois como foi possivel que o demonio desde aquelle monte mostrasse todo o mundo a Christo? A sentença mais certa e mais seguida é, que o mundo que o demonio mostrou a Christo, não foi este mundo verda-

[1] *Genes.*, XXVII, 34.

deiro, senão um mundo phantastico e apparente, uma apparencia e representação do mundo. Assim como os Anjos, quando apparecem aos homens, se vestem de corpos phantasticos, que parecem corpos formosissimos, e não são corpos; assim o demonio, que no poder natural é egual aos anjos, em todo o ar que se estendia daquelle monte até os horizontes, com côres, com sombras, com apparencias, pintou e levantou em um momento, montes, valles, campos, serras, cidades, castellos, reinos, emfim, um mundo. De maneira que, todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de reinos e de grandezas, bem apertado, vinha a ser um pouco de vento. E com ser assim esta representação (notae agora) com ser o que o demonio mostrava, uma só representação phantastica, uma apparencia; comtudo, diz o Evangelista, que o demonio mostrou a Christo todos os reinos do mundo, e suas glorias; porque todas as glorias e todas as grandezas do mundo, bem consideradas, são o que estas eram: ar, vento, sombras, côres apparentes. Antes digo, que mais verdadeiro e mais proprio mundo era este mundo apparente, que o mundo verdadeiro; porque o mundo apparente, eram apparencias verdadeiras; e o mundo verdadeiro, são as apparencias falsas. E senão, dizei-me: de todos aquelles reinos, de todas aquellas magestades e grandezas que havia no tempo de Christo, quando succedeu esta tentação, ha hoje alguma coisa no mundo? Nenhuma. Pois que é feito de tantos reinos, que é feito de tantas monarchias, que é feito de tantas grandezas? Eram vento, passaram: eram sombra, sumiram-se: eram apparencias, desappareceram. Ainda agora são o que de antes eram: eram nada, são nada. Até dos marmores daquelle tempo não ha mais que pó e cinza, e os homens, como bem notou Philo Hebreu, vendo isto com os nossos olhos, somos tão cegos, que fazemos mais caso deste pó e desta cinza, que da propria alma: *Qui cinerem, et pulverem pluris facitis, quam animam.*

Isto são hoje os reinos daquelle tempo: e os reinos de hoje que são? São por ventura outra coisa? Diga-o o rei do reino mais florente, e o mais sabio de todos os reis: *Verba Ecclesiastæ, filii David regis Hierusalem: vanitas vanitatum, et omnia vanitas:* [1] Eu

[1] *Eccl.*, 1, 1.

fui rei, e filho de rei (diz Salomão) experimentei tudo o que era, e tudo o que podia dar de si o poder, a grandeza, o senhorio do mundo, e achei que tudo o que parece que ha nelle, é vão, e nada solido; e que, bem pezado e apertado, não vem a ser mais que uma vaidade composta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.* Vaidade os sceptros, vaidade as corôas, vaidade os reinos e monarchias, e o mesmo mundo que dellas se compõe, vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.* Esta é a verdade que não sabemos vêr, por estar escondida, e andar enfeitada debaixo das apparencias que vêmos: e este é o conhecimento e desengano com que devemos rebater e despresar o tudo ou o nada com que nos tenta o mundo. Oh como ficariam desvanecidas as maiores tentações, se soubessemos responder ao *omnia* do demonio com o *omnia* de Salomão: *Omnia regna mundi? Omnia vanitas: omnia tibi dabo? Omnia vanitas.*

Mas se todo este mundo, e tudo o que nelle mais avulta, é vão, antes a mesma vaidade; como é possivel que tenha tanto valor e tanto pezo com os homens, que peze para com elles mais que o céo, mais que a alma, e mais que o mesmo Deus? Tão falsas são as balanças do juizo humano! Não são ellas as falsas, somos nós: *Mendaces filii hominum in stateris, ut decipiant de vanitate in idipsum:* [1] São taes os homens (diz David) que com a balança na mão trocam o pezo ás coisas. Não diz que as balanças são falsas, senão que os homens são falsos nellas: *Mendaces filii hominum in stateris.* E a razão desta falsidade, ou desta falsificação, é porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade: *Ut decipiant de vanitate in idipsum.* Não é o nosso juizo o que nos engana, é o nosso affecto: o qual pendendo e inclinando para a parte da vaidade, leva apoz si o fiel do juizo. Nestas balanças (que são como as de S. Miguel, em que se pezam as almas) de uma parte está a alma, da outra parte o mundo: de uma parte está o temporal, da outra o eterno; de uma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pomos o nosso affecto e o nosso coração da parte do mundo e da vaidade, esse affecto e esse coração é o

[1] *Psal.*, LXI, 10.

que dá á vaidade do mundo o pezo que ella não tem, nem póde ter. A vaidade não amada, não tem pezo, porque é vaidade: mas essa mesma vaidade amada, peza mais que tudo, porque o nosso amôr, e o nosso affecto, é o que falsamente lhe dá o pezo. De maneira que o pezo não está nas coisas, está no coração, com que as amava.

O mesmo David o disse admiravelmente: *Filii hominum usquequo gravi corde? Ut quid diligitis vanitatem?* [1] Filhos dos homens: até quando haveis de ter os corações pezados? Até quando haveis de amar a vaidade? Notae a consequencia. Queixa-se de amarem os homens a vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem?* E accusa-os de terem os corações pezados: *Usquequo gravi corde?* Porque o pezo que achamos na vaidade, não está na mesma vaidade, senão no coração com que a amamos. Amamos e estimamos a vaidade, e por isso a balança inclina a ella e com ella, e nos mostra falsamente o pezo onde o não ha. Oh se pezassemos bem e fielmente, com o coração livre de todo o affecto, como veriamos logo que a inclinação e movimento da balança pendia todo para a parte da alma, e que todo o mundo contrapezado a ella, não peza um atomo!

Agora entendereis a astucia da tentação do demonio, no modo com que hoje mostrou a Christo todos os reinos do mundo. Diz S. Lucas que lh'os mostrou em um instante: *Ostendit ei omnia regna orbis terræ in momento.* [2] E porque razão em um instante? Porque não deu mais espaço de tempo a quem tentava com uma tão grande ostentação? Seria por ventura, porque ainda o demonio quando engana não póde encobrir a brevidade momentanea com que passa e se muda esta scena das coisas do mundo, apparecendo e desapparecendo todas em um instante? Assim o diz Santo Ambrosio: *Non tam conspectus celeritas indicatur, quam caduca fragilitas potestatis exprimitur: in momento enim cuncta illa prætereunt.* Mostrou o demonio todos os reinos e grandezas do mundo em um instante; porque as mostrou assim como ellas são: e tudo o que ha neste mundo, não tem mais ser que

[1] *Psal.*, IV, 3.
[2] *Luc.*, IV, 5.

um instante. O que foi já não é: o que ha-de ser ainda não é: e o que é não é mais que no instante em que passa: *In momento cuncta illa prætereunt.* Boa razão, e verdadeira, como de tal auctor. Mas ainda debaixo della se encobria outra astucia do tentador, o qual não quiz dar tempo ao tentado para pezar o que lhe offerecia. O pezo das coisas vê-se pela inclinação e movimento da balança: e como em um instante não póde haver movimento, por isso lhe mostrou tudo em um instante. Veja o tentado o mundo que lhe offereço, mas veja-o em um instante sómente, e não em tempo, para que não possa averiguar o pouco que peza: *In momento omnia regna mundi.*

Juntamente com os reinos do mundo, mostrou tambem o demonio a Christo todas suas glorias: *Et gloriam eorum.* Mas ainda que auctorisadas com tão especioso nome, nenhum pendor fazem á balança: porque são tão vãs como o mesmo mundo, e ainda mais, se póde ser. E senão discorrei por ellas com qualquer atomo de consideração. O que mais peza, e o que mais luz no mundo, são as riquezas. E que coisa são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo, e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado, e perdem-se com dôr. Que coisa é o oiro e a prata, senão uma terra de melhor côr? E que coisa são as perolas e os diamantes, senão uns vidros mais duros? Que coisa são as galas, senão um engano de muitas côres? Cabellos de Absalão, que pareciam madeixas, e eram laços. Que coisa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? Tirou a morte aquelle véu, e fugis hoje do que hontem adoraveis. Que coisa são os gostos, senão as vesperas dos pezares? Quem mais as canta, esse as vem a chorar mais. Que coisa são as delicias, senão o mel da lança de Jonathas? Juntamente vae á bocca o favo e o ferro. Que coisa são todos os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que pódem ter, é chegarem a ser arrependimentos. Que coisa são as honras e as dignidades, senão fumo? Fumo que sempre cega, e muitas vezes faz chorar. Que coisa é a privança, senão um vapor de pouca dura? Um raio do sol o levanta, e outro raio o desfaz. Que coisa são as provisões e os despachos grandes, senão

umas cartas de Urias? Todas parecem carta de favor; e quantas foram sentença de morte! Que coisa é a fama, senão uma inveja comprada? Uma funda de David que derriba o gigante com a pedra, e ao mesmo David com o estalo. Que coisa é toda a prosperidade humana, senão um vento que corre todos os rumos? Se diminue, não é bonança; se cresce, é tempestade. Finalmente, que coisa é a mesma vida, senão uma alampada aceza, vidro e fogo? Vidro, que com um assopro se faz; fogo, que com um assopro se apaga. Estas são as glorias do vosso mundo, e dos vossos reinos: *Omnia regna mundi, et gloriam eorum.* E por estas glorias falsas, vãs, e momentaneas, damos aquella alma immortal que Deus creou para a gloria verdadeira e eterna.

Certo que andou o demonio muito nescio em mostrar o mundo e suas glorias a quem queria tentar com ellas. Havia de encobrir a mercadoria, se queria que lh'a comprassem. O mundo promettido, forte tentação parece; mas visto, não é tentação. Quereis que vos não tente o mundo, ou que vos não vença, se vos tentar? Olhae bem para elle. Mordiam as serpentes no deserto venenosamente aos filhos de Israël: e que fez Moysés? Mandou levantar em logar alto uma daquellas serpentes feita de bronze: olhavam para ella os mordidos, e saravam. Todos nesta vida andaes mordidos do valimento, outros mordidos da ambição, outros mordidos da honra, outros mordidos da inveja, outros mordidos do interesse, outros mordidos da affeição; em fim todos mordidos. Pois que remedio para sarar destas mordeduras do mundo? Pôr o mesmo mundo diante dos olhos, e olhar bem para elle. Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos, que veja como todo é nada, como todo é mentira, como todo é inconstancia, como hoje não são os que hontem foram, como ámanhã não hão-de ser os que hoje são, como tudo acabou, e tudo acaba, como todos havemos de acabar, e todos imos acabando; em fim, que veja ao mundo bem como é em si, que se não desengane com elle, e se não desengane delle? A serpente de Moysés era de bronze; o mundo tambem é serpente, mas de barro, mas de vidro, mas de fumo, que ainda são melhores metaes para o desengano.

IV

Mas demos já uma volta á balança. Vimos quanto peza o mundo: vejamos agora quanto peza uma alma. Neste pezo entramos todos. O pezo do mundo não pertence a todos, porque muitos teem pouco mundo: o pezo da alma, ninguem ha a quem não pertença: o rei, o vassallo, o grande, o pequeno, o rico, o pobre, todos teem alma. Ora vejamos quanto peza e quanto vale isto que todos trazemos e temos dentro em nós.

Onde porém acharemos nós uma balança tal, que se possa pezar nella uma alma? Quatro mil annos durou o mundo sem haver em todo elle esta balança. E por ventura essa foi a occasião de se perderem naquelle tempo tantas almas. Chegou, finalmente, o dia da Redempção, pôz-se o Filho de Deus em uma cruz: e ella foi a verdadeira e fiel balança que a Divina Justiça levantou no Monte Calvario, para que o homem conhecesse quão immenso era o pezo e preço da alma que tinha perdido. Assim o canta, e nol-o ensina a Igreja:

Beata cujus brachiis
Pretium pependit sæculi,
Statera facta corporis,
Tulitque prædam Tartari.

Vês, homem, aquella cruz em que está pendente e morto o Filho de Deus? Pois sabe que ella é a balança justa em que Deus pezou o preço da tua alma, para que tu a não desprezes. O braço direito desceu tanto o pezo, que não só trouxe a Deus do céo á terra; mas do céo até o inferno: e o braço esquerdo subiu tanto, que estando a alma no inferno pelo peccado, não só a levantou do inferno, mas a poz no céo. De maneira que quem fielmente quizer pezar uma alma, não ha-de pôr de uma parte da balança a alma, e da outra o mundo, senão de uma parte a alma, e da outra a Deus. O mundo custou a Deus uma palavra: a alma custou a Deus o sangue, custou a Deus a vida, custou a Deus o mesmo Deus: *Qui dedit semetipsum redemptionem pro omnibus.* [1] Ouvi agora a Eusebio

[1] *1.ª Epist. ad Timoth.*, II, 6.

Emisseno: *Tam copioso munere ipsa redemptio agitur, ut homo Deum valere videatur:* E' tal o preço que Deus deu pelas almas, que posta de uma parte a alma, e de outra o preço, parece que vale tanto a alma como Deus. Parece, diz, porque Deus verdadeiramente vale e peza mais que toda a alma. Mas a Divina Justiça não poz em balança com a alma outro pezo, nem aceitou por ella outro preço, que o do mesmo Deus; porque de pezo a pezo, só Deus se póde contrapezar com a alma; e de preço a preço, só Deus se póde avaliar com ella: *Ut Deum valere videatur.* Sendo pois esta a verdadeira balança, e sendo este o pezo e o preço da alma, que tão cara comprou Deus, e nós tão barata vendemos ao demonio; não vos quero persuadir que a não vendaes: só vos peço, e vos aconselho, que o não façaes sem a pôr primeiro em leilão. O demonio no primeiro lanço offereceu por ella o mundo: Deus no segundo lanço deu por ella a si mesmo: se achardes quem vos dê mais pela vossa alma, dae-a embora.

Toda a desgraça da pobre alma, tão falsamente avaliada, e tão vilmente trocada e vendida, é porque a não vemos como vemos o mundo. O demonio mostrou todos os reinos do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi:* se eu tambem vos pudéra mostrar uma alma, estavam acabadas todas as tentações, e não eram necessarios mais discursos. O demonio dá todo o mundo por uma alma, porque a vê e a conhece; é espirito, vê as almas: nós, como somos corpo, vemos o mundo, e não vemos a alma; e porque a não conhecemos, por isso a desestimamos. Oh se Deus nos mostrasse uma alma, que pasmo, que estimação seria a nossa, e que desprezo de quanto ha no mundo, e na vida! Mostrou Deus uma alma a Santa Magdalena de Pazzi, e oito dias ficou fóra de si, arrebatada de assombro, de pasmo, de estranheza, só na memoria, na admiração, na novidade do que vira. Isto é uma alma? Isto é. A Santa Catharina de Sena, mostrou-lhe Deus tambem uma alma, e dizia (como refere Santo Antonino) que nenhum homem haveria, se tivesse visto uma alma, que não désse por ella a vida cem vezes cada dia; e não pela propria, senão pela alheia.

---

[1] *1. Timoth.*, II, 6.

De sorte que toda a differença e toda a desgraça está em que o mundo, com que o demonio nos engana, é visivel, e a alma invisivel. Mas por isso mesmo haviamos nós de estimar muito mais a alma, se tiveramos juizo. O mundo é visivel, a alma é invisivel: o mundo vê-se, a alma não se vê? Logo muito mais preciosa é a alma, muito mais vale que todo o mundo. Ouvi a S. Paulo: *Non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur: quæ enim videntur, temporalia sunt, quæ non videntur, æterna:* [1] Não havemos de admirar nem estimar o que se vê, senão o que se não vê, diz S. Paulo; porque o visivel, o que se vê, é temporal: o invisivel, o que se não vê, é eterno. O mundo que o demonio me mostra, é visivel, porque é temporal como o corpo; a alma, que o demonio me não póde mostrar (nem me havia de mostrar se pudéra) é invisivel, porque é eterna como Deus; e assim como os olhos não pódem vêr a Deus por sua soberania, assim não pódem vêr a nossa alma. Não é a nossa alma tão baixa que a houvessem de vêr os olhos. Vêem o mundo, vêem o céo, vêem as estrellas, vêem o sol; a alma não a pódem vêr, porque não chega lá a sua esphera.

Mas já que somos tão corporaes, e damos tanto credito aos olhos; os mesmos olhos quero que nos digam, e que confessem o que é a alma. Quereis vêr o que é uma alma? Olhae (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rethorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos que admiramos, e excedem a admiração: tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as tabuas e os marmores? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma

[1] *2.ª ad Corinth.*, IV, 18.

praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria, e a morte alheia: quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa; de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo; a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas; os extasis, os raptos, subido o mesmo pezo do corpo, e suspendido no ar: que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente, os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cubiça que nunca se farta; uma soberba que sempre sóbe; uma ambição que sempre aspira; um desejo que nunca aquieta; uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre; uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus; tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso — a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo, senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella, insta Agostinho: *Non facit corpus unde ametur, nisi animus?* Aquillo que amaveis e admiraveis, não era o corpo, era a alma: *Recessit, quod non videtur, remansit, quod cum dolore videatur:* apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde vêr. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. Viu S. Francisco de Borja o corpo defunto e disforme da nossa imperatriz Dona Isabel; e que lhe succedeu? Pela differença do corpo morto, viu naquelle espelho o que era a alma; e como viu o que era a alma, deixou o mundo. Não nos enganára o demonio com o mundo, se nós viramos e conheceramos bem o que é a alma. Mas já que a não podemos vêr em si, vejamol-a em nós: no que o corpo ha-de ser, vejamos o que ella é.

V

Então que nos diga o demonio com a bocca muito cheia e muito inchada: *Hæc omnia tibi dabo!* Mente o diabo, e troque as balanças: o *omnia*, não ha-de estar na balança do mundo, senão na balança da alma. O tudo deste mundo e do outro, é a alma, não é o mundo. No Capitulo doze de S. João diz Christo: *Et ego cum exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum:* [1] E eu quando fôr levantado na cruz, hei-de trazer a mim tudo: *omnia*. Digam-me agora os doutos, que *tudo* é este que Christo havia de trazer a si? Christo desde o instante da Encarnação foi Senhor universal de tudo, pela união hypostatica, pelo direito hereditario da filiação, como Filho natural de Deus, e por outros muitos titulos. S. Paulo: *Quem constituit hæredem universorum.* [2] S. João: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* [3] E o mesmo Christo: *Omnia mihi tradita sunt á Patre meo.* [4] Pois se Christo era e sempre foi Senhor de tudo: que *tudo* era este, que diz que ha-de adquirir e trazer a si na cruz? Era o tudo que só é tudo — as almas. Assim o resolve S. Chrysostomo, S. Cyrillo, Theophilato, Beda, Leoncio e todos. Desde o instante da Encarnação foi Christo absoluto Senhor de todas as creaturas, quanto ao dominio, e quanto á sujeição: só das almas, ainda que era Senhor quanto ao dominio, quanto á sujeição não o era, porque estavam captivas e escravas do demonio e do peccado. E como Christo na cruz havia de remir, adquirir, sujeitar, e trazer a si as almas; este é o tudo a que absolutamente chama tudo: *Omnia traham ad me ipsum.*

E se me perguntardes, porque na cruz não trouxe a si actualmente mais que uma só alma, a do Bom Ladrão? Foi porque entendessemos que o tudo de que fallava não eram só todas as almas collectivamente, senão qualquer e cada uma dellas. Assim o declarou

---

[1] *Joan.*, XII, 32.
[2] *Ad Hebr.*, I, 2.
[3] *Joan.*, XIII, 3.
[4] *Math.*, XI, 21.

admiravelmente a versão Syriaca: *Unumquemque traham ad me ipsum.* Todas tudo, cada uma tudo. A vossa alma é tudo, a minha tudo, a de Dimas, e a de qualquer homem, tudo: *omnia: unumquemque.* Mas para que são versões, nem exposições se temos o mesmo auctor do Texto: *Simile est regnum cœlorum homini negotiatori quærenti bonas margaritas, inventa una pretiosa margarita, dedit omnia sua, et comparavit eam.* [1] Um mercador (diz Christo) que negociava e tratava em perolas, achando uma, deu tudo quanto tinha, e comprou-a. Quem é o mercador, qual é a perola, e que é o tudo que deu por ella? O mercador, (diz Haymo) é Christo, a pedra preciosa é a alma, o tudo que deu por ella, é tudo o que Deus tinha, e tudo o que era. De maneira que não por todas, nem por muitas, senão por uma só alma: *Una pretiosa margarita*, deu Deus tudo o que tinha, e tudo o que era: e não uma só vez, nem por um só modo, senão por tantos. *Se nascens dedit socium, convescens in edulium, se moriens in pretium, se regnans dat in præmium.* Deu-se na Encarnação, deu-se no Sacramento, deu-se na Cruz, dá-se na Gloria. E aquillo porque Deus tantas vezes e por tantos modos deu tudo, vêde se é tudo: *Omnia traham ad me ipsum.* A alma, a alma, tentador, é o verdadeiro tudo, e não o mundo a que tu falsamente dás esse nome: *Hæc omnia tibi dabo.*

Que bem o entendeu assim o mesmo demonio, que para tudo nos dá armas! Terceira vez vencido o Tentador, diz S. Lucas, que se retirou por então, não para desistir totalmente de tentar a Christo; mas reservando a tentação para outro tempo: *Et consummata omni tentatione diabolus recessit ab illo usque ad tempus.* [2] Comtudo, nem S. Lucas, nem algum dos outros Evangelistas dizem expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Christo. Que tempo foi logo este, e que tentação? Santo Athanasio, e commummente os Padres e Expositores, resolvem que o tempo foi no ultimo dia e hora da morte de Christo (que é a occasião em que o demonio faz o ultimo esforço para tentar aos homens), e que a tentação foi por boc-

[1] *Math.*, XIII, 45 e 46.
[2] *Luc.*, IV, 13.

ca dos Judeus, quando disseram: *Si Filius Dei est, descendat de cruce, et credimus ei:* [1] Se é Filho de Deus, desça da cruz, e creremos nelle. E verdadeiramente a phrase e modo da tentação, bem mostra ser do mesmo artifice que tinha tentado a Christo no deserto e no Templo, onde sempre começou, dizendo: *Si Filius Dei es.* Vêde agora a astucia e consequencia do demonio, em que fundou toda a sua esperança. Como na ultima tentação em que se retirou vencido, tinha offerecido a Christo todos os reinos do mundo, fez este discurso: Este homem offereci-lhe todo o mundo, e não o pude render; necessario é logo accrescentar e reforçar a tentação, e offerecer-lhe coisa que peze e valha mais que todo o mundo: coisa de maior preço e de maior valor que todo o mundo, não a ha senão a alma: hei o de tentar com almas, e assim o fez: *Descendat de cruce, et credimus ei.* De sorte, que só com o offerecimento daquellas almas que o demonio tanto possuia, lhe pareceu que podia render a quem não tinha rendido com o offerecimento de todo o mundo.

Esta foi a tentação que o demonio reservou para a ultima batalha. Mas ainda que nesta occasião fez o tiro a Christo com muitas almas, já antes della o tinha feito com uma só, não offerecendo-lh'a mas querendo-lh'a roubar. Para o demonio roubar a Christo a alma de Judas, persuadiu-lhe a traição. E que fez o Bom Pastor para tirar dos dentes do lobo aquella ovelha? Lançou-se aos pés do mesmo Judas para lh'os lavar. *Cum jam diabolus misiset in cor, ut traderet eum Judas, cœpit lavare pedes Discipulorum:* [2] Senhor meu, vós aos pés de Judas, persuadido pelo demonio a vos entregar? Vós aos pés de Judas, a quem chamastes demonio: *Ex vobis unus diabolus est?* Ainda é maior e mais fundada a minha admiração. Diz expressamente S. Lucas, que antes deste acto e deste dia já o demonio tinha entrado em Judas: *Intravit Satanas in Judam, et quærebat opportunitatem, ut traderet illum: venit autem dies Azimorum, in quo oportebat occidi Pascha.* [3] Pois se Judas não só é de-

[1] *Math,* XXVII, 42.
[2] *Joan.,* XIII, 2 e 5.
[3] *Luc.,* XXII, 3, 6 e 7.

monio por maldade, mas em Judas está por realidade o mesmo demonio; como se ajoelha Christo diante de Judas? A figura em que o demonio tentou a Christo quando disse: *Si cadens adoraveris me*, era de homem e não de demonio: Judas, em quem agora está o demonio, tambem é homem: como pois se ajoelha Christo a um homem que é demonio, e dentro do qual está o demonio? Aqui vereis quanto vale uma alma; e quanto vale mais que o mundo todo. Por todo o mundo não dobrou Christo o joelho, nem o podia dobrar a um demonio transfigurado em homem: e por uma alma lançou-se de joelhos aos pés de um homem, que era o demonio, e tinha dentro de si o demonio. Por todo o mundo não conseguiu o demonio que Christo se ajoelhasse a elle: por uma alma, se não conseguiu que se ajoelhasse a elle, conseguiu que se ajoelhasse diante delle.

Ah idolatras do mundo, que tantas vezes daes a alma e dobraes o joelho ao demonio, não pelo mundo todo, senão por umas partes tão pequenas delle, que nem migalhas do mundo se pódem chamar! Quantos principes dão a alma, e tantas almas ao demonio por uma cidade, por uma fortaleza? Quantos titulos por uma villa? Quantos nobres por uma quinta, por uma vinha, por uma casa? Que palmo de terra ha no mundo que não tenha levado muitas almas ao inferno, pela demanda, pelo testemunho falso, pela escriptura supposta, pela sentença injusta, pelos odios, pelos homicidios, e por infinitas maldades? Se o mundo todo não peza uma alma, como pezam tanto estes pedacinhos do mundo? Barro alfim. Deitae ao mar um vaso de barro inteiro, nada por cima da agua: quebrae esse mesmo vaso, fazei-o pedaços, e todos, até o mais pequeno, se vão ao fundo. Se o mundo todo inteiro peza tão pouco, como pezam tanto estes pedacinhos do mundo, que todos se vão ao fundo, e nos levam a alma apoz si? Quizera acabar aqui, e já ha muito que devèra; mas como estamos em um ponto de tanta importancia, que é a maior e a unica, e toca egualmente a todos e a cada um, dae-me licença, com que acabe de desarmar ao demonio, dando-lhe muitas mais armas das que elle tem, e concedendo-lhe tudo o que hoje prometteu, e tudo o que se não atreveu a prometter. Se alguma hora me destes attenção, seja neste ultimo argumento que desejo apertar de ma-

neira, que não haja coração tão duro, nem entendimento tão rebelde, que não dê as mãos e fique convencido.

VI

Quando o demonio offereceu o mundo a Christo, disse-lhe juntamente (como refere S. Lucas) que elle tinha poderes de Deus para dar o que offerecia: *Tibi dabo potestatem hanc universam, et gloriam eorum, quia mihi tradita sunt, et cui volo, do illa.* [1] Estes poderes que o demonio allegava, eram tão falsos como as mesmas promessas. Mas para apertarmos este ponto supponhamos que os poderes eram verdadeiros, e que eram ainda maiores. Supponhamos que tinha o demonio poderes de Deus para verdadeiramente dar este mundo a um homem, e demais destes poderes, que tinha tambem delegação da Omnipotencia, para prometter, cumprir e executar tudo o que quizesse. Neste caso, se o demonio nos propuzesse o mesmo contrato que hoje propoz a Christo: se nos offerecesse todos os reinos e grandezas do mundo e nos mostrasse procurações de Deus para tudo; aceital-o-hiamos? Eu entendo que neste casò, qualquer homem bem entendido podia pòr tres replicas ou tres instancias a este offerecimento. A primeira, na brevidade da vida; a segunda, na inconstancia dos reinos; a terceira, na limitação da natureza humana. Ora discorrei commigo, e fallemos com o demonio. Tu, demonio, me offereces todos os reinos do mundo. Grande offerecimento é; mas bem sabes tu que Alexandre Magno não durou mais que seis annos no imperio, e outros imperadores duraram muito menos, e algum houve que durou só tres dias. Pois por seis annos, ou por vinte annos, ou por quarenta annos, que posso viver, e esses incertos, hei eu de entregar a minha alma? Não é bom partido. Não seja essa a duvida (diz o demonio) eu te seguro, com os poderes que tenho, cem mil annos de vida, e esses sem dôr, sem velhice, sem enfermidade: ha mais outra duvida? Sim ha. Ainda que eu haja de ter cem mil annos de vida, quem me segurou a mim a duração e permanencia

[1] *Luc.*, IV, 6.

desses reinos e dessa monarchia? Não ha coisa mais inconstante no mundo que os reinos, nem menos duravel que sua gloria e felicidade. Sem recorrer aos exemplos passados, digam-n'o as mudanças que vimos nestes nossos dias, em que tão pouco segura tiveram os reis a obediencia dos vassallos, e a corôa, e ainda a mesma cabeça, sobre que assentam as corôas. [1] Pois se os vassallos mesmo se me houvessem de rebellar, ou os estranhos me houvessem de conquistar os reinos, que me importaria a mim ter o nome e o dominio delles? Não seja essa tambem a difficuldade (diz o demonio) eu te asseguro a duração e perpetuidade da monarchia, e todos os reinos que te mostrei, por espaço de cem mil annos; e te prometto que os possuirás sempre quietos e pacificos. Ha mais ainda alguma coisa em que reparar? Ainda ha uma. Sendo eu rei de todo o mundo, não me posso gozar de todo elle no mesmo tempo. Quando tiver a Côrte em Lisboa, não a posso ter em Pariz: quando a tiver em Roma, não a posso ter em Constantinopla: se lograr as terras da Europa, não posso lograr as da America: se lograr as delicias de Italia, não posso gosar as da India. Pois se eu não hei-de ter mais capacidade para os gostos da vida, do que tem qualquer outro homem: que me importa ter tanto poder e tanta materia para ellas? Tambem isso tem remedio (diz o demonio). Assim como Christo no Sacramento está em todos os logares do mundo, sendo um só e o mesmo, assim farei eu pela omnipotencia delegada, que tu, sendo um só, estejas juntamente em todos os logares do mundo, para que em todos possas gozar tudo o que quizeres.

Eis aqui as condições com que supponho que nos offerece o demonio o seu contrato. Parece-vos que são boas condições estas, e dignas de se aceitarem? Um homem com cem mil annos de vida seguros, sem dôr, nem enfermidade: um homem monarcha universal de todos os reinos do mundo, com certeza de não se mudarem: um homem multiplicado em todas as partes do mundo para poder gosar no mesmo tempo as delicias de todo elle. Parece que a imaginação não póde inventar mais, nem querer mais o desejo. Dizei-me

[1] Neste tempo foi degolado el-rei de Inglaterra.

agora: se este contrato vol-o offerecesse o demonio, assignado por Deus, aceitarieis esta vida, esta magestade, estas delicias de cem mil annos, com condição de no cabo delles perder a alma e ir ao inferno? E' certo que nenhum de nós aceitaria tal contrato. Ao menos, eu não. Pois se não aceitariamos ao demonio um tal contrato, como aceitamos tentações tão differentes? Dizei-me: quando o demonio vos tenta promette-vos larga vida? Antes são muitas vezes taes as tentações, que sabeis de certo que cahindo nellas, quando menos, haveis de encurtar a vida e perder a saude. Mais. Quando o demonio vos tenta, promette-vos reinos e monarchias universaes do mundo? Não: um governo, uma privança, um titulo, um morgado, uma herança, e outros interesses menores. Mais. Quando o demonio vos tenta, multiplica-vos a capacidade dos sentidos, para que possaes gosar com maior largueza, e sem limite, os gostos e delicias do mundo? Nada disto. Pois se fôra loucura, e remetada loucura, entregar um homem a sua alma por aquelle contrato; que será entregarmol-a cada dia e cada hora por tentações de tanto menos porte? Por uma vaidade, por um desejo, por uma representação, por um pensamento, por um appetite, que no instante de antes o desejaes, e no instante de depois o aborreceis? Tomara que me respondesseis a esta evidencia, para vêr que razão me daes.

Só uma vos póde occorrer que tenha alguma apparencia, e é o que nos engana a todos. Padre, entre aquelle contrato e as tentações ordinarias do demonio, ha uma differença grande. Consentindo naquelle contrato, ficava eu perdendo a minha alma de certo: consentindo nas outras tentações, sómente ponho a minha alma em duvida, porque depois de aceitar a tentação e lograr o que o diabo ou o appetite me promette, posso arrepender-me e salvar-me. Primeiramente, essa mesma conta fizeram todos os christãos que estão no inferno. Mas sem chegar a esta supposição; tão leve negocio é pôr a alma e a salvação em duvida? Aprendamo-lo do mesmo demonio, e torne a tentação a ser remedio. Quando o diabo tentou a Christo, bem via que aquelle homem, quem quer que fosse, depois de aceitar o partido, e se ficar com os reinos do mundo, assim como se houvesse posto de joelhos diante do demonio para o adorar, assim se

podia pôr de joelhos diante de Deus, para pedir perdão e se restituir á sua graça e salvar-se. Pois se isto era assim, porque lhe offerecia o demonio todo o mundo, só por aquella adoração, só por aquelle peccado? Porque aquelle peccado em um homem, ainda que lhe não tirava a salvação com certeza, punha-lhe a salvação em duvida; e só por pôr em duvida a salvação de uma alma, dará, e dá o demonio todo o mundo. Pois se o demonio, que não é interessado como eu, dá um mundo só por pôr a minha salvação em duvida, eu porque porei em duvida a minha alma e a minha salvação, ainda que seja por todo o mundo?

Christãos, Deus nos livre de pôr a salvação de nossa alma em duvida, ainda que seja pelo preço de todo o mundo e de mil mundos. O que se põe em duvida, póde ser e póde não ser: e se fôr? se a duvida inclinar para a peior parte, se eu me não salvar e me condemnar, como se condemnaram tantos que lhe fizeram essa mesma conta, será bem que fique a alma nessas contingencias? Oh tristes almas as nossas, que não sei que nos teem feito, que tanto mal lhe queremos! Por certo, que não nos havemos nós assim nas temporalidades. O negocio em que vos vae a vida, ou a fazenda, ou a honra, ou o governo, contentaes-vos com o deixar nessas duvidas? Não buscaes sempre o mais seguro? Pois só o a Deus, e á ventura, hão-de ser para a triste alma? Vêde como se queixava Christo desta semrazão: *Diviserunt sibi vestimenta mea, et super vestem meam miserunt sortem:* [1] As minhas vestiduras exteriores, dividiram-nas para si, e a minha tunica interior lançaram-na a sortes. Os vestidos exteriores de Christo dividiram-nos entre si os soldados em partes eguaes: a tunica interior jogaram-na, a vèr quem a levava inteira. Que é esta tunica interior, e que vestiduras exteriores são estas que os homens receberam de Deus? As vestiduras exteriores são os bens temporaes; a tunica interior é a alma. Vêde agora com quanta razão se queixa Christo: *Diviserunt sibi vestimenta mea:* as vestiduras exteriores, os bens temporaes, estimam-nos os homens tanto, que os não querem pôr na duvida de uma sorte; dividem-nos com grande tento, reparando em um fio,

[1] *Math.*, XXVII, 35

e cada um segura a sua parte: *Et super vestem meam miserunt sortem:* porém a tunica interior, a alma, fazem tão pouco caso della os homens, que a lançam a sortes, e á ventura, ao tombo de um dado. Atrevemo-nos a estar eternamente no inferno? Para quando guardamos os nossos juizos? Para quando guardamos os nossos entendimentos? Porque cuidaes que foram prudentes as cinco Virgens do Evangelho? Porque eram muito entendidas? Porque fallavam com grande discrição? Não. Porque quando as companheiras lhes pediram do oleo para acompanhar o Esposo ás bodas, ellas responderam: *Ne forte non sufficiat nobis, et vobis:* [1] não, amigas, porque não sabemos se nos bastará o que temos. Pôr em duvida a entrada do céo, pôr em duvida a salvação da alma, nem por amôr das amigas, nem por amôr das bodas, nem por amôr do Esposo.

VII

Não digo eu pôr a salvação da alma em duvida. Ainda que algum de nós soubera de certo, e tivera revelação, que a sua alma se não havia de salvar, só por ser alma a não havia de dar por nenhum preço do mundo. Ouvi uma ponderação que me faz tremer. E' de fé, que o Filho de Deus morreu por todos os homens. Assim o definiu Innocencio Decimo em nossos dias, contra o erro dos Jansenistas, e assim o diz expressamente S. Paulo em dois logares de suas Epistolas: na segunda *(ad Corinth.* Capitulo v): *Christus pro omnibus mortuus est.* E na primeira *(ad Timoth.* Capitulo II): *Qui dedit redemptionem semetipsum pro omnibus.* Todos os homens quantos ha, e houve, e ha-de haver no mundo, ou são predestinados que se hão-de salvar, ou são precitos que se hão-de perder. Que Christo morresse pelas almas dos predestinados, bem está, são almas que se hão-de salvar, e que hão-de vêr e gosar e amar a Deus por toda a eternidade; mas morrer Christo, e dar o preço infinito de seu sangue tambem pelas almas dos precitos? Sim. Morreu pelas almas dos predestinados, porque são almas que se hão-de salvar: e morreu tambem pelas almas dos preci-

[1] *Math.*, XXIV, 9.

tos, porque, ainda que se não hão-de salvar, são almas. Nos predestinados, morreu Christo pela salvação das almas: nos precitos, morreu pelas almas sem salvação; porque é tão grande o valor das almas por si mesmas, ainda sem o respeito de se haverem de salvar, que deu Deus por bem empregado, ou por bem perdido nellas o preço infinito de seu sangue. Grande exemplo em uma alma particular.

Fez Christo por Judas os extremos que todos sabem; mas nem todos os ponderam como merecem. Se Christo tivera certeza de que Judas se havia de salvar, bem empregadas estavam todas aquellas despezas de trabalho e de amôr. E se, quando menos, a salvação de Judas estivera duvidosa, tambem era bem aventurar todas aquellas diligencias na contingencia dessa duvida. Mas Christo sabia de certo que Judas era precito, e se havia de condemnar. Pois, Senhor, como empregaes e dispendeis tantas vezes o preço infinito de vossas palavras, de vossas acções, e de vossas lagrimas, com esse infeliz homem? Não sabeis que se ha-de perder a sua alma? Sim, sei; mas ainda que se ha-de perder, é alma. A certeza da sua perdição não lhe tirou o ser, antes acrescenta a dôr de tamanha perda. E que haja ainda almas, que se queiram perder certamente?! Que haja ainda tantos Judas que deem entrada ao demonio em suas almas, não por todo o mundo, nem por trinta dinheiros, mas por outros preços mais vis e mais vergonhosos?

Ora, christãos, se uma alma, ainda sem o respeito da salvação vale tanto; as nossas almas, que pela misericordia de Deus ainda estão em estado de salvação, porque as estimamos tão pouco? Que nos fizeram as nossas almas, para lhes querermos tanto mal, para as desprezarmos tanto? Christo estima infinitamente a minha alma mais que todo o mundo: o mesmo demonio estima tambem mais a minha alma que todo o mundo; e só eu hei-de estimar todas as coisas do mundo mais que a minha alma? Que coisa ha neste mundo tão vil, ou seja da vida, ou seja da honra, ou seja do interesse, ou seja do gosto, que a não estimemos mais que a alma, e que não vendamos a alma por ella? Ponhamos os olhos em um Christo crucificado, e aprendamos naquella balança, a pezar e estimar nossa alma. Como está Christo na cruz? Despido, affrontado, atormentado, morto: despido pela minha alma, para

que eu estime mais a minha alma que o interesse: affrontado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a honra: atormentado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que os gostos: morto pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a vida. Oh, pezemos, e pezemos bem o que é, e o que ha-de ser o mundo; o que é, e o que ha-de ser a nossa alma. Seja esta a principal devoção desta Quaresma, e seja tambem a principal penitencia. Não vos peço que nesta Quaresma acrescenteis as devoções, nem as penitencias: só uma commutação dellas vos peço, e é que tomeis na mão aquella balança. Tomemos sequer meia hora cada dia, para nos fecharmos comnosco e com a nossa alma, e para tratarmos della, e com ella. Diz S. João no Apocalypse: *Factum est silentium in cœlo quasi media hora:* [1] que se fez silencio no céo por espaço de meia hora, em quanto se tratava das petições da terra. Se no céo, onde tudo é segurança e felicidade, se toma meia hora para tratar da terra; na terra, onde nada é seguro, e tudo é miseria; porque se não tomará meia hora para tratar do céo? De vinte e quatro horas do dia, não lhe bastarão ao corpo vinte e tres e meia, e a pobre alma não terá sequer meia hora? E que seja necessario que isto se vos esteja rogando e pedindo, e que não baste? Ora, fieis christãos, façamol-o assim todos nesta Quaresma, para que tambem a Quaresma seja christã. Consideremos que a nossa alma é uma só; que esta alma é immortal e eterna; que a união que tem esta alma com o corpo (a que chamamos vida) póde desatar-se hoje; que todas as coisas deste mundo cá hão-de ficar, e só a nossa alma ha-de ir commosco; que a esta alma a esperam uma de duas eternidades: se formos bons, eternidade de gloria; se formos máus, eternidade de pena. E' isto verdade, ou mentira? Cremos que temos alma, ou não o cremos? São estas almas nossas, ou são alheias? Pois que fazemos?

Tambem das alheias nos devemos lastimar muito. Todo o mundo que o demonio hoje offereceu a Christo, foi por uma alma alheia. Se dá todo o mundo o demonio por perder uma alma; porque não daremos

[1] *Apoc.*, VIII, 1.

nós, e porque não faremos alguma coisa por tantas almas que se perdem? Neste mesmo instante se estão perdendo infinitas almas na Africa, infinitas almas na Asia, infinitas almas na America (cujo remedio venho buscar) tudo por culpa e por negligencia nossa. Verdadeiramente não ha reino mais pio que Portugal; mas não sei entender a nossa piedade, nem a nossa fé, nem a nossa devoção. Para as almas que estão no Purgatorio, ha tantas Irmandades, tantas Confrarias, tantas despezas, tantos procuradores, tantos que as encommendem de noite e de dia: só aquellas pobres almas que estão indo ao Inferno, não teem nada disto! As almas do Purgatorio, ainda que padeçam, teem o céo seguro: as que vivem e morrem na gentilidade, não só teem o Céo duvidoso, mas o Inferno, e a condemnação certa, sem haver quem lhes acuda. Não é maior obra de misericordia esta? Pois porque não haverá tambem uma Irmandade; porque não haverá tambem uma Congregação; porque não haverá tambem uma Junta; porque não haverá tambem um procurador daquellas pobres almas? Senhor, estas almas não são todas remidas com o vosso sangue? [1] Senhor, estas almas não são todas remidas com o sangue de Christo? Senhor, a conversão destas almas não a entregastes aos reis e reino de Portugal? Senhor, estas almas não estão encarregadas por Deus a vossa magestade com o reino? Senhor, será bem que estas almas se percam, e se vão ao Inferno, contra o vosso desejo? Senhor, será bem que aquellas almas se percam, e se vão ao Inferno por nossa culpa? Não o espero eu assim da Vossa Magestade Divina, nem da humana. Já que ha tantos expedientes para os negocios do mundo, haja tambem um expediente para os negocios das almas, pois valem mais que o mundo. Desenganemo'-nos: quanto mais se adiantar o negocio da salvação das almas, tanto os do mundo irão mais por diante. O demonio offereceu todos os reinos do mundo a Christo, pela perdição de uma alma; e Christo porque tratou da salvação das almas está hoje Senhor de todos os reinos do mundo. Assim nos succederá a nós tambem, e assim o prometto em nome do mesmo Deus. Deixae-me santificar as pala-

[1] Falla alternadamente com Deus e com o rei.

vras do demonio, e pol-as na bocca de Christo: *Ostendit ei omnia regna mundi:* está-nos Deus mostrando todos os reinos desse novo mundo, que por sua liberalidade nos deu, e por nossa culpa nos tem tirado em tanta parte. E apontando para a Africa, para a Asia, para a America, nos está dizendo: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* reino de Portugal, eu te prometto a restituição de todos os reinos que te pagavam tributo, e a conquista de outros muitos, e mui opulentos desse Novo Mundo, se tu, pois te escolhi para isso, fizeres que elle crêa em mim, e me adore: *Si cadens adoraveris me.* Assim o prometto da bondade de Deus, assim o espero do grande zelo e piedade de sua magestade, assim o confio da muita christandade de todos os ministros; e se tratarmos das almas alheias, este meio de que tanto se serve Deus, será o mais efficaz de conseguirmos a salvação das proprias, nesta vida com grandes augmentos de Graça, e na outra com o premio da Gloria.

SERMÃO

DA

Primeira Dominga da Quaresma *

(Prégado na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma)

Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem, et statuit eum super pinnaculum Templi, et dixit ei: si Filius Dei es, mitte te deorsum. [1]

I

Santo Antonio (não o nosso, em cuja casa estamos, senão o do Egypto, chamado por antonomasia o Grande) abriu-lhe Deus um dia os olhos, para que visse neste mundo o que nós não vemos, e viu que todo elle estava cheio e armado de laços. Laços no mar, e laços na terra: laços nos desertos, e laços no povoado: laços nos montes, e laços nos valles: laços nas ruas, e laços dentro das casas: e não só nos logares profanos, senão tambem nos sagrados, e até nos mesmos templos, não de idolos, senão do verdadeiro Deus, laços. Significava esta visão, que não ha logar no mundo livre de tentações do demonio: e isto é o que temos no Evangelho presente. Tentou o demonio a Christo, e onde o tentou? Tentou-o no deserto, tentou-o no monte, tentou-o em Jérusalem, e tentou-o no Templo. Se nos desertos apartados da communicação da

---

* Este sermão, commenta o padre Antonio Honorati, por ser dirigido a ecclesiasticos, é mais positivo e menos figurado do que o precedente; mas é muito chistoso e elegante. *(Chrysosth. Portug.*, vol. 1.º pag. 157).

[1] *Math.*, IV.

gente, se nos montes que estão mais visinhos ao céo, se nas cidades de profissão, e de nome santas, e nos templos consagrados a Deus, ha tentações, e tenta alli o demonio ao mesmo Deus; que logar haverá, ou póde haver no mundo, onde não tente aos homens? Não é necessario que vejamos por revelação os laços, pois vemos por experiencia os que cáem nelles, e nos vemos a nós mesmos tantas vezes cahidos.

Permittiu pois Christo Senhor nosso ser tentado do demonio hoje, não para se honrar com a victoria (que era pequeno triumpho) mas para nos ensinar a vencer com seu exemplo. Tentado no deserto com o pão e com a fome, para exemplo á abstinencia do monge: tentado no monte com as promessas de todo o mundo, para exemplo á cubiça do leigo: e tentado na cidade santa com o logar mais alto do Templo, para exemplo á ambição do ecclesiastico. Esta ultima tentação por ser tão propria do logar, e tão acommodada ao auditorio, será hoje o argumento de todo o meu discurso. Veremos nelle um cortezão de Roma, segundo as tres partes do thema, tres vezes, e por tres modos tentado. Tentado quando vem pertender á cidade santa: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem:* [1] tentado quando consegue o logar ou dignidade da Igreja que pertendia: *Statuit eum super pinnaculum templi:* e tentado com o mesmo logar depois de conseguido, quando o diabo o instiga a que se precipite: *Mitte te deorsum.* [2] Nota o Evangelista no nosso Texto, que o Espirito Santo foi o que levou a Christo ao logar onde havia de ser tentado: *Ductus est Jesus in desertum à Spiritu, ut tentaretur á diabolo.* E pois o motor e auctor das victorias contra as tentações do espirito maligno é o Espirito Santo; peçamos ao mesmo divino Espirito nos ajude com sua graça: *Ave Maria.*

II

Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem, etc. A primeira coisa em que topa o meu reparo nestas palavras do nosso thema, é aquelle *tunc:* então.

---

[1] *Math.*, IV, 5.
[2] *Ibid.*, 6.

Então? Quando? Não fôra o demonio demonio, se não fizera tudo a seu tempo, e não soubera observar a occasião. Quando viu a Christo com fome: *Postea esuriit:* então o tentou com o pão: *Et accedens tentator:* [1] e agora quando levou o Senhor á cidade santa, e ao logar mais alto do Templo, tambem diz o Evangelista que o fez *tunc*, então: e porque? Porque já tinha experiencia do Sugeito a quem tentava. Levantar os sujeitos aos logares da Igreja sem os conhecer e experimentar primeiro, é coisa que nem o diabo faz. Quando Christo esteve mais qualificado para o logar, então o tentou o diabo com elle: e quando merecia a assumpção, então foi a tentação: *Tunc assumpsit eum diabolus.* Para um sujeito ser sublimado ao logar mais alto da Igreja, que qualidades são as que se requerem? Requere-se, ainda que menos, a nobreza do nascimento, requere-se o exemplo da vida, requere-se o exercicio das virtudes, requere-se o espirito muito provado, e requerem-se finalmente as lettras não só sabidas, mas praticadas. Todas estas qualidades então, *tunc*, concorriam juntas em Christo, e já reconhecidas pelo mesmo demonio. A nobreza do nascimento: *Si Filius Dei es:* [2] o exemplo da vida: *Ductus est à spiritu in desertum:* o exercicio das virtudes: *Cum jejunasset quadraginta diebus, et quadraginta noctibus:* o espirito provado: *Ut tentaretur à diabolo:* as lettras não só sabidas, mas praticadas: *Scriptum est enim: non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* E que sobre todas estas qualidades juntas, sobre toda esta capacidade de merecimentos, ainda seja tentação subir ás alturas do Templo! O' mundo! O' cabeça do mundo! E que tentação seria se o ecclesiastico tentasse a subida, não com espirito provado, mas reprovado: não com exemplo, mas com escandalo: não com virtudes, mas com vicios: não com lettras, mas com ignorancias? Não fallo na qualidade do nascimento, porque depois que Christo tirou a Pedro e André da barca para a cadeira, ainda que não reprovou a grandeza dos appellidos, mostrou que se era decente para o sujeito, não era necessaria para o officio. Este foi o *tunc* da tentação de Christo: vamos agora ao *nunc* das nossas.

---

[1] *Math.*, IV, 3.
[2] *Ibid.*

Em tres partes (como dizia) dividiu o demonio a sua tentação: vir, subir, cahir. Vir á cidade santa: *Assumpsit eum in sanctum civitatem:* subir ao pinaculo do Templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi:* cahir e arrojar-se ao precipicio: *Mitte te deorsum.* Sigamos o tentador pelos mesmos passos.

III

Assumpsit eum diabolus in sanctum civitatem. A primeira parte da tentação, senhores meus, é vir o pertendente á cidade santa. Pois vir á cidade santa, e pertender uma igreja tambem santa, póde ser tentação do demonio? Sim. Porque quando a eleição é de Deus, e não tentação do demonio: quando Deus quer que o ecclesiastico tenha igreja e esposa, não é elle o que ha-de ir á cidade santa, a cidade santa é a que ha-de ir a elle. No Capitulo penultimo do Apocalypse conta S. João o que viu, e diz assim: *Vidi civitatem sanctam Jérusalem descendentem de cœlum à Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo.* [1] Vi descer do céo a cidade santa mandada por Deus, e ornada como esposa para se receber com o esposo. Notavel visão! Os homens são os que vão á cidade, e não a cidade aos homens: o esposo é o que pertende a esposa, e não a esposa o esposo. Pois porque viu S. João tudo ás avessas? Porque o viu ás direitas. Vinha a Igreja do céo, vinha de Deus: *Descendentem de cœlo á Deo:* e quando a Igreja e a esposa vem pelo céo e por Deus; não é o homem o que vae á cidade santa, a cidade santa é a que vem ao homem: não é o esposo o que vae buscar a esposa, a esposa é a que o vem buscar a elle: *Sicut sponsam ornatam viro suo.* E quando isto não é assim, senão ás avessas, que será? Não é eleição de Deus, é tentação do diabo: *Assumpsit eum diabolus in sanctum civitatem.*

No Testamento Velho, e na mesma casa, temos dois desposorios muito similhantes, e muito differentes. Isaac desposou-se com Rebecca, Jacob desposou-se com Rachel: esta foi a similhança. A differença foi, que só Jacob, e não Isaac, padeceu os enganos, os enredos, e as maldades de Labão. E este Labão quem

[1] *Apoc.*, XXI, 2.

era ou a quem representava? S. Gregorio e todos os Padres dizem que Labão significava o demonio, e os seus enganos as suas tentações. Pois porque padeceu Jacob nos seus desposorios as tentações do demonio, e Isaac não? Lêde a Escriptura. Jacob foi buscar a Rachel: Isaac não foi buscar a Rebecca, Rebecca o foi buscar a elle. E quando Rebecca vae buscar a Isaac, quando a esposa vae buscar o esposo, não ha enganos de Labão, não ha tentações do demonio; mas quando Jacob vae buscar a Rachel, quando o esposo vae buscar e pertender a esposa, ahi é que Labão trama os seus enganos, ahi é que o demonio executa as suas tentações. Haverá aqui algum Isaac? Nenhum. Se houvesse algum Isaac, esperaria na sua terra que o fosse lá buscar a esposa: mas todos e cada um são Jacob, e Jacob muito empenhado na sua pretenção; e por isso todos tentados, e todos enganados.

Quanto melhor providas seriam as Igrejas: quanto mais descançados viveriam os que fossem dignos dellas: e quanto menos occasião se daria ás tentações do demonio na cidade santa, se as esposas fossem buscar os esposos, como Rebecca a Isaac, e não os esposos as esposas, como Jacob a Rachel! Na cidade santa estava recolhida a esposa dentro do seu aposento, e com as portas fechadas, quando viu ao longe que a vinha pertender o esposo, atravessando serras, e passando montes: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* [1] Chegou em fim o peregrino pertendente á cidade, foi-se logo á porta da esposa, bateu com grandes ancias e instancias: *Aperi mihi:* [2] fallou com palavras cortezes e commedidas: *Soror mea, columba mea:* representou seus merecimentos, seus trabalhos, e suas dilações: *Quia caput meum plenum est rore, et cincinni mei guttis noctium:* mas a esposa respondeu com esquivanças e escusas frivolas, e por mais que o esposo continuou o bater, ou a bataria da porta, não se rendeu, nem quiz abrir. Paremos aqui, porque aqui é que estão parados todos os pertendentes da cidade santa. Sahistes de Portugal atravessando os montes Pyrinneus, e passando as

[1] *Cant.*, II, 8.
[2] *Ibid.*, V, 2.

serranias dos Alpes: *Saliens in montibus, transiliens colles:* chegastes em fim á desejada cidade santa: começastes a pertender, a fallar, a requerer: batestes á porta principal, e tambem á travessa: batestes com a mão fechada, e tambem com a mão aberta: e a porta fechada, a resposta desvios. Sabeis porque? Porque negociaes ás avessas. Não quer Deus que vós pertendaes a esposa: quer que ella vos pertenda a vós. Vêde se succedeu assim.

Cançado o esposo de esperar e de bater, mudou de pensamento, deixa a pretenção, sáe-se da cidade: eis que no mesmo ponto levanta-se a esposa, abre a porta, sáe pelas ruas e praças buscando o esposo, chega aos muros da cidade, passa pelas guardas, põe-se no campo, e nas estradas publicas, caminha, pergunta, solicita: e achando finalmente o esposo, dá-se os parabens de o haver achado, tem mão nelle, diz que já o quer, que já o ama, que ha-de ser seu, e que o não ha-de largar: *Inveni quem diligit anima mea: tenui eum, nec dimittam.* [1] Ha tal novidade no mundo? Ha tal mudança? Quando o esposo vem, quando pede, quando roga, quando bate, quando importuna, quando allega finezas, merecimentos, trabalhos, nem acha amôr, nem acha razão, nem acha justiça, ou piedade: e quando deixa a pretenção, quando se despede da cidade, ou quando se vae sem se despedir, e não quer nada della; então o busca a esposa, então o deseja, e não só se lhe entrega por vontade, senão por força, e por violencia: *Tenui eum, nec dimittam?* Sim: que este é o modo com que Deus quer que as suas esposas tenham esposo. Não ha-de ser o esposo o pertendente, e a esposa a pertendida; senão o esposo o pertendido, e a esposa a pertendente. De sorte que em quanto o esposo pertendeu e requereu dentro da cidade santa, não foi ouvido; mas quando esteve fóra della, então foi buscado. Não sois vós o que haveis de buscar, hão-vos de buscar a vós, e em tal fórma, que a Igreja se dê os parabens de vos haver achado, e que seja necessaria força e violencia para que aceiteis o desposar-vos com ella. Assim se desposou a Igreja de Milão com Ambrosio, assim a de Mandeburgo com Norberto, assim a de Cracovia

[1] *Cant.*, III, 4.

com Estanisláu, assim a universal com Gregorio. Uns escondiam-se, outros fugiam, e todos resistiam e repugnavam, e por isso mereciam que Deus por força, e com milagres, os subisse á maior altura do Templo, e os collocasse nella. Mas quando estes logares se pertendem, e se veem buscar, ainda que seja á cidade santa; quem duvida que póde ser, como hoje foi, tentação do diabo: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem?*

Até aqui o vir, que é coisa cançada: passemos ao subir, que ainda que seja costa arriba, é mais suave, e subamos quanto é possivel.

IV

Chegados o tentador e o Tentado á cidade santa, não parou o demonio até o pôr no pinaculo do Templo: *Et statuit eum super pinnaculum Templi.* Em nenhuma côrte do mundo tem logar o extremo desta tentação, senão na côrte da cidade santa, onde estamos. Em todas as outras côrtes pódem os cortezãos aspirar a subir, mas não ao pinaculo. Pódem aspirar á grandeza, mas não á magestade: ao titulo, mas não á corôa. O fidalgo particular póde aspirar a conde, o conde a marquez, o marquez a duque; e aqui pára o desejo, porque o ser rei está fóra da esphera da ambição. Nesta côrte não é assim. Da sotaina podeis subir á murça, da murça ao mantelete, do mantelete á mitra, da mitra á purpura, e da purpura á tiara. Sobre o modo com que o tentador subiu e levou a Christo ao pinaculo, não concordam os Expositores do nosso Texto. Uns fundados na palavra *assumpsit eum*, teem para si que foi voando pelos ares; outros dizem que foi caminhando naturalmente; e esta opinião não só é para mim a mais verosimil, senão a verdadeira: porque S. Lucas fallando da mesma subida, diz: *Duxit illum in Jérusalem, et statuit eum super pinnaculum Templi.* [1] Nem a palavra *assumpsit*, de que usou S. Matheus, obriga a outro sentido e modo extraordinario; porque quando Christo levou os Apostolos ao monte da Transfiguração, diz o mesmo S. Matheus: *Assumpsit Jesus Petrum, et Jacobum, et Joannem, et*

[1] *Luc.*, IV, 9.

duxit illos in montem excelsum seorsum: [1] e é certo que os levou o Senhor ao cume do monte, não pelo ar, senão pela terra. Assim que o modo com que levou o tentador a Christo até o pôr no pinaculo, não foi voando, senão andando naturalmente por seus passos contados, e por seus degráus, subindo sempre. A cidade de Jérusalem não estava situada no campo razo, senão em alto: *Ecce ascendimus Jerosolymam:* [2] no alto da cidade estava o monte Sion: no alto do monte Sion estava o Templo: e por aqui levou o tentador ao Tentado sempre subindo. Do deserto e da campanha subindo á cidade, da cidade subindo ao monte, do monte subindo ao Templo, do Templo subindo ao tecto, e do tecto subindo ao pinaculo: *Et statuit eum super pinnaculum Templi.*

Se o Evangelista me não dissera que esta acção ou modo de levar era do demonio, eu me atrevera a affirmar com toda a segurança, que a tal condução era sua; porque isto de subir, e subir sempre, ou seja por tentação, ou por inclinação, é só proprio e natural do demonio. O subir, e querer subir, bem póde ser do homem; mas o subir sempre, ainda depois de ter subido, sem descançar, nem parar, só do demonio póde ser. Grande Texto de David: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.* [3] A soberba dos que teem odio a Deus, é soberba que sempre sóbe. E quem são os que teem odio a Deus? São os demonios, diz S. Thomaz; porque os homens ainda que offendem a Deus, não lhe teem odio. E esta foi a soberba que condemnou os anjos, e de anjos os fez demonios; soberba que sempre quiz subir: *Superbia eorum ascendit semper.* Que a soberba não queira nem saiba descer, isso é ser soberba; mas que não saiba parar? Tal foi a soberba dos anjos. A natureza angelica tinha muitos degráus por onde subir sem sahir da sua esphera; mas em nenhum quiz parar: *Ascendit semper.* Anjo do infimo côro, não te contentarás com ser archanjo? Não: *Ascendit semper.* Archanjo, não te contentarás com ser principado, que é a mais alta dignidade da tua gerarchia? Não: *Ascendit semper.*

---

[1] *Math.*, XVII, 1.
[2] *Ibid.*, XX, 18.
[3] *Psal.*, LXXIII, 10.

Principado, não te bastará ser Virtude? Virtude, não te bastará ser Potestade? Potestade, não te bastará ser Dominação? Ainda é pouco: *Ascendit semper.* Ora suba a Dominação a ser Throno. Mas se sou Throno, hei-de ser Cherubim: se sou Cherubim, hei-de ser Serafim. Seja assim, e seja muito na má hora, para que acabe já de subir a tua soberba, pois chegaste á suprema eminencia da tua natureza, e de todas: ahi pararás, ahi descançarás. Parar? Isso não, diz o Serafim: *Ascendit semper.* Sempre hei-de subir. Pois aonde, ou para onde? Aonde, ou para onde? Até ser como Deus: *Similis ero Altissimo.* [1] Assim se tentou Lucifer, e para subir sempre a sua soberba. não tendo para onde subir em todo o creado, quiz subir ao increado, e impossivel: *Ascendit semper.*

Admiraes-vos de tão teimosa ambição, e de tão pertinaz desejo de subir? Pois ainda não está bem declarado o Texto. Quando isto disse David, já havia tres mil annos que o demonio estava derribado do céo, e ardendo no inferno. Logo ainda então subia a soberba de Lucifer, e ainda hoje sóbe, que isso quer dizer: *Ascendit semper.* Mas se Lucifer tinha chegado a querer ser similhante a Deus, como podia subir mais? Ninguem o pudéra entender, nem imaginar, se o não tiveramos na Escriptura. O nosso Evangelho o diz. Quando o demonio na terceira tentação offereceu todo o mundo a Christo, foi com a condição de que se lhe prostrasse de joelhos, e o adorasse: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* [2] Pois vem cá, demonio, se tu entendes que esse homem a quem tentas é Deus, e assim o declaraste na primeira e na segunda tentação: *Si Filius Dei es:* e se das suas respostas tão sabias, e tão dignas de Deus, te devias confirmar muito mais no mesmo pensamento; como lhe dizes que se ponha de joelhos diante de ti, e que te adore? Aqui vereis quanto tinha subido a soberba do demonio depois que cahiu do céo. No céo subiu a querer ser similhante a Deus: e depois tinha subido tanto acima de Deus, que quiz que o mesmo Deus o adorasse: *Si cadens adoraveris me.* Comparae a affectação da similhança, com a temeridade da adoração, e vereis

---

[1] *Isai.*, XIV, 14.
[2] *Math.*, IV, 9.

quanto subiu, e foi subindo sempre a soberba daquelle insaciavel espirito. De inferior quiz subir a ser similhante, de similhante a ser egual, de egual a ser superior, e de superior a ser supremo, e que o mesmo Deus lhe ficasse tanto abaixo, que prostrado em terra o adorasse. Assim sóbe sempre a soberba do demonio: e assim sóbe, e está subindo sem aquietar, nem parar jámais a soberba dos que elle tenta, ou dos que sem ser tentados o seguem: *Superbia eorum ascendit semper.* Subir ás dignidades póde ser bom, e póde ser máu: mas o que sempre é máu, e nunca póde ser bom, senão pessimo, é fazer de uma dignidade degráu para a outra, e querer sempre subir sem jámais parar. Não se sóbe hoje ás dignidades, sóbe-se por ellas. Haviam de ser fim, e são meio: haviam de ser termo, e são degráu. E tal modo ou tal furia de ambição não é humana, é diabolica, é Luciferina. Por isso dizia o mesmo David, temendo-se de cahir ou subir a similhante tentação: *Non veniat mihi pes superbiæ:* [1] Ah, Senhor, dae-me vossa graça, e tende-me de vossa mão, para que não entre em mim o pé da soberba. Eu cuidava que o perigo da soberba estava na phantasia da cabeça, e não está senão no ardimento dos pés. São uns pés que não pódem aquietar em nenhum logar por alto que seja: sempre estão em movimento, e sempre para cima: sempre em movimento, porque não sabem parar; e sempre para cima, porque não sabem descer, senão sempre subir: *Ascendit semper.* E notae que não diz David os pés da soberba, senão o pé: *Non veniat mihi pes superbiæ:* porque a soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no logar que possue, e o outro já vae pelo ar para o logar que pertende. Isto é subir sempre. Quem sóbe, quando firma o pé n'um degráu, já levanta o outro para o pôr ao que se segue: e assim sóbe, e vae subindo sempre (por mais alto que seja o logar a que tem subido) quem fôr tocado desta tentação.

Ferculum fecit sibi rex Salomon: reclinatorium aureum, ascensum purpureum: [2] Fez Salomão um leito para si, cujo reclinatorio era de oiro, e a subida de

[1] *Psal.*, XXXV, 12.
[2] *Cant.*, III, 9 e 10.

purpura. Com licença da sabedoria de Salomão, eu não fizera o leito por esta traça: fizera o reclinatorio de purpura, e a subida de oiro. Para reclinar e descançar a cabeça, o oiro ainda que seja muito lustroso, é muito duro, e muito frio. Para os degráus era muito decente e muito auctorisado o oiro, porque não ha modo de subir mais magestoso, que mettendo o oiro debaixo dos pés, e pizando-o. Pelo contrario a purpura era muito accommodada para o reclinatorio, porque é branda, e conserva o calôr. Mas a purpura para os degráus: *Ascensum purpureum?* Sim; porque fazia Salomão o seu leito, não como era bem que fosse, senão como via que havia de ser. Via que das purpuras se haviam de fazer os degráus para o reclinatorio; porque é tal a tentação de subir, que nem nas purpuras se pára, nem nas purpuras se descança: *Ascensum purpureum: ascendit semper.*

Estou vendo, porém, que me dizem os meus Portuguezes: ainda que temos o exemplo de S. Damaso, e de João vigessimo segundo, os nossos pensamentos não sóbem ao pinaculo, nem a tão alta supposição. Com uma Igreja das que vagam na nossa terra nos contentamos, isso é o que só pertendemos na cidade santa. Mas tambem ahi póde entrar com egual perigo a tentação do demonio. Eu não sou muito curial destas tentações, e assim fallarei por bocca de quem tinha grande experiencia, e grande pratica dellas. O cardeal Bellarmino, passando por um lago destes arredores, viu um moço que estava pescando rãs, e a isca com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e assim pescava as vivas. Eis aqui, diz Bellarmino, como pesca o diabo aos ecclesiasticos. Morreu o conego, o prior, o abbade: e que faz o diabo? Toma a pelle do defunto, que é a murça, ou a sobrepeliz e estola, mette-a no seu anzol, que é a tentação, e vem-se de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidasse tal coisa! Que o diabo se venha fazer pescador na barca de S. Pedro! E que fazem as rãs, que estão esperando no lago, e atroando os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vêem a pelle da morta, todas a ella com tanta bocca aberta: e se alguma se adianta ás demais, todas a abocanhal-a, e a mordel-a. Eu não o vi, mas assim o oiço. Nisto são peiores as rãs que os peixes. Os peixes mordem, e

callam: as rãs atroam, e não ha quem se oiça, nem se valha com ellas. Que cada um pertenda para si, humano é; mas é grande deshumanidade que homens da mesma patria, da mesma nação, e do mesmo sangue, se mordam, se maltratem, e se affrontem por se introduzir a si, e afastar os outros!

Combatiam-se no ventre de Rebecca, Jacob e Esaü: e consultado o Oraculo divino, respondeu: *Duæ gentes sunt in utero tuo:* [1] Saberás, afflicta mãe, que trazes em tuas entranhas duas nações. Que duas nações sejam inimigas, e se façam guerra, e deem batalha uma contra a outra, não é maravilha. Mas que se vejam similhantes hostilidades em homens da mesma geração, e do mesmo sangue, como se foram de nações não só differentes, mas inimigas? Este é o prodigio. E porque se combatiam, porque se maltratavam os dois irmãos com tanta dôr, e affronta da mãe? Porque cada um delles pertendia levar a benção do pae, e derrubar ao outro para que a não levasse. E quando chegou a benção tão debatida? Nasceram, cresceram, esperaram, e a benção não chegou senão dahi a muitos annos, e levou-a quem menos se cuidava. Eis aqui porque se estão combatendo, perseguindo, e affrontando Esaü e Jacob. Por uma benção que sabe Deus quando chegará: por uma benção que muitas vezes a leva o engano, e não o merecimento: por uma benção que ha-de dar um velho cego ás apalpadellas, promettida por um regalo, e alcançada com umas luvas. Não era esta a tenção de Isaac, verdadeiro pae e santo. Mas assim succedeu, e assim succede. Vêde se é tentação do demonio, peior que a de Christo. A Christo levou-o o tentador pelos degráus ordinarios ao Templo. Vós derribaes os companheiros, e fazeis delles degráu para subir á Igreja. As Igrejas não se hão-de levar por escala. Quando se escalam os muros, sóbem os que veem detraz, por cima dos que cáem diante; mas não são elles os que os derribam. O dote da subtileza do céo faz que o logar que occupa um não impida a passagem ao outro: e cá o estudo e emprego de todas as subtilezas é impedir aos outros para lhes occupar o logar. Em fim, bem ou mal occupado, que se segue depois disso? A terceira parte da tentação, e a mais perigosa de todas.

---

[1] *Genes.*, XXV, 23.

V

Et dixit ei: mitte te deorsum. [1] Depois de vir e subir, segue-se o cahir. Conseguiu o pertendente o seu despacho, expediu as suas bullas, voltou contente para a patria, vê-se collocado, ou collado na Igreja com a superioridade e auctoridade della, e aqui está o fim de toda a tentação, que é o precipicio: *Mitte te deorsum.* Este precipicio póde ser, como ordinariamente é, ou para a parte da primeira tentação, ou para a parte da terceira, com que ficará cahindo em todas tres. Na primeira tentação tentou o demonio a Christo com pão: *Dic ut lapides isti panes fiant:* [2] na terceira tentou-o com tudo: *Hæc omnia tibi dabo:* [3] e em ambas póde cahir facilmente o tentado, ou por fome, ou por cubiça. Tratava-se aqui em Roma de mandar a Portugal contra Viriato, e eram pertendentes do posto Sulpicio Galba, e Aurelio Cotta: e como os votos dos Padres Conscriptos se dividissem no Senado, uns por parte do primeiro, outros do segundo, diz Valerio Maximo, que Scipião excluiu a ambos, e deu a razão excellente por estas palavras: *Neuter mitti placet, quia alter nihil habet, alteri nihil est satis:* Não convém que se mande a Portugal nem um, nem outro; porque um nenhuma coisa tem, a outro nenhuma coisa lhe basta. Aos que nada teem, tenta-os o diabo com o pão; aos que nada lhes basta, tenta-os com tudo: e sendo tão perigosa tentação a da necessidade como a da cubiça, estes são os dois precipicios em que póde e costuma cahir quem vae de Roma com despacho.

Os que de cá vão com fome, tenta-os o diabo com pão, e muito mais apertadamente do que a Christo. Porque a Christo tentou o demonio com pão que se havia de fazer: *Dic ut panes fiant:* mas a estes tenta-os com o pão feito. Deus livre a todo o faminto de que o diabo o tente com o pão feito e preparado. A Eva tentou-a o diabo com a fructa madura e sazonada: a Esaü tentou-o com as lentilhas cosinhadas e tempera-

---

[1] *Math.*, IV, 6.
[2] *Ibid.*, 3.
[3] *Ibid.*, 9.

das. E que succedeu a ambos? Ambos cahiram sem resistencia. Ser tentado com o comer que se ha-de fazer, ainda que haja fome, não é tão grande tentação. Se o pomo estivera em flôr, e as lentilhas em herva, nem Eva nem Esaü se haviam de tentar, quanto mais cahir. Porém tentar com o pão, e feito: tentar com o pão que outros fizeram, e vós o tendes recolhido no vosso celleiro com obrigação de o repartir aos pobres, grande tentação. O ecclesiastico é dispenseiro do pão, e não senhor; mas é grande tentação do dispenseiro, que podendo-se fazer senhor, se não faça; e podendo comer o pão, o não coma. Nesta parte são mais venturosas as ovelhas do campo, que as de Christo. Porque o pão das ovelhas do campo não o póde comer o pastor, e o das ovelhas de Christo sim. E quando o pão do gado é de tal qualidade que o póde comer o pastor, aqui está a tentação.

O filho prodigo depois de desbaratar todo o patrimonio, para remediar a sua necessidade, poz-se a pastor: e o mantimento do seu gado era tal, que tambem o pastor o podia comer. Foi porém tão honrado e tão pontual este moço (como filho de bons pais que era), que até daquelle mantimento rustico e grosseiro que se lhe dava para o seu gado, nem uma bolota tomava para si. Mas qual era a sua tentação? *Cupiebat explere ventrem de siliquis, quas porci manducabant:* [1] Toda a sua tentação, e todo o seu appetite, era comer e encher-se daquelle mesmo mantimento que se lhe dava para o seu gado. E se isto fazia a fome do filho prodigo, que fará a do padre avarento? Pastor com fome ha-de comer o pão do gado qualquer que seja: e mais os que de cá vão com fome de tantos annos. Os prégadores zombam do diabo em tentar a Christo com pão de pedras: e não reparam em que estava o Tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias não ha pão duro; quanto mais para fome de tantos annos! Nas grandes fomes, como a de Jérusalem, e de Samaria, chegaram as mães a comer os proprios filhos. Haveis de comer o pão das ovelhas, e haveis de fazer das mesmas ovelhas pão: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* [2]

---

[1] *Luc.*, XV, 16.
[2] *Psal.*, LII, 5.

E se isto faz a fome, que é natureza, a cubiça que é vicio e vicio insaciavel, que fará? O demonio quando tentou a Christo pela cubiça (que é o segundo precipicio) poz-lhe por condição que o havia de adorar: *Si cadens adoraveris me.* Quem não pasma de tal atrevimento, e mais ainda de tal confiança? Adorar o demonio, posto que disfarçado em outra figura, como aqui appareceu, é a mais impia, a mais sacrilega, e a mais abominavel idolatria. E parece que se não póde presumir, nem temer que haja de cahir em tal precipicio algum homem christão, quanto mais coroado com o sacerdocio. Mas o demonio que teve atrevimento e confiança para tentar com similhante condição a um homem que presumia ser Deus, tambem o fará a qualquer outro por mais sagrado e consagrado que seja. Quando o propheta Zacharias exclamou: *O' pastor, et idolum!* [1] bem anteviu que o officio de pastor, e o peccado de idolatria, podiam andar juntos. E S. Zeno, bispo de Verona, que, como pastor de pastores, tinha grandes experiencias, não só diz que sim, mas declara o como. Pondera o santo aquelle logar do Psalmo: *Simulacra gentium argentum, et aurum:* [2] Os idolos dos gentios são oiro e prata: e affirma que o mesmo oiro e prata em mão do sacerdote que é pastor, ainda que o não adore com idolatria expressa, tambem é, ou póde ser idolo. E de que modo? Não pondo-o sobre os altares, mas mettendo-o na arca, ou debaixo da terra. Ouvi as palavras do santo, que são admiraveis: *Aurum, et argentum, si erogaveris, pecunia est; si servaveris, simulacrum.* Tendes oiro e prata, vós que sois sacerdote e pastor? Pois sabei que esse oiro e essa prata, se a derdes aos pobres é dinheiro; mas se a guardardes é idolo. O pastor que reparte o que tem a suas ovelhas, é pastor; o que o guarda e enthesoura, é idolatra: repartil-o é esmola, guardal-o é idolatria: *Si erogaveris, pecunia est, si servaveris, simulacrum.*

Vejo que estão dizendo comsigo os apaixonados da avareza, que a sentença deste santo tem mais de encarecimento que de theologia rigorosa e solida. E para que se desenganem, se teem fé, e saibam que não só é

[1] *Zach.*, XI, 17.
[2] *Psal.*, CXIII, 4.

fundada esta doutrina em auctoridade humana, senão na verdade divina e irrefragavel, oiçam o oraculo de S. Paulo, não só uma vez inculcado, mas uma e outra vez repetido. No Capitulo 5.º da Epistola aos Ephesios, fazendo o Apostolo um relatorio dos vicios porque não só os gentios, senão os christãos, são desherdados do céo, chegando aos avarentos, diz que este peccado é peccado de idolatria: *Aut avarus, quod est idolorum servitus.* [1] E no Capitulo 3.º da Epistola aos Colossenses, que tambem eram christãos, repete e qualifica o peccado da avareza com a mesma censura: *Et avaritiam, quæ est simulacrorum servitus.* [2] De sorte que em sentença de S. Paulo, canonica e de fé, se tomarmos a avareza em si mesma, e em abstracto, é idolatria: *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus:* e se a tomarmos em concreto, e no sujeito, o avarento é idolatra: *Avarus, quod est idolorum servitus:* ou, como diz com mais expressão o original grego: *Idolatra.* Mas qual é a razão desta tão grave censura, que sempre parece difficultosa? O mesmo S. Paulo diz que a cubiça é raiz de todos os males: *Radix omnium malorum est cupiditas:* [3] e comtudo não chama idolatra ao cubiçoso, senão ao avarento. Em que consiste logo esta especial razão de idolatria que se acha só no avarento, e não no cubiçoso? O cubiçoso e o avarento egualmente appetecem o dinheiro, egualmente amam mais o dinheiro que a consciencia: porque é logo o avarento idolatra, e o cubiçoso não? S. João Chrysostomo na exposição deste Texto allude a uma historia que refere Philostrato, o qual conta que os Aloadas prenderam ao deus Marte, e depois de encarcerado, e debaixo da chave, então lhe fizeram sacrificio: e isto mesmo diz o santo que fazem os avarentos. Fecham o dinheiro, e fecham-se com elle, mettem-no lá onde não appareça, nem veja sol nem lua, e assim encarcerado e escondido o antepõem ao verdadeiro Deus, e como seu Deus o adoram. O exemplo está muito accommodado, mas não chega ainda a dar a razão, nem a declarar a differença porque o avarento é idolatra, e o cubiçoso não. Eu, porque a não achei em ne-

[1] *Ephes.*, v, 5.
[2] *Colos.*, iii, 5.
[3] *1. Timoth.*, vi, 10.

nhum Expositor, darei a que me parece. A differença entre o cubiçoso, e o avarento, é, que o cubiçoso quer o dinheiro para gastar, o avarento quer o dinheiro para o guardar. O cubiçoso, ou seja liberal ou prodigo, com tanto que não seja avarento, quer ter dinheiro para ter outras coisas; o avarento quer ter dinheiro só para ter: e como o cubiçoso usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins, e o avarento não tem outro fim em ter dinheiro, senão o ter, e faz do mesmo dinheiro o seu ultimo fim; daqui se segue que o cubiçoso não é idolatra, e o avarento sim; porque o ultimo fim natural e sobrenatural de todas as coisas é Deus; e quem tem por ultimo fim qualquer outra coisa que não seja Deus, é idolatra. Por isso o Apostolo com grande advertencia chamou a este genero de idolatria servidão dos idolos: *Quod est idolorum servitus:* porque o cubiçoso que não é avarento, serve-se do dinheiro; porém o avarento em logar de se servir delle, serve-o a elle. E tão incompativel é servir ao dinheiro, e a Deus, como servir a Deus, e ao idolo: *Non potestis Deo servire, et mammonæ.* [1] Assim que, o que se vê collocado sobre o Templo, se não tiver mão em si, e Deus o não tiver de sua mão, ou cáia para a parte da primeira tentação, ou cáia para a parte da terceira, sempre leva comsigo o precipicio: *Mitte te deorsum.*

VI

Tenho acabado, senhores, o meu discurso, e mostrado as tres partes da tentação que encerram as palavras do demonio que tomei por thema, que eram: vir, subir, e cahir. Já viestes á cidade santa, que fôra melhor não vir: *Assumpsit eum in sanctam civitatem:* já subistes, aquelles com quem fallo, ao logar da Igreja que pertendieis: *Statuit eum super pinnaculum Templi.* Queira Deus que seja para bem. Resta agora na volta para a patria, e na administração do mesmo logar, o perigo de cahir: *Mitte te deorsum.* Os vossos intentos até agora bem creio que são quaes devem ser, religiosos, pios, e santos: e tambem aqui póde estar escondida a tentação, porque tambem o demo-

[1] *Math.*, VI, 24.

nio allegou a Christo que os anjos o levariam e guardariam em todos os seus caminhos, como diz o Psalmo: *Angelis suis mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis.* [1] Para que assim seja, sem perigo de algum dos dois precipicios que acabo de ponderar, permitti-me que vos dê duas advertencias sobre os mesmos caminhos. Na volta para a patria, que rogo a Deus seja muito feliz, ou podeis fazer a vossa viagem por mar, ou por terra. Se fôr por mar, encommendo-vos que não vos embarqueis na náu de Salomão: e se fôr por terra, que não vades na carroça de S. Bernardo.

A náu de Salomão é aquella que elle descreve nos seus Proverbios: *Navis institoris de longe portans panem suum:* [2] Não de mercador que vae buscar o pão a outra terra longe da sua, para o vender e commerciar com elle. Se em tal náu se embarcar o sacerdote que tem á sua conta Igreja, e da qual ha-de dar estreita conta a Deus, sem duvida fará naufragio, e se perderá. Nenhum peccado provocou a Christo a tomar o açoite na mão neste mesmo Templo onde hoje o tentou o demonio, senão o da cubiça, e indecencia com que da sua casa, que é a Igreja, faziam os ministros della casa de negociação: *Nolite facere domum Patris mei, domum negotiationis.* [3] O mercador licitamente negoceia com o seu pão, porque é seu: *De longe portans panem suum.* No ecclesiastico não só é indecente similhante negociação, mas illicita e injusta, porque o pão absolutamente não é seu, e tirada a congrua, sustentação sua, e da propria e moderada familia, tudo o demais é dos pobres. Até Judas, a quem a Igreja chama mercador pessimo: *Judas mercator pessimus:* não se atreveu a enfeitar a sua cubiça senão com pretexto dos pobres: *Poterat enim unguentum istud venundari plusquam trecentis denariis, et dari pauperibus.* [4] Mas como elle fallou em vender: *venundari:* bem mostrou que o seu espirito era mais de mercador, que de sacerdote: mercador, porque quiz vender o que era consagrado a Christo; e pessimo,

[1] *Psalm.*, XC, 11.
[2] *Prov.*, XXXI, 14.
[3] *Joan.*, II, 16.
[4] *Marc.*, XIV, 5.

porque o quiz vender sendo ecclesiastico. Porque quiz vender os unguentos, por isso chegou a vender o Ungido. E notae, como notou S. Paulino, que aos unguentos avaliou-os em trezentos dinheiros, e ao Ungido vendeu-o por trinta: para que nos não admiremos de que aquella obra santa e boa, como a qualificou o mesmo Christo: *Opus bonum operata est in me:* [1] Judas pelo contrario lhe chamasse perdição: *Ut quid perditio hæc?* [2] Avaliou mal, como traidor a si mesmo, mas fez-lhe a conta como mercador muito coherentemente: porque se Christo no seu conceito valia trinta dinheiros, e os unguentos trezentos, empregar e despender trezentos com o que valia trinta, era perdição. Tão barato vende a Deus quem tanto estima e idolatra o dinheiro! E que succedeu daqui? O naufragio e perdição que eu temo a todo o ecclesiastico que se embarcar na náu de Salomão. Nesta náu se embarcou Judas, deixando o logar seguro que tinha na barca de Pedro: e perdeu o mesmo logar, perdeu quanto tinha adquirido, perdeu o ultimo dinheiro da venda de Christo, e sobretudo perdeu para sempre o céo e a alma; que por isso lhe chamou o mesmo Senhor, filho da perdição: *Filius perditionis.* [3]

Esta é a náu em que se não deve ir por mar. E a carroça em que se não deve ir por terra, qual é? E', como disse, a de S. Bernardo, a qual o santo, elegante e gravemente descreve por estas palavras: *Avaritia rotis vehitur quatuor vitiorum, quæ sunt pusillanimitas, inhumanitas, contemptus Dei, mortis oblivio: porro jumenta trahentia, tenacitas, et rapacitas, et his unus auriga ambobus præsidet ardor habendi.* Posto que os avarentos, por não gastar, costumem andar a pé, a avareza (diz Bernardo) anda em carroça. Sustenta-se esta carroça sobre quatro rodas, que são quatro vicios, que sempre acompanham a avareza, e sem os quaes não dá passo. A primeira roda é a pusillanimidade: *pusillanimitas:* porque assim como dos animos grandes e generosos, é propria a liberalidade, assim é propria condição e vileza do avarento ser miseravel e não dar nada. A segunda roda é a deshuma-

[1] *Math.*, XXVI, 10.
[2] *Ibid.*, 8.
[3] *Joan.*, XVII, 12.

nidade: *inhumanitas;* porque não ha fera mais deshumana e cruel que o avarento; como o outro que vendo a pobreza e necessidade de Lazaro, e as chagas de que estava coberto, se não movia a compaixão, e nem com as migalhas que lhe cahiam da meza o soccorria. A terceira roda é o desprezo de Deus: *contemptus Dei;* porque na estimação do avarento não ha outro Deus mais que o dinheiro: e nelle, como diz o nosso poeta portuguez, adora mais os cunhos que a cruz. A quarta e ultima roda é o esquecimento da morte: *mortis oblivio;* porque o avarento não se lembra que tudo o que guarda e ajunta, mais tarde ou mais cedo cá ha-de ficar; e como tem o coração onde tem o thesouro, mais quer enthesourar na terra, que depositar no céo. Os dois cavallos que tiram por esta carroça, ou os dois jumentos, como lhes chama o santo, são a rapacidade, e a tenacidade: *Jumenta trahentia tenacitas, et rapacitas;* porque o avarento com a rapacidade apanha, junta, e rouba quanto póde, e não póde: e com a tenacidade, retem, conserva, e aferrolha tudo de tal arte, que nenhuma coisa lhe sáe da mão. Finalmente, o cocheiro que governa esta carroça, estas rodas, e estes dois brutos, já largando as redeas a um, já estreitando-as a outro, é o appetite insaciavel de ter: *Ardor habendi.*

Vêde agora, senhores, como irá seguro, e livre de infinitos perigos, quem se metter em tal carroça, e nas mãos de tal cocheiro, e sobre o rodar de taes rodas! Não vos temo tanto os despenhadeiros dos Alpes, nem a fragosidade dos Pyrineus, quanto os valles e campinas da nossa terra. Quando David disse aos sacerdotes: *Sacrificate sacrificium justitiæ:* [1] não sei com que pensamento acrescentou: *A fructu frumenti, vini et olei sui multiplicati sunt.* [2] Naquellas searas, naquellas vinhas, naquelles olivaes, de que se tiram os rendimentos para as Igrejas, e seus ministros, aqui é que mais repara o meu temôr, e receio que aqui tropecem os cavallos, se embarace o cocheiro, e se descomponham as rodas. O fundamento que tenho para assim o temer e cuidar, é, que quando

[1] *Psalm.*, IV, 6.
[2] *Ibid.*, 8.

oiço fallar nos vossos provimentos, ou promoções, só se estimam os despachos, e se avaliam os logares pelo que rendem. A um grão principe desta Italia pediu um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa Igreja. E quanto rende essa Igreja, perguntou o principe? Serenissimo, respondeu o pertendente, rende oitocentos até mil escudos. Bem está, não é muito o rendimento. E quantos freguezes tem, tornou o principe a perguntar? E como o pertendente dissesse que não sabia, o despacho com ultima e severa resolução foi este: E vós sabeis a conta aos escudos que haveis de comer, e não sabeis o numero ás almas que haveis de curar? Pois não sois digno de ter Igreja, nem de a pertender diante de mim; ide embora. O' se todos os que fazem similhantes provimentos, fizessem este exame; e se ao menos o fizessem os que os pertendem, e são providos! Por isso guardam os escudos, e não guardam as ovelhas: mercenarios, e não pastores, ou tosquiadores, que é peior. Estas são as contas que se fazem, sem se fazer conta da que se ha-de dar a Deus, quando a pedir do preço de seu sangue. Mas aquelles que só se governam pelo *ardor habendi*, irão arder onde elle os leva. Aqui irá parar a alegria dos bons despachos, e os falsos parabens dos que os recebem, tão falsos como os dos que os dão.

E para que ninguem despreze esta doutrina, tão temerosa como verdadeira, e tema o precipicio da terceira parte da tentação a que o diabo encaminha as duas primeiras, acabemos por onde começámos. Santo Antonio viu o mundo cheio de laços. S. Paulo viu os que cáem nelles: e quem são estes? *Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, et in laqueum diaboli:* [1] Os que cáem na tentação, e no laço do demonio, são os que querem ser ricos. Não diz os que querem roubar, ou tomar o alheio, senão os que sómente querem ser ricos, ainda que seja por meios licitos; porque do licito se passa ao illicito, e do justo ao injusto, e do necessario ao superfluo, e do superfluo ao nocivo e mortal: *Et in desideria multa, inutilia, et nociva, quæ mergunt homines in interitum, et perditionem.* [2] Por isso o demonio começou a primeira

[1] *1.ª Epist. ad Thim.*, VI, 9.
[2] *Ibid.*

tentação pelo pão, e acabou a segunda pelo precipicio: *Mitte te deorsum.* S. Paulo neste logar fallava com Timotheo, ecclesiastico, sacerdote, e prelado: os que teem as mesmas obrigações, oiçam, imprimam no coração o que elle lhe aconselha e manda: *Tu autem, ó homo Dei, hæc fuge: Sectare vero justitiam, pietatem, fidem, charitatem, patientiam, mansuetudinem: certa bonum certamen fidei, apprehende vitam æternam.* [1] Não é necessario que eu diga o que significam estes documentos, porque fallo com quem os entende, ou deve entender: só digo que com elles se póde compôr uma carroça triumphal bem differente da de S. Bernardo. As quatro rodas sejam as quatro primeiras virtudes, fé, piedade, justiça, caridade: *Justitiam, pietatem, fidem, charitatem.* Os cavallos mais sujeitos e bem arrendados que briosos, a paciencia e mansidão: *Patientiam, et mansuetudinem.* O cocheiro que evite com toda a vigilancia, e fuja dos passos perigosos, o mesmo homem lembrado que é ministro de Deus: *Tu autem, ó homo Dei, hæc fuge.* E deste modo pelejando fortemente contra o demonio, vencerá suas tentações nesta vida, e triumphará na eterna: *Certa bonum certamen fidei, apprehende vitam æternam.*

FIM DO SEGUNDO TOMO

[1] *Ibid.*, 11 e 12.

INDICE

	Pag
Sermão da Epiphania.	5
Sermão de dia de Reis	59
Sermão da Terceira Dominga (Post Epiphaniam) . . .	93
Sermão das Quarenta Horas	123
1.º Sermão de Quarta Feira de Cinza.	151
2.º Sermão de Quarta Feira de Cinza.	173
3.º Sermão de Quarta Feira de Cinza.	205
Commento ou Homilía sobre o Evangelho da Segunda Feira da Primeira Semana da Quaresma.	233
1.º Sermão da Primeira Sexta Feira da Quaresma. . .	255
2.º Sermão da Primeira Sexta Feira da Quaresma. . .	281
3.º Sermão da Primeira Sexta Feira da Quaresma. . .	315
1.º Sermão da Primeira Dominga da Quaresma . . .	349
2.º Sermão da Primeira Dominga da Quaresma . . .	379

CORRIGENDA AO PRIMEIRO VOLUME

—

Na pagina 15 do volume primeiro, as linhas 25, 26, 27, 28 e 29, que formam dois periodos, devem lêr-se da seguinte forma: "O trigo do semeador, ainda que cahiu quatro vezes, só de trez nasceu: para o sermão vir nascendo, ha-de ter trez modos de cahir. Ha-de cahir com queda, ha-de cahir com cadencia, ha-de cahir com caso„.

Na pagina 45, linha quarta, onde se lê *separação*, deve lêr-se *separarão*.

Na pagina 237, a linha nona deve ser supprimida por estar repetida.

O Sermão do Nascimento do Menino Deus que o Indice indica estar a paginas 241, deve procurar-se na pagina 257.

Na pagina 163, linha 26 e seguintes — lê-se — "e a maus principios maus principios seguem-se bons fins, como no bom ladrão, e a bons... „ — deve lêr-se — " e a maus principios maus fins, como no mau ladrão; e outras vezes pelo contrario a máos principios seguem-se bons fins, como no bom ladrão, e a bons principios seguem-se maus fins, como em Judas „.

Além d'estes erros principaes outros de somenos importancia passaram que se não mencionam porque a illustração do leitor facilmente os corrigirá.

Nos volumes seguintes esperamos que será obtida a maxima perfeição possivel na revisão, afim de que esta publicação da immortal Obra oratoria de Vieira, em nada desmereça do seu brilho e primacial importancia.

St. Ignatius' Church,
2220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon

NO PRÉLO

Nova Floresta

OU

Silva de varios apophtegmas e ditos sentenciosos, espirituaes e moraes

Com reflexões, em que o util da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim Divina como humana

Offerecida e dedicada á Soberana Mãe da Divina Graça

MARIA SANTISSIMA SENHORA NOSSA

Pelo Padre Manoel Bernardes